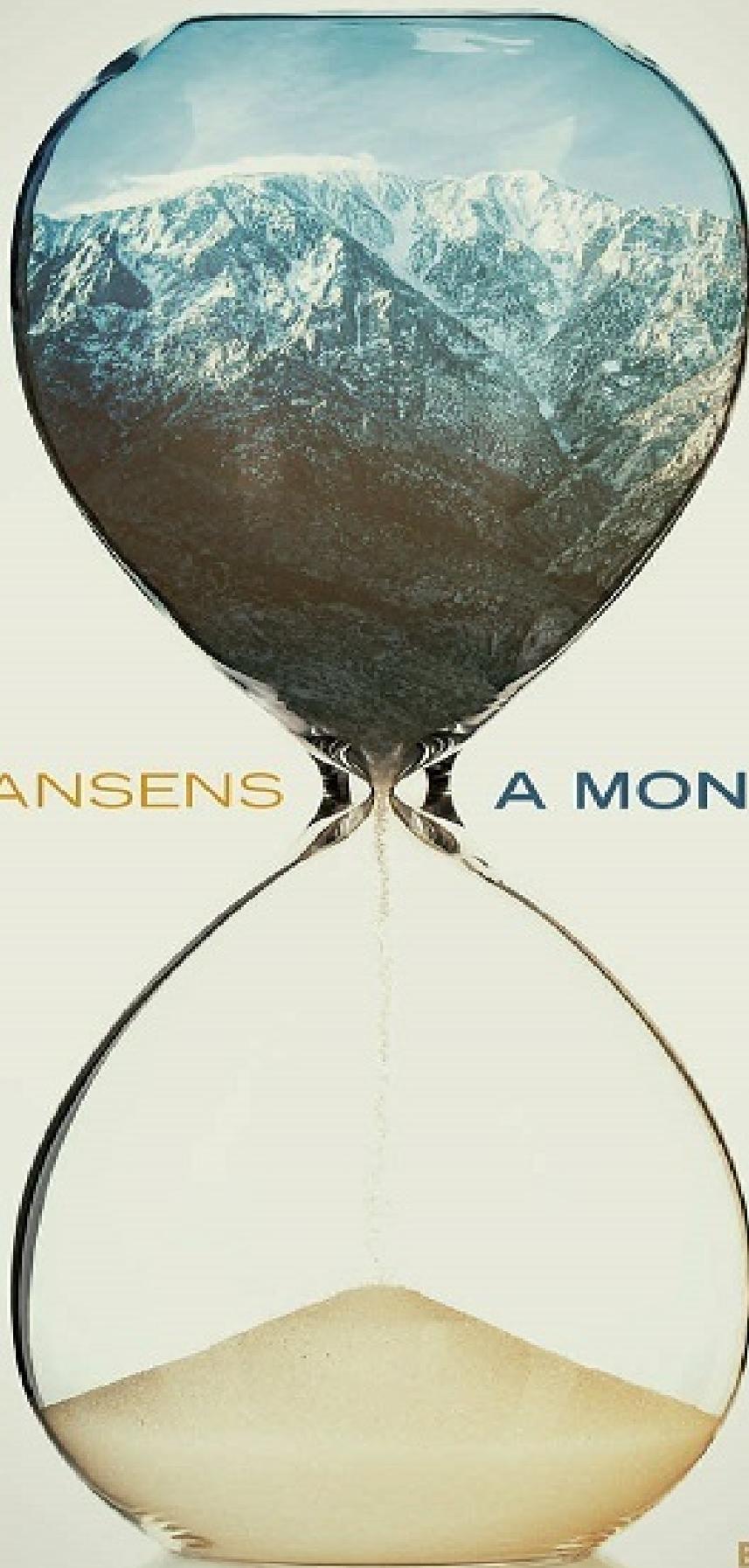


CINCO DIAS, QUATRO PESSOAS, UMA ESCOLHA: VIDA OU MORTE.



LORI LANSENS

A MONTANHA

B
BERTRAND BRASIL

LORI LANSENS

A MONTANHA

Tradução
Ana Carolina Mesquita

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2017

THE MOUNTAIN STORY, copyright © 2015, by LLMT, Inc.
Originalmente publicado no Canadá por Knopf Canada, Toronto.

Edição brasileira publicada mediante acordo com The Bukowski Agency, Ltd., Toronto, via The Foreign Office em Barcelona.

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2017

Produzido no Brasil
Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L283m

Lansens, Lori, 1962-
A montanha [recurso eletrônico] / Lori Lansens ; tradução Ana Carolina Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand
Brasil, 2017.
recurso digital

Tradução de: The mountain story
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN: 978-85-286-2241-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título.

17-42425

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2000 – Fax: (0xx21) 2585-2084

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-3940

*Para
Max e Tashi
e
Addam, Andrew, Chloe e Nathan.*

Sumário

[Prefácio](#)

[Antes](#)

[O primeiro dia](#)

[O segundo dia](#)

[O terceiro dia](#)

[O quarto dia](#)

[O quinto dia](#)

[Depois](#)

Querido Daniel,

Uma pessoa precisa ter vivido um tanto para apreciar uma história de sobrevivência. É o que eu sempre disse. Prometi a mim mesmo que, assim que você tivesse idade suficiente, eu lhe contaria a minha. Não é uma história para crianças, mas você já não é mais uma. Já é mais velho do que eu era quando me perdi na floresta da montanha.

Cinco dias no frio congelante sem comida, água ou abrigo. Essa parte você já sabe, além de que estive lá com três desconhecidas e que nem todas sobreviveram. O que aconteceu ali mudou a minha vida, Danny. Ouvir essa história mudará a sua.

É difícil saber quando um filho está preparado para ouvir a verdade sobre seu velho pai. A noite em que você se formou no ensino fundamental foi a primeira vez em que eu *quase* lhe contei; depois foi no seu aniversário de 14 anos, depois no de 15, e todos os aniversários desde então. Você tinha o direito de saber, mas nunca foi tão simples. Para entender o que aconteceu na montanha, você precisa saber do que veio antes.

Você se lembra da primavera passada, quando estávamos visitando faculdades? Estávamos naquela estrada de cascalho escuro na frente de Bloomington, e quase atropeli um veado. Lembra-se de que tivemos de encostar o carro naquela parada de caminhão porque eu não conseguia parar de tremer? Não aconteceu nada com o veado, e você não entendeu por que eu estava tão assustado com aquele quase acidente. Mais tarde, depois de eu ter me acalmado, quando já dirigia de volta para casa pela autoestrada, você quis saber se eu já havia matado alguma coisa — por acidente ou de propósito. Você me deu a chance perfeita no ambiente perfeito: nossas melhores conversas sempre são no carro.

Você estava pronto. Eu, não. Naquela noite, eu me dei conta de que jamais conseguiria contar a história inteira para você — pelo menos não cara a cara. Se eu precisasse ver você assimilando o que conto, editaria, censuraria, mentiria, faria qualquer coisa para evitar vê-lo sofrer. Mas que sentido tem contar uma história pela metade, não é? Ou pior: uma história que não passa de uma meia-verdade?

Por isso escrevi tudo. Digitei-a do modo como me veio aos dedos, porque senti que era o mais honesto a fazer. Ficou mais comprida do que imaginei — e também, de certa forma, mais curta. Quanto ao momento para essa revelação... justamente quando você está começando a faculdade na Indiana State? Quando você ficar mais velho, verá que não existe momento ruim ou bom para as coisas, mesmo que as aparências digam o contrário. Existe apenas o momento. E enfim, será bom que você leia isso quando estiver longe, na universidade. Você precisará de algum tempo para absorver tudo, além de certa distância de mim.

No dia em que eu me perdi com elas — aquele dia fatídico de novembro —, fazia exatamente um ano que ocorrera o acidente de Byrd. Havia sido um ano difícil, e eu não imaginava que pudesse piorar ainda mais. No entanto, Frankie, meu pai, ficou bêbado na noite de Halloween e atropelou e matou um jovem casal. Meu melhor amigo tinha morrido e meu pai fora parar na cadeia por homicídio na direção do veículo automotor. Eu estava sozinho — não havia ninguém que pudesse ser informado de meus planos. Não que eu fosse contar a alguém da minha subida até a montanha, porque, naquela tarde cinzenta e fria, que era também o dia do meu décimo oitavo aniversário, decidi que faria uma trilha até um lugar chamado Pico do Anjo e de lá saltaria para a morte.

Ninguém mais conhece essa parte da história. Nem mesmo sua mãe.

Minhas colegas de trilha têm me acompanhado, de uma maneira ou de outra, desde que nos perdemos juntos há todos esses anos: caminham ao meu lado quando saio com os cachorros, em silêncio quando

leio antes de dormir, guiando-me com sussurros quando não consigo encontrar meu caminho, olhando por cima do meu ombro durante todo o tempo em que eu digito estas páginas. Sentirei saudades dessa assombração.

Quando você era pequeno, às vezes me fitava em momentos de silêncio e perguntava se eu estava pensando na montanha. Eu quase sempre estava. Você me perguntava se eu sonhava com isso. Sonhava. E ainda sonho — principalmente agora. Às vezes, acordo em pânico. Às vezes, com saudade de velhos amigos.

Sua mãe? Ela sempre disse que não precisava conhecer os detalhes sórdidos. Mesmo assim, ambos sabíamos que esse dia acabaria chegando, e, depois que você terminar de ler esta carta, terá de ser a vez dela. Tenho medo de haver guardado a história da montanha por muito tempo e que ela corra o risco de morrer na floresta. Mamãe bem que desejaria que isso já tivesse acontecido.

Aqui está, Danny. Durante a leitura, não se esqueça do lema da sua família: haverá oscilações.

Com amor,
Papai

ANTES

A CASA EM QUE CRESCI na Old Dewey Road ficava situada entre outras habitações de madeira semelhantes na região mais antiga e malcuidada de Mercury, ao lado da maior fábrica de processamento de carne de Michigan e com trilhos ferroviários tão próximos que eu conseguia distinguir um trem de carga de um de passageiros pelo jeito como a casa balançava. Um ano e meio depois do acidente da minha mãe — era assim que o chamávamos —, meu pai ficou sóbrio por um curto período e pintou a casa inteira, por dentro e por fora, de um azul-escuro monótono. Azul-homem-se-afogando. Frankie dizia que era em homenagem a Glory. Ela adorava azul.

Frankie disse que eu era pequeno demais para me lembrar dela — só tinha 4 anos quando minha mãe faleceu —, mas eu lembro. Glory Elizabeth Truly. Na minha lembrança favorita, ela está com um vestido de seda branco com mangas-morcego, um que eu nunca vi em nenhuma fotografia. Está de pé diante do espelho de uma penteadeira, sorrindo para o nosso reflexo. Atrás de nós, há outro espelho, onde descubro a nossa infinidade. “*Sempre*”, eu digo. Minha linda mãe ri e me diz como sou esperto antes de cobrir meu rosto de beijos suaves e me rodopiar entre seus braços. Olho a gente de relance a cada giro. Glory parece um anjo com aquele vestido branco.

O que eu mais me lembro com minha mãe são as manhãs: eu a observando se arrumar para o trabalho (professora do jardim de infância) enquanto Frankie (“empreendedor”) dormia no andar de cima. Conversávamos aos sussurros enquanto ela maquiava seu rosto bonito e borrifava os cachos com spray de cabelo com cheiro de limão. Antes de sumir porta a fora, ela se virava com um sorriso e depois pousava a mão sobre o coração para me dizer que sempre me guardava ali enquanto estava fora.

Depois que minha mãe morreu, Frankie tatuou o nome dela no antebraço — *Glory* —, em um arco-íris que se curvava sobre a palavra *Eternamente*. Eu costumava pensar que aquela tatuagem seria mais verdadeira se dissesse *Glory Antigamente* ou *Glory Brevemente* ou, melhor ainda, *Desculpe, Glory*.

Nunca, que eu me lembre, chamei Frankie de outra forma que não pelo primeiro nome, que vivia nos meus ouvidos — em geral gritado, mas quase sempre dito com voz arrastada, pelos estranhos que iam e vinham por aquela casa azul entupida de fumaça. Homens que batiam portas e quebravam garrafas. Mulheres desconhecidas que preparavam comidas que eu não comia. Crianças que eu nunca tinha visto jogando jogos de tabuleiro que não eram meus. Lembro-me de que, certa vez, Frankie me jogou um pacotinho de chiclete e avisou: “Divida com suas irmãs”. Eu me virei e vi duas ruivas sardentas que eu nunca havia visto na vida sentadas atrás de mim no sofá.

Glory Eternamente? Ela não havia passado dos 25 anos (Frankie era uma década mais velho) quando morreu. Tenho o sorriso de minha mãe, segundo me disseram, mas fora isso sou a cara do meu pai. Eu me lembro de ter perguntado a Frankie, depois de uma aula na segunda série sobre imigração, com detalhes da história dos meus antepassados. Ele contou que a família de Glory viera da Inglaterra quando ela era bebê e que seus pais, ambos médicos, tinham morrido de causas naturais antes de minha mãe se formar em pedagogia. Frankie supunha que não teriam gostado dele. E me passou sim pela cabeça que, se os pais de Glory não houvessem morrido tão cedo, talvez eu nem tivesse chegado a existir.

Quando perguntei sobre o lado dele da família, Frankie hesitou. Era reservado sobre o próprio passado, como eu.

— Pela parte da família do meu pai, fomos Trulinos até os anos 1930, mas então meu pai decidiu que

queria algo mais americano e mudou o sobrenome para Truly, o que provocou uma confusão dos diabos que acabou fazendo a gente parar aqui no Michigan. Pela parte da minha mãe, éramos uma mistura de índios cree e franco-canadenses. Meus primos vieram nos visitar de Quebec uma vez. Eram morenos e esguios. Fodões. Eu puxei o lado da minha mãe. É por isso que saí tão sorrateiro. E que gosto de andar descalço.

Havia um alpendre de cedro apodrecido na frente da nossa casa azul de onde eu pulava quando era menino, com uma toalha-capa flutuando atrás de mim, gritando “Sou o Batman”, ou “Sou o Super-Homem”, mas me lembro de que certa vez perdi a capa e simplesmente gritei “Sou... EU!” Frankie deu um tapa na mesa da cozinha e berrou pela janela aberta: “Esse tipo de arrogância vai fazer você ir parar em Cleveland, Wolf! Cleveland, *ida e volta!*” Se ele queria me incentivar, zombar ou repreender eu até hoje não faço a menor ideia. Meu pai me deixou, deixou a minha vida inteira, em um estado de perguntas não respondidas.

Certo dia de primavera, quando eu tinha 13 anos, Frankie se levantou da mesa da cozinha e declarou: “Precisamos ficar mais próximos da família agora”, como se a tragédia da morte de minha mãe tivesse acontecido dez *dias* antes, e não dez *anos*.

— Que família?

— Vamos nos mudar para a Califórnia. Este verão.

— Beleza.

— Vamos ficar na casa de Kriket até a gente se ajeitar.

Eu nunca tinha ido para a Califórnia, e ele tampouco. Nunca tinha visto Kriket (*Katherine*), irmã de Frankie, nem sabia que eram próximos.

Imaginei que ele tivesse se metido em alguma encrenca em Mercury, uma dívida que não tinha como pagar, quem sabe uma transa com a esposa, namorada, mãe ou irmã de alguém. Difícil imaginar que alguém gostaria de ficar com um viúvo desempregado com camiseta de banda manchada, mas tinha muita garota bonita a fim de acariciar o arco-íris da tatuagem *Glory Eternamente* de Frankie.

— Eu exalo feromônios — disse-me ele, certa vez, enfiando as mãos nas axilas e me incentivando a dar uma fungada.

Fizemos planos, então, de ir para a casa de Kriket no deserto da Califórnia no fim de julho. Frankie foi lacônico quando perguntei qual seria o futuro da casinha azul. (Mais tarde ele me contaria que a perdera numa aposta.) Passou a mão como um trator em todos os cosméticos de Glory que estavam sobre a prateleira do armarinho do banheiro deles — o spray de cabelo com cheiro de limão, uma pomada para eczema feita em farmácia de manipulação, uma caixa ainda fechada de descongestionante para aliviar as alergias que ela tinha na primavera — e atirou tudo no lixo.

— Não vamos precisar de nada disso lá onde estamos indo, Wolf — disse ele, o que me deixou intrigado: e para que precisávamos daquelas coisas ali?

Eu passava muito tempo na Biblioteca Pública de Mercury quando era pequeno. Frankie me mandava pegar livros ali como se o lugar fosse uma espécie de babá grátis. A Srta. Kittle era a bibliotecária-chefe, uma morena toda abotoada que, tal como o resto dos funcionários, mal conseguia me tolerar. Não os culpo. Eu roubava as rosquinhas das reuniões de velhinhos, bagunçava as prateleiras e passava um tempão no banheiro masculino. Apesar disso tudo, eu adorava a biblioteca. Adorava livros. E adorava especialmente a gorducha Srta. Kittle e seu cheiro de frutas silvestres.

Algumas semanas antes de irmos para o deserto, ela me surpreendeu ao chamar meu nome quando entrei pelas portas da biblioteca.

— Wolf Truly!

Havia algo de diferente na Srta. Kittle — suas bochechas estavam mais coradas, seus lábios, brilhantes, e seu cabelo escuro e grosso caía em ondas sobre seus ombros. Pela cara dela, eu não estava encrencado, o que me deixou confuso.

— Tenho uma coisinha para você, Wolf — disse ela.

A Srta. Kittle nunca tinha falado diretamente comigo antes.

— Tá.

— Ouvi dizer que você está de mudança para Santa Sophia.

Os olhos dela eram ainda mais bonitos de perto.

— Minha tia Kriket mora lá — respondi.

— É a cidade onde eu cresci — disse a Srta. Kittle. — Meu pai ainda mora ali. Vou visitá-lo todo verão.

— A Califórnia fica muito longe do Michigan. — Meu rosto corava.

— Precisei me mudar para cá para ajudar a cuidar da minha avó. Sinto saudade do deserto.

— Vou sentir saudade do inverno.

— Ah! — disse ela, erguendo o indicador. Então enfiou a mão por baixo do balcão e sacou um livro grande e pesado. — Você não vai precisar sentir saudade do inverno.

— Não vou?

— Porque você terá a montanha — disse ela, passando-me o livro volumoso. — *A montanha no deserto.*

Assim que vi a foto da capa — uma foto aérea do pico de granito coberto de pinheiros —, soube que meu destino estava na montanha. Os detalhes saltavam das páginas como uma espécie de déjà-vu em 3D; três mil metros de altura no cume, mãe das cadeias transversais de montanhas, centenas de quilômetros de mata selvagem imaculada, área de caça do bando água quente de nativos americanos, habitat do carneiro-selvagem, do leão-da-montanha, de cascavéis, precipitação dez vezes maior do que a do deserto abaixo, chuvas torrenciais na primavera e no outono, nevascas no inverno. Era um lugar do qual eu nunca tinha ouvido falar, mas que tinha a sensação de já conhecer.

— Você precisa subir até o topo — disse a Srta. Kittle.

— Parece bem alto.

— A maior parte do caminho você faz de teleférico — disse ela, virando o livro e mostrando uma foto de página inteira. — A subida é quase vertical. Olhe.

Era.

— O teleférico leva da Estação do Deserto, que tem o clima do México, até a Estação da Montanha, com o clima do norte do Canadá, em menos de vinte minutos. De palmeiras a pinheiros.

— Legal — falei.

— De lá você pode subir até o topo. Só fiz isso uma vez — confessou ela. — Estava nublado.

— Que pena.

— Quem sabe não tento de novo quando for a Palm Springs este verão, visitar meu pai? — disse ela.

— Você deveria.

— Posso ver se você e seu pai não gostariam de ir comigo. Frankie... não é? — Ela corou.

Ah, não, pensei. Frankie nunca ia à biblioteca, por isso eu não conseguia imaginar onde os dois poderiam ter se conhecido.

— Frankie. Isso mesmo — falei.

— Você sabe onde em Santa Sophia sua tia mora?

— Verdi Village — respondi, lembrando o que Frankie me dissera.

— Acho que já ouvi falar. Creio que é um condomínio.

Eu não sabia nada sobre condomínios.

— A maioria dos condomínios tem campo de golfe.

VERDI VILLAGE não tinha campo de golfe. Nem portões. Nem espelhos d'água cintilantes. Nem quadras de

tênis. Nem fontes decorativas. Tampouco estradas pavimentadas, aliás. Santa Sophia era uma cidadezinha bem-arrumada no deserto que consistia basicamente em condomínios protegidos e interligados. Porém, para além dos shoppings em estilo missionário, das buganvílias cor de fúcsia e dos canteiros medianos de seixos brancos e cactos floridos e depois dos trilhos abandonados da ferrovia, milhares de pessoas habitavam o loteamento de casas móveis triplamente hipotecadas de Verdi Village, que se espraiava por cinco quilômetros quadrados de terra sem árvores, endurecida pelo sol.

Os trailers originais, de largura dupla e tetos de alumínio triangulares, estavam em ruínas, mas pelo menos ainda contavam com eletricidade e água corrente, ao contrário do segundo nível de habitações localizado mais além — casas móveis que tinham nascido do que sobrara de trailers de empresas como Airstreams, Coachmen e Four Winds. Mais além delas, andarilhos tinham erigido uma camada caótica de barracões e barracos, lar para refugiados econômicos, doentes mentais e motociclistas. Os locais chamavam o lugar de Vila de Lata.

Naquelas vielas perigosas cresciam crianças que conheciam coisas demais cedo demais, mas que, tristemente, sempre pareciam aprender pouco demais e tarde demais. Na Vila de Lata fazia muito calor — o lugar detinha o maior número de recordes de temperaturas do estado. Ainda consigo sentir o cheiro de corpos sujos e linguiças requentadas, fumaça de cigarro e cocô de gato; consigo ouvir a insatisfação pairando no ar como a recepção ruim de um sinal de rádio. Porém, acima de tudo, sinto o vento — constante, atravessando o desfiladeiro de San Gorgonio, polindo a terra e nutrindo os campos de turbinas eólicas dispostas ao longo das estradas do deserto.

Dá para ver as filas de ramos retos e brancos a quase três mil pés de altura, do alto da montanha. É uma vista e tanto.

O PRIMEIRO DIA

NA VÉSPERA DO DIA em que fui para o Pico do Anjo, não preguei o olho, mas fiquei na cama até quase meio-dia. Finalmente me levantei, vesti umas roupas e encontrei as meias de lã quentes que Byrd me dera dois Natais antes. Amarrei os cadarços das minhas botas de trilha pela primeira vez naquele ano e apanhei a mochila, pendurada num gancho perto da porta da frente. Hesitei e recoloquei a mochila no lugar — um instante que mais tarde me assombraria —, porque eu não precisaria de canivete suíço, de rações, de água nem de cobertores e não queria que aquelas coisas acabassem desperdiçadas.

Na Estação do Deserto, esperei para embarcar no que acreditava que seria a minha última viagem de teleférico até o topo da montanha e, encostado à parede, me demorei um instante para observar as pessoas. As três trilheiras que se perderam naquele dia de outono eram naquele momento desconhecidas para mim, mas eu reparara em cada uma, por diferentes motivos, antes de nossos destinos se envolverem. Nola. Vonn. Bridget.

Nola, com seus olhos azuis expressivos e cabelos grisalhos arrumados, passou por mim com um poncho vermelho-sangue, e eu me lembro de ter pensado que, com aquele poncho berrante, ela poderia ser vista até do espaço. Nola usava botas de trilha de qualidade e levava uma mochila preta às costas e um guia de campo surrado nas mãos magras. Imaginei que fosse um dos guias voluntários do parque que encabeçam as curtas caminhadas em Wide Valley, ao pé da Estação da Montanha.

Ela foi a primeira a embarcar no teleférico que estava prestes a nos levar dos arbustos desérticos à vegetação alpina, e ficou ao lado da janela, de onde teria uma vista do deserto. Algumas pessoas querem olhar para onde estão indo, outras gostam de ver o local que estão deixando. Ela se virou e me pegou olhando para ela. Virei o rosto de lado, constrangido.

Vonn embarcou no teleférico atrás de um grupo de jovens com quem supus que estivesse viajando. Eu já a vira antes, folheando livros sobre a história dos nativos americanos na lojinha de presentes. Era linda, com cabelos negros e pele morena, maçãs do rosto proeminentes e lábios carnudos. Usava calça cáqui e uma jaqueta azul, e, nos pés, chinelos de dedo verde-limão, o que me fez supor que ela não tinha intenção de fazer trilha.

Meu pai, Frankie, costumava dizer que havia dois tipos de pessoas — as que prestavam atenção e as que chamavam atenção. Dizia que eu era do primeiro tipo e ele, do segundo. Frankie teria descrito Vonn como exótica, como as pessoas fazem quando não têm certeza da etnia de alguém. Imaginei que a garota fosse mestiça — de branco caucasiano com latino, caucasiano com afro-americano ou latino com afro-americano. Ela arrumou um lugar junto à janela que dava para o deserto e deu as costas para os companheiros.

Já Bridget saltou para dentro do teleférico segundos antes de as portas se fecharem e se espremeu até o centro, o rabo de cavalo alto e loiro balançando a cada movimento da cabeça bonita. Era perigosamente magra, estava coberta com camadas de lycra e levava uma jaqueta corta-vento de *fleece* de aspecto aconchegante amarrada à cintura e tênis de corrida caros nos pés. Quando se esticou à minha frente para segurar uma barra, eu me senti na obrigação de abrir espaço.

Carregava uma sacola esportiva azul, dentro da qual vi uma carteira, três garrafas de água e três barrinhas de cereal embaladas em papel-alumínio. Eu tinha imaginado que fosse uma garota do último ano da faculdade até ela olhar para mim e sorrir, quando então vi os olhos azul-claros de uma mulher de

quase 40 anos. Talvez meu olhar tenha se demorado um pouco mais do que devia.

O teleférico funcionava segundo um sistema duplo, com um carrinho que descia a montanha enquanto o segundo subia até lá, pendurado em 43 quilômetros de cabos entrelaçados esticados entre cinco torres gigantescas presas na encosta rochosa. Em cada uma das torres, o carrinho fazia uma transição e balançava como um brinquedo de parque de diversões durante um ou dois minutos — ou mais, se os ventos estivessem intensos. Os passageiros tinham reações fortes — principalmente os de primeira viagem. À medida que nos aproximávamos da primeira torre, estabilizei o corpo. A mulher de rabo de cavalo acabara de abrir uma garrafa de água. Novata.

O condutor do carrinho, que ainda bem que não reconheci, anunciou pelo microfone:

— Estamos nos aproximando da primeira torre. Senhoras e senhores, segurem-se. — Fez uma pausa dramática. — Haverá *oscilações*.

— O que isso quer dizer? — perguntou a loira.

— Se segure — falei, mas ela não me escutou porque exatamente naquele momento ouviu-se um som seco forte e uma oscilação rápida para baixo, e o carrinho começou a balançar bastante; ela berrou, deixou cair a água e perdeu o equilíbrio no chão escorregadio.

Segurando-a pelo cotovelo para impedir que caísse, passei a impressão de que me importava com ela.

Quando o carrinho voltou a se estabilizar e a navegar pelas nuvens esfiapadas e cinzentas, a mulher encontrou meu olhar:

— Você me parece familiar.

— Uso muito o teleférico.

— Só estive nesse treco uma vez e tomei um sedativo, então não me lembro de nada.

Olhei para o lado, esperando que aquele gesto desencorajasse a conversa.

— Você me parece familiar de outro lugar...

— Não.

— Não posso olhar para baixo. Tenho muita... como se diz?

— Vertigem — falei, soturno.

— Isso aqui vai balançar daquele jeito de novo?

— Mais quatro vezes.

Do outro lado do carrinho, um menininho começou a chorar. Não estava com medo de altura nem assustado com as oscilações; chorava porque as nuvens tinham roubado a vista do deserto. Vi a mulher mais velha de poncho vermelho-sangue inclinar-se para baixo e passar ao menino em prantos seus binóculos. Ela apontou para uma brecha nas nuvens, de onde dava para ver a cordilheira de Santa Rosa a distância. O menininho sorriu. A mulher também.

A loira ao meu lado continuou:

— Vertigem. Não é tanto que eu ache que vou cair, e sim que acho que vou saltar. Não é *esquisito*?

— É — falei.

Quando ela se virou para olhar ao redor do carrinho, seu rabo de cavalo roçou meu queixo e me inundou com o cheiro dela, uma mistura de tangerina e gengibre que achei perturbadoramente agradável.

— Acho que nunca mais vou fazer isso de cara limpa de novo — disse ela.

Abri as narinas para a brisa que vinha das janelas abertas, inalando a nota pungente de sálvia enquanto continuávamos a ascensão.

— É péssimo sentir medo — disse a mulher, rindo para esconder o nervosismo.

Ela tinha razão.

Minha atenção foi roubada pela garota morena de chinelos verdes, que parecia estar me encarando do outro lado do bondinho. Eu não tinha certeza do que pensar daquela atenção ou da expressão dela. Parecia muito irritada. Eu não conseguia imaginar o motivo.

Por hábito adquirido ao longo de muitos anos, eu me virei para perguntar ao meu amigo Byrd. Fiz isso

cem vezes no ano após o seu acidente. Virar-me para procurar por ele. Apanhar o celular para telefonar. Byrd não foi apenas meu melhor amigo. Foi meu único amigo. Meu *irmão*. Tínhamos tudo em comum. Até o mesmo aniversário. Sussurrei em meus pensamentos: *Feliz aniversário, Byrd*.

A mulher balançou o rabo de cavalo, abriu os dois olhos e levantou a cabeça para espiar pela janela.

— Não dá para ver nada com essa neblina. É meio que uma bênção.

— Claro — falei.

— Dá para comprar água na montanha...? — Ela interrompeu a frase para soltar outro grito quando alcançamos a segunda torre.

O ar esfriava cada vez mais à medida que subíamos. Senti o cheiro de resina dos pinheiros, do zinco resfriado no sedimento, vida marinha, ossos, raízes e sementes pulverizadas, odores antigos que tanto me falavam de perda. Tentei bloquear os sons da mulher nervosa e tagarela. Não consegui.

— Saí do meu treinamento ontem à noite — disse ela. — Estou treinando para um triatlo e agora quero me matar por ter tomado uma margarita no jantar. Já estou desidratada. Uma garrafa não vai dar conta. Já estamos chegando?

Controlando meu impulso de corrigi-la, porque na verdade dava para ver que ela estava levando *três* garrafas de água na bolsa esportiva, eu respondi:

— Dá para comprar água na lojinha de presentes.

— Eu me chamo Bridget.

Não gostei de como Bridget estava me estudando.

— Tem certeza de que não nos conhecemos? Você é da região?

— Tenho certeza.

— Você me parece tão familiar.

Dei de ombros.

— Eu cresci a alguns quilômetros daqui, em Cathedral City, mas agora moro em Golden Hills — disse Bridget. — Conhece? Perto do litoral? Conhece Malibu?

— Não.

— Ainda venho bastante para o deserto. Minha mãe tem uma casa num condomínio em Rancho Mirage. Pensei em me mudar de volta para cá, mas aí conheci uma pessoa. Estou feliz.

Bridget não parecia feliz. Eu me perguntei se conseguiria começar a abrir caminho até a saída.

— Ele foi o corretor imobiliário da minha casa colonial na colina. Estamos treinando juntos. Para o triatlo. Ele é mais jovem que eu. Bem mais jovem. Não que isso tenha importância. Até a mulher ficar ainda mais velha. Quando é a próxima torre?

— Daqui a pouco.

Segurando a barra com força, ela apontou para meu boné de beisebol.

— Meu segundo marido era de Michigan. Grosse Pointe. Também gostava dos Detroit Tigers.

— Próxima torre — falei, apontando para a frente.

Bridget berrou quando nosso carrinho fez um baque durante a transição, e, quando ele parou de oscilar, ela estava quase em lágrimas.

— A torre seguinte não balança tanto — falei, apiedando-me.

Notei que a garota de chinelos parecia nauseada. Torci para que não vomitasse no carrinho. Ela se segurou com mais força na barra, mantendo os olhos no chão enquanto nos aproximávamos da torre seguinte. O vento aumentou e nos balançou violentamente. Bridget soltou outro grito. Não foi a única.

Quando finalmente paramos no deque da Estação da Montanha, minha cabeça latejava por causa dos gritos de Bridget. Não consegui me afastar rápido o suficiente quando as portas do carrinho se abriram, e saí apressado sem olhar para trás, nem mesmo quando ouvi o grito dela:

— Tchau!

Depois de deixar os outros turistas bem para trás, desacelerei o passo e entrei na floresta. Fiquei

aliviado ao ver as nuvens pesadas e baixas, porque sabia que isso faria o tráfego de pedestres diminuir. Quem se daria ao trabalho de fazer uma trilha difícil e íngreme sem a recompensa de uma vista espetacular no final? A escalada dialoga com o nosso caráter, mas a vista, eu acho, o faz com a alma.

O céu escurecia conforme eu caminhava por entre coníferas altíssimas, sobre os rios de seixos, passando pelas rochas brancas maciças, tão artisticamente arranjadas pelos aspectos aleatórios da natureza. Eu estava me dirigindo para a trilha traiçoeira que me levaria para baixo, por um pequeno prado e sobre um morro de degraus esculpido na rocha, em direção a um estreito afloramento com seis metros de extensão que eu e Byrd chamávamos de Pico do Anjo.

Em geral eu gostava de caminhar num ritmo ligeiro, mas nesse dia eu estava ofegante, os passos lentos, arrastando prematuramente meu peso morto, pensando não no meu fim, mas na soma de mim — em todos os antes e depois que tinham me conduzido até aquele momento.

ANTES DE se embebedar de tequila premium na noite de Halloween e perder controle do Gremlin numa estrada escura do deserto, Frankie tinha sido um beberrão que gostava de correr riscos. *Depois*, estava na cadeia, e dois jovens haviam morrido.

Frankie ficou hospitalizado por um curto período depois da tragédia do Halloween. Recusou-se a me ver nesse período. Uma das enfermeiras me disse que ele não quis ler os bilhetes que enviei. Depois de dois dias o levaram de lá, algemado. Peguei um ônibus e fui até o presídio, mas Frankie se recusou a me receber ali também. Não tentou entrar em contato comigo de nenhuma outra maneira. Eu já estava no meu limite, depois do que acontecera a Byrd. Frankie foi o empurrão que faltava.

Decidi dar fim à minha vida no dia do meu aniversário — uma espécie de tributo distorcido a Byrd e à minha mãe, do modo como eu encarava. A montanha era o ambiente mais óbvio para isso, e o Pico do Anjo, o lugar mais significativo. Comecei a contar os dias desde o Halloween. Uma semana se passou, depois duas, depois ouvi dizer que Lark Diaz voltaria a Santa Sophia naquele fim de semana, para ser dama de honra no casamento de uma amiga.

Lark Diaz nunca foi minha namorada, mas era a garota dos meus sonhos, e a ideia de vê-la novamente me encheu de esperança. Imaginei um reencontro carregado de emoção e criei centenas de situações que terminavam num beijo. Porém, no dia de sua chegada, Lark não atendeu nenhum dos inúmeros telefonemas que fiz para a casa do pai dela. Não estava em casa quando fui até lá. Evitou-me em todas as ocasiões, até eu percorrer de bicicleta os dezenove quilômetros até a igreja no dia do casamento.

A distância, eu a vi sentada na beira de uma pérgola numa pequena elevação do gramado paroquial, com um vestido verde longo e volumoso. Seu cabelo escuro estava preso no alto da cabeça, e seu pescoço e seus ombros estavam nus. Perdi toda a cautela.

— Lark — chamei, avançando lá de trás.

Ela não se virou, mas percebi pelo modo como seu corpo se enrijeceu que ela tinha me ouvido.

A pérgola estava num nível mais alto que o chão onde eu estava. Havia caixas de equipamentos de algum tipo empilhadas atrás dela. Não dava para me aproximar mais.

— Lark! Você recebeu minhas cartas?

Ela simplesmente continuou sentada.

— Você as leu? — Minha voz soava estranha aos meus próprios ouvidos.

Ela balançou a cabeça.

— Tudo bem. Eu só queria que você soubesse que... Lark?

Ela balançou a cabeça de novo.

— Eu te amo! — gritei, com o coração latejando em meus ouvidos. — Eu te amo!

Lark se levantou da mureta da pérgola e, devagar, virou-se para me encarar. Ao fazer isso, deu um passo para a esquerda, revelando dezenas de convidados do casamento no gramado, que me olhavam com

pena.

— Wolf — disse ela, apenas. Sua voz ricocheteou na parede da igreja, a distância. O microfone perto dela, ligado, tinha transmitido tudo o que eu dissera.

O ACIDENTE de Byrd. A prisão de Frankie. A cena humilhante com Lark. Eu não conseguia afastar a sensação de que estava sangrando, de que deixava para trás um rastro escarlate pegajoso enquanto subia as rochas caídas que me levariam até o pequeno prado de pinheiros flexíveis e, depois, à trilha coberta de vegetação que daria no Pico do Anjo.

Um galho comprido de *chinquapin* espinhoso se projetou do nada e prendeu a camada de náilon da minha parca. Quando parei para soltar a manga do arbusto amarelo, fiquei surpreso ao avistar a garota de chinelos verdes movendo-se furtivamente por entre as árvores distantes. Por um átimo de segundo, fiquei lisonjeado, imaginando que ela estivesse me seguindo, um raro felino da montanha. Fiquei intrigado, imaginando por que ela estaria fazendo uma trilha com aqueles chinelos ridículos e o que teria acontecido com seus amigos do teleférico.

Byrd e eu poucas vezes vimos pessoas fazendo trilhas sozinhas. Às vezes os observadores de pássaros iam por conta própria, mas a maioria não se afastava muito de Wide Valley. Encontravam um local fora da trilha, sentavam-se em tocos de árvores ou banquinhos de lona desmontáveis com binóculos e garrafas térmicas cheias de sopa de tomate e torciam para que alguém parasse para conversar com eles a caminho do cume. Byrd e eu? Sempre parávamos. Tínhamos mais em comum com os idosos amantes dos pássaros que com pessoas de nossa idade.

Eu me embrenhei num atalho por entre as árvores, escalando troncos caídos e tocos. A floresta estava quieta, e a garota sumira. Imaginei que devia ter chegado ao limite dos chinelos e voltado para a Estação da Montanha, talvez encontrado o grupo de amigos com quem embarcara no teleférico. Mais que isso não pude imaginar, porque a montanha me distraía, trazendo até as minhas narinas a fragrância caramelada dos pinheiros de Jeffrey, enviando pássaros cantores e chapins para me saudarem. Eu não subia até ali desde o acidente de Byrd e estremeci de vergonha com o objetivo daquele reencontro.

Um pica-pau de cabeça branca batucou uma introdução quando me aproximei, e notei um pintassilgo macho dançando no ramo retorcido de um mogno da montanha. Um segundo pintassilgo cantou dos pinheiros flexíveis. Eu me perguntei se eles não teriam de alguma maneira percebido minhas intenções e ido me dissuadir.

Ao escalar alguns degraus de quartzo turmalinado, senti a fragrância de lavanda vindo de uma brisa fria do leste. A lavanda cresce nas montanhas, mas não em alturas elevadas — eu, pelo menos, nunca tinha sentido seu cheiro ali antes. A curiosidade sobre por que estava sentindo cheiro de lavanda foi o que me levou a erguer a cabeça e olhar por entre as árvores, somente para vislumbrar algo grande e vermelho — a mulher mais velha de poncho cor de sangue do teleférico — movendo-se por entre os galhos a uma distância pouco segura da trilha principal.

Escondendo-me atrás de um arbusto, observei-a erguer os binóculos. Por um momento pensei que talvez ela pudesse estar perdida, mas disse a mim mesmo que ela era uma observadora de pássaros experiente e que só tinha feito uma pausa para descansar. O Pico do Anjo me aguardava. Poncho Vermelho estava por sua conta e risco.

Então os ramos de um arbusto extenso de groselha silvestre estremeceram atrás da mulher e fiquei espantado ao ver surgir a loira de rabo de cavalo. Bridget. Quer dizer que a mulher mais velha talvez fosse *mesmo* uma guia de trilha. Bridget bebeu água de uma das garrafas de sua bolsa esportiva azul enquanto a mulher mais velha sacava um cantil amarelo surrado da mochila.

A visão daquele cantil amarelo me deixou sem ar. Byrd tinha um igualzinho — presente meu, comprado na lojinha de presentes do teleférico. Meu estômago se revirou quando ouvi, mesmo daquela distância, o

som da tampinha de metal girando sobre as ranhuras do gargalo. Antes que percebesse, eu já estava me afastando por entre as árvores.

Bridget me viu e gritou:

— Ah! Oi! Você aí, oi!

Eu me apressei, fingindo não ter escutado, procurando o caminho para o Pico do Anjo no meio da floresta, que pelo que eu me lembrava, ficava à esquerda da barçaça de granito mais à frente e entre duas gigantescas rochas desgastadas pelo vento. Encontrei as rochas sem demora, mas fiquei confuso ao ver que diversos grandes arbustos de sterasote haviam crescido sobre o início da trilha. Não havia como rodeá-los ou passar por eles. Fiquei ali parado por um instante, alfinetado pelos odores do arbusto amplo e volátil que se tornavam pungentes graças à neblina que se acomodava ao redor de nós. Então o vento soprou o cheiro de cânfora até minhas narinas, e comecei a espirrar repetidamente.

Se apanhasse o canivete em minha mochila, tinha certeza de que conseguiria abrir caminho pelos arbustos, mas então me lembrei de ter deixado tanto o canivete quanto a mochila em casa.

A mulher mais velha de poncho vermelho devia ter me escutado espirrar, pois começou a berrar:

— Rapaz? Rapaz?

Olhei ao redor, procurando o rapaz a quem ela se referia, e percebi que ela estava falando de mim. Eu ficara alto como Frankie, e grande, graças aos ferros que puxava sozinho no meu quarto ouvindo músicas da Motown a todo volume no aparelho de som. Herdei o gosto musical do velho.

Tentei ignorá-la, mas ela não parava de gritar:

— Meu rapaz. *Por favor*. Precisamos de ajuda.

— Vocês estão fora da trilha! — gritei, enquanto começava a caminhar na direção das duas.

— Estou tentando encontrar um *lago*. *Lago Secreto*. — Ela olhou para a floresta silenciosa.

Lago Secreto pertencia a mim e Byrd.

— Não está no mapa da trilha — falei.

— Sim, eu sei — disse a mulher mais velha.

— Pouca gente o conhece — falei, aproximando-me.

— Sim, eu sei.

Sob o poncho vermelho, ela estava usando um casaco grosso e, embaixo dele, um pesado suéter de gola alta. Ao chegar perto dela, o cheiro de lavanda ficou mais forte. Ela deve ter percebido que farejei o ar.

— Ah — disse, com uma risada. — É minha lavanda. — Retirou uma almofadinha de seda do bolso do casaco. — Carrego comigo para todo lugar. Afasta os insetos para fora quando você está dentro e para longe quando você está fora.

Eu nunca tinha ouvido alguma sabedoria popular dizendo que lavanda servia de repelente de insetos, mas não me pareceu nada absurdo.

— Como sabe de *Lago Secreto*?

Correndo sem sair do lugar sobre uma camada de folhas pontiagudas de pinheiro ali perto, com o rabo de cavalo balançando absurdamente, Bridget apressou:

— Precisamos continuar em frente — disse ela.

— Foi meu marido quem descobriu o lago. Tem uma flor rara que cresce ao redor dele. É por isso que ele não está no mapa da trilha.

— Certo. — Não falei que eu já sabia sobre a flox montanhosa, uma espécie ameaçada.

— Não é legal pisotear uma planta ameaçada.

— Verdade.

— Estive lá muitas vezes — explicou a mulher. — Só que... meu marido guiava o caminho. Ele nunca se perdia.

— Bom, vocês erraram bastante o caminho.

— Foi o que imaginei — disse Bridget.

— Como pode dizer isso, se nunca esteve lá antes? — perguntou a senhora, com educação.

— Sexto sentido — respondeu Bridget. — Eu *senti* que esse lado não era o certo.

Eu não tinha tempo para aquilo.

— Voltem por onde vieram, depois virem para o norte e um pouquinho a leste e peguem a trilha novamente. Sigam a trilha por mais ou menos um quilômetro, depois subam a pequena escarpa a oeste da guarita do guarda-parque e desçam pelo carvalho negro.

— Eu conheço essa guarita — disse a mulher.

— Depois do riacho e mais além de umas rochas grandes ao norte, tem uma formação rochosa — falei. Não acrescentei que meu amigo Byrd chamava aquela formação rochosa gigantesca e fállica de “Circunsisco Gigantesco”. — Parece uma... *torre*. Vocês não têm como não ver. Fica a mais ou menos um quilômetro daqui.

— A torre! Era isso que eu estava procurando! Pensei que a essa altura já a teríamos encontrado.

— A nordeste, passando por um pequeno prado e sobre as rochas gigantescas, sigam em frente e rodeiem aquele pequeno morro... entenderam?

— Sim — disse ela sem muita certeza, olhando para a sua companheira de trilha.

Nenhuma das duas tinha absorvido minhas direções. Apontei para o céu tristonho.

— Olhem, Lago Secreto fica a três quilômetros de uma trilha difícil daqui, e dentro de algumas horas vai escurecer. Talvez seja melhor vocês tentarem encontrá-lo outro dia.

Dois corvos negros e esguios encontraram um galho ali perto, e, pelo modo como crocitaram em nossa direção, foi impossível não pensar que estivessem tentando nos advertir. As nuvens estavam tão carregadas que, quando as aves bateram as asas para longe, nós as perdemos de vista antes que atingissem o topo dos pinheiros.

— Por que *você* não leva a gente até lá? — perguntou Bridget. — Você poderia fazer isso?

— É! Poderia? — perguntou a velha senhora. — Nós pagamos. Pagamos, claro. — Ela escancarou a grande mochila preta.

Vi que, além da carteira, a mochila continha um suéter natalino de lã branca meio cafona e um frasco grande de manteiga de amendoim. Fiquei imaginando se a intenção era usar aquilo de isca para tirar fotos de animais — sinto vergonha de dizer que eu e Byrd fazíamos isso às vezes —, mas não vi nenhuma câmera.

Ela agitou uma cédula.

— Vinte dólares? É tudo o que tenho, mas poderia enviar um cheque para você pelo correio. Você cobra por hora?

Não me dei ao trabalho de explicar que eu não era um guia de montanha. Simplesmente balancei a cabeça, murmurei “Desculpe” e comecei a caminhar de novo pela mata sem olhar para trás.

Porém, lá estavam os arbustos crescidos de sterasote novamente, bloqueando o caminho até o Pico do Anjo. Com uma rápida sucessão de espirros, eu me lancei aos ramos com as mãos nuas, xingando a mim mesmo por ter deixado a mochila no gancho perto da porta.

O som de uma risada, um familiar riso barítono, me fez parar, e ouvi Byrd chamar meu nome — *Wilfred*. Não era a primeira vez que ouvia a voz de Byrd no vento, sussurrada por trás do refrão de uma música ou gritando para mim na escuridão. Olhei ao redor, procurando-o, mas em vez disso avistei as duas mulheres seguindo na direção errada.

Bridget estava conduzindo a mulher de poncho vermelho para um caminho à esquerda da direção que eu tinha apontado, seguindo direto para um precipício camuflado por uma leve parede de arbustos de sálvia e manzanita.

Saí do meio das árvores, berrando:

— Ei! Vocês estão indo na direção errada! Ei! — Mas elas não conseguiam me escutar por causa do

vento. — Ei!

Misericordiosamente, finalmente, elas ouviram... e pararam. Eu estava sem fôlego quando as alcancei.

— É para o outro lado. Para o *norte*; vocês estão indo para o *oeste*.

— Ela esqueceu a bússola — disse Bridget, revirando os olhos.

Não as conduzi por entre os arbustos para mostrar-lhes o precipício mortal. Talvez devesse tê-lo feito.

A velha senhora sorriu, encabulada.

— Poderia por gentileza dizer apenas se é para a direita ou para a esquerda?

— É melhor vocês irem para a Estação da Montanha. Por que não voltam amanhã e começam mais cedo?

— Eu pago duas vezes sua hora — disse a mulher mais velha, em voz baixa.

— Eu não sou...

— Três vezes! Pago três vezes o valor da hora! Você precisa acreditar na minha palavra quando digo que vou enviar um cheque assim que chegar em casa hoje à noite.

— Não quero seu cheque.

— Diga seu preço.

— Por que vocês não podem simplesmente voltar amanhã?

— Precisa ser hoje — disse Bridget.

— É meu aniversário. Aniversário de casamento. Precisa ser hoje.

Adivinhei, pela expressão dela e pela ausência dele, que o marido tivesse falecido recentemente.

— Viemos aqui para comemorar nosso aniversário de casamento todos os anos, durante quarenta anos.

Bridget suspirou. Não dava para saber se era de compaixão ou impaciência.

— Se você não nos levar, podemos nos perder — disse a mulher. — Você não gostaria de ter um peso desses na consciência, gostaria?

Ela tinha razão. Eu não queria aquele peso em minha consciência. Uma quantidade suficiente de DNA da minha mãe infundira caráter em minha personalidade. (Meu pai não era exatamente do tipo altruísta.) Como eu poderia ter dito não? Como poderia me desvencilhar das desventuras deste mundo, se meu último feito tivesse sido recusar um pedido de ajuda?

— Eu levo vocês duas para Lago Secreto, mas não vou ficar. Vocês vão ter que voltar sozinhas para a Estação da Montanha — falei.

— Sua mãe criou um cavalheiro — disse ela, com um sorriso. — Eu me chamo Nola Devine.

— Bridget — disse a mulher de rabo de cavalo para refrescar minha memória.

Petulante demais para me apresentar, passei por elas e apressei o passo, tentando ignorar os pulos enormes de Bridget passando de rocha em rocha na minha visão periférica.

Guiei as duas mulheres de volta até as flores silvestres e o rio de pedras sarapintado e cinzento que existia entre os pinheiros flexíveis. Lembro-me de ter sentido uma leve curiosidade sobre o que ligava Poncho Vermelho a Bridget magricela, mas não o suficiente para perguntar. Suponho que não quisesse correr o risco de acabar sendo arrastado para outra conversa.

Nola cantarolava baixinho enquanto caminhávamos pelos arbustos. Não me lembro de qual era a música; Stevie Wonder, acho. Gostei do *tremolo* da voz dela, do modo como brincava com a letra. Isso me lembrou de Frankie, de como ele sempre errava a letra cantando junto com as músicas da Motown no rádio da cozinha. Cantarolei na minha cabeça até começar a ficar ansioso, com medo de que uma lembrança terna de meu pai enfraquecesse a minha determinação de chegar até o Pico do Anjo.

Levantei os dedos para que ela se calasse, sussurrando:

— Não perturbe os animais.

— Achei que *tivéssemos* de fazer barulho na floresta, não é? — perguntou Nola. — Para afastar os ursos?

— Não vamos ver nenhum urso aqui, Sra. Devine — falei.

Porém, havia leões-da-montanha, pensei, gatos-selvagens e coiotes.

Meu amigo Byrd saltou mais uma vez para dentro de meus pensamentos, e na minha cabeça éramos crianças de novo, percorrendo a trilha até Lago Secreto.

— TEM URSO aqui? — perguntei a Byrd quando embarcamos juntos pela primeira vez no teleférico em Palm Springs, antes mesmo de eu completar 14 anos. — Onde é que posso ver um carneiro-selvagem? Você já viu um leão-da-montanha?

O teleférico partiu, e minhas entranhas se contraíram conforme a terra flutuou para longe, e Byrd (que era meu amigo havia poucos dias) tornou-se uma silhueta recortada contra o deserto branco como osso.

Não consegui esconder meu tremor quando o condutor do teleférico inclinou-se diante do microfone cheio de estalos para avisar da oscilação. Observando a sombra do carrinho cobrir a morena de carvalho enquanto subíamos, eu estava consciente demais de que a única coisa que nos segurava por sobre o granito afiado era um mero cabo de quinze centímetros.

Quando alcançamos a primeira torre, soltei um berro. Byrd riu tanto que quase vomitou, e o resto dos passageiros no carrinho lotado também desatou a soltar risinhos e risadinhas abafadas. Até o condutor. Até o idoso de óculos que estava ao nosso lado.

Ao nos aproximarmos da torre seguinte, notei que o idoso me observava através dos óculos de fundo de garrafa. Parecia estar gostando do espetáculo do meu terror. Segurei a barra com força e fechei os olhos. Alcançamos a torre. Encontrei o equilíbrio. Não gritei. Byrd deu um tapinha fraternal nas minhas costas. O velho bufou, desapontado.

Pela janela aberta, senti a brisa esfriar. Cheirava a Michigan — coníferas e terra fria, pedra úmida e uvas verdes. Segurei a barra com mais força ainda quando alcançamos a terceira torre e, depois disso, mal notei as seguintes. Então me virei na direção da face da rocha, porque queria ver para onde eu estava indo em vez de onde havia estado.

Na metade do caminho até a montanha, antes da zona subalpina, senti o odor pungente de cânfora, que me fez espirrar repetidamente. Byrd sorriu quando eu me inclinei para a frente para cheirar discretamente o ombro do senhor idoso.

— Esse cheiro é de sterasote — disse ele. — Eu lhe mostro quando a gente chegar. Não tem cheiro de nada quando está seco, mas, quando molhado, fede a remédio ruim.

Espirrei de novo.

Lá embaixo notei um boné de beisebol vermelho preso num galho morto de árvore e puxei meu próprio boné do Detroit Tigers para baixo na cabeça. Não queria perdê-lo.

— Um cara perdeu o boné — falei.

Byrd olhou para baixo, para onde eu estava apontando.

— É do Jack — disse, balançando a cabeça. — Está ali há anos.

— Ele o derrubou do teleférico?

— Não exatamente. — Byrd abaixou a voz enquanto apontava para a encosta íngreme da montanha. — Um belo dia, ele perdeu o último teleférico que voltava da montanha: fez uma trilha para mais longe do que deveria, e sem perceber ficou mais tempo do que o recomendado. Entrou em pânico ao descobrir que estava trancado do lado de fora da Estação da Montanha. Jack era um trilheiro experiente e era jovem, e estava em ótima forma, portanto pensou em descer por entre as torres do teleférico para não se perder no escuro. Começou a descida, mas calculou mal o quanto a montanha era íngreme e acabou deslizando, centímetro por centímetro, tentando se segurar com os calcanhares, mas basicamente escorregando ao longo de toda essa encosta aqui.

— Parece quase vertical.

— Exato. Então, quando ele chegou mais ou menos aqui, suas calças e sua cueca não existiam mais,

queimadas pela fricção, e a bunda dele não passava de uma maçaroca sangrenta. As solas das botas também tinham sido destruídas, e os calcanhares dele estavam esfolados até o osso. Jack deslizou a noite inteira, durante mais seis horas, até que finalmente chegou ao pé da montanha e perdeu os sentidos em um arbusto denso. Ele praticamente esfolou a bunda inteira — precisou fazer cirurgias de enxerto de pele durante anos, só que elas nunca deram muito certo, e hoje ele não pode se apoiar de jeito nenhum na nádega esquerda. Vou mostrá-lo para você. O cara está sempre no café ao lado do museu, e ele se senta assim.

Byrd demonstrou.

— Então a moral da história é “não siga sua intuição”?

— Isso é só uma história. O que passou, passou, e agora estou contando a você. — Byrd sorriu. — Não gosto de morais.

Na Estação da Montanha, saltamos do teleférico e seguimos na direção dos mirantes, onde ficamos diante do arrebatamento do deserto amplo e branco e dos limites borrados no ponto onde ele se encontrava com o céu azul-claro. Palm Springs cintilava a nossos pés. Os campos de turbinas eólicas acenavam de longe. Bem além do amontoado da cidade, uma camada de poeira delimitava a fronteira entre Santa Sophia e a Vila de Lata. Byrd apontou para o sudeste, piscando contra o sol:

— Está vendo ali... o mar de Salton?

Eu vi, como uma miragem, o lago pálido como papel a quase 110 quilômetros de distância. O ar rarefeito estava me deixando tonto.

— O rio Colorado irrompeu cem anos atrás e inundou a bacia aqui. *Puf!* Surgiu um lago. Esse lugar cresceu ao redor dele, mas então o lago começou a secar e ficar salobro e as pessoas foram embora. Virou uma cidade fantasma. Um lago fantasma. Os velhos trailers afundaram até a metade em lama, equipamentos para acampamento e carros enferrujados. Você acredita em fantasmas?

— Não — menti. — E você?

— Só nos que eu vi com meus próprios olhos — disse ele.

Byrd chamava a vontade de escalar montanhas de síndrome do “Rei do Castelo”. Existe um simbolismo poderoso no ato de subir.

— Você devia ver só a vista do topo — disse ele.

— Vamos!

— Está muito tarde agora, cara. E você não está em forma.

— Estou em forma, sim.

— Fraco não é forma.

Tendo sobrevivido à base de lanches e fumo passivo por algum tempo, supus que ele tivesse razão.

— Mas não dura só três horas? Eu consigo.

— Quando você chegar ao topo, estará apenas na metade do caminho — lembrou Byrd. — Além do mais, não dá para fazer uma escalada com esses tênis baratos de supermercado. Você precisa de botas. Sapatos são a prioridade número um. Ainda não aprendeu isso? Sério? Nessa época do ano, tem tempestades e você precisa de camadas de roupas quentes e boas botas. A chuva deixa as rochas escorregadias. E a neve também. Em julho e agosto, não; mas mesmo assim, nem queira saber o que é enregelamento. Isso precisava de uma palavra melhor, uma que deixasse você cagado de medo, para nunca ter coragem de se arriscar.

— Necrodigitite — soltei.

— Necrodigitite! — Meu amigo sorriu. Ele gostava de jogos de palavras. — Vamos nessa.

— Para o topo? — perguntei.

— Para outro lugar. Secreto.

Naquela primeira vez, com Byrd, fiz um mapa mental da trilha até Lago Secreto enquanto saltávamos um regato estreito, atravessávamos os gramados altos de um prado circular e depois subíamos um grupo

de rochas de granito manchadas e descíamos pelo outro lado, passávamos por Circunsisco Gigantesco e novamente subíamos, agora sobre uma pequena chapada, para então passar sobre dólmens caídos e campos de sílex rachado. Por fim, chegamos a um oásis mágico, avivado sob o sol da tarde. Eu teria acreditado se me dissessem que havia elfos dançando nos pinheiros, fadas cavalgando as ondas dos arbustos. A luz era diferente, difusa e onírica; o lago ondeava cheio de vida.

— Lago Secreto — disse Byrd. — Não consta nos mapas das trilhas.

— Legal — falei, sem ar.

Byrd parou, plantando os pés entre as florezinhas roxas, e fechou os olhos, dizendo-me para fazer o mesmo.

— As placas estão se movendo. Consegue sentir?

— Acho que sim.

— Meu tio Harley disse que sentir isso é um dom.

— Eu estou sentindo alguma coisa. — Não queria que Byrd pensasse que eu não tinha o dom.

Em seguida ele me conduziu até o aglomerado de floridos arbustos brancos baixos e espinhosos situado na extremidade oeste do lagunho oval.

— Estão ameaçadas — disse ele. — É a flox da montanha. Por isso o lago não consta no mapa. Aqui elas estão em toda parte, por isso, cuidado onde pisa. — Ele não poderia ter falado em tom mais grave nem se estivesse me avisando da existência de minas terrestres.

— Como você sabe disso?

— Meu tio me ensinou tudo o que ele sabe — disse Byrd. — Ele sabe tudo.

Depois me guiou até uma placa de granito comprida e lisa próxima da água, de onde podíamos observar o lago sobre uma pequena elevação. Antes de nos acomodarmos, porém, Byrd me revelou o precipício perigoso localizado na extremidade. Seria outro bom lugar no qual tomar cuidado onde pisava, eu sabia. O destino não é gentil com os descuidados.

Sentados ali, envoltos pelo ar frio e rarefeito e observando as águas ondulantes daquele lago escondido, bebemos água do velho cantil com estampa de camuflagem de Byrd, que tinha um amassado no gargalo e gosto de metal. Resolvi que compraria um cantil novo para ele quando voltássemos até a Estação do Deserto — Frankie me dera naquela manhã cinquenta dólares que havia ganhado no pôquer, mordido pela culpa de ser mau pai. Eu tinha visto uma estante enorme cheia de cantis amarelos na lojinha de presentes. Não sei por que não me passou pela cabeça que aquele gesto pudesse ser considerado pouco masculino ou que o presente pudesse ser mal interpretado, mas isso não aconteceu.

— Seria bom termos binóculos — comentei.

— Eu tenho um. Trago na próxima vez. Precisamos de uma câmera decente também. Podemos faturar uma boa grana com fotos de natureza. Só tenho uma Polaroid velha.

Observamos alguns esquilos brigando sobre a grama alta. Não vi a águia-dourada, o falcão-de-tanoeiro ou o pica-pau de cabeça branca nos pinheiros em torno até Byrd apontá-los. Inclinei o corpo contra o vento e senti um cheiro — coiotes — que minha memória olfativa cruzou com a lembrança de quando, aos 8 anos de idade, acampeei com meu pai em Traverse City. Foi desastroso.

Virando-me em direção ao cheiro, vi dois cães selvagens, sarnentos e magros, bem diferentes dos filhotes gordos de cachorro a quem atiramos salsichas no acampamento. Byrd os viu também — mais além de onde terminavam os arbustos de sálvia, os animais nos miravam. Um dos coiotes farejou o ar, estreitou os olhos e lambeu o focinho antes de sumir com seu amigo pelas escarpas.

— Los Coyotes — disse Byrd, sorrindo. — Meu tipo de gente.

— O meu também, acho — falei.

Byrd viu que reparei no calombo na meia dele, na panturrilha esquerda. Sorrindo, sacou dali um canivete suíço de bom tamanho.

— Demais — falei. — Para que é isso?

— *Para que é isso?*

— *É, o que se faz com ele?*

— *Tudo! Você usa para transformar galhos em lenha, abrir latas, esfolar coelhos.*

— *Você esfola coelhos? — Não sabia se estava impressionado ou enjoado.*

— *Eu poderia — respondeu ele, usando a lâmina para raspar uma camada da unha do polegar e demonstrando que era afiada como uma navalha.*

— *Já matou algo com ele? — perguntei.*

— *Eu poderia — garantiu Byrd.*

— *Se estivesse com fome?*

— *Se estivesse com fome. Ou se um animal estivesse morrendo. Se um pássaro quebrasse a asa.*

— *Você mataria um pássaro que tivesse quebrado a asa?*

— *Claro.*

— *Com um canivete?*

— *Com minhas mãos nuas, se fosse preciso.*

— *Nossa, eu nunca poderia fazer uma coisa dessas.*

— *Poderia, sim — disse ele. — Você faz o que tem que ser feito.*

Levamos meses trabalhando meio período no posto de gasolina (onde fui contratado pelo guardião de Byrd, seu tio Harley Diaz) até juntar o dinheiro para comprar a câmera, o tripé e as lentes que, assim esperávamos, nos trariam fortuna e fama como fotógrafos da vida selvagem. Byrd e eu tiramos centenas de fotos nos dias que passamos em Lago Secreto. Às vezes nos revezávamos com a câmera, mas na maioria das vezes, eu clicava e Byrd localizava o animal e registrava num diário a data e o que avistávamos: centenas de veados, dezessete gambás listrados (ou o mesmo gambá dezessete vezes), dezesseis esquilos, 73 raposas-anãs, um rato-do-mato (ou pelo menos foi o que pensamos que era), centenas de tãmiãs, ratos-veadeiros e ratos-madeireiros, dúzias de corujões-orelhudos, águias-douradas, gaviões e falcões, uma centena de pica-paus, sanhaços e gaios, alguns daqueles sanhaços amarelos muito legais, um mocho, tentilhões, melros-pretos e por aí vai.

Certa vez estávamos na placa de pedra em Lago Secreto quando Byrd ouviu uma espécie de som de tique, como o de um aspersor de gramado, e apontou para um lugar embaixo de um arbusto de artemísia onde uma gigantesca cascavel-do-pacífico-sul estava trançada. Eu meio que me mijeí de medo quando a boca da serpente de quase dois metros se abriu e vi os últimos centímetros da cauda de um rato-madeireiro contorcendo-se e sumindo goela abaixo. Eu não quis que Byrd percebesse que eu estava tremendo — ele parecia tão destemido... Além disso, ele queria muito uma foto da cobra em close, e eu também.

Descemos da rocha com cuidado, em silêncio.

— *Precisamos conseguir uma foto dela de boca aberta — disse Byrd, calmamente.*

Avancei pé ante pé, um centímetro trêmulo após o outro, levantei a câmera e, por fim, capturei a cobra com a lente. Estava prestes a clicar quando ela bateu a cauda no chão e chacoalhou os guizos. Deixei a câmera cair e saí correndo pela grama alta do pequeno prado.

Quando parei de berrar o suficiente para retomar o fôlego, a única coisa que conseguia ouvir era a risada de Byrd ecoando nas rochas. Ele *urrava*, como se tivesse acabado de presenciar o espetáculo mais engraçado da face da Terra. Então percebi o humor da cena e dei muita risada também.

Ficávamos uma média de vinte horas por semana ali, e em todo esse tempo nunca vimos outro ser humano em Lago Secreto, exceto, claro, na noite memorável em que convencemos duas garotas universitárias a irem para lá com a gente.

Ocorreu-me que nesse dia, no ano anterior, pode ser que Byrd, eu e as garotas por pouco não tenhamos visto Nola e seu marido comemorando seu último aniversário de casamento.

NO DIA em que nos perdemos, guiando Nola e Bridget pelos pinheiros, minha inquietação aumentava a cada passo. Nenhuma parte de mim desejava ver Lago Secreto novamente. Para Nola, aquele lugar podia trazer doces saudades, mas, para mim, era o local da cena de um crime.

Eu caminhava num ritmo veloz, mas Bridget e seu rabo de cavalo me acompanhavam com facilidade.

— Isso aqui é uma altitude *elevada*? — perguntou ela.

— Uns dois mil e quinhentos metros.

— As pessoas passam mal numa altitude dessas ou o lugar precisa ser tão alto quanto o Everest?

— Sim.

— Sim o quê? Numa altitude dessas? — esclareceu ela.

— Até menor.

— Tontura? Náuseas?

— É.

— Eu não estou sentindo nada disso. Acho que o ar rarefeito combina comigo.

Tudo em Bridget era rarefeito, exceto o cabelo e quem sabe os lábios. Claro que o ar rarefeito combinava com ela.

Nola ofegava a certa distância de nós, mas não me pediu para diminuir o ritmo. Gostei da determinação daquela mulher, e arrumei pretextos para parar de modo que ela pudesse recuperar o fôlego.

— Não falta muito — avisei.

— Eu seria capaz de continuar a noite inteira — gritou Bridget por sobre o vento, que aumentava.

Endorfinas. Basta respirar fundo o bastante e você se torna um viciado em montanhas pelo resto da vida.

Enquanto conduzia as duas por um morro baixo, parei para apreciar a vista. A vastidão da montanha se ampliava à nossa frente — rochas, floresta, e mais do mesmo estendendo-se em gradações de cores ao longo de quilômetros e mais quilômetros. De repente, fiquei com medo de que as mulheres se perdessem quando tentassem encontrar o caminho de volta.

— Espero que vocês duas tenham prestado atenção.

— Eu tenho um bom senso de direção — disse Bridget.

Nola parou para recuperar o fôlego, e seus olhos foram das rochas cheias de veios para a floresta de folhas pontiagudas.

— Que lindo — disse, com um suspiro.

Bridget ergueu o pulso para olhar o relógio e lembrou-se de que estava sem um.

— Já meio que começou a escurecer — disse ela.

Era verdade. Nuvens se aproximavam. Por experiência própria, eu sabia que, com a mesma rapidez, o vento poderia soprá-las para longe, mas, ainda assim, tempestades repentinas eram comuns naquela época do ano: como eu poderia deixar duas mulheres entregues à própria sorte no lago caso houvesse uma tempestade ou, pior, uma nevasca?

— Ele ficaria surpreso se soubesse que vim sem ele — disse Nola, do nada.

— Ele devia usar uma bússola — disse Bridget. — Essa trilha não é sinalizada.

— Acho que ele está vendo a gente agora — disse Nola. — Aposto que deve ter dado boas risadas quando seguimos pelo caminho errado.

— Uma indicaçãozinha da direção certa teria sido ótimo. E agora, para que lado? — perguntou Bridget, indo na frente.

— Por cima daquelas rochas — falei, indicando com a cabeça.

— Graças a Deus que paramos naquela hora — disse Nola. — Se não, poderíamos não ter encontrado você.

Era verdade. Durante todo o caminho até Lago Secreto, não parei de me perguntar o que eu estava

fazendo com aquelas desconhecidas. Desacelerei o passo para esperar por Nola de novo.

Quando ela me alcançou, bufando e ofegante, disse:

— Preciso entrar em forma.

— Eu disse isso a você um ano atrás — gritou Bridget.

Nola aceitou a garrafa de água, mas recusou a barrinha de cereal que Bridget ofereceu da bolsa esportiva.

— Ainda estou satisfeita do almoço — disse.

Bridget percebeu que eu não estava levando água e me ofereceu uma garrafa. Fiz um sinal de recusa e ela pareceu aliviada.

— Por que você não trouxe mochila? — perguntou.

— Não é algo que se esquece — disse Nola.

— É melhor a gente se focar — falei, caminhando para dentro da neblina mais uma vez.

Bridget, pensando que precisava provar alguma coisa, acelerou o passo para me acompanhar e seguiu tagarelando até finalmente alcançarmos o marco que indicava a direção para Lago Secreto.

Parei, apoiando-me em uma árvore para descansar.

— Aqui é a “torre” — falei, apontando para a enorme formação rochosa fállica situada a alguns metros de distância.

Nola e o marido deviam ter um apelido particular para a rocha, a julgar pela maneira como ela corou.

— A partir daqui a trilha fica mais fácil.

— Acho que agora eu me lembro — disse Nola.

— O que importa é se lembrar do caminho de volta. A senhora vai conseguir? — perguntei.

— Sim — respondeu Nola, insegura.

— Eu vou — prometeu Bridget.

O vento nos fustigava pelas costas enquanto atravessávamos o prado curto e rodeávamos um morro feito de rochas caídas. Sempre havia uma brisa na montanha, mas nesse dia o vento chegou rápido e intenso. Quanto mais perto chegávamos de Lago Secreto, mais agitado eu ficava. Eu me irritei comigo mesmo por ter pulado o almoço, mas então lembrei que eu não tinha esperado viver até depois da hora do jantar.

Quando nos aproximamos do lago, senti o cheiro de água parada, das pedras cobertas de líquens, da floresta da montanha e do emaranhado amargo de uvas silvestres na extremidade sul para além dos juncos. O chão sob nós pulsava. Parando para inspirar, senti um movimento. A sensação de estar chegando perto, de estar à beira de algo misterioso e explosivo.

Parei de novo para esperar Nola me alcançar enquanto Bridget seguia em frente, pulando de rocha em rocha, a cabeça baixa, olhando para os próprios pés. Então o tempo parou por um instante quando vi diante dela um aglomerado denso de abelhas. Antes que eu pudesse avisá-la, Bridget saltou para dentro do enxame.

— Não! — gritou Nola.

Tarde demais. Rodeada pelas abelhas ansiosas, Bridget abriu a boca e soltou um grito penetrante. Começou a golpear os insetos, girando em círculos e agitando a cabeça de um lado para o outro, berrando o tempo inteiro. Percebi que seu rabo de cavalo lustroso estava servindo de rede e que aprisionara diversas abelhas em sua extensão. Quanto mais elas zumbiam, mais alto Bridget gritava.

Foi nesse momento que tudo começou.

Bridget começou a correr. As abelhas que continuavam presas em seu rabo de cavalo zumbiram agressivamente, e ela imaginou que estava sendo perseguida pelo enxame inteiro, portanto continuou correndo, tropeçando nas pedras e saltando sobre árvores caídas, e seguiu pela direção sudoeste até uma área da montanha com a qual eu não estava nem remotamente familiarizado. Passou em disparada por entre uma abertura no meio de duas rochas de granito enormes e saltou um regato alimentado pela

montanha, depois atravessou uma floresta densa de abetos brancos e zimbros e deslizou por uma escarpa de sedimentos soltos, levantou-se e subiu cambaleando de novo pelas rochas projetadas da terra que ficavam em cima de outro morro, enquanto eu ia atrás dela, berrando:

— Bridget! Bridget! BRIDGET!

Eu a persegui pelo que me pareceu ser uma hora, mas que muito provavelmente devem ter sido apenas cinco ou seis minutos antes de pensar em olhar para trás e ver o poncho vermelho preso num arbusto onde Nola havia tropeçado e caído. Eu não podia ir atrás de uma mulher e largar a outra. Comecei a voltar para ajudar Nola, mas antes de conseguir alcançá-la, ela gritou:

— Vá atrás dela! Bridget vai se perder!

Percebi um movimento a distância e fiquei confuso ao ver a adolescente de chinelos verdes correndo em nossa direção, saindo do arbusto. De onde diabos *ela* tinha vindo?

Saí correndo mais uma vez atrás de Bridget, subindo atabalhoadamente as rochas, enquanto os gritos dela eram apanhados pela matriz das paredes de pedra e atirados de volta para a floresta, confundindo meu senso de direção.

Então os gritos pararam. Chamei:

— Bridget? BRIDGET?

Às minhas costas ouvi um barulho nas rochas e me virei, então vi Nola com o poncho vermelho seguida pela garota de chinelos verdes. Esperei até que elas me alcançassem, e todos nós, sem fôlego, vimos Bridget por entre a neblina à frente, pisando sobre o que, para meu horror, parecia ser um felino de pelo claro.

— Meu *aplique!* — urrou ela.

— Mas que merda...? — Foi a única coisa que consegui dizer ao me dar conta de que era seu apliche de rabo de cavalo, e não um mamífero morto caído na terra aos pés dela.

As bochechas de Bridget estavam manchadas de rímel preto, seu cabelo loiro curto espetado para todas as direções. Ela segurava a própria nuca, berrando:

— Fui picada! Fui picada!

Nola obrigou a mulher em estado de pânico a sentar-se sobre uma pedra.

— Onde?

Ela apontou para o pescoço.

— O ferrão ainda está aí!

Picadas de abelha doem como o diabo, mas aquela dor ardida em geral some depressa.

— Daqui a pouquinho para de doer — falei.

— Eu sou *alérgica!* — berrou Bridget.

De repente entendi o terror dela.

— Isso não é nada bom — disse Nola.

A garota de chinelos verdes encontrou a bolsa esportiva azul de Bridget e começou a remexer ali dentro.

— Esqueci o remédio na mala — disse Bridget, tremendo.

— Ah, querida — disse Nola. — Não estou vendo nenhum ferrão.

— No meu pescoço — respondeu Bridget, respirando descontroladamente.

— Respire fundo — ordenou Nola.

Parecia algo estranho a se dizer para uma mulher cuja glote estava se fechando devido ao choque anafilático.

— Onde no seu pescoço?

A respiração de Bridget chiava enquanto ela apontava o ponto.

Nola procurou.

— Não tem nenhum ferrão aqui. Nenhuma marca de picada.

O rosto de Bridget ficou zangado, e ela se esforçou para respirar.

— Aqui! — disse com voz rouca, apontando mais uma vez.

— Não tem nenhum ferrão — repetiu Nola. — Respire fundo. Respire *fundo*.

Bridget apontou de novo para a nuca.

— Bem aqui!

A garota de chinelos verdes olhou também, mas tampouco encontrou alguma picada. Eu não conseguia entender qual a importância de saber *onde* tinha sido *a* picada. Ela não tinha levado o remédio. Sua glote se fecharia, e a Estação da Montanha ficava a pelo menos dois quilômetros de distância.

— Não estou vendo nada — disse Nola. — Absolutamente *nada*.

A respiração de Bridget chiava dramaticamente:

— No meio!

— Nada.

A irritação parecia estar mitigando a reação alérgica.

— Olha embaixo do meu cabelo!

Nola se demorou um instante fazendo isso.

— Acho que você não foi picada.

— Fui, sim! — insistiu Bridget.

— Mas você está respirando muito bem — observei.

— É verdade — concordou Nola.

Bridget esfregou o pescoço e fez beicinho.

A garota silenciosa me olhou nos olhos. Por um brevíssimo momento, eu me perguntei o que ela estaria fazendo ali e qual o motivo daquele comportamento estranho.

— Eu fui *picada!* — jurou Bridget.

— É melhor a gente voltar — falei, virando-me para Nola. — Para o caso de ela ter uma reação tardia.

— É isso — disse Bridget. — Estou tendo uma reação tardia.

A neblina se tornara uma sopa viscosa através da qual não podíamos ver nem chão, nem céu.

— Está espessa como um ensopado — disse Nola.

Eu logo descobriria que ela tinha um talento especial para declarar o óbvio.

— Tem certeza de que você sabe o caminho? — quis saber Bridget.

Húbris, eu lhe apresento Wolf Truly.

— Tenho — respondi, começando a andar.

A voz de Bridget se ergueu enquanto caminhávamos lentamente por entre as nuvens aglomeradas:

— Não estou enxergando *nada*.

Raízes retorcidas de árvores serpenteavam por entre as rochas escorregadias. Nossos dedos dos pés tropeçavam e nossos calcanhares nos aparavam. A adolescente, com seus chinelos verdes, ficava para trás, mas sua pisada era surpreendentemente firme, considerando a situação. Senti seu cheiro — alçaçuz vermelho e sabonete Dove.

— Parece que estamos em uma bela enrascada, aqui — disse Nola, rindo para esconder sua preocupação.

— Como é mesmo o seu nome? — gritou Bridget para mim através da névoa. — Eu que esqueci ou você que não disse?

— Wolf — falei.

— Como?

— Wolf.

— Wolf? Eu teria me lembrado desse nome. *Wolf*.

— Wolf? — repetiu Nola. — Você disse que seu nome é *Wolf*?

— É apelido de Wilfred. Wilfred Truly.

— Então não teria que ser Wilf, se seu nome é Wilfred?

— É Wolf e pronto — falei.

Era como a minha mãe me chamava. É como todos me chamam. Wolf.

A garota de chinelos verdes não disse seu nome nem tentou se comunicar de maneira nenhuma. Então me ocorreu que ela poderia ser muda.

— Precisamos encontrar o caminho de volta — disse Nola, acrescentando desnecessariamente: — Antes que escureça.

Quando chegamos a uma espécie de encruzilhada, farejei o ar, esperando encontrar o cheiro da trilha de volta, mas a única coisa que consegui identificar foi o cheiro do sachê de lavanda de Nola, o suor perfumado de gengibre de Bridget e o cheiro ensaboado da adolescente.

— E agora, para que lado? — quis saber Bridget.

— O lago fica para cá — falei, apontando.

Caminhamos em silêncio durante quase uma hora, por cima de pedras, através dos desfiladeiros de granito e da vila de abetos brancos. Continuamos, passando o aglomerado de carvalhos. Não havia um fruto sequer, apenas as cascas deixadas por esquilos e ratos. Eu suava, apesar da temperatura gradualmente menor. Em certo momento, percebi que havíamos começado a *descer* suavemente. Eu sabia que o caminho de volta a Lago Secreto deveria ser uma *ascensão* gradual e lembro que disse a mim mesmo que aquilo devia ser apenas um caminho diferente, um atalho que uma hora acabaria nos levando para cima de novo. E assim eu as “guiei”. Que isso seja dito.

As bochechas de Nola estavam coradas de frio. Bridget tinha fechado completamente sua jaqueta com capuz, cobrindo o cabelo loiro bagunçado, e colocado outro casaco por cima. A garota muda tremia de frio apesar de estar de casaco, e me contorci de pena quando baixei os olhos e vi seus dedos escarlates nos chinelos verdes.

Encontrei uma rocha, apoiei-me nela, arranquei as botas, tirei as meias térmicas para trilha — que Byrd me dera num Natal — e as entreguei para a garota, murmurando “tome” como um idiota. Ela pressionou as meias de lã de volta em minhas mãos e balançou a cabeça.

— Tudo bem, antes que esfrie demais estaremos de volta — declarou Nola, cheia de convicção. — Mas foi um gesto muito bonito, Wolf. Alguém o chama de Wilfred?

Pensei na minha tia Kriket. Pensei no meu pai. Pensei no meu amigo Byrd.

— Não.

O vento dançava nas árvores, repreendendo os gaios impertinentes enquanto seguíamos adiante.

— Vamos, gente — falei. — Por aqui.

O tempo na montanha pode ser traiçoeiro e frustrante, como a garota que um dia pensei amar. O tempo mudava e encolhia-se, ricocheteava e ecoava, dormia com professores universitários e rejeitava o amor verdadeiro. Caminhamos em silêncio durante o que pareceu um tempo bastante longo antes de pararmos para recuperar o fôlego e pensar no caminho.

— Acho que já passamos por aqui — disse Bridget. — Lembra quando você apontou para a torre? Não era para ela estar bem ali?

Caminhamos em frente e, ao descermos uma encosta curta, perdemos o equilíbrio inesperadamente por culpa de um trecho cheio de pedrinhas soltas. Só deslizamos por alguns centímetros, porém, e nenhum de nós caiu.

— Isso podia ter sido *bem* pior — comentou Nola.

Por acaso, meus olhos e os da garota muda se encontraram. Ela ficou lívida e engasgou, em seguida virou-se para vomitar nos arbustos. Tentei não levar aquilo para o lado pessoal.

Com Nola e Bridget, observei o arco trêmulo da coluna da garota conforme ela vomitava. Nola tentou se aproximar, mas Bridget a conteve, segurando-a pelo poncho vermelho. Não finjo agora e nem fingi naquele momento que entendo as mulheres. Imaginei que sabiam melhor que ninguém quando uma delas precisava ficar sozinha.

— Está tudo bem? — gritou Nola.

A garota limpou a boca com a manga do casaco e assentiu em resposta — então não era surda. Levantou-se e se aproximou para ficar ao meu lado, na frente do grupo.

Bridget trocou um olhar com Nola e seguimos em frente, até chegarmos a outra encruzilhada em meio à folhagem alta.

— Que horas devem ser? — perguntou-se Bridget, cruzando os braços sobre o peito.

Imaginei que seriam um pouco mais de quatro da tarde. Dali a mais ou menos uma hora, a montanha estaria mergulhada na noite, e Nola e eu éramos os únicos vestidos adequadamente para encarar o frio. Na estação do teleférico eu não me dera ao trabalho de checar a previsão do tempo na montanha, mas sabia que, naquela época do ano, teríamos sorte se não pegássemos chuva — ou neve.

— Vamos continuar — falei.

Com passos pesados, seguimos um pouco mais, subindo o granito estriado e o quartzo salpicado de geada sob a serenata do coro de reclamações de Bridget: “Estou com tanto frio. Será que não dá para ir mais depressa? Essas pedras estão muito soltas.”

Ficou claro para mim que a garota de chinelos verdes estava andando o mais rápido que podia, e Nola, mais depressa do que eu esperava, dada a idade dela. Continuamos escalando as rochas por outros dez ou quinze minutos, o que deveria ser o suficiente para chegar até Lago Secreto. Porém, nada mais parecia familiar, ou melhor, tudo parecia: os mesmos pinheiros esqueléticos nos espiavam através da neblina em todas as direções. As mesmas rochas afiadas.

— Estão ouvindo? — disse Bridget. — Parece uma cachoeira.

Todos nós ouvimos o ruído de uma queda d’água, ilusão auditiva pela qual a montanha era famosa.

— É o vento — falei. — É o vento.

— Parece que está naquela direção — disse Bridget, apontando para a esquerda.

— É o vento — repeti.

— Mas parece mesmo uma cachoeira — disse Nola.

— Parece.

— Não era aqui que os turistas deveriam estar? — indagou Bridget. — Na cachoeira? Será que não é melhor a gente tentar encontrá-la?

— A única cachoeira próxima daqui é a Queda do Coração — falei. — Fica a quase doze quilômetros de distância, no fundo do desfiladeiro. Não existe nenhuma trilha até lá. Vamos. Precisamos voltar para a Estação da Montanha.

UMA CORUJA se pôs a piar nas árvores acima, o que nos fez parar. Estava mais tarde do que eu imaginava. Quando fizemos uma pausa em uma pequena clareira para recuperar o fôlego, tentei manter a calma, mas sabia que estávamos perdidos. Eu nunca havia me perdido antes, pelo menos não na montanha.

A coruja piou mais uma vez. Eu tinha certeza de que era um sinal — de Byrd? De Deus? —, uma advertência.

— Não podemos continuar — falei. — É suicídio caminhar no escuro. Precisamos encontrar um lugar para ficar.

— Você não pode estar falando sério. — Bridget ficou tensa. — Está dizendo que teremos de passar a noite aqui?

— Vai ficar tudo bem. Não vai ter problema.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

Nola estendeu a mão e apertou o braço dela.

— É só uma noite. Você consegue aguentar uma noite.

A garota de chinelos verdes não disse nada, mas percebi que estava com medo. Bridget fungou, mas não consegui encontrar palavras para tranquilizá-la. Basicamente estava irritado por ela ter saído correndo das abelhas, para começo de conversa.

Olhamos em volta, tentando vasculhar a neblina para encontrar um abrigo adequado. Não encontrando nenhuma caverna ou beiral, rapidamente concordamos que o lugar onde estava um tronco de árvore caído seria tão bom como qualquer outro para passar a noite fria.

Ao inclinar-se para limpar um espaço antes de se sentar, Bridget assustou-se com um grupo de besouros pretos que entrava e saía de um túnel na terra e soltou um grito de gelar o sangue. Recuou para se afastar dos insetos rastejantes e, ao fazer isso, um aglomerado de pedras se soltou embaixo de seus pés e rolou pela encosta ali perto, que era mais profunda e mais íngreme do que eu havia imaginado.

Nenhum de nós queria dormir com aqueles besouros, de modo que decidimos rolar o tronco para longe da toca deles. Nola sugeriu um local plano no alto do morro, perto de um arbusto de manzanita, que ajudaria a bloquear o vento. Concordamos e nos inclinamos para afastar o tronco dos insetos nojentos, mas, como estávamos agindo contra a gravidade, as rochas ficavam instáveis sob nossos pés. Depois de muito bufar e resfolegar, conseguimos afastar o tronco pesado uns poucos metros encosta acima. Bridget reclamou que os besouros continuavam perto demais, e nós quatro empreendemos esforço máximo mais uma vez.

Tudo aconteceu muito rápido. (Quantas vezes um homem arrependido já não disse essas palavras?)

Estávamos arrastando aquele maldito tronco morro acima... e, de repente, despencamos, perdidos no caleidoscópio de rochas, poeira ocre, arbustos de manzanita e sálvia, conduzidos por rochas redondas que se aproximavam, e limo, e vegetação densa, e caímos no chão com um golpe seco.

Tudo aconteceu muito rápido.

Machucados e assustados, nós nos levantamos e, depois de reunir ânimo, tentamos encontrar um ao outro no meio das rochas, terra e arbustos de raízes aparentes que escondiam a beira do precipício.

Nola, a que caiu mais longe, tossiu e gritou:

— Vocês estão todos bem?

Gritei de volta que sim, e Bridget fez o mesmo. A garota não disse nada, mas pude ver que ela caíra na extremidade de um arbusto de frutas silvestres e não parecia ter se ferido gravemente.

Bridget choramingou, de algum lugar às escuras:

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

Porém, não berrou, o que interpretei como um bom sinal.

— E você, Nola? Está tudo bem? — gritei.

— Tudo bem! — gritou ela em resposta. — Só machuquei o punho!

Olhei para cima, ao crepúsculo, para a altura de onde havíamos caído. Era um milagre que nenhum de nós tivesse morrido. Um milagre.

Eu me virei e vi a garota arrastando-se em minha direção, rodeando uma grande rocha, e fiquei chocado ao ver que ela não perdera os chinelos verdes. Tinha um pequeno corte na bochecha e um rasgão no casaco, mas fora isso parecia bem.

— Tudo bem?

Ela assentiu, enquanto Bridget saía de entre duas grandes rochas. Sua legging tinha rasgado na altura dos joelhos e ela tinha arranhões nas mãos e na bochecha.

— Perdi minha sacola — disse. — A água e as barrinhas estavam nela.

— De manhã nós a encontraremos — prometi. Ergui a mão para ajustar meu boné de beisebol e percebi que ele não estava mais lá. Meu boné dos Detroit Tigers. Torci para encontrá-lo também.

— Minha mochila está aqui! — disse Nola, triunfantemente, quando por fim apareceu por entre um arbusto denso. — Perdi os binóculos. Eles estavam no meu pescoço.

— Vamos encontrar tudo isso de manhã — falei.

Então Nola levantou a mão, tão surpresa quanto nós ao perceber um estilhaço de osso branco saindo de seu punho direito.

— Nola — falei, com cautela, com medo de que ela desmaiasse.

— Ai, pelo amor de Deus!

Ela revirou os olhos como se tivesse derramado café na sua blusa e se irritasse consigo mesma por ter sido tão desastrada. Quando ela andou, uma cascata de sangue verteu do osso afiado.

Bridget gritou e virou o rosto.

A garota de chinelos verdes entrou em ação.

— Precisamos enrolar isso. Alguém tem uma echarpe?

Então não era muda. Enfiei as mãos nos bolsos e encontrei uma bandana preta amassada. Entreguei-a para a garota e a observei ajustar os ossos do punho fraturado de Nola antes de amarrar a bandana sobre o ferimento. Nola mordeu o lábio para não gritar. Aquilo devia ter doído horrores.

A garota manteve a pressão no ferimento, mas Nola estava sangrando muito, e logo a bandana ficou encharcada. Meu coração disparou, pois sabia o quão depressa uma vida podia se extinguir.

— Isso não é o ideal — disse Nola.

— Precisamos de mais ataduras — disse a garota. — E de uma tala.

— O que você tem na mochila? — perguntou Bridget, sem se virar.

— Meu suéter de Natal, mas acho que não vai adiantar — disse ela. — Será que é melhor eu tentar tirar meu agasalho?

— Não — respondemos em uníssono.

Rapidamente comecei a me despir, sentindo os olhares das mulheres me atravessando enquanto eu tirava o casaco, o moletom com capuz, a camisa de manga comprida, e por fim chegava até a camiseta velha de Bob Seger de Frankie, que eu colocara naquela manhã ao preparar meu corpo para o enterro. Percebi que eu estava prestes a revelar minha tatuagem para três desconhecidas e dei as costas para elas antes de retirar a camiseta. Tornei a me vestir e, depois de sentir certo prazer em rasgar a camiseta de Frankie, entreguei as faixas para a garota.

Bridget olhou em torno da natureza que escurecia, depois abriu a boca e berrou com toda a força de seus pulmões:

— *SOCORRO!*

O som ricocheteou e ecoou contra as rochas, depois foi apanhado e carregado para longe pelo vento.

— Poupe o fôlego — falei para ela. — Ninguém irá conseguir nos ouvir com essa ventania. Vamos ter que esperar ela diminuir.

Enquanto a garota enrolava as faixas de pano ao redor do punho de Nola, fiz uma busca rápida pelas rochas mais próximas e encontrei uma cavidade rasa e quadrada, onde ficaríamos pelo menos um pouco abrigados do vento.

— Aqui! — gritei. — Uma gruta!

Depois de nos acomodarmos dentro da gruta, que estava mais para um mero buraco, a garota continuou a enrolar as ataduras improvisadas ao redor do ferimento de Nola, improvisando uma tala com uns gravetos que encontrara. Era uma sorte para todos nós que ela não tivesse quebrado o tornozelo ou, pior, o quadril.

— Acho que você conseguiu estancar o sangramento — falei.

Depois de a ferida de Nola ter sido coberta, tentamos nos acomodar no espaço apertado. Nola ficou sentada ao lado da garota, a garota, na minha frente, e Bridget, ao meu lado, mas todos estávamos nos encostando de alguma forma. Um cobertor de frio caíra, rápido e implacável.

— Sentiram isso? — sussurrou Nola, como se não quisesse que o ar ouvisse. — A temperatura acabou de cair dois dígitos em meio segundo.

Do bolso, retirei as meias cinzentas e grossas e me inclinei até encontrar as mãos da garota. Ela apertou meus dedos em agradecimento, aceitou as meias e cobriu com elas seus pés duros e nus.

— Vamos morrer congelados — disse Bridget.

— Estamos em novembro. Não vai esfriar tanto assim — menti.

Nola enfiou a mão boa na mochila e revirou em busca do suéter extra que havia levado.

— Coloque isso — disse ela, pressionando o embrulho de lã áspera sobre os braços da garota.

— Essas meias são boas, mas seus dedos ainda estão frios — falei, reposicionando-me de modo que ela pudesse enfiar os pés gelados embaixo de minha camiseta de manga comprida.

A garota hesitou, depois permitiu que eu guiasse seus pés para baixo de minha camiseta, contra o calor de meu peito nu. Mesmo por cima das meias de lã, o frio de seus dedos gelados chocou meus mamilos.

— Frios — comentei.

— Valeu — disse ela.

Na escuridão, senti Nola e Bridget se entreolharem.

O vento aumentou, rugindo para dentro de nosso abrigo, e nos enrodilhamos mais perto uns dos outros para nos aquecer com o calor corporal. Tirei o casaco e o coloquei sobre os ombros de Bridget, dizendo:

— Vamos dividir o casaco.

— Já estou morrendo de frio — respondeu ela.

— Ninguém aqui vai morrer de frio — falei.

— Wolf — disse Nola, para mudar de assunto. — Nunca conheci nenhum Wolf. Uma vez conheci um Cat. E um Bear... Bom, o nome dele era Barry, mas as pessoas o chamavam de Bear. Nem sei como se escrevia.

— Tente manter a mão elevada — lembrei a Nola. — Apoie-a sobre o joelho. Isso ajuda a não inchar tanto.

— Você fica bastante calmo nas situações de crise — disse Nola.

Fiquei tentado a lhe dizer que, se não fosse por mim, nós nem *estariamos* ali. Se nossos caminhos não tivessem se cruzado, as mulheres estariam no fundo de uma greta, perdidas em alguma outra região da montanha ou talvez tivessem desistido de encontrar o lago e voltado até a Estação da Montanha. Se nossos caminhos não tivessem se cruzado, eu nem estaria mais vivo.

Foi quando percebi que meu desespero, que caíra sobre mim depois do acidente de Byrd e se aprofundara com a prisão de Frankie, havia sumido, se perdido durante a queda, junto com a bolsa esportiva de Bridget e meu boné de beisebol dos Tigers. Era como se um interruptor tivesse sido desligado — ou melhor, ligado.

Aquecida pelo meu calor, a garota mexeu os dedos dos pés.

— Você tem nome? — perguntei.

— Vonn — disse ela. *Vonn*.

A presença de Vonn entre nós me deixou confuso, tanto quanto a pouca atenção que as outras duas lhe prestavam. Apertei seus pés com um pouco de força demais para provar a mim mesmo que ela não era um fantasma.

— Sabe fazer uma fogueira, Wolf? — perguntou Nola.

— Você tem *alguma coisa* na sua mochila com a qual possamos acender uma fogueira? — perguntei. — Fósforos? Isqueiro?

— Desculpe, mas eu não fumo — disse Nola, com sinceridade.

— Primeira vez que eu gostaria que alguém fumasse — disse Bridget, batendo dentes. — Quer dizer, nesse momento eu gostaria muito, muito mesmo, de ser fumante.

— Não dá para fazer fogo esfregando gravetos ou coisa assim? — inquiriu Nola.

Eu não sabia fazer fogo sem faísca nem à luz do dia, quanto mais no escuro. E o ar estava úmido demais, para completar.

— Não tem lenha seca — falei.

— Achei que você fosse um guia. Primeiro você faz a gente se perder, depois não sabe fazer uma fogueira? — disse Bridget, em tom sarcástico.

— Ele não fez a gente se perder — disse Vonn.

— Aquelas malditas abelhas! — exclamou Nola.

Vonn soltou um suspiro, que fez Bridget virar-se para ela, com raiva:

— O que você acha que eu devia ter feito? Deixar que elas me *picassem*? Sem meu *remédio*?

Vonn abriu a boca, depois fechou novamente.

— Eu só acho que é propaganda enganosa alguém aceitar ser pago como guia quando na verdade não tem a menor experiência em orientação na floresta ou conhecimentos em sobrevivência.

— Certo.

Bridget não queria deixar o assunto de lado.

— Bom, qual é o seu plano, Homem da Montanha?

Homem da Montanha. Pensei ter ouvido uma risadinha de trás de uma rocha.

— Ouviu isso? — perguntou Bridget.

Pensei que ela também tivesse ouvido.

— Escutem. — Ela esperou que fizéssemos silêncio. — Parece de novo aquela cachoeira.

— Não dá para confiar na acústica da montanha. Você acredita ouvir coisas, como cachoeiras, aviões ou vozes, mas é só o vento. Não importa o que você pensa ter escutado aqui no alto, garanto que é só o vento.

O vento mudou de direção com um floreio, e nos viramos na direção dele, inclinando o pescoço para ver as densas nuvens se erguerem, atônitos pelo fato de o vale ter se tornado visível, revelando a amplidão cintilante da cidade a milhares de metros abaixo de nós, as luzinhas das turbinas eólicas à distância.

Nola declarou:

— É Palm Springs!

Bridget apontou para o noroeste longínquo.

— Olhem ali. Meu Deus, parece uma joia... o que é aquilo ali?

Era a Vila de Lata. E isso era o curioso: não estávamos perdidos.

— Não estamos perdidos! — gritou Bridget.

Nola riu.

— Que alívio! Podemos simplesmente descer daqui de manhã!

— Não exatamente — falei. — Tenho certeza de que isso aí é o Desfiladeiro do Diabo.

— Então vamos descer o Desfiladeiro do Diabo — disse Nola. — Teremos uma história e tanto para contar.

— Não é assim tão simples — falei.

— Vamos dar bem na frente daquele restaurante de café da manhã! — disse ela, apontando para as luzes da cidade.

— Acho que não podemos descer por aí — falei.

— Como assim?

— Não podemos descer por ali, Sra. Devine. Teremos de tentar *subir* de novo por onde caímos — falei.

— Não seja bobo — disse Nola. — É íngreme demais para eu conseguir escalar com essa pata quebrada. Além do mais, podemos nos perder novamente! É loucura, quando sabemos exatamente onde estamos agora! Por que *subir* em vez de *descer*?

— Não estamos exatamente tentando *descer*. Só estamos tentando *sair* — falei. — Sei que isso vai contra seus instintos.

— Eu acredito em instintos — disse Nola.

— Eu também — disse Bridget, e acrescentou, para que eu ficasse ciente: — Sou vidente.

A garota sentiu ânsias. Acho que ainda estava meio enjoada da viagem de teleférico.

— Deve haver uma trilha que desça até Palm Springs — disse Nola. — Tenho certeza de que conseguiremos encontrá-la.

— Confie em mim, Sra. Devine. Isso aí é um labirinto de desfiladeiros profundos e rochas íngremes. Você pode até conseguir descer, mas não vai mais conseguir subir de volta e nem vai chegar a Palm Springs.

— Mas daqui parece que basta ir caminhando — insistiu Nola.

Eu me lembrei da história que Byrd tinha me contado sobre o trilheiro.

— Uma vez, há muito tempo, um cara chamado Jack perdeu o último teleférico de volta. Entrou em pânico aqui sozinho no escuro, quando descobriu que estava trancado fora da Estação da Montanha.

— Jack Mazlo? — disse Nola. — Está falando de Jack Mazlo?

— Você conhece Jack Mazlo? Ele é meio que uma lenda, não é?

— Acho que sim.

— Eu não conheço nenhum Jack Mazlo — disse Bridget.

Contei às mulheres sobre como ele desceu a trilha do teleférico, que na verdade não era trilha nenhuma.

Quando terminei a história, Bridget suspirou.

— Pelo menos ele foi encontrado. Coitado. Pelo menos sobreviveu.

— Mas ele não sobreviveu — disse Nola.

— Sobreviveu, sim, com certeza — falei.

— Eu conheci Jack Mazlo — rebateu Nola. — Ele morreu naquela noite, Wolf.

— O quê?

— Ele morreu naquela noite.

— Não — falei. — Eles o encontraram nos arbustos perto da primeira torre do teleférico. Ele costuma frequentar o café. E se senta assim. — Inclinei o quadril.

— Você já o viu? — perguntou Nola.

— Bom, não pessoalmente.

— Quem lhe contou essa história?

— Um cara que sabe tudo sobre a montanha.

— Jack estava morto quando o encontraram — disse Nola. — Ficou ali caído com a perna quebrada durante dois dias inteiros, segundo calcularam. Ninguém conseguia vê-lo por causa do arbusto denso e ninguém ouvia os gritos lá no teleférico.

— Ele não foi resgatado? — Eu estava tentando absorver a terrível verdade.

— Ele tinha só 26 anos.

— Tão jovem — disse Bridget.

— Jack e Janice Mazlo. Eram nossos vizinhos em Cathedral City quando nos mudamos de Ohio. Tinham um filhinho de 4 anos, o Jack Júnior. Foi muito triste. Ouvi dizer que ela voltou para o Texas com o menino. Eu me pergunto o que terá acontecido com o pequeno Jack.

— Que história terrível — disse Vonn.

Fiquei com raiva de Byrd por ter mentido.

— Gosto mais da sua versão — disse Nola, inclinando-se para apertar meu braço no escuro. — Fiquei completamente arrasada quando aquele garotinho perdeu o papai.

Ela me fez pensar em Frankie, e fiquei incomodado com a saudade súbita que senti do meu pai, apesar

de ele ser quem era.

Frankie não era o pai do ano, mas uma vez ou outra era um pai e tanto. Um dia conseguiu barras de fudge de chocolate de graça para o quarteirão inteiro depois de perseguir o motorista do caminhão da Sweet'n'Freeze para receber o pagamento de uma dívida. Fiquei muito orgulhoso de comer a minha parte empoleirado no alto dos ombros dele.

EM UMA NOITE quente de julho, Frankie e eu saímos de Mercury, no Michigan, para ir a Santa Sophia, na Califórnia, no escuro, depois de atulhar nossas poucas posses no bagageiro do Gremlin verde recém-comprado.

A um quarteirão de casa, sentimos um cheiro horrroso e suspeitamos que houvesse algum rato morto alojado em uma reentrância do sistema de resfriamento do carro, porque o fedor piorava consideravelmente quando ligávamos o ar-condicionado. Frankie não tinha notado nenhum mau cheiro quando comprou o veículo, porque estava fumando. Foi uma partida agourenta.

As estradas estavam quietas, e ao passarmos pela biblioteca, virei a cabeça para admirar as coníferas altíssimas que ladeavam a calçada. Lembro-me de haver pensado na previsão da Srta. Kittle, de que eu não sentiria falta do inverno. Tentei imaginar a montanha no meio do deserto enquanto Frankie se remexia no assento de vinil lascado, piscando rapidamente enquanto tamborilava os dedos no volante com a aliança que ele nunca parara de usar, cantarolando alguma canção sobre remorso.

Eu não sabia se ele sentia remorso de haver gastado dinheiro naquele Gremlin fedorento ou se o remorso era pela vida em geral, mas eu tinha bastante certeza de que toda aquela agitação se devia às “aspirinas” que ele enfiara goela abaixo pouco tempo antes — anfetaminas para mantê-lo acordado ao volante, imaginei. Talvez sentisse remorso por ter tomado as bolinhas.

Encostamos no meio-fio em Old Dewey, com as janelas abertas, antecipando uma semana inteira de estrada. Propus que marcássemos nossa chegada na Califórnia com um ritual: pegando o teleférico até o alto da montanha e depois fazendo a trilha que percorria as últimas centenas de metros até o topo, no nosso primeiro dia ali.

— Não vamos pegar o teleférico. Precisamos *escalar* aquela porra! — disse Frankie, batendo a mão no painel.

— Acho que você não devia chamar a montanha de *porra*, considerando que ela tem nome de santo.

— Eu não sou supersticioso, Wolf — disse ele, pegando o caminho errado para sair da cidade.

— Religioso, você quis dizer — corriji.

— Eu sei o que eu quis dizer — disse Frankie, dando seta para a direita e depois para a esquerda, sem virar em nenhuma das duas direções. — Vamos escalar, como homens, do sopé até o cume.

— Acho que é um caminho e tanto.

— E deve ser uma vista daquelas. Um pai deveria ver uma coisa dessas com o filho — disse Frankie.

Ao contrário da maioria dos garotos adolescentes, eu achava a ideia de escalar uma montanha ou fazer qualquer coisa com meu pai bastante atraente.

— Assim que a gente chegar, no primeiro dia.

— No primeiro dia. Vamos subir de tarde e assistir o sol se pôr — disse Frankie.

— O livro disse que a escalada demora um dia inteiro, Frankie, e isso só da estação de trem até o cume. E que as pessoas só deveriam tentar fazê-la se estiverem em ótima forma.

— Eu sou uma *rocha* — disse ele, tendo um acesso de tosse logo em seguida.

Precisei segurar o volante para que ele cuspsse catarro em um trapo que encontrara caído no chão.

— Talvez você devesse parar de fumar — comentei.

Ele limpou o nariz na manga da camisa, tentando se concentrar na estrada.

— Estou deixando as coisas me atingirem — disse ele. — Ando deixando as coisas me atingirem,

Wolf. Não tem sido uma época fácil. Muito sofrimento. Muitas frustrações. Muito desgosto.

Era verdade.

— Não estou recebendo o que eu preciso deste mundo. Entende?

Eu entendia.

Ele assoou o nariz mais uma vez.

— Preciso me recompor, sabe.

— É verdade.

Isso o irritou.

— Daí essa mudança. Um novo começo, limpo. É disso o que eu preciso. Do sol da Califórnia, das laranjeiras, limoeiros, oliveiras e abacateiros de lá. Essas merdas são capazes de fazer sua expectativa de vida aumentar em trinta anos. Ou mais.

O negócio é que eu vi no rosto de Frankie, no próprio instante em que ele dizia aquelas coisas, que ele não tinha a menor certeza se desejava viver trinta anos a mais.

Ofereci apenas um protesto tímido quando ele sugeriu fazer uma paradinha rápida na casa de um amigo, que ficava, segundo ele, no caminho da saída da cidade. Eu na verdade queria estar em qualquer lugar, menos preso dentro daquele Gremlin malcheiroso com um pai fungando, adrenalizado, que não parava de tamborilar a aliança no volante.

A casa de fazenda onde Frankie se encontraria com seu “sócio” Warren ficava a quinze minutos de carro da casa azul na Old Dewey e, oficialmente, dentro dos limites da cidade de Mercury.

— Tem certeza? — perguntei, enquanto subíamos os degraus do alpendre.

O cheiro de gado do pasto do vizinho era terroso e puro. Inspirei aquele odor e me espantei quando a luz do alpendre tremulou acima de nossas cabeças e um homenzinho diminuto, com barba espetada, abriu a porta. Trajava um robe de banho feminino azul-turquesa e botas de caubói sujas de lama. Eu era uns dez centímetros mais alto do que o sujeito, mas ainda assim ele farejou meu medo.

Warren nos conduziu pelo longo corredor, espremendo-se de lado para passar por pilhas empoeiradas de jornal e papelão, que me fizeram espirrar descontroladamente.

— Fala pro seu filho largar mão de ser um filho da mãe — disse ele.

— Mais respeito — avisou meu pai.

Frankie me disse para esperar na cozinha, onde tomates apodreciam num cesto perto de um cinzeiro. Respirando pela boca, observei meu pai seguir o robe azul de Warren até a extremidade de um corredor poeirento.

O vento fustigava a vidraça trêmula enquanto eu me esforçava para observar as lavouras e o pasto mal-iluminado além. Senti saudade de minha mãe. De repente, tive a sensação de que abandonar Mercury era como abandoná-la. Minha tristeza aumentou conforme o gélido ar noturno se infiltrava por baixo da porta da cozinha.

Como de costume, eu levava um livro. Aprendi bem cedo que, quando saíamos da casa azul, não era para ir a nenhum jogo do Tigers ou do Lions, para a Metropolitan Beach, um rинque de patinação, um parque aquático ou nenhum parque de tipo algum, nem para o zoológico ou ao cinema e tampouco para o shopping ou o supermercado. Iríamos para alguma casa, às vezes um pequeno escritório, um beco ou estacionamento, onde Frankie sumia durante uma hora ou mais. Sem um livro, eu me sentia sozinho — ou pior, sozinho com os filhos dos outros, com a esposa bêbada dos outros ou a triste irmã ou secretária amargurada dos outros. Às vezes, simplesmente, com a escuridão.

Abri o romance, mas era difícil me concentrar com o barulho que vinha do lugar onde Frankie e Warren tinham se enfiado para conversar sobre negócios. Ouvi Frankie levantar a voz, depois Warren se agitar, e a coisa seguiu assim durante quase meia hora. O silêncio, quando chegou, foi ensurdecedor.

Por um momento, fiquei paralisado. Finalmente me levantei e me aventurei pelo corredor. Encontrei meu pai caído no chão de um quarto, ao lado de uma pilha de lençóis sujos. A janela dos fundos estava

aberta e vi Warren ao luar, caminhando pelo campo sulcado, segurando um travesseiro contra o robe, em direção à densa floresta mais à frente. Quão longe ele conseguiria chegar? Para que o travesseiro? Por que a floresta? Que merda tinha acontecido?

Eu me ajoelhei e tentei levantar a cabeça pesada do meu pai. Seu cabelo era mais áspero do que eu me lembrava, e seu pescoço, mais musculoso do que eu imaginava. Quanto tempo fazia que eu não tocava o meu pai? *Anos?*

Quando criança, eu me sentava no colo dele, sentindo seu cheiro (filtros de cigarro Camel e sabão Irish Spring, nos dias bons), ouvindo as batidas do coração, tracejando a tatuagem de *Glory Eternamente* com minha unha suja. “O que mais ela gostava de fazer?”, eu perguntava, e Frankie me contava histórias sobre como minha mãe gostava de livros e bibliotecas, de arco-íris, brechós, confeitaria, e sobre como ela estava sempre procurando maneiras de voltar no tempo em vez de seguir em frente. Nenhum detalhe era insignificante demais: “Glory adorava balinhas de menta, sempre levava uma lata na bolsa.” Eu me lembrava da lata e também do cheiro de menta.

A janela bateu nos caixilhos enquanto eu endireitava a cabeça cambaleante do meu pai e procurava sentir a pulsação no pescoço. O cheiro de urina fez minhas narinas arderem, e quase caí de alívio quando senti a poça quente ao meu joelho, mas meu pânico renasceu quando percebi que o jato de urina de Frankie não era prova efetiva de que ele estivesse vivo. Na verdade, eu não tinha o menor conhecimento de quais líquidos corporais os mortos eram capazes de soltar.

Acomodei meu pai no chão e inclinei sua cabeça para deixar livres as vias aéreas, então me inclinei sobre ele, tal como treinamos com o boneco na aula de primeiros-socorros. Depois de cobrir a boca de Frankie com a minha, expirei com força durante três segundos, parei, então repeti. Percebi que tinha me esquecido de fechar o nariz dele com os dedos, depois não consegui mais me lembrar de quando era para expirar e quando para prender o nariz. Tentei expirar mais uma vez. E se eu o estivesse sufocando? Tomei consciência de seus dentes, do gosto de sua saliva — ele tinha comido alguma coisa com queijo no jantar. Reprimi a ânsia de vômito. Chequei a pulsação mais uma vez.

É curioso o que a gente lembra: uma frigideira cheia de bitucas de cigarro sobre a mesinha de cabeceira; manchas castanhas na parede, de sangue ou talvez de café; pelos de cachorro no cobertor xadrez; um sutiã branco sujo pendurado num gancho ao lado da porta como se fosse algo para não se esquecer de apanhar na saída de casa. Nada ilegal, descontando a imundície. Warren devia ter levado seu contrabando consigo no travesseiro. Quão longe conseguiria chegar só com um robe de mulher?

O relógio zombava de mim. Por que um sujeito como Warren precisava de relógio? Pressionei o ouvido contra o peito de Frankie, aliviado ao encontrar ali batidas de coração, fracas e inconstantes. Então me pus em ação, chamei seu nome, dei tapas nas bochechas. Ele tinha um aspecto cinzento.

Essa, claro, era a hora em que eu chamava uma ambulância. Eu me lembrei de ter visto um telefone na cozinha e corri até lá e remexi as coisas em busca do fone. Eu o levantei, recoloquei no gancho, depois o apanhei de novo e o recoloquei no gancho mais uma vez. Se eu chamasse uma ambulância, a polícia seria envolvida. Caso sobrevivesse, Frankie iria para a cadeia ou para uma clínica de reabilitação, e eu iria parar em um temido *orfanato*.

Voltando até meu pai, notei que o vento entrava pela janela aberta, trazendo o cheiro de esterco. Fiquei parado sobre Frankie por um instante, depois recuei e chutei sua perna com força. Ele não se mexeu. Chutei de novo. Chutei mais uma vez, com mais força, e ele me assustou ao ofegar em busca de oxigênio. Como se seu motor houvesse engasgado, Frankie tossiu e cuspiu um tanto, depois voltou a respirar novamente. Acredito que naquela noite eu tenha salvado a vida de meu pai ao tentar pôr fim ao meu sofrimento.

Eu o ajudei a sentar-se, e, enquanto Frankie abaixava a cabeça para vomitar no meu jeans, dei tapinhas em suas costas e fui arrebatado pelo instinto esmagador de protegê-lo. Muitos anos depois, eu reconheceria nesse sentimento o amor paterno, e o fato de um filho sentir isso por seu pai ou sua mãe não

é tão estranho quanto se possa imaginar. Limpei a boca de Frankie com um guardanapo amassado que achei no chão e, pela primeira vez, não vi graça na confusão dele. Acariciei sua face não barbeada e disse a ele que eu sentia muito, muito mesmo, e que tudo ficaria bem. Era verdade, pelo menos a primeira parte. Frankie parecia não conseguir decidir se, ao acordar, ele tinha acabado de ganhar um prêmio ou sofrido uma derrota esmagadora. Resisti ao impulso de dizer que o amava. Não sei o porquê.

— Está tudo bem?

— Warren — disse ele, depois de um momento.

De início interpretei aquilo como uma orientação.

— Quer que o chame?

— Robe azul. — Frankie piscou os olhos, recuperando uma lembrança.

— Ele achou que você estivesse morto.

— Nossa.

— Também achei.

Frankie se sentou.

— Você chamou uma ambulância?

Era uma pergunta simples, mas a resposta continha a essência de nosso complicado futuro. Balancei a cabeça.

— Não.

Algo então passou por entre nós, um manto de alguma espécie, embora Frankie sentisse tanta relutância em entregá-lo quanto eu em recebê-lo.

— Ótimo — disse ele.

Não foi a ida para Santa Sophia que mudou as coisas para Frankie e eu. Esse instante veio antes do deserto, na noite em que começamos a viagem até a Califórnia, naquela casa imunda nos arredores de Mercury, Michigan, onde nós dois descobrimos que eu era de fato cria do meu pai.

MEU PAI tinha vários hábitos ruins, mas um dos bons era sempre manter o tanque de gasolina cheio. Seu lema era: “Nunca se sabe com que rapidez você poderá precisar ir embora, nem para quão longe você terá que ir.”

É o que eu mais me lembro da viagem de Michigan para a Califórnia: de parar para abastecer. Nossas refeições consistiam basicamente de comida de posto de gasolina — Gatorade, torresmo e batata chips, que Frankie encarava respectivamente como uma fruta, uma proteína e um vegetal. Desenvolvi uma indigestão crônica e fiquei com olheiras. Meus lábios ficaram rachados e sangrando. Acho que eu estava ficando com escorbuto.

Durante quilômetros e dias, o máximo que meu pai disse foi:

— Que calor.

Eu me sentia grato pela distração dos livros. Às vezes eles me faziam recordar a bonita bibliotecária-chefe.

Antes de irmos para Santa Sophia, em um dia em que eu e Frankie deveríamos estar limpando a garagem, a Srta. Kittle apareceu à nossa porta azul na Old Dewey. Eu já sabia que ela não tinha ido ali para me ver quando Frankie pulou em cima dela. Ele devia estar certo sobre os feromônios.

Frankie encontrara ao lado da minha cama uma foto da Srta. Kittle, arrancada de um artigo do jornal local, e achou muita graça na minha paixão por ela. Acho que foi por isso que ele decidiu sair com a Srta. Kittle. Alguns dias depois dessa primeira visita, ao chegar em casa, eu a encontrei na espreguiçadeira detonada ao lado do alpendre quebrado, tomando sol com um vestido tomara que caia de verão. Frankie apanhou o jornal e sugeriu que eu fizesse companhia para “Kitten” (era assim que ele a chamava) durante o que, segundo garantiu, seria o tempo de duração de um movimento intestinal

prolongado.

Ocupei a cadeira ao lado dela e fechei os olhos, fingindo gostar do sol também, mas basicamente fiz isso para evitar a tentação de ficar encarando a bibliotecária.

— Está animado? — perguntou ela.

— Hã?

— Em relação a se mudar para o deserto? Em relação à montanha?

— Mal posso esperar para andar de teleférico.

— E não se esqueça do cume.

— Vou virar alpinista. Igual aos caras do livro que você me deu. Quero escalar o Everest como Norgay e Hillary.

— Homens aventureiros.

— Com certeza.

— Eu gosto de homens aventureiros — disse a Srta. Kittle, o que sinceramente me deixou intrigado em saber por que ela estava com Frankie, que só tivera aventuras *ruins*. — Em algumas culturas, os garotos já são considerados homens aos 13 anos.

— Coisa que eu já tenho — lembrei.

— Coisa que você já tem — concordou ela.

— Treze e meio — falei, enfiando a mão no fundo do bolso da frente do meu jeans.

— Você pode fazer qualquer coisa que um homem faz — disse ela, focando em minha mão. — O que está fazendo agora?

Saquei um montinho de cartões de beisebol do meu bolso.

— Trocando cartões. Hoje consegui o Al Kaline. Você me trouxe mais livros?

— Eu lhe trouxe um livro sobre os usos populares das plantas — disse a Srta. Kittle, enfiando a mão na bolsa. — Veja, Wolf. Aqui: erva vermelha. É importante. Olhe com atenção.

Ela parecia estar falando sério, por isso de fato olhei com atenção para a foto do livro.

— Essa planta você conhece pelas vagens cor de rubi e as flores brancas. As sementinhas das vagens são fervidas num chá ou secas e depois fumadas. Eram usadas pelos americanos nativos em um rito de passagem de meninos. Nunca chegue perto delas. E jamais, pelo amor de Deus, as coma.

— São venenosas?

— Se você comer ou fumar isso aqui, terá alucinações.

— Uau.

— E falência múltipla dos órgãos — disse a Srta. Kittle, balançando o indicador. — Conheci um garoto que morreu por causa disso no meu último ano da escola. O pai dele era o delegado. Eles andaram por toda parte com cães farejadores e arrancaram fora todos os arbustos. Hoje em dia você não encontra mais erva vermelha em um raio de 25 quilômetros de Santa Sophia, mas, se alguém um dia lhe oferecer isso, não aceite, tá legal?

— Tá.

Quando a Srta. Kittle se mexeu na espreguiçadeira, seu vestido subiu ainda mais e fiquei chocado ao ver seu flanco direito exposto. Meus cartões de beisebol caíram das minhas mãos e se espalharam aos pés dela. Ela sorriu para mim enquanto os reunia num montinho com os dedos dos pés nus, olhando acidentalmente para mim a cada vez que mexia as pernas. *Como é que uma mulher adulta se esquece de usar calcinha?*

— Talvez eu faça uma visita a você e Frankie quando voltar para visitar meu pai no fim de agosto — disse ela, parecendo não perceber a gafe de vestuário.

— Legal — falei, olhando para o outro lado quando o botão do vestido ameaçou abrir-se na altura do peito.

— Então está combinado — disse ela, inclinando-se para perto.

Eu estava suando em bicas. Olhei para meus cartões de beisebol no montinho que ela fizera com os dedos dos pés. O receptor do Detroit, John Wockenfuss, estava no topo. Eu me distraí pensando em Wockenfuss e em seu jeito diferente de rebater, em como ele virava as costas para o arremessador e girava a cabeça até o ombro. *John Wockenfuss*.

— Wolf — disse a Srta. Kittle, aproximando-se ainda mais.

Espiando pelo canto do olho, percebi que não só o vestido apertado da Srta. Kittle deslizara ainda mais para cima de suas coxas como também que o botão na altura de seu peito *tinha mesmo* se aberto, e um de seus mamilos rosados agora também estava exposto. *Wockenfuss. Wockenfuss. Wockenfuss.*

— Wolf?

A porta se abriu e meu pai apareceu. A Srta. Kittle arrumou o vestido. Saí correndo para o meu quarto e escondi a cabeça embaixo do travesseiro, e fiquei aliviado quando, algum tempo depois, ouvi a porta da frente bater, significando que Frankie e sua *Kitten* tinham escolhido se embebedar lá fora em vez de se embebedar em casa. Pequenas bênçãos.

Somente alguns dias mais tarde me dei conta de que a situação reveladora da Srta. Kittle tinha sido um convite, e não um acaso. Demorei ainda mais tempo para me dar conta de que Frankie havia orquestrado o negócio todo. Quando o confrontei a esse respeito mais tarde, ele só disse:

— Tem pai que organiza uma festa de *bar mitzvah* para o filho quando ele faz 13 anos.

— Eu tinha pedido uma bicicleta.

Logo a Srta. Kittle parou de ir a nossa casa. Nunca fiquei sabendo os detalhes do rompimento dos dois. Talvez ele a tenha traído, talvez a tenha roubado, talvez tenha mentido. O triste é que ela nos baniu — bem, *me* baniu — da biblioteca de Mercury. O bom é que Frankie passou a ter mais tempo livre, ainda que passasse a maior parte dele empacotando as coisas da casa azul.

Meu pai disse que eu não deveria devolver os livros da biblioteca sobre Palm Springs e a montanha nem a pilha de romances com prazos vencidos. E foi o que fiz, embora soubesse que não devia. Eu os tenho até hoje.

No trajeto até a Califórnia, folhee o livro sobre as fontes termais do deserto, ligeiramente interessado na ideia de que, milênios atrás, animais pré-históricos tinham pisado sobre a mesma *agua caliente* que ainda hoje borbulha até a superfície, vinda do centro da Terra. Eu nem abri o livro sobre a história do golfe na região. Não conhecia grande coisa sobre celebridades, nem as do passado, nem as atuais, portanto os livros sobre a história hollywoodiana de Palm Springs não me interessaram muito. Devorei um volume sobre cascavéis, porém — memorizei suas marcas detalhadas e me demorei olhando close-ups pornográficos de presas leitosas.

A montanha no deserto foi o que passei mais tempo lendo, familiarizando-me com as zonas de vida mutáveis da montanha, dos arbustos desérticos para a floresta alpina. Os capítulos sobre os nativos americanos que habitavam o sopé da montanha e acreditavam que ela detinha a cura para todos os males, físicos ou espirituais, me intrigaram. E se eles tivessem razão? Havia diversas citações no livro, de naturalistas e trilheiros que afirmavam ter visto Deus na montanha. Quando li aquilo para Frankie, ele riu e disse: “Deve ser o ar rarefeito”.

Os últimos capítulos eram sobre o teleférico de design suíço. Eu nunca estivera num parque de diversão, mas não podia imaginar que uma montanha-russa pudesse ser mais empolgante do que aquele passeio de teleférico. Ir tão alto, e viajar tão depressa, sendo catapultado de um clima para outro... isso parecia o mais próximo que se poderia chegar de uma viagem no tempo.

Depois que escurecia, porém, já não dava mais para ler. Era difícil imaginar as brisas geladas da montanha enquanto eu estava com Frankie naquela bosta de Gremlin. Eu me lembro de olhar pela janela e não saber qual estado estávamos atravessando, enquanto Frankie cantarolava junto com o rádio durante todo o caminho, com um cigarro queimando no cinzeiro, um dia deplorável após o outro.

NAQUELA PRIMEIRA noite na montanha com as três mulheres, nós todos tremendo juntos no escuro, não estávamos perdidos, e sim presos, com a longa noite à nossa frente. Seria de se imaginar que nos revezaríamos e contaríamos um pouco sobre nós mesmos uns aos outros. Que dedicaríamos um ou dois minutos para conversar sobre o que tinha acabado de acontecer e o que deveríamos fazer em seguida. Que um de nós choraria, surtaria ou jogaria a culpa em alguém. Não fizemos nada disso. Pelo menos não de início. Ficamos em silêncio por um longo tempo.

— Como está sua mão? — perguntei, por fim, porque eu podia ver Nola, em seu poncho vermelho, fazendo caretas de dor ao luar.

— Um pouco inchada, só isso. — Ela usou a mão boa para pegar seu cantil amarelo na mochila. — Acho que deveríamos beber.

Bridget estendeu o braço para apanhar o cantil.

— Aqui, deixa que eu abro a tampa. — Ela abriu e tomou vários goles de água, depois devolveu o cantil para Nola, que bebeu modestamente antes de colocá-lo nas mãos de Vonn, que só tomou um gole minúsculo. Nossos dedos se tocaram quando Vonn passou o cantil para mim. Os dela estavam surpreendentemente mornos.

Sentir o cantil amarelo trouxe lembranças da pior noite da minha vida — e isso não é pouca coisa —, exatamente um ano antes daquele dia. Não consegui levar meus lábios ao bocal.

— Bebi bastante da fonte mais cedo — foi o que consegui dizer. De certa forma, era verdade. Devolvi o cantil.

— Isso é mesmo uma aventura, não é? Quer dizer, uma aventura de verdade — disse Nola. — Jamais imaginei que o dia de hoje terminaria assim.

— Não temos muita água — disse Bridget. — Só a desse cantil.

— Vamos encontrar a bolsa depois que amanhecer — falei.

— E meus binóculos.

— E seus binóculos.

— Estou congelando — disse Bridget.

— Todos estamos — respondeu Vonn.

Houve uma longa pausa. Não era necessário ver as expressões coletivas delas.

— Talvez algumas pessoas tenham menos tolerância ao frio do que outras — disse Bridget.

— A tampa, Bridget — disse Nola.

Bridget estendeu o braço e pegou o cantil amarelo das mãos de Nola, dizendo:

— Deixa que eu faço isso, mãe.

Mãe? Ela tinha dito *mãe*?

Sob a luz do luar, vi o que eu não havia percebido antes; o formato dos maxilares delas, a curva de seus narizes. Mãe e filha. As alterações estéticas de Bridget tinham me despistado. Ela havia removido a ruga entre as sobrancelhas que com o tempo se aprofundaria como a de Nola, e seus lábios eram cheios enquanto os de Nola eram mais finos, mas tinham um formato bonito. Ficou óbvio que, mesmo modificada, Bridget era filha de sua mãe.

— Como você conseguiu fazer a gente se perder desse jeito, Wolf? — perguntou Bridget melancolicamente, inclinando o cantil amarelo para tomar mais um gole.

— É melhor a gente racionar a água, Bridget — disse Vonn.

Bridget disse, agressiva:

— Achei que você não estivesse falando comigo, Vonn. O que aconteceu, hein? Eu estava gostando mais quando você estava dando uma de muda.

Outra peça do quebra-cabeça. Bridget conhecia Vonn. E elas não eram amigas.

— Você é tão teimosa! — disse Bridget, entre dentes. — Não dá para acreditar. Mesmo com tudo isso!

— Aprendi com a mestre — devolveu Vonn.

— Sua terapeuta não falou para você *se libertar*, Vonn? Será que não daria por favor para voltarmos a essa fase?

Nola fez *tsc, tsc*.

— Deixe ela ficar em silêncio se ela quiser, Bridget. E deixe ela falar se ela quiser.

Irmãs?, pensei, intrigado.

— Recolha-se ao silêncio — disse Bridget, zombando. — Não é isso o que você deveria fazer? Recolher-se ao silêncio?

— Uma de nós tem de ser adulta aqui. Eu sou a que tem mais experiência — disse Vonn.

— Você tem 18 anos, Vonn — disse Bridget. — O que sabe sobre ser adulta? Você se acha madura só porque anda pelas bandas da Vila de Lata?

Vila de Lata?

— Agora *não*, Bridget — disse Nola.

— Só porque anda se engraçando com um motoqueiro da Vila de Lata.

— Que motoqueiro? E quem falou alguma coisa da Vila de Lata? — disse Vonn, virando-se para Nola em busca de explicação.

— Ouvi você falando dele no telefone — disse Bridget.

— Você é maluca — disse Vonn.

Vonn não me parecia ser o tipo da Vila de Lata, mas, por outro lado, tampouco parecia ser do tipo de Santa Sophia. Eu não tinha tanta certeza assim quanto a Bridget.

— Você veio para o deserto para ajudar Mim — disse Bridget. — Lembra? Veio para lhe fazer companhia.

— E *estou aqui* para ajudar Mim.

— Vonn está sendo uma boa companhia — protestou Nola.

— Andando pela Vila de Lata?

— Quem é que está andando pela Vila de Lata? — perguntou Vonn. — Do que ela está falando, afinal?

— O que eu sei é que motoqueiro é encrenca — disse Bridget.

— Do que vocês duas estão falando? — Vonn estava genuinamente espantada. — Seja lá o que foi que ouviram, é mentira.

— Nem toda pessoa que anda de moto é marginal, Bridget — disse Nola.

Algumas das pessoas de quem mais gosto andam de moto. O tio Harley de Byrd, ironicamente, tinha uma Honda, e seu tio descolado Dantay tinha uma Harley — ou melhor, uma coleção inteira de Harleys. Seu primo Juan Carlos tinha uma moto de trilha. Meu primo Yago tinha uma Shovelhead Classic, mas, bom, esse era mesmo um marginal.

— Vocês vieram para cá juntas — falei. — Nunca imaginei.

— Somos as *Devine!* — disse Nola, como se eu devesse saber. — Vonn é minha neta. Bridget é a mãe dela.

Então me toquei que não era para *mim* que Vonn estava olhando no teleférico. Ela estava observando Bridget com seu longo rabo de cavalo loiro postiço, provavelmente imaginando o que sua mãe estaria contando ao rapaz patético de boné dos Detroit Tigers.

— Bridget tem uma casa em Golden Hills. Sabia? — perguntou Nola.

— Não.

— Ah, é linda.

— Perto da praia — disse Bridget.

— Na verdade é tão perto da praia quanto do vale — disse Vonn.

— Claro.

— Vonn está passando uns tempos comigo no meu condomínio em Rancho Mirage — disse Nola.

— Você é daqui? — quis saber Bridget.

— Sou do Michigan — respondi.

— Michigan? Mas como foi que você virou guia da montanha? — perguntou Bridget.

Percebi que estava cavando uma cova funda com meus pecados por omissão.

— Tenho um amigo aqui. Que venho visitar. Venho bastante para cá. Fazer trilhas.

— É bem longe.

— É, sim.

Depois disso veio um longo silêncio, que Nola quebrou sussurrando:

— Toda hora estendo o braço para tocá-lo. Não é engraçado que eu ainda faça isso?

Bridget e Vonn soltaram um suspiro de empatia.

— Sinto muito pela sua perda — falei.

Disse isso não só porque era o que se dizia, mas também porque era verdade. Dava para sentir a vibração da tristeza coletiva delas.

— É frio no Michigan — disse Nola. — Em Ohio também. Eu fui criada em Ohio.

— Até Malibu é frio demais para mim! — disse Bridget.

— Uma vez, quando eu era pequeno, pegamos quase trinta graus negativos em Macomb County — falei. — Seis pessoas morreram congeladas de frio ao relento em uma noite.

— Por que está nos contando isso? — perguntou Vonn.

— Estou só dizendo que aqui não vai fazer tanto frio assim — blefei. — Já passei dúzias de noites na montanha. Noites bem mais frias do que esta. Vai ficar tudo bem. Basta ficarem juntas.

As mulheres pareceram ficar aliviadas, o que tinha sido o propósito da mentira. Na verdade eu só passara uma única noite na montanha. Uma única e desastrosa noite.

Byrd surgiu em minha cabeça. Ele nunca se afastava de fato dos meus pensamentos — principalmente na montanha.

O TANQUE do Gremlin ainda estava mais de três quartos cheio quando passamos pela placa BEM-VINDO A SANTA SOPHIA, nas horas escuras da madrugada.

Frankie estava cantarolando baixinho junto com os Beatles enquanto eu olhava pela janela, a montanha assomando em algum lugar na noite. Em vez de ir direto para a casa de sua irmã Kriket depois de oito dias na estrada, Frankie foi até o posto de gasolina/loja de conveniência de Santa Sophia.

— Lembra que vamos subir a montanha amanhã, certo? Vamos até o pico. No nosso primeiro dia aqui — falei.

Frankie começou a tossir. Não disse nada. Nem precisava.

Um badalo de um sino enferrujado de vaca tocou quando entramos na loja, que parecia estar vazia, o caixa sem ninguém.

— Oi? — chamou Frankie.

Imaginando que o atendente estivesse no banheiro, apanhei uma lata de refrigerante de uva na geladeira e bebi tudo em três goles, depois virei mais duas latas e soltei um arrotei trovejante, enquanto Frankie descobria uma seleção surpreendentemente variada de revistas na parede dos fundos. Atirei as latinhas no lixo.

— Tomei três refris, Frankie. Não se esquece de pagar.

Frankie assentiu.

— Eles têm de tudo aqui — disse, lá dos fundos. — Olha só essa seleção! HQs. Viagem. Hobbies. — Ele puxou uma revista de HQ da prateleira e plantou-se para ler.

Àquela altura eu já tinha me tocado que a casa de minha tia Kriket não era do tipo à qual se deseja ir correndo. Meu pai não ligara nem uma única vez para ela durante a viagem, e eu me perguntava se ela ao menos sabia que estávamos a caminho.

— Que calor da porra — reclamou Frankie.

Era verdade, acho.

Frankie foi até os refrigeradores expositores e demorou-se escolhendo uma caixa de seis latinhas da cerveja da qual ele gostava.

— Se está fazendo um calor desses de noite, imagine como deve ser essa bosta durante o dia? Quem é que tem coragem de sair de casa?

— Golfistas — respondeu uma voz vinda das sombras atrás do caixa.

Um rapaz, mais ou menos da minha idade, que estivera fora de vista reclinado numa espreguiçadeira no escritório atrás do balcão, levantou-se e veio arrastando os pés até o caixa. Era da minha altura e, na verdade, espantosamente semelhante a mim no físico, na estrutura facial, no corte de cabelo, no estilo.

— Velhos, basicamente — acrescentou.

Poderíamos ser irmãos ou, no mínimo, primos. O seu nariz era ligeiramente mais largo, seu cabelo mais escuro e grosso, sua pele cor de oliva. As diferenças eram definidoras, pois adivinhei na hora que ele era nativo americano, mas ele não pensou o mesmo de mim.

— Placas do Michigan — disse o atendente, apontando para o Gremlin verde no estacionamento. — Eu nasci na região de Detroit.

— Mercury — disse meu pai. — Um pouco acima de Mount Clemens.

— Eu cresci em Hamtramck — disse ele. — Conhece a Brodski's Polish Deli?

— Não.

— Meus avós eram os donos. A melhor linguiça kielbasa. Os melhores perogies.

— Legal.

— Um dia vou voltar para lá e reabrir o restaurante — disse ele. — Você curte os Tigers?

— Que você acha? — perguntei, levantando a mão para tocar meu boné de beisebol e me sentindo profundamente chateado de tê-lo deixado no carro. — Esqueci meu boné dos Tigers no carro.

— Eu acredito — disse ele.

Assentimos ao mesmo tempo, nossa conexão com o Michigan parecendo mais do que mera coincidência.

Meu pai se juntou a nós. Colocou a cerveja e uma revista sobre o balcão, depois encarou o garoto por um longo tempo antes de dizer:

— Carrula?

O atendente inclinou a cabeça em minha direção, esperando que eu traduzisse aquilo, porém eu tinha certeza absoluta de que Frankie estava tendo um derrame, pois a afasia era um dos sinais de advertência. Fiquei assustadíssimo quando ele repetiu aquilo:

— Carrula?

O atendente ficou olhando para ele.

— Tenho ascendência cree — disse meu pai. — É uma tribo do norte. Imaginei que, sendo daqui, você deve ser *carrula*.

Não era um derrame. Era pior.

— Carrula. — O atendente olhou para mim com o mais ligeiro dos sorrisos, como se dissesse: *Esse cara está falando sério?*

— Eu li algumas coisas sobre essa região, Wolf — disse Frankie. (Eu *odiava* meu pai quando ele tentava se exhibir.) — Carrula é o nome dos nativos americanos locais, e eu sou, bem, um oitavo nativo americano. Cree. Sou um oitavo cree.

Eu também tinha lido sobre a região e sabia que o nome da tribo, cahuilla, se pronunciava “cau-ia”. Tomei cuidado para não olhar o atendente nos olhos.

Frankie continuou.

— Os índios carrula estão aqui há milhares de anos, Wolf, caçando no alto da montanha, pescando no

deserto. A montanha é um lugar sagrado para os carrula.

O garoto assentiu.

— Ainda dá para ver umas pinturas rupestres por lá. Pilões de amassar bolotas de carvalho. A caverna do xamã.

— Você sobe naquele teleférico? — perguntei.

— Ando naquele teleférico o tempo todo, cara.

— Não vou mais querer isso. — Frankie impediu o atendente de registrar a revista. — Só queria saber o que dizia para a gente fazer em caso de picada de cobra. O veneno delas transforma o seu sangue em pudim.

Se existia alguma cura para picada de cobra, eu queria saber qual era.

— E o que a gente deve fazer?

O tom de Frankie zombava dos conselhos dos especialistas.

— Fique quieto. Retire joias e bijuterias. Não faça pressão. Não faça torniquete. Não coloque gelo. E acima de tudo, não entre em pânico!

— Você sabe mais que isso, Frankie?

— Primeira coisa que se faz quando se é mordido por uma cobra? *Mije* em cima da ferida — disse Frankie.

— Mijar em cima?

— Li um pouco.

— Nem pense em mijar em mim, Frankie — adverti.

Frankie disse ao atendente:

— Tudo bem se eu tomar uma cerveja aqui?

Depois de dar uma olhada rápida pela vidraça da loja para o estacionamento escuro e silencioso, o atendente apanhou uma latinha da embalagem esbranquiçada e a atirou para Frankie.

— Tem um arbusto que cresce na montanha — disse ele, devagar. — A gente faz uma pasta com as folhas. Isso curou o câncer de pele da minha avó. Queimou a verruga do meu tio. Fez a minha picada de cascavel parecer de mosquito.

— Picada de cascavel? De cascavel mesmo? — Eu estava fascinado.

O garoto puxou a manga da camisa e revelou uma espinha minúscula no braço. — Todo mundo que eu conheço faz pasta de folha desse arbusto.

Frankie assoviou.

— Tem uma plantação de dinheiro bem aí.

— Não exploramos a natureza para nosso lucro — disse o garoto, sem piscar.

— Não — concordou Frankie. — Mas se eu precisasse disso... para curar uma mordida de cobra ou um câncer? Como eu poderia encontrar o arbusto?

— Eu só o conheço pelo nome que os carrula deram para ela — disse o garoto, depois murmurou uma série de sílabas guturais que nós obviamente não entendemos. — Vou falar mais devagar — ofereceu ele. — Repita comigo. *Pó sul*.

Frankie repetiu, caprichando na entonação.

— *Pó sul*.

— Muito bem — disse o atendente. — *Kou mme* — continuou ele, forçando um longo gorgolejo gutural.

— *Kou mme* — repetiu Frankie, imitando aquele som perfeitamente.

O atendente pareceu ficar impressionado.

— Você nunca falou nenhuma língua nativa?

— Juro por Deus — insistiu Frankie.

— *Sul ahbuw* — disse o atendente, devagar.

Satisfeito com o incentivo, Frankie repetiu:

— *Sul ahbuw*.

— *Sê tah* — completou o atendente. — Agora diga tudo junto, bem devagar.

— *Pó sul kou mme sul ahbuw sê tah* — disse Frankie.

Virei a cabeça depressa para o atendente, que assentiu para mim quase imperceptivelmente.

— Que *inquietante* — disse o vendedor para Frankie. (Quem é que fala “inquietante”?) — Cara, você está parecendo um autêntico carrula.

— Fale de novo, Frankie — pedi, com medo de acabar caindo na gargalhada. Nunca tinha sido o cara que faz a piada antes. Gostei.

— *Pó sul kou mme sul ahbuw sê tah!* — entoou Frankie, bem alto.

O atendente anuiu com ar sábio, olhou em torno e, muito embora estivéssemos sozinhos na loja, abaixou a voz para instruir:

— Tem uma velha terrível que é dona da lojinha do centro de atendimento ao turismo. Ela tem 107 anos. Sabe tudo. Ela pode lhe contar onde cresce esse arbusto — disse o atendente.

— Beleza — disse Frankie.

— Mas você precisa dizer a frase direitinho. Antes de mais nada, e ouça bem que isso é importante, você tem que contar para ela que está procurando o “arbusto peludo”.

— Estou procurando o arbusto peludo — disse Frankie, confiante. — *Pó sul kou mme sul ahbuw sê tah?*

Eu tive de virar o rosto.

— Aqui tem algum jornal local? — perguntou Frankie, assentindo em agradecimento quando o rapaz apontou para a estante de revistas.

— Continue praticando — gritou o atendente para ele.

Frankie aceitou o conselho enquanto voltava dançando até a estante de revistas, repetindo a frase ao longo do caminho.

— Seu velho é uma viagem — disse ele, quando Frankie não podia mais nos ouvir.

— Mas existe mesmo alguma cura milagrosa para picada de cobra? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Meus primos usam *sterasote*... é como o *creosote*, só que cresce em altitudes mais elevadas. Eles usam *efedra*, *ocotillo*, *álamos*... todo tipo de erva.

— E qual você usou? A picada de cascavel ficou *mesmo* igual a uma picada de mosquito.

— Sim, porque é uma picada de mosquito.

Nós dois rimos.

— Eu moro no apartamento dos fundos, se você precisar de mais informações sobre a fauna e a flora nativas.

— Você tem seu próprio apartamento?

Ele me encarou com firmeza.

— Ninguém pode saber. Por isso, bico fechado. Meu tio Harley é o dono. Ele me deixa ficar lá.

— Que demais.

— Tenho problemas de adaptação. — Ele disse com um sorriso, como se de alguma maneira soubesse que eu também tinha. — Meu nome é Byrd.

— Wolf.

— Byron — explicou ele.

— Wilfred — devolvi.

Assim rápido encurtamos os caminhos. Assim instantaneamente entendemos um ao outro.

Bem naquele instante o sino da porta retiniu para anunciar uma nova chegada, e foi igual a uma cena desses filmes adolescentes antigos e bregas, em câmera lenta, com heavy metal ribombando do aparelho

de som do carro dela. Era *ela* — ela, do cabelo preto sedoso, dos olhos verdes e dos lábios rosados e carnudos. Ela percebeu que eu a estava olhando boquiaberto e fez uma careta para mim antes de deslizar para trás do balcão e se esticar para pegar um maço de cigarros na prateleira acima da cabeça de Byrd.

A maquiagem exagerada que usava — rímel espesso e lápis de olho roxo — fazia com que ela parecesse ter 15 anos quando sua intenção na verdade era aparentar 21, portanto eu supus que ela tivesse uns 17. Ela notou que havia uma cerveja faltando da embalagem sobre o balcão e bateu na testa de Byrd.

Byrd apontou para Frankie, no fim do corredor.

— São dele.

A fragrância de laranja permaneceu no ar depois que ela se afastou de nós — não era o cheiro da flor nem do suco, mas daquele óleo cítrico amargo que repele predadores. Fez meus olhos arderem e piscarem.

— Lark. Minha prima — explicou Byrd. — Ela tem uns problemas.

Eu me perguntei se os problemas de Lark eram iguais aos de Frankie, porque a linguagem corporal dela mudou ao vê-lo. Não sei se Byrd e eu chegamos a trocar palavras de fato ou apenas gestos, mas Byrd perguntou: *Sério que a minha prima gata está a fim do seu pai escroto?* E respondi: *Isso acontece o tempo inteiro. Saca só.*

Ficamos observando por mais um momento, o sorriso fácil e o requebrar dos quadris de Lark, o sorriso de canto de Frankie e o jeito como ele projetou a pelve para a frente, mas, quando Lark segurou o braço de Frankie, Byrd gritou:

— Eu não vou ficar aqui a noite inteira, Lark! Melhor você não demorar! Melhor voltar para cá depressa! Nós dois estaremos fritos se me apanharem atrás desse balcão.

Lark fez um muxoxo para Byrd e uma careta para mim antes de voltar e sair porta afora.

Sorrindo, Frankie a seguiu, parando na frente do balcão.

— Como é seu nome?

— Byrd — respondeu o garoto, enquanto nós três nos virávamos para olhar a silhueta de Lark recortada contra a luz néon do estacionamento.

— Byrd — falei alto. — Ele disse que se chama *Byrd*.

— Tipo... uma ave? — inquiriu Frankie.

— Tipo o Larry. — Byrd sorriu.

— Odeio os Celtics — disse Frankie. — Como se diz “prazer em conhecê-lo” em carrula?

— A gíria para isso é bem simples. Tipo, “e aí?”. A gente fala *Sê eh*.

Abaixei o rosto quando Frankie repetiu:

— *Sê eh*.

— A versão formal é mais comprida. É como se fala com alguém mais velho, como por exemplo um professor ou um policial. Você acrescenta *gox to zah papô rah*. *Sê eh gox to zah papô rah*.

— *Sê eh gox to zah papô rah* — disse Frankie devagar.

Depois daquele dia, repetimos aquela frase um para o outro, eu e Byrd, mil vezes. Foi a pedra basilar de nossa amizade. Certa vez perguntei se ele tinha exumado o clichê idiota do índio sábio pregando uma peça no branco bobalhão. Ele pensou a respeito por um instante, porque Byrd era um pensador, e então disse:

— Clichê não, cara. É um *clássico*.

NOLA ESTAVA inquieta, estremeando de dor.

— A primeira coisa que vamos fazer amanhã vai ser levar você para ver esse braço — falei.

— A primeira coisa, não — disse Bridget. — Primeiro temos que voltar.

Naquele momento eu estava crente de que conseguiria encontrar o caminho de volta para a Estação da

Montanha de manhã.

— Vamos voltar — falei.

— O Michigan fica muito longe — comentou Nola.

— Onde estão seus pais? Estão aqui com você? — perguntou Vonn.

— Ainda estão no Michigan.

— Você veio passar férias? — quis saber Nola.

— Vim sozinho.

— Sozinho?

— Eu venho toda hora. Lá do Michigan. Para ver meu camarada. — Hesitei.

— Lá do Michigan? — Nola estava espantada. — Quantos anos você tem?

— Dezoito — falei. Não contei para elas que era meu décimo oitavo aniversário.

— Por que seu camarada não veio com você? — perguntou Bridget.

— Doença — respondi. — Estava doente, por isso não pôde.

— Mas ele sabe que você está aqui?

Fiz que não.

— Não queria que ele ficasse mal por perder essa trilha.

— Mas ele está à sua espera.

— Não.

— Ele vai querer ter notícias suas, não é? — disse Bridget.

— Eu disse a ele que estava voltando. Para o Michigan.

— Ah.

Tentei desviar a conversa.

— Quem está esperando por vocês?

— Bom, se Pip não tivesse morrido alguns meses atrás, ele estaria à minha espera — disse Nola, consertando em seguida: — Não, não estaria. Estaria aqui comigo. Ele jamais se perdia.

— Mas deve ter alguém esperando por vocês, não?

— Vai ter — disse Nola —, quando perceberem que não voltamos.

— Ninguém sabe que estamos aqui na montanha, Mim — disse Bridget.

— Alguém deve saber.

— Ninguém sabe.

— Pip simplesmente *odiava* ficar perdido. Ele odiaria isso aqui.

— Não diga “perdido”. Não podemos estar a mais do que alguns quilômetros do posto florestal. Não estamos no meio do mato. Palm Springs está bem ali!

— Não, claro que não estamos perdidos.

— E seus amigos da igreja e do condomínio e de todos os lugares onde você é voluntária? — perguntou Bridget.

— Eu disse a todo mundo que não apareceria por uns dias. Disse a todos que você viria me visitar de Golden Hills e que nós três passaríamos um tempo juntas. Que faríamos umas viagens curtas de um dia. Mas tudo bem. Eles devem contar os passageiros que embarcam no teleférico a cada dia e bater os dados, para saber quem vai e vem — disse Nola. — Tenho certeza de que fazem isso.

Eu sabia com toda a certeza que não faziam.

— E seu namorado, Bridget? — perguntei. — Ele não vai ficar preocupado se não receber notícias?

Nola se virou para Bridget no escuro.

— Por que você não me disse que estava namorando?

Bridget ficou em silêncio.

— Aquele cara, de que você me falou no teleférico. O corretor da imobiliária? — incitei. — Ele não vai ficar preocupado se não receber notícias suas?

— Não pode ser aquele idiota de Camarillo — espantou-se Nola.

Bridget abaixou a cabeça.

— Ele sabe que você faz trilhas? — perguntei, depois de uma pausa.

— Ele está em São Francisco — disse Bridget.

— Com a esposa — acrescentou Vonn.

— Ah, Bridget — disse Nola.

— E o bebezinho dele — acrescentou Vonn.

— Pare! — disse Bridget, irritada.

Nola Devine tapou os olhos com a mão boa.

— Meninas, por favor — disse ela.

— Vonn — falei, deixando o nome demorar-se em minha língua. — Tem alguém esperando por você?

— Não.

— E aquele cara? — perguntou Bridget. — O *motoqueiro* da Vila de Lata?

— Não tenho a menor ideia de quem você está falando — disse Vonn.

Eu me lembrei de ter ouvido minha tia Kriquet chamar a nova namorada do meu primo Yago de “vaca mestiça de nariz empinado de Malibu” e também de dizer que a garota havia se mudado recentemente para o deserto. Eu tive certeza de que a garota era Vonn Devine.

Yago era meu primo mais velho do sexo masculino, um dos grandalhões mais jovens a mandar na Vila de Lata. Ele me odiava. Eu tinha medo dele. Se Yago fosse namorado de Vonn Devine, me mataria por eu ter feito a gente se perder. Parecia algo típico da minha sorte.

— Se você está namorando, a gente precisa saber — disse Nola. — E eu gostaria de conhecer seu namorado. Mesmo que ele seja um motoqueiro.

— Ninguém está me esperando — disse Vonn.

— Tem certeza, Vonn? — perguntou Nola. — Seria bom se seu namorado relatasse seu desaparecimento.

— Não diga *desaparecimento* — disse Bridget. — Não estamos *desaparecidos*, desaparecidos. E Vonn: por que você veio, aliás? Você ia ficar no centro turístico da montanha, lembra? Ia ficar lá, lendo um livro.

— É, eu ia, mas achei que Mim tinha ficado triste por eu não vir junto.

— Ela ficou triste porque você não veio de tênis.

— Porque a gente fez as unhas antes de vir. E aí eu esqueci os tênis.

— Então você admite que é esquecida?

— Mesmo aqui, mesmo agora, uma de vocês precisa ser o gás, e a outra, a chama — reclamou Nola.

No silêncio, ouvimos o som de algo metálico se chocando contra a pedra.

— Foi minha aliança — disse Nola. — Ninguém se mexa.

— Eu já comentei que você emagreceu depois que Pip morreu? — disse Bridget.

— Emagreci?

— Você está cuidando dela, Vonn? — perguntou Bridget. — Você devia fazer ela comer.

— Vonn agora tem um emprego de meio período — disse Nola, em defesa da neta.

Bridget encontrou a aliança no escuro.

— Aqui está.

— Graças a Deus. Coloque-a, Bridge — disse Nola. E, depois de uma pausa: — Feliz aniversário de casamento, Patrick.

Só momentos mais tarde — talvez uma hora —, o pio da coruja perfurou o silêncio. Pensei na série de fotos que eu e Byrd tiramos do corujão-orelhudo voando, e como prometemos tatuar a imagem daquela coruja em nossos bíceps um dia. Depois do acidente de Byrd, fui num lugar em Indio com uma foto e disse ao tatuador que queria tatuar a coruja no meu peito. Não queria que as pessoas vissem. Não queria

ninguém me fazendo perguntas.

— Vocês deixaram um carro no estacionamento! — soltei de repente. — Uma hora alguém vai acabar percebendo algo estranho. Uma hora alguém vai checar se existe uma licença para pernoite registrada naquela placa.

— Nós pegamos um ônibus do condomínio de Rancho — disse Bridge, com voz arrastada. — *Alguém* perdeu as chaves do carro.

— Alguém *deu* a alguém as chaves do carro — disse Vonn.

— Porque alguém não anda de bolsa!

— Tudo isso na verdade é culpa minha — disse Nola. — Eu é que queria ir até Lago Secreto.

— Pegamos o ônibus do hotel para podermos chegar logo na montanha, antes que o dia avançasse demais — explicou Bridget para mim. — Imaginamos que, quando voltássemos, as chaves provavelmente já teriam sido encontradas e devolvidas.

— Se as *chaves* aparecerem, e *vocês* não, então alguém notará a falta de vocês — observei. — E o motorista do ônibus?

Vonn enfiou os calcanhares em meu peito sem querer quando ergueu o corpo para checar os bolsos de trás da sua calça cargo, como se ainda houvesse a possibilidade de que as chaves estivessem lá. Como se isso ainda tivesse alguma importância.

— Se o mesmo motorista trabalhasse o dia inteiro, acho que até poderia ser — disse Vonn. — Se eles tiverem só um ônibus. Quer dizer, não somos hóspedes no hotel.

— Vamos conseguir voltar de manhã, não é? — perguntou Bridget.

— Está tudo sob controle — falei. — Se não tiver neblina, vai ser fácil nos localizarmos. Vamos subir aquela elevação por onde caímos ou encontrar um caminho diferente.

Nola perguntou:

— E você, Wolf? Deixou algum carro no estacionamento?

— Peguei carona do centro de turismo até a estrada principal.

— Você não deveria pedir carona.

Eu me lembrei do gentil casal de idosos que parara para me dar carona em seu velho Monte Carlo branco no dia em que eu pretendia me matar. Eles me deixaram e foram embora. Sempre quis saber por que estariam naquela estrada, se não iam também para a Estação do Deserto.

O TEMPO PASSOU. O tempo voou. O tempo marchou. Não consigo me lembrar de uma sensação mais poderosa que essa naquela primeira noite. As rochas continuaram a cair lá do alto, atingindo os troncos de pinheiro localizados mais além da encosta de seixos. Eu precisava pensar na possibilidade de que um deslizamento de maior porte pudesse se seguir àquele, menor, que havíamos provocado. Tentei não chafurdar em pensamentos negativos, entretanto, e basicamente fiquei ansioso para ver logo a luz da manhã, pois desejava encontrar meu boné dos Tigers e a bolsa esportiva de Bridget com comida e água.

Quando o vento soprou frio e com força, agradei pelo abrigo modesto daquela gruta e pelo silêncio das Devine, que, segundo pensei, haviam adormecido.

— Não tenho absolutamente nenhum isolamento — disse Bridget, estilhaçando a calma. — Tenho 21% de gordura corporal, o que é extremamente pouco para uma mulher.

— Ai, meu Deus — rouquejou Vonn. — Por que estamos falando de gordura corporal, posso saber?

— Não estou a fim de morrer congelada, Vonn — disse Bridget. — É só isso o que estou dizendo.

— Eu já lhe disse, ninguém aqui vai morrer congelado — interrompi. — Garanto.

— Você não pode garantir uma coisa dessas. Não pode garantir nada — intrometeu-se Nola, de trás de sua camisa de gola alta. — Quando chega a sua hora, acabou.

— Não chegou a hora de ninguém — falei.

— Você não tem como saber, Wolf. Pip parecia ótimo. Ligou a televisão. Fui escovar os dentes e quando voltei para a cama ele tinha partido. Sem um beijo de boa noite. Simplesmente do nada. Você não tem como saber. — Nola suspirou.

— Eu tenho — disse Bridget. — Acho que meu sexto sentido vai me avisar.

— Ai, lá vem — murmurou Vonn.

— Por que você odeia o fato de eu ter clarividência?

— Você *não* tem clarividência — disse Vonn.

— Não se pode achar que está tudo certo e garantido — interveio Nola. — É isso o que eu queria dizer. É melhor não partir levando *arrependimentos*. É só *isso* o que eu queria dizer.

— E que arrependimento você tem, Mim? — perguntou Bridget. — Do que você poderia se arrepender? Você é a mãe perfeita. A esposa perfeita. Presta serviço voluntário. Doa para a caridade. Frequenta a igreja. Dá aulas de piano de graça para as crianças daquele lugar. Apanha o lixo que os outros jogam no chão.

— Você varre as aranhas para fora da varanda em vez de pisar em cima delas! — acrescentou Vonn.

— Existem mais coisas a meu respeito do que vocês sabem — disse Nola, depois de uma pausa. — Eu tenho arrependimentos.

— Eu me arrepenho de ter vindo de chinelo — disse Vonn, e todos riram.

— Não acredito em arrependimentos — disse Bridget.

— Você acredita em horóscopo e numerologia — disse Vonn. — Você acredita em fantasmas, acha que tem *clarividência*, mas traça um limite no quesito arrependimentos?

Bridget não respondeu. Fiquei me perguntando quais seriam as experiências dela com fantasmas.

— Você não se arrepende de ter sido obrigada a me criar sozinha?

— Se está querendo saber se foi dureza ter de me virar como mãe solteira, a resposta é sim, Vonn — devolveu Bridget.

— Não se arrepende de eu não ter tido um pai?

— Isso aí pertence à *sua* pilha de arrependimentos. Ele fez as escolhas dele.

— Você nunca contou para ele sobre mim — disse Vonn.

— Por que eu deixaria um homem como aquele arruinar sua vida? — rebateu Bridget. — Eu quis proteger você. É o que as mães fazem.

— Você tem arrependimentos, Wolf? — perguntou Nola, mais do que tudo para forçar uma trégua entre a filha e a neta. — Ou é jovem demais para isso?

— Eu tenho sim um arrependimento, Sra. Devine — falei. — E dos grandes.

— Do que você se arrepende? — Nola quis saber.

— Conta para a gente, Wolf — pediu Bridget.

— Você pode contar para a gente — disse Vonn.

Naquele instante fiquei curioso em saber, e ainda tenho motivos para ficar intrigado a respeito até hoje, se existe algo mais satisfatório ao ouvido feminino do que um homem expressando arrependimento.

— Acho que uma Devine já é demais e me arrepenho demais de ter me perdido logo com três!

Achei que elas ririam. Não riram.

— Não diga “perdido” — disse Bridget.

Todos nós ficamos quietos por algum tempo, ouvindo o vento batendo nos pinheiros.

— Estou com fome — disse Bridget. — Antes eu não estava, mas agora estou morrendo de fome.

— Não está, não — falei.

— Eu como o tempo inteiro. Faço pequenas refeições a intervalos de poucas horas. Principalmente quando estou treinando. Quanto tempo alguém aguenta sem comer? — perguntou Bridget.

— Eu conheci uma menina no ensino médio que ficou nove dias à base de suco de maçã — disse Vonn.

— Existe uma regra de três — falei, imaginando Byrd caminhando na minha frente na trilha, contando

sobre essa regra.

— Que coisas ruins acontecem em conjuntos de três? — perguntou Nola, franzindo a testa. — Acho que deveríamos nos sentir otimistas.

— Não, não é essa regra de três. É a regra de três da sobrevivência. Claro que tem uma margem de erro, mas as pessoas dizem que em geral conseguimos sobreviver três semanas sem comida, três dias sem água e três minutos sem ar.

— E três *segundos* sem fé — disse Nola, sem dar uma pausa.

A TENSÃO ENTRE VONN e sua mãe não nos impediu de nos aninharmos uns aos outros para nos aquecer na pequena gruta. Sem querer dei uma joelhada no pulso quebrado de Nola.

— Desculpe! — disse ela, antes mesmo que eu pudesse dizer isso.

— Por que está se desculpando, Mim? — perguntou Bridget.

— É só algo que se diz, Bridget.

— Não, você se desculpa por *tudo*.

— Não é verdade.

— Quando o cara trombou em você com o carrinho no supermercado? Quando a lavanderia arruinou aquela jaqueta? Quando aquela mulher molhou você andando de bicicleta? É coisa da sua geração.

— Não sei do que você está falando.

— Você não queria nem pedir uma colher para tomar sua sopa!

— Ele já estava se sentindo tão mal por ter trocado o pedido da limonada — disse Nola. — Além disso, era uma sopa bem espessa.

— Estou só dizendo que você não precisa pedir desculpas pelos erros dos outros. Você se desculpa demais.

— E você se desculpa de *menos* — murmurou Vonn.

— Dá um tempo, Vonn. — Bridget soltou um suspiro.

— Como você pode dizer que não se arrepende de nada? — perguntou Vonn. — Todo mundo tem arrependimentos.

— Eu não.

— Nenhum, em toda a vida?

— Nenhum.

— Isso não é hora nem lugar, meninas — disse Nola, exausta.

— Você não se arrepende de ter feito aquele *procedimento*?

— Não — disse Bridget.

Vonn se inclinou em minha direção.

— Minha mãe fez uma cirurgia eletiva em uma parte do corpo que daqui a poucos anos ficará *aposentada*, quer dizer aposentada do tipo “não ultrapasse”, com dinheiro que *eu* emprestei. Depois não consegui me pagar e eu não pude ir à minha viagem de formatura na primavera passada.

— Foi um problema de fluxo de caixa — disse Bridget, em defesa própria.

— Você sinceramente é capaz de dizer que não se arrepende disso? — perguntou Vonn.

— Isso também faz parte da sua pilha de arrependimentos, Vonn. Você poderia ter feito aquela viagem. Deveria ter feito.

— Você não me pagou! — protestou Vonn.

— Mas *você* é que perdeu a cabeça. Mim e Pip teriam lhe emprestado o dinheiro com prazer. Você que quis se privar dela para me ferir, Vonn.

— Teríamos ficado felizes em emprestar o dinheiro — disse Nola. — Isso é verdade. Você deveria ter ido.

— Você não pode se safar assim tão fácil, Bridget! Ela não pode se safar assim tão fácil! — berrou Vonn.

— Mas se safou — disse Nola.

Vonn tremia, e senti que estava lutando contra as lágrimas.

— Quer dizer que você vai ficar aí sentada dizendo que não tem nenhum arrependimento? — A insistência dela serviria de exemplo para todos nós.

— Nenhum.

Nola pigarreou e disse:

— Bom, eu tenho arrependimentos.

— Mim, por favor.

— Tenho. Montes.

Bridget e Vonn se entreolharam, céticas.

— Esposa perfeita. Mãe perfeita. Avó perfeita. Diga uma coisa de que você seriamente se arrepende — disse Bridget.

— Eu cavei duas covas — disse Nola, com ar sombrio.

— Você cavou duas covas — repeti, confuso.

— JFK disse que quem busca vingança cava duas covas — disse Nola.

— Eu acho que JFK não disse isso — falou Bridget.

— Você obviamente não está querendo dizer que matou alguém, não é? — disse Vonn.

— Cometi um erro enorme que modificou a vida de muitas pessoas.

— O que você fez? — perguntei, ansioso pela distração que a confissão de Nola provocaria.

— Mim?

— Eu odiava Laura Dorrie — disse Nola para as trevas. — Ela era minha colega no último ano da escola, o ano em que nos mudamos de Wisconsin para Toledo.

— Onde você se apaixonou por Pip.

— Laura Dorrie achava que podia ter o que quisesse só porque olhou primeiro — disse Nola.

— Quer dizer que você a odiava?

— Gosto de pensar que foi ela que começou, me odiando primeiro — disse ela. — Mas, sim. No primeiro dia de aula do meu último ano, na Harding High, eu me apaixonei loucamente por Patrick Devine. Ele era um biatleta. Na época a gente dizia “um pão”. Ele era um *pão daqueles*. Todas as garotas eram caidinhas por ele. Ele cantava em uma banda e ninguém achava isso esquisito. Era um *crooner*. Adorava aquelas músicas de Frank Sinatra e Tony Bennett.

Nola estava lá, caminhando em câmera lenta pelos corredores da sua escola, estrelando em suas próprias lembranças.

— Ele era igualzinho o Warren Beatty em *Clamor do Sexo*. Eu quase abandonei a orquestra para virar líder de torcida naquela primeira semana só para poder ficar mais perto dele. Foi a primeira vez que amei qualquer outra coisa mais do que o meu violino.

— *Violino?* Eu não sabia que você tocava violino, Mim — disse Bridget. — Pensei que você tocasse piano.

— Eu era um prodígio — disse Nola, no tom mais normal do mundo.

— Você era um *prodígio no violino*? Eu nunca vi você tocar violino, nem uma vez.

— Foi Pip que obrigou você a largar o violino? — quis saber Vonn. — Você deixou o violino de lado por causa dele?

— Não seja tonta — disse Nola.

— Mas e a tal da Laura Dorrie? — perguntei.

— O pai de Laura era dono da Dorrie’s Steak House, no centro da cidade, um restaurante que não ficava longe da casa geminada onde morávamos. Os Dorrie eram muito abastados.

— Então você o matou? — perguntei.

Nola me ignorou.

— Laura tinha as roupas mais lindas. Pequenos twin-sets, blusas de seda, saias de lã maravilhosas.

— Você tinha inveja? Esse é seu arrependimento?

— Laura também tocava violino — continuou Nola. — Antes mesmo de as aulas começarem naquele outono, fiz a audição para líder da orquestra do último ano e me disseram que eu iria substituí-la como líder dos primeiros-violinos. Houve muito auê a respeito, e o pai dela supostamente iria conversar com o diretor da escola, mas não compareceu à reunião. Tudo piorou ainda mais porque o pai dela tinha acabado de contratar o meu pai como cozinheiro no restaurante dele.

— Você disse que seu pai era professor de piano.

— Também era cozinheiro. Não tinha um inglês muito bom, mas um sotaque húngaro muito forte.

— E você era um prodígio do violino — disse Bridget. — Por que nunca nos contou nada disso antes?

— Por que eu iria querer me recordar de coisas doloridas? — disse Nola.

— Mas nunca mencionar que você foi um *prodígio*? — disse Vonn.

— Quando eu tocava violino, o instrumento era tudo o que importava para mim. Quando eu parei de tocar, deixou de ser. Eu tinha o Pip. E a Bridget. E depois você, Vonn.

— Laura Dorrie? — incitei, novamente.

— Certo. Naquele primeiro dia de aula, Laura foi escalada para ser minha guia na escola, porque nós duas tocávamos violino, e ela me apresentou para a turma inteira de formandos como a garota nova cujo pai húngaro lavava os pratos no restaurante do pai dela. Quando eu disse a Laura que meu pai era cozinheiro, e não lavador de pratos, ela simplesmente disse que era praticamente a mesma coisa. Depois me disse que me *mataria* se eu não ficasse bem longe de Patrick Devine.

— E você não obedeceu.

— Não. E quando as pessoas ficaram sabendo que Patrick tinha me convidado para um encontro, Laura Dorrie foi até meu armário, segurou meu pulso e quebrou o fecho da minha pulseira, que tinha sido da minha avó na Europa e, portanto, era muito especial para mim, e me disse que eu me “arrependeria” do que tinha feito.

— Ela quebrou sua pulseira? — perguntou Vonn.

— Sim, e nem pediu desculpas. Simplesmente falou: “Não gosto de ladrões.”

— E depois?

— Depois consertei a pulseira, mas não consegui dormir naquela noite. Eu soube que algo terrível iria acontecer.

— Outra clarividente — disse Vonn.

— Laura não deu um pio durante a semana inteira, mas dava para ver nos olhos dela que estava planejando alguma coisa. Quando o último sinal da escola tocou, fiquei aliviada pela semana ter terminado.

— Você iria sair com o Pip naquela noite?

— Naquela época, ele não era Pip. Era Patrick, e sim, eu ia sair com ele, mas meus pais não sabiam de nada. Eles não permitiam.

— O que aconteceu com Laura? — perguntei.

— Eu estava andando para casa e a um quarteirão já dava para ouvir os gritos da minha mãe. Então ouvi a voz do meu pai. Ele devia estar no trabalho, mas não. — Nola respirou fundo. — Eles estavam falando húngaro, portanto levei algum tempo para juntar as peças: o Sr. Dorrie tinha acabado de demitir meu pai e ia prestar queixa contra ele na polícia porque haviam encontrado duas caixas de contrafilé do restaurante escondidas embaixo de um casaco, no bagageiro da bicicleta dele.

Vonn e Bridget murmuraram algo em apoio a Nola.

— Minha mãe não pensou nem por um momento que meu pai estivesse mesmo roubando contrafilé do

restaurante, porque a gente não comia um corte decente de carne fazia anos. Era óbvio que estavam armando para meu pobre e gentil pai. Ele disse que foi por causa de seu sotaque. Minha mãe urrava: “Quem faria uma coisa dessas? Por quê?”

— Laura Dorrie? — soltou Vonn.

Nola assentiu.

— Laura Dorrie. Meu pobre pai tinha sido falsamente acusado, humilhado e demitido, tudo por minha culpa.

— Então o que você fez?

— A roupa suja estava num cesto em cima da mesa, junto com o frasco de água sanitária, e a única coisa que eu queria fazer era virar aquele frasco de uma só vez goela abaixo. Eu estava nesse limite.

Conhecendo a sensação, eu engoli em seco.

— Mas não conseguiria suportar nem mais um segundo ficar ali escutando o meu pai chorando no outro cômodo, portanto peguei o frasco de água sanitária e saí correndo, sem que meus pais descobrissem que eu tinha chegado em casa.

— O que você ia fazer com a água sanitária?

— Eu não tinha ideia. Dei a volta no quarteirão algumas vezes. Fui ficar sentada no parque por um tempo. Perdi a coragem de beber aquilo. Depois tive uma ideia e fui até o Dorrie’s Steak House.

— A rua estava mais movimentada do que o normal. Dei a volta pelos fundos, mas ali também estava movimentado, com gente saindo e entrando pela porta de trás. Então eu me escondi no beco ao lado do restaurante e esperei até que alguns carros partissem, depois fui até a calçada. O restaurante tinha um tapete vermelho chique na entrada.

— Você derramou água sanitária no tapete vermelho? Esse é seu arrependimento? — perguntou Vonn.

— *Essa é a sua grande confissão?* — disse Bridget. — Eu sabia!

— Eu já tinha destampado o frasco e estava prestes a derramar tudo ali quando ouvi a voz de Laura vindo do apartamento situado em cima do restaurante. Eu tinha ouvido as meninas na escola falando em como a casa dos Dorrie era igual a um palácio, como Laura tinha um closet maior do que o quarto da maioria das garotas; portanto, quando vi uma escada que me levaria direto até a janela aberta onde cortinas brancas maravilhosas estavam soprando, voltei a tampar o frasco de água sanitária e fui pé ante pé dar uma espiada.

“Quando cheguei lá em cima, Laura não estava no quarto. Fiquei ali parada, diante da janela aberta. Ela tinha uma cama de dossel imensa e cortinas de seda, e vi que a porta de seu closet estava aberta. — Nola parou um instante para recuperar o fôlego. — Quem olhasse todas aquelas roupas imaginaria que ela era uma estrela de Hollywood. Então eu me lembrei de que a água sanitária ainda estava nas minhas mãos.

— Ah! — gritou Vonn.

Bridget inspirou fundo.

— Foram as *roupas*?

— Esperei um minuto e depois me inclinei na janela para ter certeza de que ela realmente não estava ali. Não estava mesmo, mas descobri um maço de cigarro e um isqueiro no peitoril, além de bitucas de cigarro no patamar. Imaginei que ela devia fumar bastante e fiquei com medo de que a qualquer minuto ela voltasse para sua dose de nicotina, então ouvi um barulho no corredor. Minha pulseira se enganchou na beirada da janela, quebrou-se de novo e caiu.

— Ah, não — disse Vonn.

— Já estava escuro. Não dava para enxergar direito, por isso apanhei o isqueiro do peitoril. Precisei tentar centenas de vezes até acendê-lo, mas finalmente consegui. Eu o segurei para conseguir enxergar o patamar, mas não vi onde estava a pulseira. Então pensei que talvez a pulseira tivesse ficado presa no peitoril. — Nola parou por um longo instante. — Depois disso, tudo aconteceu muito rápido.

— O quê? — perguntei.

— Eu levantei o isqueiro. As cortinas... Elas... simplesmente... fizeram *uuuush!* — disse Nola, gesticulando com seu braço bom.

— Desci as escadas correndo, agarrei um homem que passava na calçada e mostrei para ele onde o fogo estava saindo pela janela do quarto de Laura, e ele entrou correndo no restaurante para chamar os bombeiros. Ninguém se feriu. — Nola fez uma pausa. — Bem, não é exatamente verdade.

— Que história terrível, Mim — disse Bridget.

— É por isso que nunca a contei para vocês — disse Nola.

Ficamos em silêncio por algum tempo.

— E o Pip? — perguntou Vonn.

— Quando consegui ir até o pátio no parque onde combinamos de nos encontrar, Patrick já estava lá, preocupado com todas aquelas sirenes. Não sei o que me deu, mas contei para ele o que eu tinha acabado de fazer.

— E o que ele disse? O que você fez?

— Ele me levou para a igreja dele. Estava silenciosa e escura e cheirava a velas. Ficamos ali sentados no banco da frente durante uma hora, ou mais, de mãos dadas. Não dissemos uma palavra. A única coisa que eu sabia é que não queria mais tomar água sanitária, e a sensação acolhedora que senti naquele lugar me deu a sensação de ter voltado para casa.

— Sua família não frequentava a igreja? — perguntei.

— Minha mãe já tinha sido casada antes. Disse que eles não seriam bem-vindos.

— Pip nunca falava em Deus — disse Vonn. — Eu não acreditaria se me dissessem que ele alguma vez pisou dentro de uma igreja.

— Ele se afastou da igreja algum tempo depois de nos casarmos. Não quis me dizer o porquê. Mesmo sendo tão próximos, ele nunca me disse o porquê. Não queria que isso estragasse as coisas para mim, acho. Aquela comunidade me trouxe muito conforto.

— Pip levou você para a igreja e depois parou de frequentá-la. Não acha isso estranho?

Nola fez que não.

— Ele costumava dizer: faço, não mostro.

— É verdade — lembrou Bridget.

— Ele gostava de jogar golfe no domingo de manhã. Esse pode ter sido um motivo tão bom quanto qualquer outro.

— Você alguma vez confessou a outra pessoa que foi você que provocou o incêndio? — perguntou Vonn.

— Depois de ter ido à igreja, decidi que me apresentaria à polícia e contaria tudo sobre o acidente com o isqueiro. Patrick disse que me acompanharia, mas, quando chegamos na delegacia, estava tudo um caos. O incêndio tinha sido contido, mas não antes de causar grande estrago a uma enorme garagem nos fundos, onde o Sr. Dorrie escondia milhares e milhares de dólares em bens roubados. Parece que ali era o portão para alguma operação.

— A fachada?

— Fachada. É. Enfim, a polícia não estava interessada em ouvir minha confissão. Eles nos enxotaram dali.

— Quer dizer que você nunca contou?

— Não. Nunca.

— Mas foi um acidente — argumentou Vonn. — Você era uma menina! Eles não a teriam processado. As coisas não teriam acontecido de modo diferente se você tivesse contado. É terrível você ter sido obrigada a carregar esse arrependimento durante a vida inteira.

— Os arrependimentos servem a seu propósito — disse Nola. — Você vai ver.

BRIDGET CAÍRA no sono e estava roncando alto.

— Desvio de septo — disse Nola.

Vonn se inclinou sobre mim, segurou gentilmente a cabeça da mãe e mudou a inclinação de seu maxilar. Era o primeiro gesto íntimo que eu presenciava entre as duas mulheres. O ronco parou, mas a ventania voltou a uivar.

— Parece um animal. Ou um demônio — disse Nola.

— O ronco dela?

— O vento. Os uivos — disse Nola.

— Como está seu punho?

— Agora está latejando mais — admitiu Nola. — É com Bridge que estou preocupada.

— Ela vai ficar bem, Mim. Ela sempre fica — disse Vonn.

— Você pensa que ela está bem, mas não está.

Escutamos o vento por mais alguns instantes.

— Pip costumava dizer: “Um dia ela vai surpreender todos nós.”

— Ela me surpreende todos os dias — disse Vonn.

— Ela é apenas humana. Como você. E eu.

— Toda essa história sobre a Laura Dorrie era mesmo verdade, Mim? Do incêndio? Ou você só disse aquilo para Bridget sentir-se melhor?

Nola verificou mais uma vez se a filha realmente estava adormecida antes de dizer:

— Essa história tem mais partes que eu não disse. Não cheguei à pior parte.

— Fica pior? — indagou Vonn.

O ronco de Bridget preencheu a gruta mais uma vez. Vonn acomodou de novo a cabeça da mãe, e o ronco parou.

— Na manhã seguinte, assim que o sol nasceu, ouvi um ruído no jardim e vi meu pai lá fora, destrancando o barracão de ferramentas do beco — disse Nola. — Saí para o quintal e me esforcei para enxergar por entre os sarrafos quebrados do barracão. Vi que ele estava carregando meu velho carrinho de brinquedo com latas de açúcar e farinha, alguns alimentos enlatados e os bolos de cenoura confeitados pelos quais o restaurante do Sr. Dorrie era famoso. Então ele abriu seu antigo freezer, que estava sempre zumbindo, e retirou uma caixa grande cheia de lombo de porco congelado e quatro caixas de contrafilé. Era verdade. Ele era mesmo um ladrão.

“Ele empilhou tudo aquilo no carrinho velho e o arrastou pelo beco até os fundos de uma loja de conserto de eletrônicos, onde alguns homens o aguardavam com dinheiro vivo. Vendeu tudo o que havia levado.

— Uau.

— Depois eu o segui direto até o apartamento da minha professora de violino.

— Ah!

— Então você entende.

Eu entendia.

— Ainda que meu pai conseguisse arrumar outro emprego em seguida, como eu poderia continuar tocando? Olhem o que isso custou a ele. Sua dignidade. Sua alma. Eu não podia mais me imaginar tocando violino. E depois do que eu tinha feito? Do incêndio? Eu não merecia.

Ninguém disse uma palavra durante um longo, longo tempo. De minha parte, eu desejava que minha própria penitência fosse tão clara para mim quanto a de Nola fora para ela.

— Se eu fechar os olhos — disse Nola —, ainda consigo me imaginar tocando minha música preferida.

Conseguimos enxergar a silhueta de Nola na escuridão quando ela ergueu a mão esquerda e inclinou a cabeça na direção de uma queixeira imaginária. Esforçando-se, ela levantou a mão direita machucada, segurando um arco invisível, e demonstrou:

— Spiccato. Legato. Marcato. Pizzicato. Détaché. Maretele.

— *Air violin* — falei, impressionado.

Bridget se assustou em seu sono. Nola estendeu o braço para afagar o rosto da filha.

— Ssssh. Pobre Bridge. Deve estar tão cansada. Ela vem treinando para um triatlo.

— Ela contou — falei. — No teleférico.

Nola acomodou o punho machucado.

— Maldita osteoporose. Beba leite sempre, Vonn. Isso tudo não parece um sonho?

Ninguém respondeu. Não sei o motivo.

— Quanto tempo vai demorar de manhã, Wolf? Se você estiver certo e pudermos escalar de novo até lá em cima e encontrar o caminho até a Estação da Montanha? — perguntou Nola.

— Quanto tempo? Uma hora e meia, mais ou menos — respondi, chutando para baixo. Meu estômago se revirava. — Vocês duas precisam dormir um pouco — falei. — Vou ficar de vigília.

Nola bocejou.

— Não sei o quanto esse punho vai me deixar dormir, mesmo.

— Estou bem acordada, não vou dormir de jeito nenhum. Nem uma piscadela — prometeu Vonn.

Quatro minutos depois, ela estava roncando em harmonia com Bridget. Nola a seguiu pouco tempo depois, acrescentando ao coro um gemido ocasional de dor.

Eu só podia imaginar com o que aquelas mulheres Devine teriam sonhado naquela primeira noite. Laura Dorrie? Motoqueiros tatuados? Quedas mortais? Maridos mortos? Campos verdejantes com flox da montanha?

Quanto a mim, repassei minha vida de trás para a frente, com a mente ardente de cenas do passado.

NAQUELA PRIMEIRA NOITE em Santa Sophia, depois que deixamos Byrd no posto de gasolina, lembro que me senti enjoado no Gremlin fedido, bilioso de tanto beber aqueles refris de uva, e focado nas estrelas mais brilhantes que eu já vira, na mais escura das noites. (“Bilioso” era uma palavra de Byrd, uma dessas palavras fora de moda que ele esperava ressuscitar. *Cáspite!* Ninguém que eu conhecia falava como Byrd.)

Tenho uma vaga lembrança de ter sido içado do carro e de ter subido cambaleando umas escadas e passado por uma porta rangente quebrada. Horas mais tarde fui despertado por um fedor horroroso e me vi suando em cima de um saco de dormir sem lençol sobre um chão de linóleo acabado com um garoto de 2 anos defecando ao meu lado.

Uma voz feminina se agitou no fim do corredor, assustando a criança agachada, que sumiu, deixando seu rastro fumegante de dejetos sobre o chão.

Eu me sentei e olhei ao redor do quarto minúsculo, contando dois vultos em cada uma das duas camas de solteiro, adultos, ou quase adultos, como eu. Havia corpos menores em sacos de dormir sobre colchões no chão, a maioria deles de crianças pequenas. Oito, no total. A janelinha minúscula estava aberta, e o calor entrava por ela como um radiador. No relógio, lia-se 5:03.

Era meu costume, mesmo naquela época, estar sempre preparado para o pior, mas percebi que havia passado longe em minhas previsões de como seria morar em um trailer de três quartos com tia Kriket e sua prole. O cheiro da casa, uma mescla antiga de cigarros, bebida choca e bacon, era horrivelmente familiar. Ouvi meu pai quase colocando os pulmões para fora na cozinha. Eu costumava ter muito medo de que um dia ele tivesse câncer e eu acabasse sozinho.

Frankie fora evasivo em relação à irmã porque não sabia como responder nenhuma das minhas perguntas. Kriket se mudara para a Califórnia na qualidade de mãe solteira adolescente e desde então passara a ser lançada insensivelmente de um lado para o outro pela tempestade de bebês aos prantos e pais desaparecidos. Quando morávamos em Mercury, Frankie às vezes ligava para ela quando estava

bêbado. Mais tarde eu o ouvia chorando no quarto. Eu a odiava por causa disso. Até aquele momento, nunca havia me perguntado se ela não chorava também.

Os pais de meu pai, segundo a versão de Frankie, estavam sempre brigando, em geral para decidir de quem era a genética culpada pelos defeitos dos filhos; sua mãe estava crente de que Frankie herdara o “gene de mentir-trair-roubar” dos Trulino, enquanto seu pai insistia que Kriket herdara a “xana comichenta de puta” do lado franco-canadense da família.

Certa noite, quando o pai de Frankie estava no bar local, recebeu um telefonema desesperado de Kriket e correu para casa, onde encontrou a mulher com quem foi casado por 25 anos esparramada no chão da cozinha, aparentemente morta por um ataque cardíaco. Frankie diz que seu velho varreu em silêncio todos os cacos da travessa que se espatifara no chão quando a esposa caiu, depois esticou-se sobre o linóleo manchado ao lado dela e sofreu, ele também, um ataque fulminante.

As dívidas da família amaldiçoaram ambos os irmãos. Kriket se mudou para a Califórnia, a milhares de quilômetros de distância, com o pai de seu primeiro filho; porém Frankie, quatro anos mais novo, foi levado ao Orfanato Público de Mercury. “Aconteça o que acontecer, Wolf”, Frankie me avisava em momentos aleatórios, “*nunca* deixe que levem você para o orfanato”.

Com ânsia de vômito por causa da imundície deixada pelo menino no chão do quarto, eu me levantei e fui procurar meu pai naquele trailer desconhecido. Quando apareci na entrada da área da cozinha, antes mesmo que eu pudesse saber quem ela era, minha tia Kriket descontou seu mau humor em mim, afastando a franja sebeta dos olhos mesquinhos:

— Ele é *a cara* do Papai.

Eu poderia dizer que era por isso que ela me odiava, mas a coisa não pode ser assim tão simples.

— Não fique me encarando, Wilfred — disse ela.

Eu olhei seu rosto inchado e arrogante e seu cabelo ensebado e sujo.

— Um bebê cagou no chão — falei, em vez de dar bom-dia.

Minha tia apanhou um rolo de papel-toalha e o atirou para mim, inquirindo:

— Austin?

— Wolf.

— Não, seu gênio; foi Austin que fez popô?

— Popô? Sei lá.

— Ele tinha o dente da frente lascado?

— Não vi o dente dele.

— Se o dente era lascado então foi Austin. Dodge é o gorduchinho. Os dois estão desfraldando. — Ela enfiou um dedo no meu peito. — Sacou?

Tentei cruzar olhares com Frankie, com o rosto ardendo.

— Não deixe eles cagarem no chão.

A mulher estava jogando a culpa *em mim*.

— Dê uma palmada na bunda deles e leve os dois pro penico. — Ela apontou um penico de criança de plástico num canto da cozinha, que ao menos uma das crianças pequenas tinha usado corretamente.

— Eu não vou bater em bebê — afirmei.

— É assim que eles aprendem.

— Eles não usam fraldas ou algo do tipo?

— Não dá para desfraldar com fralda, gênio.

— Tá.

— Além do mais, você tá a fim de comprar as fraldas, seu ricaço?

— Não muito.

— Foi o que eu pensei.

— Então eles simplesmente andam por aí pelados? — perguntei. Isso não podia estar certo. —

Cagando e mijando no chão?

— É por isso que eles precisam de palmadas, Wilfred.

De volta ao quarto, tive pensamentos terríveis sobre minha tia enquanto me ajoelhava para limpar aquela coisa fedida. À luz fraca contei nove corpos, um a mais do que antes — o menininho que tinha cagado no chão agora fingia que estava dormindo num colchão ao lado de um menino loiro com um dente lascado, que estava chiando como se soubesse que tinha sido falsamente acusado. Austin. Pobrezinho.

Um dos garotos adormecidos abriu os olhos e me viu de joelhos com o papel-toalha cheio de bosta. Atirou um travesseiro na minha cabeça e gritou:

— Seu *porco*!

— Sério? — falei.

O menino, que devia ter uns 7 anos, sentou-se, querendo saber: — Quem é você?

— Wolf. Seu primo Wolf. Você é o Yago? — O único nome que eu conhecia era o de Yago.

— Você não conhece o Yago? — O garoto não conseguia acreditar,

Fiz que não, olhando para os corpos adormecidos. Havia uma semelhança entre mim e vários de meus primos, muito embora eles tivessem sido engendrados por muitos e variados pais.

— Meu pai viu uma foto de Yago uma vez e disse que eu parecia com ele.

— Isso se você tivesse 30 anos! — disse o garoto com uma gargalhada. — E fosse um *cholo* fodão.

— Como você se chama?

— Imbecil — disse o menino de 7 anos de idade.

MAIS TARDE encontrei o banheiro, e, depois de endireitar o chuveiro quebrado, entrei na banheira cheia de sujeira seca e deixei a água correr sobre mim. Não encontrei nenhum xampu, por isso raspei as lascas secas de sabonete que havia na saboneteira e esfreguei-as no cabelo. A água castanha de ferrugem brincava comigo, alternando entre insuportavelmente quente e insuportavelmente fria, e eu era obrigado a me desviar e retorcer para não sofrer um choque ou me queimar.

Como não havia nenhuma toalha, fiquei de pé parado esperando o corpo se secar, observando os filetes acobreados de água entrarem pelo ralo e ouvindo o som de um desenho animado no último volume vindo da televisão da sala. O espelho do banheiro estava quebrado, e a metade de cima simplesmente não existia, portanto só dava para enxergar o reflexo nublado de meu tronco rígido e os pelinhos escuros e ásperos que eu vinha deixando crescer perto do meu umbigo nos últimos meses antes de irmos embora de Mercury.

Eu não tinha ouvido a moto chegar porque estava no chuveiro, portanto, quando entrei na cozinha, antes vazia, não estava preparado para encontrar ali um *cholo* fodão moreno e todo musculoso tirando o capacete. Não era preciso ser gênio para adivinhar que aquele cara era o tal Yago.

— E aí, *cuzão* — disse Yago.

— E aí, *babaca* — respondi, agradecido por “palavrões” serem minha segunda língua, graças a Frankie.

Yago me derrubou com um único soco veloz na cabeça. Por essa eu não esperava. Acordei segundos depois; havia sangue no chão imundo onde eu havia caído. Meu sangue, percebi. Minha cabeça latejava. Nunca tinha sido socado com tanta força antes.

— Tu sabe quem eu sou? — berrou Yago para mim.

Deitado no chão, olhei para ele. Minha língua estava esquisita.

— Sabe?

Ele agarrou minha camiseta e a retorceu na altura da minha garganta, depois me puxou até que eu ficasse de pé e me empurrou com força na parede, chacoalhando meu crânio contra a estrutura do trailer. Com a mão livre, segurou meu queixo e me obrigou a olhá-lo nos olhos. Eu vi alguma semelhança

familiar.

— Yago — falei com a voz arrastada, sentindo gosto de sangue.

— Sabe quem eu sou e mesmo assim me desrespeita? — perguntou ele, cuspiendo.

— Primo — falei. Doía falar. — Wilfred.

(Por que eu disse “Wilfred”, e não “Wolf”?)

— Wilfred? — Yago sorriu, apertando ainda mais a minha camiseta e me puxando para ficar com o rosto colado no dele. — Esse é seu nome? *Wilfred*?

— Wolf — falei. — Wolf. — Embora eu estivesse tremendo de medo, foi impossível não notar que Yago tinha comido alho, bebido uísque e fumado um Camel fazia pouco tempo.

— Só tem uma coisa que eu odeio mais do que primos, Wilfred — disse Yago. — Sanguessugas.

Assenti.

— Nem chegue perto do meu bagulho — disse ele.

— Não quero seu bagulho — vociferei. Minha cabeça latejava. Minha boca estava cheia de sangue. Eu nunca tinha me sentido tão intensamente vivo.

Uma moça entrou na cozinha para ver que confusão era aquela.

— É o filho do tio Frankie — disse.

Yago murmurou um palavrão baixinho e me soltou.

— Você é o Wilfred, né? — disse a moça, virando-se para mim em busca de confirmação. — Nosso primo.

— Wolf — falei.

— Já fomos apresentados — disse Yago, arrogante, enquanto subia uma escadinha ao lado. Enfiou o braço e retirou do teto um embrulho pequeno e quadrado, puxou um saco de papel pardo do esconderijo e enfiou o pacote em formato de tijolo no bolso de trás de seus jeans folgados.

Antes de sair, deu um tapa com força na minha bochecha.

— Não mexa no meu bagulho.

O som que a moto dele fez quando ele deu partida, a poucos centímetros da porta, aquele guincho alto e raivoso, é algo de que eu jamais irei me esquecer.

— Já viu um redemoinho? — perguntou a moça, depois que Yago se foi.

Eu nunca tinha visto.

— Parece um pequeno tufão: aparece do nada no meio do deserto e simplesmente começa a rodopiar e atirar terra e areia para todos os lados. Depois some. Meu irmão Yago é assim.

— Um redemoinho.

— Sou a Faith — disse ela, examinando minha bochecha. — Está inchando bastante, mas não abriu nenhum corte. Abra a boca.

Abri.

— Você mordeu a língua.

Cuspi mais sangue no pano de prato que ela tinha me dado.

— Não temos gelo aqui.

Assenti em agradecimento mesmo assim.

— Minha mãe e seu pai saíram para tentar a sorte nos caça-níqueis. Disseram que não têm hora para voltar.

Supus que, quando Frankie dissera que a gente iria se mudar porque precisava ficar mais perto da “família”, o que ele realmente quisera dizer era que precisávamos ficar mais perto dos *cassinos*.

Duas outras filhas da minha tia, Patience e Charity, entraram juntas na cozinha, seguidas por mais duas, Grace e Beauty.

— O filho de Frankie — apresentou Faith. — Wolf.

— Não chegue perto do bagulho de Yago — advertiu Grace num sussurro.

— Pa-go para não ver Ya-go — disse Patience. Aquele me pareceu um bom conselho.

Dali a pouco todas as crianças pequenas terminaram de ver desenho e entraram correndo na cozinha, dando tapas, berrando, mordendo e beliscando. Os adultos (e semiadultos, porque pelo menos três ali eram mães adolescentes) estapearam os estapeadores, morderam os mordedores e beliscaram os beliscadores no que mais parecia uma aula de darwinismo.

Eu me lembro de ter ficado ali sentado naquela manhã e encontrar certa beleza trágica no modo como o sol entrava pela janela quebrada da cozinha e iluminava as nuvens de fumaça de cigarro, formando halos em torno das cabecinhas das crianças.

Ninguém se perguntou em voz alta se os descontentes aos berros simplesmente não precisavam tomar o café da manhã.

Os armários da cozinha estavam vazios. Tinha cerveja e refrigerante na geladeira, mas não leite ou suco. Faith percebeu que eu estava fuçando e gritou por cima da algazarra que Kriket iria trazer pizza e asinhas de frango quando voltasse para casa. Apanhando do chão um dos bebês sem fraldas, ela acendeu um cigarro com um gesto experiente e soprou a fumaça para longe do rosto da criança, assumindo um ar de desculpas quando nossos olhos se cruzaram.

— Isso aqui é uma bosta — disse ela.

— Yago também mora aqui?

— Esse lugar é mais uma espécie de depósito para ele. Às vezes ele vem se esconder aqui, finge que veio visitar as crianças. Aquele lá é filho dele. — Apontou ela. — Aquele também.

— Quantos filhos ele tem?

— Cinco ao todo, mas só dois moram aqui.

Puxando conversa, perguntei sobre o teleférico de Palm Springs. Faith me disse que tinha feito o trajeto uma vez e o descreveu como “mais ou menos, se você não enjoa com o balanço, como eu”, e a montanha como “mais ou menos, se você curte pedra e árvore, coisa que eu não”.

Fiquei de olho na porta da cozinha enquanto meus parentes iam e vinham. Eu nunca sabia com certeza se estava olhando para um primo novo ou se alguém que eu já tinha visto antes simplesmente havia trocado uma camiseta imunda por outra. Era com Yago que eu estava preocupado: eu não queria estar ali quando ele voltasse.

Eu tinha passado horas e dias em Mercury imaginando uma vida em família, querendo um irmão mais velho para me atormentar e uma irmã caçula para aporrinhar e proteger. Jamais tinha conhecido nenhum parente meu antes, e, agora que estava num lugar estranho com mais de uma dúzia deles, o que eu mais queria era sair correndo.

— Vou dar uma volta — avisei para Faith.

Meu plano era encontrar aquele posto de gasolina da noite anterior e combinar de fazer o passeio de teleférico com meu novo amigo.

Minha mala ainda estava no Gremlin, que Frankie levava para o cassino, portanto eu só tinha aquela calça jeans, que era quente demais, e uma calça de pijama cortada (que eu estava usando no lugar de uma cueca, porque não tinha nenhuma limpa), além da camisa de Bob Seger de Frankie, muito grande, mas que eu tinha certeza de que seria capaz de esconder a calça de pijama xadrez. Eu tinha viajado de chinelos, portanto iria com eles.

Lembrei que o posto de Byrd se chamava Posto de Gasolina Santa Sophia e perguntei a Faith como chegar lá.

CANTAROLANDO uma musiquinha, eu caminhava pela Vila de Lata, passando por trailers enferrujados e acenando para algumas crianças que chapinhavam água suja em uma piscina rachada de plástico; no caminho, ia olhando os carrinhos de bebê quebrados, as bonecas bebezinho mutiladas, as bicicletas

enferrujadas, uma metralhadora (de brinquedo?) encostada em uma mesa de piquenique, restos de comida, garrafas de cerveja, sacos de lixo e tantos gatos que dava para sentir o cheiro do mijo deles em qualquer lugar para onde eu virasse a cabeça.

Não havia árvores na Vila de Lata, por isso eu tentava me esconder do sol como as pessoas tentam se proteger da chuva. Eu me lembro de ter pensado que a caminhada de meia hora da casa da minha tia até o posto de gasolina seria moleza para um garoto adolescente em boa forma, mas antes mesmo de encontrar a estrada principal, meus chinelos de borracha já estavam rachando por causa do calor do asfalto e os espaços entre meus dedos, onde ficavam presas as alças do chinelo, estava em carne viva.

Eu estivera tão preocupado com a precariedade de meu novo bairro que mal olhara adiante para conferir a distância, e, quando fiz isso, fiquei sem fôlego com a visão da montanha à minha frente. Quilômetros de altura e extensão que se erguiam do deserto, vivos, um dente afiado a postos para morder o céu azul translúcido, uma criatura pontuda cuja simples existência já parecia desafiar os audazes. Parei para absorver a visão. Não sei quanto tempo fiquei ali, apenas olhando. *Batólito*. Eu me lembrei da palavra que tinha lido no livro de geologia da biblioteca. Um magnífico batólito.

O sol queimava meu couro cabeludo. Fiquei irritado ao descobrir pedacinhos de sabonete grudados no meu cabelo quando cocei a cabeça. Continuei andando, inclinando-me na direção do vento quente. Nunca sentira tanta sede. Mal sabia o quanto aquilo iria piorar.

Embaixo da sombra rala de uma palmeira, retomei o fôlego, me localizei com a ajuda de uma placa de estrada e tive a confirmação de que estava indo na direção certa. Faith disse que eu encontraria o posto de gasolina no entroncamento da estrada principal com a rodovia e calculou meia hora de distância, confessando:

— Pode ser que eu esteja errada. Ninguém aqui costuma andar a pé.

Mais uns quinze minutos e eu chegaria ao posto, calculei, porém vinte minutos mais tarde eu continuava me arrastando com dificuldade pela estrada de terra, procurando algum lugar onde pudesse implorar por uma bebida. (Frankie não tinha me deixado nenhum dinheiro.) Não havia o menor sinal do posto, além de nenhum outro lugar onde pudesse haver água. O sol assava a parte superior dos meus pés enquanto o concreto queimava as solas através da borracha. Eu estava evaporando a cada passo.

Arrastando-me, fiquei aliviado quando encontrei uma trilha cuidada que levava até um grupo de árvores escova-de-garrafa floridas — nunca me esqueci daquela flor peculiar. Eu me lembro dos cactos daquele trecho do caminho também; eram muito estranhos para mim — o *cholla* espinhoso, o agave afiado como navalha, o cadeira-de-sogra, o *beavertail*. Claro, eu não conhecia seus nomes naquela época, mas respeitava muitíssimo seus espinhos.

Um banquinho distante sob a sombra me convidou, portanto me obriguei a fazer o esforço de caminhar até lá, agradecido por ter onde descansar meus pés assados, mas aí senti vontade de mijar.

A alguns metros do banco, havia uma área cercada por cordas, cheia de arbustos densos de sálvia aromática rodeados por um grupo de gordos cactos *beavertail*. Deslizei por baixo da corda e atravessei uma área situada mais além dos arbustos bem-cuidados para aliviar minha urina amarela e escassa.

Foi ali que descobri o emaranhado de erva vermelha subindo sobre um carvalho caído: eu a reconheci no mesmo instante, pela foto que estava no livro que eu pegara emprestado permanentemente da Biblioteca Pública de Mercury — as mesmas vagens vermelhas, os mesmos ramos delicados e caules aveludados, as mesmas flores brancas em formato de trombeta. Eu me lembrei da Srta. Kittle avisando sobre os poderes alucinógenos daquelas sementinhas vermelhas — pessoas morreram por comer erva vermelha. “Toda geração tem sua história de advertência”, dissera ela.

As bordas das vagens eram espinhosas, e tomei cuidado para não me ferir e acabar me infectando com o veneno da planta quando puxei do ramo uma esfera aveludada. Levei-a ao nariz e senti ânsia de vômito por causa do forte cheiro de fralda. Depois eu a lambi. Não sei por que fiz isso. Eu era criança e às vezes fazia coisas estúpidas. O pinguinho microscópico de óleo que saiu da vagem vermelha tinha o mesmo

gosto que o cheiro de esgoto tem. Não me deu alucinações nem me matou, obviamente, mas nunca vou esquecer aquele gosto na língua. Era como a morte.

A Srta. Kittle dissera que era muito pouco provável que eu visse um arbusto de erva vermelha porque todos eles tinham sido arrancados e queimados, mas eu encontrara um. Encontrara erva vermelha no meu primeiro dia em Santa Sophia. Olhei ao redor, para não esquecer o lugar, e tive uma sensação estranhíssima de que não estava sozinho. Ouvi sons de coisas se arrastando nos arbustos. Farejei, mas não consegui sentir muitos outros cheiros além do de sálvia e areia. Chamei, enquanto recuava:

— Olá?

Voltando à trilha, não me senti exatamente orgulhoso, mas era alguma coisa — senti alguma coisa. Mal podia esperar para contar ao meu novo amigo Byrd sobre a erva vermelha. Animado com a descoberta, apressei o passo, mas um de meus chinelos de borracha prendeu-se em um galho, e o maldito simplesmente partiu no meio. Nunca mais usei chinelo desde aquele dia. De chinelo não dá para fazer trilha, fugir de um predador ou subir até o topo de uma montanha.

Decidi que descalço eu andaria mais rápido mesmo e atirei as solas de borracha nos arbustos. Os índios nativos americanos caminhavam descalços e às vezes dormiam no chão, onde podiam sentir, ver e cheirar a terra. Segundo Frankie, eu era um dezesseis avos cree do Quebec. Comecei a caminhar pelo chão quente com um propósito renovado, chamando à tona minha minúscula porcentagem de sangue indígena.

Ao sair da trilha, fui surpreendido pela visão de um prédio moderno e grande. Seria um shopping? Com bebedouros? Praça de alimentação? Saltei uma cerca alta com desenvoltura surpreendente (a adrenalina nos torna mágicos) e corri descalço pela turfa espessa e verde em direção ao prédio. Uma placa na entrada dizia SANTA SOPHIA HIGH SCHOOL. As portas da escola estavam fechadas com correntes.

Vi meu reflexo em uma das janelas e parei para observar o estranho à minha frente; alguma espécie de urticária roxa tinha irrompido em meu rosto e pescoço, e na minha cabeça os resíduos de sabonete tinham se misturado com meu suor e criado uma camada de espuma amarela nojenta. Desesperado por um gole d'água, voltei para a estrada, xingando o calor, os meus pés e o meu pai, porque, que inferno!

O sol ficou mais alto e eu continuei andando, pensando em imagens de qualquer espécie de fluido nojento (urina, esgoto, suco de tomate) e discutindo comigo mesmo quais eu tomaria se estivessem na minha frente naquele momento.

Não tenho certeza de como acabei encontrando o posto de gasolina. Tive a impressão de que em um instante eu não podia dar nem um passo a mais e no outro levantei os olhos e vi a placa do Posto de Gasolina Santa Sophia. Meus fêmures pareciam sem articulações, e meus pés, em chamas. Eu não conseguia raciocinar direito, operando à base de um único cilindro defeituoso, e fiquei aliviado quando vi Byrd pela vidraça — uma visão de cabelos escuros atrás do caixa. Então caí de joelhos, vomitando copiosamente sobre o capacho vermelho de bem-vindo.

Não consegui encontrar forças para levantar a cabeça e, quando Byrd demorou a aparecer, temi que não houvesse me visto. A próxima coisa de que me lembro é o som da voz dela, a música que saiu de sua garganta quando ela disse:

— Que *nojo*.

Lark era a dona do cabelo escuro atrás do caixa, não Byrd. Eu estava passando mal demais para sentir vergonha conforme ela, que tinha metade do meu tamanho, me levantava pelas axilas e me ajudava a entrar na loja. O ar frio instantaneamente começou a me ajudar a respirar. Quando ela disse “Está tudo bem, eu vou ajudar você”, eu acreditei.

Aquela garota linda me arrastou pelo corredor até um pequeno escritório localizado atrás do balcão do caixa e me guiou até uma cadeira na frente de um ventilador oscilante.

— Você veio a pé? — perguntou, inclinando um canudinho para que eu pudesse beber de uma das duas latas de refrigerante que ela tirara da geladeira. — Descalço?

Consegui assentir.

— Seu pai disse que vocês estavam hospedados num hotel no centro. É bem longe.

Mesmo em meu estado prejudicado, percebi que meu pai mentira para Lark e obviamente não dissera nada sobre a Vila de Lata.

— Meus pés se partiram. — Eu quis dizer “*meus chinelos*”.

Lark estava franzindo a testa, focada em um ponto na minha linha frontal do cabelo onde a espuma do sabonete secara.

— Pólen das árvores — menti. Deixei o vento do ventilador atingir meu rosto inchado enquanto eu secava as latinhas.

— Você está com urticária. Roxa... — disse Lark, apontando para as bolinhas em minhas bochechas e no meu pescoço.

— Daqui a pouco isso desaparece. — Seriam do calor ou daquela amostrinha microscópica de erva vermelha?

— Alguém bateu em você? — perguntou ela, notando o inchaço na bochecha.

— Eu caí — menti.

Ela pegou uma jarra cheia de gelo do freezer mais próximo, despejou o gelo num balde vazio e acrescentou uma jarra grande de água destilada, depois outra de gelo.

— Você sabe o que dizem: uma pessoa só tem insolação uma vez.

Fiquei na dúvida: será que Lark queria dizer que a pessoa morre de insolação de primeira ou que depois passa a ser mais cautelosa ao se arriscar? Ela levantou meus pés escarlates e os colocou na água fria escaldante. Juro que esperei ser envolvido numa nuvem de fumaça.

— Pronto — disse ela.

Eu não conseguia conectar aquela garota à visão cheia de desprezo da noite anterior.

— Valeu — rouquejei.

Quando ela se levantou, seus mamilos se endureceram por causa do vento do ventilador oscilante. Ela deve ter percebido minha mudança de expressão porque pareceu ficar ligeiramente em pânico e perguntou:

— Vai vomitar de novo?

Fiz que não, sem muita certeza.

Lark colocou um pano frio na minha testa e sorriu como um anjo de misericórdia.

— Seu pai disse que você se chama Wilfred.

Era como se ela estivesse falando outra língua, na qual nem “pai” nem “Wilfred” eram palavras familiares para mim.

— Wolf. Todos me chamam de Wolf.

Ela sorriu.

— Quer dizer que você é canadense? Franco-canadense ou algo assim?

Franco-canadense? Ele tinha usado aquilo para *seduzir*? E havia *funcionado*?

— Há cem anos a gente era franco-canadense — falei. — Acabamos de nos mudar do Michigan para cá.

— O quê? Seu pai é alguma espécie de *fora da lei*?

Eu não gostei do modo como ela pareceu esperançosa.

— Não exatamente.

— Proteção à testemunha?

Gostei dessa ideia; eu tinha toda intenção de mentir sobre nosso histórico.

— Deixamos tudo para trás — falei. — A casa azul, minha escola, minha rua, a Srta. Kittle da biblioteca, o barracão no beco e o túmulo de minha mãe no velho cemitério.

— Que triste — disse Lark. — Vocês pretendem voltar um dia?

Neguei.

— Mas encontrarão um bom lugar aqui — disse ela.

Lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto antes que eu tivesse a chance de virá-lo para o outro lado.

Então o telefone atrás do caixa começou a tocar, e, franzindo a testa num pedido de desculpas, Lark saiu às pressas para atendê-lo, fechando a porta do escritório ao sair. Eu me esforcei para escutar a conversa, mas ela só falou por um momento, sussurrando, depois desligou e discou outro número. Torci para que não estivesse chamando uma ambulância ou o pessoal de um hospício.

Ela não voltou para me ver, como eu esperava. Em vez disso, ouvi o som de água caindo e percebi, com certo horror, que ela estava limpando o vômito do capacho. Então veio o som de sua voz sedosa, conforme ela atendia a um cliente no caixa, depois outro e mais outro. Invejei todos os olhos que a viam quando eu não podia vê-la, todo ouvido que ouvia o que ela falava, “São 26 dólares pela gasolina e 7,72 pelo cigarro”. Adorei o modo como ela dizia “Brigada” ao final de cada transação.

Será que ela voltaria correndo para me ver se eu tossisse ou soltasse um grito? Não queria que ela sentisse pena de mim, entretanto, nem que achasse que eu estava doente demais, caso o impulso de me beijar a acometesse. Se fosse acontecer um beijo, eu precisaria urgentemente de uma bala de menta.

Consegui caminhar os poucos passos até o banheiro adjacente e me perguntei o que eu poderia dizer para impressionar uma garota na frente de quem eu já tinha, até aquele momento, vomitado e chorado. Lavei o cabelo na pia com o sabonete para mãos e o sequei no secador de mãos.

Ainda não sabia o que dizer, mas *precisava* pensar em algo para puxar conversa. A montanha. Eu perguntaria se ela já tinha passeado de teleférico. Claro! O teleférico abriria a possibilidade de uma conversa geral sobre a montanha, a respeito da qual eu conhecia vários fatos interessantes.

Segurei a respiração ao abrir a porta do escritório. Lark tinha sumido, e Byrd estava em seu lugar.

— Pode esquecer — disse ele, sorrindo ao ver meu cabelo seco com o secador de mãos.

— Para onde ela foi?

— Pode esquecer — repetiu Byrd, rindo. — Sério. Você nem deve estar no segundo ano ainda.

— Vou fazer 14 anos em novembro — falei.

Foi aí que descobrimos que fazíamos aniversário no mesmo dia, mas com um ano de diferença, sendo Byrd um ano mais velho. É algo e tanto para se ter em comum.

— Seu rosto está parecendo geleia, cara. E seu cabelo está todo deformado. — Byrd riu. E eu também.

Pelo vidro, vi Lark enchendo o tanque do veículo de um senhor de idade. Ela percebeu que eu estava olhando, mas não sorriu, como eu havia esperado.

— Ela tem quase 18 anos. No fim do verão vai para um internato. Em Nova York. E nunca vai voltar.

— Ah.

— Vai ter amigos de Nova York. Uma vida em Nova York. E, além do mais, ela é velha demais para você.

— Mas nem sempre vai ser — falei.

— Isso aí é um pijama cortado?

Balancei a cabeça em negativa.

— Cueca. Frankie saiu com o carro, e todas as minhas coisas estão lá dentro.

— Você andou de lá do seu hotel até aqui de cueca?

Foi quando contei a Byrd sobre o trailer da minha tia Kriket na Vila de Lata e por que eu tivera tanta pressa de dar o fora.

— Seu velho é uma figura — comentou ele.

— Você devia conhecer a irmã dele — falei, contando em seguida sobre ela e os bebês desfraldados.

— Quer dizer que eles andam por aí cagando e mijando no chão?

— É.

Byrd ficou sério, enquanto me observava olhando para Lark.

— Nem pense, Wolf. Ela é amaldiçoada. Seus dois últimos namorados morreram em circunstâncias misteriosas.

— Verdade?

— Um deles de ataque cardíaco.

— Nossa.

— O cara tinha 36 anos.

— O pai dela deixa ela namorar caras de 36 anos? Isso não é contra a lei?

— O pai não sabia — disse Byrd. — Teria matado os dois se descobrisse.

— E o outro cara?

— Kitz? — soltou Byrd, irritado. — Eu odiava aquele puxa-saco falso. Morreu picado por uma cobra.

Era uma cascavel jovem. Elas têm mais veneno.

— Odeio cobra.

— Eu fui picado na montanha verão passado.

— Você disse que era uma picada de mosquito!

— Não aquela. Essa. — Byrd virou a perna para que eu pudesse ver as marcas de dentes na panturrilha direita. — Doeu pra caramba, mas pelo menos foi uma picada seca. Sem veneno.

— Como você sabe se a picada é seca ou não?

— Se você não morrer — disse ele, sorrindo.

— E esse tal de Kitz também foi picado na montanha?

— Ele estava levando o cachorro para passear perto da escola. Você deve ter passado por ela a caminho daqui. Tem uma área de arbustos bem grande atrás da trilha, e lá sempre tem cascavel. Ninguém vai até ali. Chegaram até a avisar as pessoas no jornal da região.

— Eu passei lá agorinha!

— Não volte. — Byrd estava falando sério.

— Por que Kitz foi ali?

— Para se masturbar? — arriscou Byrd. — Por que você foi ali?

Eu me lembrei:

— Encontrei erva vermelha.

Byrd me olhou intensamente.

— Sabe o que é erva vermelha?

— Sei.

— Tem certeza de que era erva vermelha?

— Aquela da florzinha branca e da vagem vermelha.

— Onde?

— Atrás de um arbusto, atrás da escola.

— Sabia que apelidaram essa erva de “erva da morte”?

— Sabia.

— Sabe o porquê?

— Sei — respondi. — Eu sei.

— O xerife mandou voluntários a cavalo com matilhas de cães farejadores e eles limparam toda a área daqui até Santa Rosa. Meu tio Harley tem fotos desses caras com pás e enxadas. Ele estava lá.

— Será que é melhor eu voltar e arrancar o arbusto?

— Voltar ao covil das cascavéis? Não.

— Tá.

— E *nunca* conte a ninguém. — Ele disse essa última parte com ar solene.

Lark apareceu à porta e nos observou, desconfiada.

— Não contar a ninguém.. o quê? — perguntou. Depois se virou para mim: — O que você fez com seu

cabelo?

— Nada — respondi.

— Do que vocês estavam falando? Não conte a ninguém o quê? — insistiu ela.

Encolhi os ombros. Ela sorriu.

— Segredinhos, hã?

— Nada de segredinhos. Só disse para não contar a ninguém que eu ando no teleférico de graça — disse Byrd, blefando.

— Certo. — Lark encolheu os ombros e saiu rebolando pelo corredor. O sino da porta soou, e ela desapareceu outra vez.

— Harley? É porque ele dirige uma Harley? — perguntei, retomando nossa conversa anterior.

— Harley porque foi esse o nome que a mãe dele deu. Harley tem uma Honda, mas já não anda muito de moto. Tem um depósito cheio de carros antigos. Doa um para a caridade todos os anos. Todo mundo por aqui conhece ele.

— É por isso que você anda no teleférico de graça?

— Isso e também o fato de que meu tio Dantay é o chefe da equipe de resgate da montanha.

— Demais!

— Eu costumava fazer trilhas com Harley, mas não faço mais. Ele tem uns 50 anos hoje em dia. — Ele riu. — É bacana, mas fala demais. Tudo é uma lição. Esta flor é para isso. Aquele arbusto é para aquilo. Ele quer que eu conheça a minha cultura. E tudo bem, acho.

— Segundo Frankie, temos sangue cree pelo lado da mãe dele — falei.

— Eu cresci acreditando que era polonês — disse Byrd, rindo. — Bom, sou mesmo: metade.

— Você não quer aprender todas essas coisas sobre os nativos americanos? Eu iria querer. Eu *quero*.

— Quando eu era menor, queria, mas depois... sei lá... não é que eu não queira aprender. — Ele pensou por um instante. — Às vezes um cara só quer ter a sensação de que *aprendeu* algo sem que lhe tenham *ensinado*.

Eu não tinha experiência com tios bacanas, professores interessados nem pais que orientavam. A Srta. Kittle fora o mais próximo que eu havia chegado de ter um mentor.

— Certo — falei.

— Tenho quatro tios, três tias e 22 primos no total — disse Byrd. — Meus tios todos tentam ser meu pai. Harley, Dantay, Gabriel. São todos bacanas, acho. Jorge e Gabriel trabalham no cassino com meu tio Harley. Antes de ir para a equipe de resgate da montanha, Dantay era dublê de cinema. Tem umas tatuagens muito loucas.

— As pessoas se perdem muito na montanha?

— O tempo todo.

— É fácil se perder lá?

— Não se você estiver comigo.

— Trabalhar na equipe de resgate da montanha deve ser demais.

— Dantay me deixa dirigir suas motos de trilha na sua propriedade. Um dia eu levo você até lá.

— E o teleférico?

— Depois de amanhã é minha folga aqui. A gente se encontra na base da estação às oito da manhã.

Você tem bicicleta?

— Tenho — menti.

— Leve água. Um casaco bem quente. Sapatos bons.

— Casaco? — Ri, pensando em como eu acabara de quase morrer de insolação.

— Lá em cima pode esfriar. Nunca foi escoteiro? *Esteja preparado*.

Então perguntei:

— Onde você estuda?

— Por correspondência.

— Vou começar o ensino médio em setembro.

— Na SSHS, né? Diga pros outros que você conhece os Diaz.

— Eu não conheço nenhum Diaz.

— Eu sou um. E Lark também.

— E a Vila de Lata? Tem algum Diaz lá?

— Já olhou em torno? A gente não é mais pé-rapado, cara. Temos empregos na gerência dos cassinos.

Trabalhamos em imobiliárias. Somos donos de metade das lojas de colchões Mattress Kings no Coachella Valley.

— Certo.

— Estou brincando — disse Byrd, rindo. — Tem alguns Diaz na Vila de Lata, sim, mas a maioria dos meus tios e primos é rica. Os Diaz dominam a SSHS.

Lark nos assustou quando se inclinou para apanhar um conjunto de chaves no suporte ao lado da porta. O atrevimento arrogante da noite anterior parecia ter voltado a tomar conta.

— Venha — disse ela para mim, impaciente. — Você precisa de uma carona para casa.

Sorri para Byrd e depois segui Lark pelo corredor, na direção da porta. Byrd gritou para mim, de trás do caixa:

— *Sê!*

Nem me virei, ao dizermos em um uníssono perfeito:

— *Eh gox to zah papô rah.*

Eu nunca tinha me sentido tão feliz na vida.

O ar estava quente e o sol ainda a pino conforme Lark me conduzia para fora do posto. Fiquei hipnotizado pelo balanço da bunda em formato de coração dela. Logo senti as puxadas familiares causadas pelo sangue divergente. Sem querer que minha apreciação ficasse evidente, vestido com aquelas calças cortadas de pijama, imaginei a tacada peculiar do jogador de beisebol John Wockenfuss, como eu sempre fazia em momentos como aquele.

Obviamente não daria para entrar no carro de Lark sem que minha gratidão ficasse à vista. E se ela gritasse? E se me batesse? E se não fizesse nada disso? *Wockenfuss. Wockenfuss. Wockenfuss.* Meu estômago revirava, mas isso não exercia nenhuma influência sobre a situação. Desviei os olhos da bunda de Lark, concentrando-me nos meus próprios pés destruídos. Carne queimada. Bela Lark. Dedos arrasados. Sublime Lark. *Wockenfuss.* Lark se virou, olhou feio para mim e disse:

— Você vai com ele.

Segui o dedo dela, que apontava para um Cadillac preto esguio parado na extremidade do estacionamento.

— Ele está esperando — disse a garota, desaparecendo em seguida.

Ou melhor, fui eu que desapareci. Desmaiei.

Depois disso, só me lembro de estar no banco do passageiro de um veículo em movimento (não um veículo qualquer, mas um Cadillac Coupe de Ville) tendo ao meu lado, com as mãos no volante, uma enorme presença masculina.

— Desculpe, senhor — falei. — Estou meio fora de mim.

Era a mais honesta verdade, por Deus.

— Insolação.

— É.

— Sabe quem eu sou? — A voz grave dele fez o painel chacoalhar.

Olhei para o homem gigantesco com closes rápidos: nariz aquilino, com a narina direita sem nenhum sinal visível de pelos (eu nunca antes na vida tinha visto um homem moreno que não tivesse pelos nasais). Unhas bem-cuidadas sobre o volante laqueado, lixadas em formato quadrado em vez de mordidas

até o talo. Um monumental pomo de adão na garganta extremamente morena e um humilde crucifixo de ouro pendurado alguns centímetros mais abaixo.

— Você é tio de Byrd?

— Sou o *pai* de Lark — anunciou o homem. — Você não vai vomitar, vai, filho? — Ele não esperou pela minha resposta; parou o Cadillac no meio-fio. Infelizmente não consegui esperá-lo parar e acabei banhando o estofado de primeira do carro com um muco cor de Coca-Cola.

— Desculpe — falei, engasgado, tirando a camiseta para tentar limpar aquela sujeira.

Quando o homem enorme deu a volta para abrir a porta do passageiro, botei as pernas para fora do carro, mas não consegui levantar a cabeça. Notei que ele calçava sapatos bons; pelo menos supus que fossem bons, pois não eram tênis nem botas de caubói. As calças dele tinham vincos feitos a ferro de passar. Quando ele pousou as mãos nos joelhos para dar apoio ao próprio corpo gigantesco conforme se agachava, vi que usava um anel em cada um dos polegares. Nenhuma tatuagem.

Eu nunca havia conhecido pessoa como aquela, que usasse sapatos bons e anéis de polegar e tivesse narinas carecas, e fiquei envergonhado da minha aparência desgrenhada. Limpei a boca com o braço.

— Você é o tio Harley?

Ele assentiu.

Imaginei se ele queria me bater. Talvez até já tivesse batido.

— Minha cabeça dói.

— Você caiu feio — disse ele. — Seu pai tem plano de saúde?

Frankie não tinha nem meias.

— Não, senhor.

— Você tomou café da manhã?

— Não, senhor.

— Então partiu para fazer uma caminhada de quase seis quilômetros no deserto sem tomar café da manhã? Nem levar água?

— Sou novo por aqui — falei, como se isso explicasse a estupidez. — Do Michigan.

Ele me deu um susto ao pousar os polegares gigantescos sobre meus olhos e erguer minhas pálpebras para dar uma boa olhada nas minhas pupilas.

— SSHS, então?

— Perdão?

— Você está matriculado na Santa Sophia High School?

— Eu conheço os Diaz — soltei de repente.

O homem sorriu. Ele gostou de mim. Não sei por quê.

— Você não parece ter sofrido uma concussão.

— Obrigado, senhor.

Eu não tinha dado ao pai de Lark meu endereço e, de todo modo, eu não sabia qual era, mas apesar disso ele dirigiu direto até a Vila de Lata, pelo labirinto de casas móveis, e parou na frente da caixa de correio amassada de Kriket. Minha tia espiou por trás das cortinas manchadas de seu quarto e não pareceu nada feliz ao reconhecer o carro.

Vi que o Gremlin verde estava estacionado do outro lado da rua e fiquei feliz por Frankie estar de volta. Se estivesse sóbrio, ele seria um rosto amigável; se não estivesse, seria no mínimo um rosto familiar. Agradei o grandalhão e me lamentei por ser obrigado a dizer que sim quando ele perguntou se eu precisava de ajuda.

Kriket não tinha pés velozes, mas mesmo assim chegou até a porta antes de alcançarmos o portão da frente quebrado.

— Harley — disse ela, de forma nada calorosa.

Harley? O pai de Lark era o *Harley*.

— Seu sobrinho? — perguntou Harley.

Kriket pôs as mãos nos quadris e franziu os lábios.

— Wilfred.

— Insolação — explicou o tio de Byrd. — Descanso e líquidos.

— Imbecil. O que aconteceu com os pés dele?

— Chinelos — disse Harley.

— Idiota. O que aconteceu com a cabeça dele?

— Desmaiou.

— Retardado. — Kriket sumiu dentro do trailer.

Frankie apareceu, com um cigarro apagado pendurado no lábio inferior e um copo embaçado de uísque na mão.

— Harley Diaz? Ouvi dizer que vocês estão oferecendo oportunidades de trabalho no cassino.

Harley não hesitou antes de balançar a cabeça.

— Nenhuma no momento.

Frankie bufou e desapareceu, deixando a porta telada bater ao entrar no trailer.

Comecei a subir os degraus bem devagar. Harley me interrompeu, colocando uma mão firme sobre meu ombro.

— Wolf?

Achei que ele iria me avisar para ficar longe de sua filha, agora que ele sabia que eu vinha da Vila de Lata.

— Sim.

— Você quer ser um homem da montanha? É verdade isso?

— Sim, senhor, eu quero — respondi.

— Quer escalar rochas? Colocar sua bandeira lá no alto?

— Não tenho bandeira.

— O que estou dizendo, filho, é que se você estiver interessado em escalar montanhas, precisa se lembrar de uma coisa.

— Tá.

Ele me encarou com intensidade.

— A maioria dos esportes precisa de uma bola só.

O SEGUNDO DIA

UM POUCO ANTES DO nascer do sol, na manhã do nosso segundo dia à deriva na montanha, eu me desvencilhei das pernas e braços das Devine e me inclinei para ver como estava Nola. Fiquei preocupado ao perceber sua palidez. O punho ferido estava escondido sob o poncho vermelho, mas eu podia ver pelo volume que havia inchado de um modo assustador. A cara de Vonn estava desfigurada de dor. Dor no estômago, receei. Bridget roncava alto.

Fiquei em pé, tremendo, olhando para Nola, Bridget e Vonn Devine. Assim que o sol surgiu sobre os picos roxos, fui tomado por um sentimento intenso e repentino — que reconheci como amor, mas era algo além do amor, tão poderoso que lágrimas vieram aos meus olhos. Então ouvi algo no ruído do vento, não exatamente palavras, mas algo com uma mensagem clara. Foi um sentimento que eu já tivera antes. Sei como as pessoas explicam essas experiências extraordinárias: descarga de endorfina, excesso de oxigênio, excedente de dióxido de carbono, privação de sono, fome, desidratação. Sei que esse acontecimento pode ter sido autoinduzido, fruto da minha própria necessidade, mas só posso dizer que naquele momento eu senti Deus. Interprete isso como quiser.

Fora da caverna, o chão era irregular, com trechos rochosos e agrupamentos de árvores, arbustos espinhosos, pequenas moitas, um denso grupo de pinheiros flexíveis, arbustos manzanita, groselha silvestre e alguns mognos retorcidos. A vegetação era densa, e eu não conseguia saber o tamanho daquela área.

Andando com cuidado, eu me esgueirei entre as árvores perpendicularmente ao pico de onde tínhamos caído, registrando tudo conforme eu ia, procurando por comida ou água, surpreendendo-me com a quantidade de informação que tinha arquivado do conhecimento dos indígenas americanos sobre plantas. Rememorei uma tarde no desfiladeiro na encosta da montanha, quando Byrd e eu tínhamos engasgado com uma bolota crua tentando comer um alimento indígena chamado *bemque* (Byrd disse “Sabe por que chamamos de *bemque*? Porque pensamos: *bemque* o gosto podia ser melhor!). Provamos flores amargas de mostarda, mastigamos algaroba e quase ficamos roxos de tanto comer frutinhas das montanhas. Se houvesse comida no afloramento rochoso onde havíamos caído, eu estava determinado a encontrá-la.

O sol nascente aquecia o solo, que cheirava a larvas e minerais. Andando com cuidado por entre os arbustos, examinei as pedras à procura de poças d’água e achei aqui e ali apenas as mais rasas. As rochas eram ásperas, e o líquido, escasso, mas era melhor que nada, que era tudo que eu tinha bebido desde meus goles ruidosos no bebedouro da Estação da Montanha. Meu estômago se revirava de fome: minha última refeição, quase 24 horas antes, tinha sido um pacote de salgadinho no posto de gasolina. As frutinhas silvestres haviam sumido em novembro. A mesma coisa com a algaroba. De qualquer forma, não estávamos em uma altitude baixa o suficiente para algarobas. Pensei nos chocolates na minha mochila pendurada no gancho atrás da porta.

Lembrei-me de ter pensado, enquanto bebia água no bebedouro antes de me dirigir para o Pico do Anjo, que aquela seria a última vez que satisfaria as tediosas necessidades do meu corpo. Naquele momento, perdido na montanha, aquilo me iluminou; senti *prazer* por sentir um desejo tão forte por alimento. Eu havia passado muito tempo sem ansiar por algo.

Revigorado pelo pouco líquido que consegui sorver das pedras, continuei andando, mas logo tive a sensação desconfortável de estar sendo seguido. A saliência de granito em que havíamos caído tinha o

tamanho de um ginásio de escola, bem maior do que eu tinha pensado de início.

Senti o cheiro de um animal, um gato, e me fez pensar que ser atacado por um leão-da-montanha seria um final perfeito para um cara chamado Wolf. Então lembrei que felinos grandes não urinavam para marcar território da mesma maneira que os menores. Lince não atacariam, a não ser que estivessem com raiva. Parei para cheirar o ar de novo, mas o odor tinha desaparecido, e tive que admitir para mim mesmo que os sentidos com os quais eu contava tanto já estavam se tornando, de alguma maneira, pouco confiáveis.

Em um galho de uma bétula morta, um par de corvos gralhou. Os galhos tremiam e tremeluziam em volta de mim, e todas as árvores se juntaram a eles, vergando com seus arcos e curvas. O vento soprava forte em rajadas cortantes. Senti meu espírito se elevar forte e rapidamente conforme a sinfonia atingia um crescendo, mas então o céu apareceu movendo-se violentamente através dos galhos e descobri, de repente e assustadoramente, que eu tinha chegado ao fim da terra. Era verdade. Nós havíamos despencado na boca do Desfiladeiro do Diabo.

Não tinha como ser otimista olhando aquele enorme afloramento. Eu me vejo — um garoto mais velho, ou era um jovem homem? — olhando para as profundezas escuras dos cânions abaixo. Definitivamente, não era o caminho para Palm Springs. Eu olhava de longe a Vila de Lata ganhar vida no sol da manhã e gritei algo obscuro para a lua que insistia em permanecer no céu.

Estava de pé na beira do penhasco quando ouvi um barulho e virei, esperando encontrar um esquilo escavando a terra. Fiquei assustado quando uma mão escura empurrou os arbustos para segurar um galho. Byrd, eu pensei... mas era Vonn.

— Não parece bom — disse ela.

— Não dá para descer — concordei, gesticulando em direção aos penhascos profundos.

— Estamos presos?

— Não — menti.

— É como se fosse uma enorme varanda de pedra.

— É.

— Estamos encurralados, é isso?

— Só estou dizendo que descer não é uma opção.

Vonn olhou para baixo, para além dos seus chinelos e dos seus pés cobertos pela meia de lã.

— Então teremos que escalar até onde estávamos quando caímos ontem à noite?

— Parece que sim.

— É bem íngreme.

— É.

— E as pedras estavam soltas.

— É, estavam soltas.

— Mim não consegue escalar isso. Com o punho dela... — disse Vonn. — E eu não consigo. Não com isto. — Olhou para os chinelos.

Nós observamos o gavião-de-rabo-vermelho voar alto e voltar. Eu pensei em Byrd.

— Estamos encrencados, Wolf?

— Vamos dar mais uma olhada — falei.

Juntos, nós escalamos pedras e passamos por entre as árvores da popa à proa do nosso afloramento em forma de barco, nos esgueiramos pelos galhos, sempre procurando por comida, uma bolsa azul e, o mais importante, uma saída.

Finalmente, com os rostos corados, chegamos à escarpa rochosa de onde havíamos caído, o *paredão* (como começamos a chamar) — um declive íngreme de cerca de dez metros de largura e treze de altura.

— Uau! — disse Vonn.

Ficamos ali parados por um bom tempo. Fiquei na dúvida se devia contar que nunca tinha escalado

uma parede de pedra tão íngreme e instável, ou qualquer parede de pedra, para falar a verdade. Eu e Byrd mais havíamos caminhado por trilhas que escalado. Apesar de eu me lembrar dos termos das revistas e livros que tínhamos lido, eu não tinha nenhuma corda para me amarrar, mosquetão, técnica ou experiência no assunto.

Analisei a subida, que terminava no cume onde uma saliência se projetava vários metros além do paredão de pedra. Ainda que eu conseguisse chegar lá em cima, não conseguia imaginar como conseguiria rodear a saliência.

— Tranquilo — falei.

— Será que daria para usar aquele galho para ajudá-lo a dar a volta? — disse Vonn, fazendo eco aos meus pensamentos.

Ela estava olhando fixamente para o toco de uma acácia com alguns galhos finos e longos que lembrava uma grande mão, por onde eu talvez pudesse escalar em segurança.

— Talvez tenha um caminho mais fácil — falei, levando Vonn aos rochedos no lado oposto do afloramento. Achamos outro desfiladeiro.

O gavião que planava acima de nós guinchou, soando absurdamente como Bridget.

— Talvez estejamos perto do ninho ou algo assim — disse Vonn. — Vamos olhar do outro lado.

Passamos pelo paredão novamente e por uma pequena área de arbustos e descobrimos outro platô rochoso perto do nosso, ligado a uma inclinação que parecia, mais acima, estar conectada ao cume de onde havíamos caído.

— Olhe! — disse eu, apontando. — Se conseguirmos subir aquela inclinação, podemos chegar ao cume. Chegar exatamente aonde estávamos ontem à noite.

Havia, porém, o problema insuperável de uma fenda de cinco metros separando a gente da inclinação, e um abismo fundo e escuro abaixo.

— A gente podia pulá-lo — sugeri, meio de brincadeira, encarando o vazio fundo e escuro.

Vonn olhou para baixo, e o sangue subiu ao seu rosto.

— Talvez *você* consiga — disse ela. — Mas eu não conseguiria, Bridget não tentaria e Mim já passou dos *60 anos* , pelo amor de Deus!

— A Divisa das Devine — falei. — Eu acho que conseguiria pulá-la.

— E se você estiver errado?

— Não seria bom.

— Mim. — Seu rosto esmoreceu. — Ela parecia mal.

— Ela estava acordada quando você se levantou?

Vonn fez que não.

— Parecia tão pálida...

Nós nos aproximamos da beira para olhar o abismo abaixo. O vento bateu forte em nossas costas, senti cheiro de cânfora e comecei a espirrar.

— Você está bem?

Mudei de lugar para ficar fora da direção do vento ao lado de um arbusto de sterasote.

— Eu consigo escalar de volta de onde caímos — prometi a Vonn. — Vou escalar o paredão, achar o caminho de volta e pedir ajuda. O resgate da montanha trará cordas e todo o resto. Não deve demorar muito.

— Mesmo se você conseguir escalar todas essas rochas soltas, tem certeza de que achará o caminho para a Estação da Montanha? — perguntou Vonn.

— Claro! — Não podia culpá-la por ser cética.

— Mas ontem...

— A neblina estava muito forte. E escureceu rápido. Veja só o céu hoje. A visibilidade está ótima. Eu sei como chegar à Estação da Montanha daqui. Vamos — falei. — Vamos ver se conseguimos achar a

bolsa de Bridget.

Vonn arrotou, cobrindo a boca com a mão.

— Desculpe. Fiquei enjoada por causa do teleférico, e não está melhorando.

— Talvez seja mal de altitude — falei. — Me avise se sentir tontura ou vertigem.

— É meu estômago — disse ela, tocando cuidadosamente a barriga.

Podia ser que Vonn tivesse sofrido algum ferimento interno na queda. Mais uma preocupação.

Enquanto voltávamos para a caverna, procurávamos a bolsa, mas eu também fiquei atento a plantas comestíveis.

— Procure por frutas silvestres — sugeri. — Mas não coma nada antes de mostrar para mim.

— O que mais?

— Bolotas. Pinhas. Flores. Às vezes dá para achar arbustos de damasco silvestre. Estamos bem abaixo da Estação da Montanha. Provavelmente já não é mais época de fruta, mas uma vez um cara disse que se perdeu e achou damascos secos nos galhos.

— Mim faz compota de damasco.

— Por que você chama-a de *Mim*?

— É como Bridget dizia “mamãe” quando era bebê. E meu avô era Pip. O nome pegou.

— Por que a chama de Bridget?

— Em vez de mãe? Não sei. Eu não sei de nada, de acordo com minha mãe.

— Você sempre a chamou de Bridget? — Não contei a ela que eu também chamava meu pai pelo nome.

— Quando era pequena, eu a chamava de mamãe. — Vonn encolheu os ombros. — Ela não sabe nada de mim.

— Então você costumava ir à Vila de Lata, sair com o pessoal de lá? — Eu estava encanado com a possibilidade de que Vonn conhecia Yago. Ele era popular com as mulheres. Vonn era o tipo dele. A ideia de meu primo Yago com Vonn Devine me enojava, mas eu tinha que saber.

— Não.

— Eu achei que não — falei, tentando não parecer aliviado.

— Uma vez — esclareceu ela. — Uma festa.

— Ah!

— Era meu aniversário. Dia do Trabalho. Havíamos perdido Pip apenas algumas semanas antes. Uma amiga, não era bem amiga, apenas uma garota que eu mal conhecia, me arrastou até essa festa na Vila de Lata e me largou lá. A festa era ao ar livre. Havia fogueiras pequenas por todo o lugar. Estava lotado. Eu bebi muito vinho. Nada de mais. Fazer 18 anos devia ser algo legal, mas não me lembro muito daquela noite.

— É.

— Como você passou seu aniversário de 18 anos?

Eu não disse para ela que meu aniversário de dezoito tinha sido no dia anterior e que ela, sua mãe e sua avó tinham frustrado meus planos de saltar para a morte.

— Nada especial.

Vonn parou atrás de mim, apontando.

— Olhe! — sussurrou ela.

Eu esperava ver a bolsa de Bridget presa num galho baixo. Em vez disso, vi um falcão — uma ave de rapina marrom e castanha com um peito manchado de uma cor creme, o maior que já havia visto. Eu tinha quase certeza de que era um falcão-gerifalte, apesar de nenhum nunca ter sido avistado nas montanhas, que eu soubesse. Eu queria mais que tudo que Byrd pudesse ter visto aquele grande animal alado agarrando o galho do pinheiro com tamanha elegância e superioridade.

— Acho que é um falcão-gerifalte.

— Ah! — murmurou ela.

— Não se vê esse falcão fora do Alasca.

— *Alasca?*

— Ele está perdido. Estou me perguntando como chegou até aqui.

— Não sabia que pássaros se perdiam.

Em uníssono, Vonn e eu dissemos:

— Eu queria estar com a minha câmera.

O pássaro voou para longe. Nós rimos e continuamos a andar, caminhando com dificuldade sobre as pedras. As meias de lã emprestadas de Vonn ficavam pressionadas pelas tiras do chinelo, que, felizmente para ela, eram feitas de uma borracha resistente.

— Bridget gostava de fotografia. Ela tem uma câmera ótima.

— Deveria tê-la trazido — falei.

— O namorado novo dela pegou emprestada. Eu o odeio.

— O corretor/triatleta?

— Agora ela só quer saber de porcentagem de gordura corporal e de embelezar a casa. Um dos namorados dela antes desse lidava com competições de cães. Adivinha só?

— Ela comprou um cachorro?

— Ela comprou um *salão de tosa* com o dinheiro da separação do cirurgião plástico, que ela planejava gastar em um curso de enfermagem, pois antes disso ela estava obcecada namorando um...

— Médico?

— Um cara rico e doente — disse Vonn.

— Certo.

— E você?

— Meu pai está na cadeia.

— Por?

— Um longo tempo.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Eu sei.

— Quando ele foi preso?

— Na noite de Halloween.

— Há poucas semanas?

— É.

— Sinto muito. Pesada a história?

— A pior!

— E sua mãe? — perguntou ela.

— Morreu quando eu era pequeno — falei, desejando ter usado a palavra *criança* no lugar.

— Você não tem mais ninguém?

Eu fiz que não. Alguns empregados do posto de gasolina poderiam perceber que eu estava sumido, mas nenhum sentiria minha falta. Além disso, eu havia deixado um horário de funcionários na porta e um bilhete dizendo que estava saindo de férias. Mesmo Harley não dava mais muita bola para mim, desde que eu pedi para ele não se intrometer.

— E você? Seu pai?

— *Padrasto*. Três deles. O segundo foi o cirurgião plástico que começou toda essa confusão. O terceiro a deixou por uma mulher *bem* mais nova. Bridget só me falou sobre meu pai biológico ano passado.

— Eu sabia que conhecia você de algum lugar — falei. — Não fizemos a matéria Introdução à Desgraça juntos?

— Segundo período com o Senhor Sifu. O som de guincho de águia que ouvimos em seguida não era

do falcão — era Bridget chamando:

— VONN!

Corremos através dos arbustos para encontrá-la, pálida na caverna de granito, apontando para o braço machucado de Nola, que então percebemos que inchara terrivelmente durante a noite.

— Que estorvo — disse Nola.

Vonn se inclinou para ver bem o braço.

— Deixe-me afrouxar um pouco a atadura.

Eu mal tinha estômago para olhar.

Nola estava surpreendentemente de bom humor, ainda que o suor brotasse em sua testa. Nós nos juntamos ao redor encarando aquele enorme antebraço.

— Me sinto com o marinheiro Popeye. *Eu sou o que sou, e isso é tudo o que eu sou!*

Ninguém riu.

— Não parece nada bem, Mim — disse Vonn.

— Não mesmo.

— Fui com o Wolf dar uma olhada por aí. Sabe aquele lugar de onde *parece* que dá para ir andando até Palm Springs? Tem uma queda, e não é apenas íngreme, é um desfiladeiro reto, que despenca tipo uns milhares de quilômetros.

Bridget bateu palmas, chamando nossa atenção.

— Tenho boas notícias. Preciso dividir isso com vocês.

— Lá vamos nós — resmungou Vonn.

— Eu tive um sonho supervívido essa noite.

— Você e seus sonhos, Bridge.

— Sonhei que éramos resgatados.

— Tem certeza absoluta de que não podemos descer a montanha? — perguntou Nola, virando-se para mim e ignorando Bridget.

— Você me ouviu, Mim? — perguntou a filha. — Eu tive um dos meus sonhos proféticos.

— Sonhos proféticos? — tive que perguntar.

— É porque ela é clarividente — lembrou Vonn, retomando nossa conversa em seguida: — O problema é que o ponto de onde caímos ontem à noite tem um paredão rochoso. É íngreme. Você não vai conseguir escalar — disse Vonn para Nola. — E Bridget também não. Nem eu. Wolf é que vai escalar.

— Ele vai nos deixar aqui? — Nola parecia preocupada.

— Ele vai buscar ajuda.

— Ouçam. — Bridget levantou a mão.

Nós todos conseguíamos ouvir a aproximação do motor em staccato e o distinto zumbido das hélices. Podíamos ouvir tudo muito claramente. Levantamos depressa, procurando no horizonte, ziguezagueando, pulando nas pedras, subindo no teto da caverna, nos esticando para ver melhor.

— Helicóptero! — gritou Bridget, pulando para cima e para baixo, gritando. — Helicóptero! HELICÓPTERO!

No começo, parecia que ele estava logo atrás do pico mais próximo. Quando ele não apareceu logo para nós, Nola gritou:

— Eu acho que está vindo daquela direção!

Bridget agitava o poncho vermelho no céu azul.

— Lá! — apontava Nola.

— Não! Ali! — gritava eu, balançando os braços junto com as mulheres enquanto esperávamos ver o helicóptero de resgate.

E tudo isso apesar do fato de eu saber que buscas de helicópteros naquela parte da montanha quase nunca eram possíveis, por causa do ar instável. Dantay, o tio de Byrd, tinha nos contado histórias

desesperadoras sobre alguns poucos resgates dramáticos no Desfiladeiro do Diabo, algumas bem-sucedidas, outras não, mas *nunca* com helicópteros. Dantay nos avisara para não explorar aquela parte da montanha.

Minutos se passaram, e o som se aproximava e nós pulávamos e gritávamos para a aeronave invisível. — Aqui! Por favor! — O vento se tornou um turbilhão e eu achei que seríamos sugados por ele, mas então parou. O som do helicóptero desapareceu, não gradualmente — apenas foi embora. Observamos o céu um bom tempo, mas no fim Bridget largou o poncho vermelho e Nola se sentou para descansar num toco.

— Apenas o vento — falei.

Bridget bateu palmas para chamar nossa atenção.

— Ele vai voltar!

— Não existe nenhum *ele* — disse Vonn. — Não existe um helicóptero. Você ouviu o que Wolf disse. Era o vento.

— Eu não ligo para o que você e Mim pensam, Vonn. Eu sei o que sei. Eu sonhei com nosso resgate. Foi o sonho mais realista que eu já tive. Estou falando para você. Nós vamos ser resgatados.

— Sonhos são apenas sonhos, Bridget.

— A não ser que você seja eu.

— A não ser que você seja louca.

— Quando estava grávida de você, sonhei que seria uma menina. E aí está você.

— Tinha 50% de chance — disse Vonn.

— Eu sonhei que conseguiríamos aquela casa perto da água. E conseguimos.

— Você e Carl fizeram a única oferta — destacou Vonn.

— Eu sonhei que Carl ia me deixar. E ele me deixou.

— Todo mundo previu isso.

— Eu sonhei que conseguiria o trabalho no Four Seasons.

— Também sonhou que Mim e Pip se afogariam naquele cruzeiro.

— Nós quase não fomos! — disse Nola.

— E sonhou que iria se casar com aquele norueguês da LensCrafters.

— É verdade, Bridge — lembrou Nola. — Lembra aquele norueguês?

— Este foi diferente — justificou Bridget. — A sensação. Foi como... Estou lá parada, e tem os homens do resgate com coletes cor de laranja, e sei sem a menor sombra de dúvida que seremos salvos. Então, sinto algo que nunca senti antes. É o momento mais grandioso da minha vida.

— Eu tenho certeza de que vai ser o maior momento da nossa vida, Bridget — falei. — Mas esqueça os helicópteros. Com esse vento não dá.

— Deveríamos colocar meu poncho no alto de um arbusto ou pendurá-lo em um galho como uma bandeira ou algo parecido — disse Nola. — Caso apareça algum avião. Talvez eles consigam ver... mesmo lá do alto?

— Boa ideia!

Peguei o poncho, e Vonn e eu esticamos o tecido vermelho sobre um algodoeiro, apesar de eu estar preocupado que o vento o levasse para longe.

— Use os ganchos para prendê-lo. Veja, eles costuram estes ganchos por dentro para que você o segure e ele não fique ao vento — instruiu Nola.

Olhei para o céu.

— Vou escalar aquele paredão e voltar, e em pouco tempo os caras do resgate vão chegar aqui com coletes e cordas.

— Eu adoro um homem de uniforme — brincou Nola.

— Viu, Bridget, não precisamos de um resgate de helicóptero — disse Vonn.

— Imagina ser amarrada em um daqueles cinturões de resgate! — disse Bridget.

— Cinturões do grito — expliquei. — É esse o apelido que a equipe do regaste da montanha deu para eles.

Bridget ficou ofendida.

— Porque as pessoas gritam? Eles acham isso engraçado? As pessoas gritam porque estão com medo. De qualquer forma, no meu sonho não tinha nenhum cinturão do grito. E eu não estava com medo. Era o contrário do medo. Não havia gritos. Além disso, eu não deixei que me amarrassem em um desses. Eles que tentem, para ver!

Olhei para cima, examinando o sol, e imaginei que deviam ser cerca de sete da manhã. Eu estava determinado, talvez até confiante.

— Vamos!

Vonn e Bridget ajudaram Nola a ficar de pé, e juntos caminhamos através do mato até o local onde havíamos caído.

Nola caminhava lentamente por entre as árvores e os arbustos. A dor no punho devia estar terrível.

Achamos diversas pedras grandes e lisas na sombra de alguns pinheiros onde ela poderia se deitar e manter o braço machucado imóvel.

— Estou bem — contestou ela. — Não precisa de toda essa preocupação.

— Vocês duas deveriam procurar a bolsa de Bridget — pedi a Vonn e Bridget. — Tomem cuidado. Os despenhadeiros aparecem do nada.

— Talvez você deva esperar um pouco, Wolf. Beber um pouco d'água e comer uma barrinha de cereal antes da escalada — disse Nola.

Eu descartei a ideia de esperar que elas achassem a bolsa perdida de Bridget. Não tinha dúvida de que conseguiria escalar o paredão na minha primeira tentativa e que retornaria com ajuda dentro de poucas horas — na hora do almoço. Lembro-me de pensar que, ao meio-dia, já estaríamos no teleférico descendo para o deserto.

Abrindo caminho pelas pedras, chutando cascalho e escalando as rochas grandes, finalmente encontrei *o paredão*.

— Sem problema — falei, e imediatamente me arrependi.

As rochas próximas da parte de baixo eram as menos estáveis, e dei vários escorregões cômicos antes de achar um lugar firme para meu pé.

— Tudo bem — falei para as mulheres.

O paredão era marcado por fendas verticais e horizontais, além de faixas de feldspato branco e manganês cor de ferrugem, como uma pintura abstrata. Eu podia sentir as Devine prendendo a respiração enquanto, com o suor se formando em cima meu lábio superior, eu ia cutucando cada pedra com os dedos para testar a estabilidade. Cada uma parecia mais solta que a outra, mas, por fim, comecei a escalar, centímetro por centímetro, a parede íngreme em direção ao toco de acácia próximo da saliência.

Meus pés não mostravam destreza sobre como dar cada passo e minhas mãos eram pouco hábeis para encontrar onde segurar. Eu chutava para enganchar os pés e calcanhares, procurava por buracos onde pudesse prender meus dedos, calombos para agarrar e inclinações onde me pendurar, respirando muita poeira e sedimentos, indo sempre para cima.

Castigado pelo sol quente e pelo grande esforço físico de escalar, parei para pegar fôlego e olhar para cima, descobrindo que ainda havia três quartos de parede para subir. Minhas mãos estavam cortadas e já sangravam, então parei para limpá-las, uma por vez, mas perdi a pegada e escorreguei, batendo-me todo, levado pelos pedregulhos que se soltavam e caíam pelo paredão. Levantei-me e sacudi os membros para ver se nada tinha sido machucado ou quebrado na queda.

Quando me virei, vi as três Devine aflitas paradas sob os pinheiros e falei:

— Estou bem! Bridget! Vonn! Comecem a procurar a bolsa!

Elas se levantaram e desapareceram juntas pelo caminho que tínhamos feito antes. Limpei as palmas ensanguentadas das minhas mãos no casaco e preparei-me para enfrentar o paredão mais uma vez, agora desesperado por um gole das garrafas d'água na bolsa, mas feliz que pelo menos eu tinha uma plateia menor para presenciar minha escalada dolorosa e nada graciosa.

Um canto estridente de pássaro chegou até mim conforme eu escalava de novo, batendo contra a jadeíta na rocha. Segurei-me, virando para a esquerda e encontrando uma dúzia de pequenos pássaros empoleirados nos galhos de um alto cedro morto. Aqueles passarinhos cinzentos me inspiraram. Estendi minha mão para o próximo ponto de apoio, que eu podia ver sobre minha cabeça à esquerda, em seguida para o próximo e o próximo. Porém, os músculos do meu antebraço estavam tão repletos de ácido láctico que meus dedos não conseguiam segurar. Eu me encolhi assim que as câimbras tomaram conta, grato por não ter escalado mais alto. Habilmente e com uma única mão, desci de volta ao chão.

— Tudo bem! — falei para Nola, esperando a câimbra ir embora.

Eu tinha bastante certeza, naquele momento, de que não seríamos resgatados até a hora do almoço.

Bridget e Vonn irromperam das árvores, batendo palmas ao ver o paredão vazio, supondo que eu já estivesse a caminho para buscar ajuda. A cara delas quando me viram lá com Nola? Basta dizer que minha sensação de fracasso era completa, e eu só tinha feito duas tentativas.

— Não conseguiriam achar a bolsa? — perguntei, dividindo a culpa.

Vonn balançou a cabeça.

— Talvez eu a tenha tirado — disse Bridget. — Quando estávamos empurrando o tronco.

— Você se lembra de tê-la tirado?

— Não.

— Talvez tenha ficado presa em uma árvore — falei. — Vocês têm que continuar procurando.

Limpei o sangue das mãos novamente e voltei para o paredão, decidindo tentar escalar por outro ângulo, um caminho vertiginoso por onde eu esperava poder alcançar uma determinada saliência na rocha, e de lá segurar o galho mais longo do toco da acácia. Escalei, subi e grunhi, mas, quando cheguei lá, descobri que a saliência era curta demais para caber dois pés grandes em botas de trilha. O galho que tinha planejado segurar estava quebrado — o único galho quebrado da acácia. Desci de volta, xingando o tempo todo.

Quando cheguei aos pedregulhos da parte de baixo, gritei:

— O lado direito parece mais amigável! Vou tentar agora.

— Você precisa de água! — Nola balançava o cantil amarelo.

Eu realmente precisava de água. Sentia-me tonto, mas chacoalhei a cabeça e comecei pelo outro lado do paredão.

Minhas mãos ensanguentadas deixavam as rochas escorregadias, e meu progresso era lento. Tentei e tentei novamente, por um lado, então por outro, mas a cada vez eu não conseguia alcançar um ponto seguro de onde poderia agarrar aquela acácia. Uma hora percebi que estava encharcado de suor e superaquecido por aquele grande casaco. Com alguma dificuldade, consegui achar um caminho para um local onde pude tirar o casaco, amarrando as mangas na cintura.

O sol ardia enquanto eu escalava. Não importava a direção que eu ia, invariavelmente parava em um obstáculo e tinha que descer de novo. Foi assim por horas.

Eu não conseguia escapar das memórias do passado, vozes de pessoas queridas que haviam partido ou quase. Minha mãe. Frankie. Byrd. Não conseguia evitar lembrar o dia que Byrd e eu havíamos ido juntos ao Pico do Anjo pela primeira vez.

POUCO TEMPO depois que me mudei para a Vila de Lata, a montanha se tornou meu refúgio contra Kriket, Yago e aquele trailer barulhento e esfumaçado. Eu frequentava pouco as aulas do primeiro ano do Ensino

Médio, preferindo passar meus dias na montanha com Byrd. Depois de algumas semanas, quando ficou claro que eu estava mais forte e resistente, Byrd decidiu que eu estava pronto para chegar até o pico. A montanha já havia me transformado.

Byrd me lembrou de que fazia frio, às vezes muito frio, no começo do outono na montanha, então peguei emprestado um casaco velho no armário embolorado da minha tia Kriket — um que certamente não pertencia ao Yago — e coloquei meu boné do Detroit Tigers, sabendo que Byrd também usaria o dele.

Ele tinha arranjado botas de escalada para mim — sem dizer como nem onde — e levava uma mochila com os equipamentos necessários: binóculos e câmera (uma velha Polaroid do tio dele, comicamente grande, mas era muito legal ver fotos instantâneas em nossas mãos!). Também havia colocado ali o cantil amarelo que eu tinha comprado para ele, duas garrafas grandes de refrigerante, alguns pacotes de burritos que eram vendidos no posto de gasolina e um saco de amendoins com casca.

A trilha para o pico era difícil e íngreme e logo eu estava suando e sem fôlego. Depois de apenas uma hora de subida, eu andava com dificuldade. Fiquei esperando que meu amigo me encorajasse, mas ele tirou sarro dos meus esforços usando palavras que nunca tinha ouvido antes — *lançadiço, rascão, modorrento* —, me insultando e rindo quando eu quase vomitei.

A verdade era que a vista fazia valer a pena cada degrau de pedra, mesmo o dia estando nublado. Ficamos lá, quietos, sobre um denso mar branco de nuvens. Foi a primeira vez que senti aquela presença de Deus.

— Ar rarefeito — disse Byrd. — Está sentindo?

Senti a presença de amor à minha volta, uma ligação profunda com todos os seres vivos. Eu não queria perguntar a Byrd se ele achava que aquilo era por causa do pouco oxigênio. Eu não queria estragar aquele momento mágico.

— Parece outra dimensão — disse Byrd.

— Frankie ia subir aqui comigo — falei.

— Ele devia. A montanha poderia mudar a vida dele.

— Como a montanha poderia mudar a vida de alguém?

— As pessoas dizem que quando você fica no centro daquelas linhas — Byrd disse, apontando para um ponto do meu lado onde cinco fendas se encontravam, criando a forma de uma estrela na rocha —, você obtém respostas para perguntas que nem sabia que tinha. Respostas que podem mudar sua vida.

— Legal. — Pisei na estrela rachada na pedra.

— Parece que atinge você como um raio... a resposta, quer dizer.

— Como assim?

— Como meu tio, que estava noivo de uma garota e aí ficou em cima da estrela, e tudo em que conseguia pensar era na ex, então ele acabou o noivado e voltou para a ex. Mas, para ser sincero, acabou não durando muito.

— É isso? — perguntei.

— Foi um exemplo ruim, mas tem histórias de caras que viram números de loteria, e teve um outro que viu uma imagem de si mesmo todo arrumado, usando um terno preto elegante, e aí ele parou de beber, voltou para a faculdade e virou advogado. Histórias abundam.

— Histórias abundam. — Repeti, rindo. Eu ainda estava me acostumando com o jeito como ele falava. — Aconteceu com você?

— Eu não acredito nessa besteira — disse Byrd, e deu risada. — Só estou aqui porque é caminho.

Fiquei lá esperando o tal do raio, mas nada aconteceu. Tinha sido um dia quase perfeito — a primeira parte dele, pelo menos. Sozinhos por cerca de uma hora no pico, usamos os amendoins para atrair um esquilo a menos de três centímetros da cabeça de Byrd. Tenho as fotos para provar. Elas ainda me fazem rir. Sentados lá, atraindo o esquilo, estávamos confortavelmente em silêncio, e Byrd expressou meus

sentimentos com perfeição ao dizer:

— Nem parece que acabamos de nos conhecer.

No caminho de volta, saímos da trilha caçando codornas, mas não foi um problema. Byrd tinha um ótimo senso de direção. Porém nos perdemos em um bosque de pinheiros altos e, sem o sol para nos guiar em um céu que já estava escurecendo, viramos errado uma ou duas vezes, depois três e quatro vezes, e chegamos em uma fenda profunda, muito mais funda e larga que aquela que achei com as Devine.

Pairando acima da fenda, projetando-se a partir da montanha, havia um longo e fino afloramento rochoso — devia ter quase treze metros.

— Parece uma harpa — disse Byrd. — Ou uma asa.

Realmente parecia uma asa gigante presa ao lado da montanha.

— Temos que dar um nome a isso — decidiu.

Eu não conseguia ouvi-lo direito por causa do vento, que batia com força. Apontando para aquela projeção de granito, falei:

— Asa de Águia.

— Pico da Águia? — gritou Byrd.

— Pico do Anjo — gritei de volta.

Pico do Anjo. Byrd e eu trocamos um olhar. Apesar de toda a conversa sobre preparação e cuidado e respeitar os limites da montanha, nenhum de nós hesitou ao correr em direção àquele afloramento em forma de asa e, com o mesmo cuidado que tínhamos em uma calçada comum, fomos direto até o fim daquele prolongamento fino e perigoso para olhar para baixo em direção à escuridão profunda. Eu me arrepio agora, só de pensar nisso.

Nós dois cabíamos lá, mas apertados, e ficamos em pé na ponta, olhando para baixo. Começou a ventar de todos os lados. Nós nos mantivemos firmes e cantamos “Detroit Rock City”, uma música do KISS que ambos conhecíamos bem, nossas vozes sendo apreciadas pelo feldspato e pelo quartzito — estrelas do rock.

Por ser um ano mais novo, eu não tinha o mesmo peso e músculos que Byrd, e quando o vento começou a bater mais violentamente, sua força me moveu. Fingi que estava tudo bem quando Byrd achou uma pedra pequena ao lado do pé e soltou no abismo, contando até chegar ao fundo.

— Você conhece a equação da queda livre? — perguntou ele. — Isso deve ter cerca de 70 metros.

O vento nos atingiu de novo. Dessa vez trouxe pelotinhas de neve. Perdi o fôlego por um momento e foi quando percebemos juntos que estávamos em pé em uma corda bamba de pedra sobre um cânion, com uma tempestade de começo de inverno caindo sobre nós.

Eu podia ver que Byrd também estava com medo.

— Não se mexa — falou ele. — Essas pedras ficarão escorregadias como gelo em dois segundos.

— Certo. — Observei a neve se acumulando rapidamente.

— O vento vai levar a neve — disse Byrd. — Ela não vai ficar.

A tempestade não levou a neve. Ela começou a se acumular, e a temperatura continuou a cair. Tremíamos enquanto o tempo deslizava pela fenda. A segurança relativa da montanha parecia estar a quilômetros de distância.

— E se continuar assim até anoitecer? — Eu estava congelando, sendo sacudido pelo vento, e comecei a me sentir tonto. Vertigem.

— Agora vamos nos sentar — disse Byrd. — O som dos nossos joelhos batendo está atrapalhando.

Lentamente viramos em direção à montanha, e então nos agachamos e cuidadosamente nos sentamos com uma perna de cada lado da pedra. Não gostei de estar na frente.

— Comece a voltar.

— Com a bunda no chão? — perguntei.

— Isso mesmo.

— Pode demorar. — Eu estava muito aterrorizado para me mover e, quando finalmente comecei a ir para a frente, minhas mãos escorregaram na rocha congelada e perdi o equilíbrio. — Não consigo. Está muito escorregadio.

— Vá devagar — disse Byrd.

— Estou congelando.

— Ninguém está congelando. Não pense no frio.

— Não consigo pensar em outra coisa — falei. — Apenas na altura do abismo aqui embaixo.

Byrd não olhou para baixo:

— Conte-me uma história.

— O quê?

— Conte-me algo.

— Como assim?

— Qualquer coisa. — disse Byrd, conforme avançávamos bem pouquinho. — Apenas fale.

— Para quê? — Eu parei, esticando o pescoço para olhá-lo.

— Uma distração. Apenas me conte algo.

— Uma história?

— Conte-me sobre seus amigos no Michigan. — Nós tremíamos, tentando nos mover sobre a pedra coberta de neve.

— Eu não tenho amigos no Michigan.

— *Eu não tenho amigos no Michigan* — repetiu Byrd (sua imitação foi ótima). — Invente algo. E sua vida com a tia Kriket?

— Deprimente.

— Deprimente? Meu pai morreu de infarto com 31 anos. Minha mãe teve câncer alguns anos depois. Deixei meus avós em Hamtramck e me mudei para cá. Esta é minha história. *Isto sim* é deprimente. Por isso queria que você fosse o primeiro.

— Você está inventando essas coisas?

— Não.

Continuamos nos remexendo para a frente enquanto a neve caía sobre nós, os dois assustados pelo som de uma pedra atingindo as profundezas molhadas.

— Quantos anos você tinha quando se mudou para o deserto? — perguntei.

— Sete. Eu me lembro dos meus avós se despedindo de mim no aeroporto. Eu estava arrasado por ter que deixá-los.

— Por que você teve que fazer isso?

— A saúde deles não estava das melhores. Era a única opção. Quando a aeromoça que ia me acompanhar no voo chegou, eu e eles nos agarramos. A mulher teve que me arrancar dos braços dos dois. Eu tentei fazer algum contato visual antes de virar para outro corredor, mas eles já estavam indo embora, abraçados. Nunca mais os vi.

— Meu pai perdeu nossa casa em uma aposta. — Eu disse, para animar um pouco as coisas.

— Uau!

— Seis namoradas dele moraram na casa depois do acidente da minha mãe.

— Ao mesmo tempo?

Eu ri.

— O que aconteceu com a sua mãe?

Outra pedra caiu na fenda profunda. A coluna da asa parecia estar ficando solta. Eu parei, mas Byrd disse:

— Continue em frente. Até o final.

— Certo.

— Continue falando. Quantas namoradas?

— Seis — gritei por sobre o vento.

A neve caía mais forte e rapidamente.

— Por que elas tiveram que morar lá?

— Sei lá, para cozinhar e limpar? Elas nunca duravam muito.

Atrás de mim, Byrd perdeu o equilíbrio e caiu nas minhas costas. Eu me curvei com o peso, mas segurei com força até me firmar novamente. Conforme chegávamos mais perto do local seguro, vimos que uma das rochas que juntava a montanha com o afloramento fino tinha sumido, caído em algum lugar bem lá embaixo.

Eu me virei, apontando a fenda entre a montanha e o afloramento para Byrd.

— Temos que ficar em pé — disse ele, lendo meus pensamentos. — E pular a fenda.

— Está bem.

— É escorregadio — avisou. — Segure minha mão.

— Não — falei. O vento nos atingia com neve pesada.

— Segure minha mão!

— Se eu cair eu vou levar você junto!

— Você vai cair?

— Eu não quero! — gritei por sobre o vento.

— Então não caia!

Levantei-me lentamente, firmando-me nos joelhos, os braços no ar como um surfista. Quando estava de pé, olhei por sobre o ombro e vi Byrd oferecendo a mão para ajudar.

— Pule — disse Byrd.

Recusei a mão dele, pisando cuidadosamente sobre a pedra solta.

— Estou bem — falei, mas então escorreguei e comecei a cair.

Byrd arriscou a própria vida saltando para me salvar aquele dia. De alguma maneira, ele conseguiu arremessar nós dois para a frente no lado da montanha, onde aterrissamos na pedra dura e fria.

— Foi por pouco — falei, e nós rimos, absurdamente, insensatamente. Rimos até doer, então levantamos e começamos a voltar para a Estação da Montanha através daquela região selvagem e nevada.

— Neve é bonito para caramba — disse Byrd.

Era mesmo.

UM BELO CÉU AZUL apareceu depois naquela tarde, e me lembro de ter visto aquilo como um sinal de vitória. Byrd e eu tínhamos chegado ao topo da montanha e, além disso, sobrevivido a uma tempestade repentina no Pico do Anjo.

Eu estava gostando da minha nova vida na Califórnia, até que vi a Shovelhead de Yago, um modelo de Harley-Davidson, estacionada ao lado do trailer da Kriket. Eu não sei por que Yago me odiava tanto. Quase não entrei, mas, quando cheguei perto, vi que o Gremlin estava lá também. Se Yago tentasse algo, Frankie me protegeria.

Arrastei-me para dentro, esperando chegar até o saco de dormir no chão do quarto sem ser notado. O ar estava cheio de fumaça de cigarro. Tentei segurar um espirro, mas não consegui.

— Venha aqui, Wilfred! — gritou Yago da cozinha.

Entre naquele cubículo. Ele estava sozinho.

— Você bateu no meu filho? — perguntou ele.

— O quê? Não!

— Você bateu no meu filho?

Virei-me e me deparei com meia dúzia de crianças me encarando sem expressão. Eu não tinha certeza

de quais dos meninos eram filhos de Yago.

— Jamais faria isso — falei.

— Então como eles vão aprender? — perguntou Yago, apontando para uma pilha de bosta de criança embaixo da mesa.

Encolhi os ombros, aliviado por estar sendo acusado de descuido, não maus-tratos, e comecei a me virar.

— Volte aqui! — disse Yago.

Kriket e Frankie saíram do quarto no fim do corredor. Pareciam bêbados ou drogados, talvez ambos.

— O que está acontecendo? — perguntou Kriket, enxotando as crianças para fora da cozinha.

— Wilfred tem que limpar a sujeita dele — disse Yago, apontando para o cocô.

— Limpe isso, Wilfred — disse Kriket, abanando o nariz por causa do cheiro.

Frankie não estava prestando atenção. Ele olhou para o relógio e pareceu ansioso.

— O relógio está certo?

— Cinco minutos atrasado — disse Kriket.

— Tenho que ir.

— Aonde? — perguntei.

Frankie pegou as chaves do carro no balcão.

— Sair.

— Posso ir junto?

— Não.

— Você tem que limpar a sujeira — lembrou Yago.

— Frankie? — Ele sabia que eu precisava de ajuda.

Frankie riu para Kriket e Yago, deixando-me de lado.

— Seja homem — disse ele. — Você não pode mais ficar esperando que eu compre suas brigas, Wolf.

— Yago é trinta quilos mais pesado que eu — falei. — Sabia que ele anda com uma arma?

— Você não pode contar comigo para tudo. Eu não vou estar sempre aqui.

— Eu não conto com você para nada — falei. — Você nunca está aqui.

— Aonde você vai, Frankie? — Kriket estava desconfiada.

— Vou encontrar um cara. Lembra que eu disse?

— Um cara?

— A entrevista de emprego.

— Achei que você fosse começar a trabalhar para mim, tio Frankie — disse Yago.

— Eu vou — disse Frankie. — Mas tem esse emprego no cassino...

— Beleza. Mas dá um jeito no seu filho antes de ir.

Naquela hora, notei que Frankie tinha enfiado um saco de papel pardo do tamanho de um tijolo na calça jeans. Nós dois fingimos que eu não tinha visto nada enquanto Frankie subia o zíper da jaqueta. Ele estava roubando o Yago? Provavelmente. Por um lado, aplaudi o lance ousado, mas e se meu primo descobrisse e me culpasse pela mercadoria desaparecida? Pensei em dedurar Frankie para me livrar de uma surra, mas não fiz isso.

Frankie me encarou.

— Limpa logo isso.

— Eu lavo a louça — falei. — Eu limpo as privadas. Eu tiro o lixo.

— E limpa a bosta — disse Yago.

— Frankie!

— É uma entrevista de emprego — falou Frankie. — Não posso deixar o cara esperando.

A porta bateu quando ele saiu.

Engoli em seco, vendo o Gremlin ir embora.

Yago jogou um pano de prato sujo na minha cabeça.

— Limpe isso!

Não arredei pé.

— Limpe isso, Wilfred! — disse Kriket.

— Limpe isso — repetiu Yago, calmamente.

Continuei desafiador, mesmo quando Yago agarrou minha nuca com seus dedos grossos e mesmo quando ele me forçou a ficar de joelhos e mesmo quando ele bateu o lado esquerdo do meu rosto naquela nojeira marrom.

Se havia mesmo algum emprego no cassino, Frankie não o conseguiu.

DE VOLTA À MONTANHA com as Devine no segundo dia. Já era meio da tarde, o sol estava escaldante. Eu estava literalmente me agarrando para salvar a própria pele quando a pedra que eu usava para me impulsionar se soltou, caiu com um baque e rolou em direção aos pinheiros. Olhei para baixo para ter certeza de que Nola estava a salvo, e percebi que a pedra caída me deixara encurralado: nenhum lugar para subir e nenhum caminho para descer. Comecei a ter espasmos musculares e oscilei, agarrado à pedra.

Em uma tentativa de acalmar minha respiração, pensei na minha mãe, com seu vestido branco esvoaçante. Nós dois rodopiando no espelho. De novo, e de novo, e de novo. Minha mãe, o anjo, gritou por cima do vento:

— Para a esquerda, Wolf! Mexa seu pé para a esquerda!

Eu movi meu pé para a esquerda, como minha mãe fantasma me dissera para fazer, e descobri um apoio que não tinha percebido antes.

Sufocando com a poeira, desci o paredão e voltei até Nola, que estava encostada na pedra abaixo dos pinheiros.

— Não sabia que você conseguia me ouvir lá com todo esse vento — falou Nola, quando me aproximei. — Eu estava gritando para você ir para a esquerda. Você demorou demais para se mexer.

Eu estava exausto e irritado, precisando esfriar a cabeça. Tirei o casaco da cintura e o bati nas pedras e arbustos sem parar, até que da costura da manga explodiu uma nuvem de penas.

Nola ignorou minha explosão de raiva, concentrando-se no local da pedra onde eu tinha quebrado os galhos frágeis com meu casaco. Eu havia descoberto um arranjo incomum de pequenos buracos.

— Eles não são naturais — disse ela.

Nola tinha razão.

— Parecem buracos de almofariz.

Ela apontou as cavidades gastas e arredondadas espalhadas pela pedra lisa e achatada próxima àquela onde ela estava sentada. A dor em seu punho era forte, e ela quase desmaiou ao se mover para ver mais de perto. Apesar disso, ela mais parecia uma adolescente quando deu um grito agudo:

— São sim! Wolf, eles são almofarizes. Aqui! Estas são as pedras que os nativos americanos usavam para moer. Olhe aqui e aqui!

Alimentos haviam sido processados naquela rocha — centenas, talvez milhares de anos antes. Ainda assim, não fazia sentido.

— Não há nenhuma fonte de água aqui — falei.

— Talvez houvesse uma nascente ou cachoeira naquela época. Talvez esta fosse uma área usada na temporada de caça.

A explicação foi plausível até lembrarmos que não havia como chegar até onde estávamos: certamente os indígenas não haviam escalado centenas de metros de granito a partir dos desfiladeiros abaixo. Nem saltado a fenda de cinco metros. Nem pulado do penhasco de onde havíamos caído.

— Deve ter algo que não estamos percebendo — disse Nola.

— Não tenho tempo de ficar pensando nisso — falei.— O sol vai se pôr cedo.

Nola olhou para o céu enquanto eu andava para um lado e para o outro, examinando o paredão e apertando os olhos.

— Você tem que beber algo — disse Nola.

— Estou bem.

— É sério, Wolf.

— Onde estão Vonn e Bridget? — Eu queria mesmo era distrair Nola.

— Ainda por aí procurando a bolsa — disse ela. — Vamos nos sentir muito melhor quando elas a acharem. E meus binóculos.

— E meu boné — acrescentei.

— Era seu boné da sorte?

Olhei em volta, estendendo os braços em direção àquele local ermo como resposta.

— Sua geração apela logo para o sarcasmo.

Comecei a caminhar de volta para o paredão.

— Você precisa descansar — disse Nola.

— Estou bem! — gritei em resposta.

— Você precisa de água!

— Estou bem!

— Wolf, seu casaco! — gritou Nola.

— Estou ótimo! — rosnei.

— Wolf! E se você precisar passar mais uma noite aqui? Você precisa do seu casaco! Você não pode subir sem seu casaco!

Minha memória foi inundada pelos cheiros da minha infância, aqueles invernos cinzentos no Michigan, nauseantes devido ao cheiro da poluição do escapamento dos carros, da fumaça de cigarro e das fornalhas empoeiradas que sopravam durante toda a noite. Congelando que nem um picolé no caminho para a escola porque não tinha casaco de inverno, coisa que todo ano eu precisava implorar para Frankie comprar para mim.

— Seu casaco! — gritou Nola de novo.

Continuei em frente, fingindo que não a estava ouvindo. Eu achava que a preocupação com o casaco era um sinal da falta de confiança dela nas minhas habilidades. Estava bravo com ela — realmente bravo com ela por colocar a possibilidade de fracasso na minha cabeça. Por que eu precisaria de um casaco? Eu ia subir o paredão e voltar para a Estação da Montanha antes do anoitecer, não ia?

Caminhei em direção a um morro em forma de caveira, bloqueado pelo medo. Nola estava certa, claro. Só um tolo não se prepara para a pior situação possível. Você não imagina como me irritou ter que descer e pegar meu casaco. Não olhei nos olhos dela enquanto pegava meu casaco na rocha. Eu a odiava por se preocupar. Eu odiava seu encorajamento.

— Wolf — disse ela de forma severa, e eu a ignorei.

Depois de amarrar as mangas do casaco em volta da minha cintura, comecei a escalar novamente, espirrando por causa das nuvens de sedimentos que se desprendiam a cada avanço que dava. Em dado momento, eu me distraí com uma concentração de brechas — um agrupamento de rochas revestido de outras rochas — que me lembrou de uma terrina que um dos meus colegas no primeiro ano levava de lanche, o que me fez sentir ao mesmo tempo fome e nojo. Engoli em seco e estendi a mão para segurar uma fenda apenas um pouco além do alcance do meu braço, mas me percebi novamente encurralado, sem opção a não ser descer.

O sol era cruel, e o paredão, perverso. Senti uma pontada de ressentimento de Bridget e Vonn, que estavam passeando pelas sombras dos pinheiros, procurando a bolsa. E de Nola, por ser inútil e um

fardo. Eu odiava todas só um pouco, mas elas haviam salvado minha vida idiota.

Lá ia eu — subindo o paredão e descendo o paredão por um caminho, depois fazendo tudo isso de novo por outro. A cada tentativa, eu olhava para trás e via o rosto sorridente de Nola. Ela mal tirara os olhos de mim o dia todo, sentada lá perto da pedra de moer, deixando o braço levantado como eu havia pedido. Não sei quando percebi que os lábios dela estavam se mexendo. Ela estivera rezando o tempo todo.

Continuei até me ver entre duas pedras. Cada grama de energia que gastava para escalar até uma certa altura era duplicada pelo esforço de descer de volta para o chão. Pensei em Byrd, não tanto desejando que ele estivesse lá, mas apenas que *eu* não estivesse. O vento soprava um chamado para eu desistir. Só percebi que havia fechado meus olhos quando os abri de novo.

Eu não estava sozinho.

— Byrd — falei, curiosamente sabendo que eu estava alucinando. — Estou alucinando, Byrd.

— É legal? — perguntou ele.

— Um pouco.

— Você está um lixo. Vamos lá.

Byrd estendeu a mão embaixo de uma saliência que se revelou um ponto de apoio firme, que eu não tinha sido capaz de ver até então, e começou a subir o paredão, guiando-me por onde eu deveria segurar e colocar os pés.

Eu havia conversado comigo várias vezes sobre a aparição de Byrd na montanha. Naquele momento, não me importava se a visão de Byrd vinha de dentro de mim ou de fora. Eu apenas estava grato pela força extra. Não era a primeira vez que eu ouvia meu amigo, ou o via no reino dos *espíritos*. (Eu acreditava que minha mãe estava no céu, mas não tinha certeza do que havia acontecido com Byrd.) Eu o segui, me esticando em busca de pontos que não teria sido capaz de alcançar.

— Obrigado, amigo — lembro-me de ter dito, mas ele já tinha sumido. — Byrd! — gritei, em pânico.

— Corvos? — gritou Nola lá debaixo. — Eles andaram por aqui o dia todo!

Eu estendi o pescoço de um jeito esquisito para olhar o local para onde ela estava apontando, e, ao fazer isso, preendi a manga do meu casaco em uma saliência irregular da pedra. Ele se soltou da minha cintura e escorregou pelas minhas coxas. Abri as pernas para pegá-lo, mas isso só ajudou a soltá-lo mais ainda. Inconformado, só pude assistir impotente meu casaco flutuar até o chão e pousar com uma nuvem de poeira. Tenho certeza de que ouvi Deus rindo. Talvez fosse Byrd.

Enquanto descia, sentia cada célula dolorida do meu corpo. Meus pulmões ardiavam, meus olhos estavam secos, minha cabeça, meus ombros e nariz tostados, sem esquecer que também queimava de vergonha por causa do meu fracasso. Eu queria bater com o desgraçado do meu casaco naquela pedra de moer até não sobrar mais nada além de nylon e penas, que logo seriam espalhadas pelo vento. Ofegando, eu me sentei numa pedra lisa ao lado de Nola, que me passou o cantil amarelo.

— Meu amigo tinha um exatamente igual a este — falei.

— Pip comprou na loja de presentes — disse Nola. — Há muitos desses por aqui.

Com certeza foi o vento, mas por um momento parecia que Byrd estava gritando no meu ouvido.

— Beba! Beba, seu parvo!

Eu trouxe o bocal até meus lábios e deixei que uma pequena quantidade de líquido entrasse em minha boca. O metal era frio e cheirava como Nola, Bridget e Vonn Devine. O cantil. O cantil amarelo.

— Beba um pouco mais — insistiu Nola, empurrando o cantil amarelo de volta para minhas mãos.

— Estou legal — falei. Peguei meu casaco empoeirado e tentei me levantar, mas não consegui.

— Você precisa descansar — disse Nola. — Ainda temos muito tempo.

Não tínhamos muito tempo. A escuridão aguardava logo atrás dos picos. Levantei, mas meus joelhos fraquejaram novamente e me derrubaram no chão sobre minha bunda ossuda. Nola tentou se levantar, mas sentiu tontura.

— Formamos um par e tanto, não? — disse ela.

Nuvens se formaram no horizonte, e rezei a Deus pela misericórdia de uma pequena sombra para aliviar minha pele queimada e meus olhos que ardiavam. *Deus, pensei, por favor me ajude a subir aquele paredão. Ajude-me a levá-las para casa.*

Eu tive que olhar rapidamente quando um pequeno lagarto de cauda azul disparou do arbusto perto do meu pé. Seria um sinal? Houve então um som de tique, e lembrei-me das cascavéis e de como elas gostam de sol. Fiquei atento, examinando as pedras em volta. Não sei se estava sendo paranoico, adivinho ou enganado, como todos éramos, pelo vento endiabrado.

Quando Bridget e Vonn apareceram novamente dos arbustos sem nenhuma boa notícia sobre a bolsa, eu aproveitei o momento para contar a elas:

— As cascavéis aparecem quando está quente como agora. Fiquem de olho nas pedras.

— Eu tenho *pavor* de cobras — disse Bridget.

Eu também tinha.

— Não as incomodem e elas não vão incomodar vocês.

Vonn tropeçou e se apoiou em um tronco de árvore. Receando que ela fosse vomitar de novo, me virei para não envergonhá-la. Porém, ela não vomitou, e, quando eu olhei de volta para ela, nós nos encaramos. Eu vi algo na expressão de Vonn. Não saberia dizer o que foi. Ela encolheu os ombros, parecendo menor.

— Continuem procurando — falei. — Todos vamos nos sentir melhor quando tivermos mais água. Só tomem cuidado com o lugar onde pisam.

— Se há cobras por aí, eu não vou a lugar nenhum! — exclamou Bridget, deitando-se em uma cama de cascalho.

— Elas gostam das pedras — repeti.

Nola levantou a voz para a filha.

— Bridget. Por favor! Precisamos daquela água.

— Nós procuramos em todo o lugar por essa maldita bolsa — disse Bridget.

— Continuem procurando — falei. — Não podemos desistir.

— Por que você não está escalando?

Virando-se para mim, Nola disse:

— Estou aqui sentada pensando por que ninguém o chama de Wilfred. É um ótimo nome. — Ela percebeu que eu estava exausto e estava mudando de assunto para me ajudar. — O nome de alguém esperto.

— Sério? — Vonn disse. — Mim? Essa coisa de nomes de novo?

— *Wolf* parece tão malvado. E você não é nem um pouco mau.

— Eu posso ser mau — falei.

— Eu tenho esse nome por causa da minha bisavó do lado do meu pai — explicou Nola. — O nome dela era Lonya, mas a enfermeira entendeu tudo errado e, quando viu que na minha pulseirinha estava escrito Nola, minha mãe foi supersticiosa demais para mudar.

Eu me senti grato pelo descanso.

— Bridget ganhou o nome da avó de Patrick. Eu queria que Bridget escolhesse para Vonn o nome de uma das avós ou tias do lado da minha mãe. Acho que os nomes devem ter um significado. — Ela suspirou. — Nós costumávamos passar os nomes para os filhos junto com as louças, a roupa de cama e mesa e as fotos, mas agora é tudo novo e recém-inventado. Eu não sei.

— Eu não gosto do meu nome. *Bridget*. Parece tão agitado. Eu queria algo mais calmo. Algo que combinasse mais comigo. Aurora. Lua. Flor.

Nola virou-se para Vonn:

— Normalmente eu não gosto de dar nomes de cidades ou estados para crianças, mas eu gosto de

Georgia como nome de menina.

— Eu gosto de nomes antiquados — disse Vonn.

— Úrsula? Jacinta? — perguntou Bridget.

— Dora. Virgínia. Aurélia — disse Vonn.

Eu devo ter pegado no sono, pois a próxima coisa que lembro foi Vonn me ajudando a levantar.

O sangue subiu para minha cabeça quando fiquei de pé, e tive um vislumbre do meu futuro. Eu nunca havia pensado muito no meu futuro até aquele momento; nada além dos passeios na natureza e escaladas bem desafiadoras que eu faria com Byrd ou fantasias (essas não contam) de dirigir uma Lamborghini numa estrada deserta com Lark pelada no banco do passageiro. Futuro. Eu me lembro de ficar revolvendo essa grande palavra na minha cabeça, desejando-a como se deseja comida e sexo. Eu devia estar sorrindo, pois, quando olhei, Bridget sorria de volta para mim.

— Vamos ser resgatados. Eu sei. Tenho um pressentimento muito forte sobre isso — disse ela.

QUANDO VOCÊ está na natureza selvagem, minutos passam como horas, e dias, como anos: em uma fração de segundo, todo o seu mundo pode virar de ponta-cabeça. Era cerca de quatro da tarde, a julgar pelo sol, quando senti um vento cruel vindo do norte. Eu estava descendo do paredão depois da minha nona tentativa fracassada. Havia, se tanto, apenas mais duas horas de luz do sol.

Bridget estava lá quando terminei de descer, gritando:

— Você ouviu isso? Ouviu?

O som era inconfundível e, mesmo assim, eu sabia que era mentira.

Nola se sentou, examinando o céu. Não ousei gastar minhas limitadas reservas de energia para celebrar mais uma decepção. Nem me virei para olhar para o céu quando Bridget gritou:

— O helicóptero!

O otimismo dela era exasperador. Com o tempo se esgotando, eu só tinha mais algumas tentativas para conseguir escalar o paredão. Não tive vontade de gastar saliva dizendo a Bridget para não gastar a dela. Era o vento. Apenas o vento.

Achei uma pedra onde descansar. Depois de algum tempo, Bridget e Vonn pararam de acenar.

— E se ninguém souber até agora que estamos perdidos? — perguntou Vonn.

Bridget não corrigiu a filha dessa vez.

— Parecia tanto um helicóptero...

— Ou uma cachoeira — sugeriu Vonn.

Nola concordou:

— Cachoeira. Sim. Tem certeza de que a cachoeira é tão longe como você disse?

— A Queda do Coração? Fica a quilômetros daqui.

— Então não pode ser isso que ouvimos.

— Não tem helicóptero nenhum. Não tem cachoeira nenhuma.

— Acho que o barulho do vento parece o de um trem — disse Nola. — Um trem de carga.

— Os trilhos ficavam bem perto da nossa casa no Michigan. O vento realmente tem o som de um trem de carga às vezes.

— Eu só me importo com o helicóptero — disse Bridget, suspirando. — Estou com tanta sede...

Nós observamos ela pegar o cantil e dar um gole.

— Alguma hora alguém vai perceber que um de nós está desaparecido e vão mandar o resgate da montanha para nos encontrar — falei. — Eles têm equipamentos. E uma grande equipe de cachorros também.

Imaginei Dantay atirando uma longa escada de corda do topo do despenhadeiro. Animado pela cena, fiquei em pé, pronto para enfrentar o paredão outra vez.

— Você já esteve em apuros aqui antes? Já se perdeu por aqui? — perguntou Bridget.

Eu me virei e vi as Devine me encarando.

— Eu nunca me perdi por aqui — respondi. Era verdade — O tio do meu amigo é o chefe da equipe de resgate da montanha. — Também era verdade. — Os cães farejadores vão achar nosso rastro.

Comecei novamente, entoando um som ritmado conforme meus pés achavam pedras, e minhas mãos, apoios. Eu escalava cada vez mais alto, usando como combustível minhas memórias felizes: Glory. Byrd. *Eternamente*.

Eu tinha certeza de que aquela combinação de passos e apoios seria a que me levaria a alcançar a acácia, mas estava errado. Foi então que ouvi a voz de Byrd novamente, como se ele estivesse gritando bem no meu ouvido.

— Qual é seu plano, *Homem da Montanha*?

Sorri apesar da situação.

Descer de volta para o chão acabou com o pouco de energia que eu ainda tinha. Quando desmoronei na base, as três mulheres estavam lá.

— Você estava tão perto — disse Nola, passando o cantil para mim.

Bebi moderadamente. Vonn só molhou os lábios antes de passar para Nola, que deu para Bridget, que parou para observar a gente observá-la.

— Vocês acham que vou beber tudo isso que ele bebeu. Não vou, mas eu quero. Como se vocês não quisessem também.

O som estrondoso de cachoeira rasgava o silêncio. Todos o ouvimos e viramos para observar as árvores como se pudéssemos de alguma maneira testemunhar a decepção — pegá-las no flagra. Como o vento nos pinheiros soava como uma cachoeira? Ou um trem de carga? Ou um helicóptero? Que mágica cruel transformava o ar conforme ele passava pelos altos pinheiros típicos da região, pelos perfumados pinheiros de Jeffrey, pelos úteis pinheiros *lodgepole* e os densos abetos brancos?

— Resta pouco mais que uma xícara de água. E nenhuma comida — disse Bridget. — E se ficarmos presos aqui mais uma noite?

Lembrei-me de ter dado uma olhada rápida no interior da mochila preta de Nola quando elas me perguntaram qual era o caminho, e falei sem pensar:

— Manteiga de amendoim! Você tem comida!

— Não tenho — disse Nola, com os olhos esbugalhados. — Eu não trouxe *manteiga de amendoim*!

— Por que ela traria manteiga de amendoim? — perguntou Bridget. — Ela não come manteiga de amendoim.

— Foi a Bridget, Wolf — Vonn corrigiu. — Na sacola esportiva ela tinha barrinhas de cereal e amendoim. Lembra?

— Certo — falei, encarando as mulheres, uma a uma. — Certo.

Fiquei achando que elas estavam envolvidas em um plano para ficar com a comida para elas. Era possível que elas já tivessem achado a bolsa com a água e terem comido as três barrinhas de cereal, além da manteiga de amendoim também.

Virando para Vonn e Bridget, pressionei:

— Precisamos daquela sacola.

Devo ter parecido desesperado, ou ameaçador, pois Vonn e a mãe se entreolharam e entraram no mato sem reclamar.

— Não desista, Wolf — disse Nola. — Tem que ter um caminho para subir o paredão.

— Por que você está mentindo sobre a comida?

— Como?

— Você tem um pote de manteiga de amendoim na sua mochila — falei.

— Não tenho — insistiu ela.

— Tem biscoitos também? Você está escondendo de todo mundo ou só de mim?

— Eu não esconderia. Eu jamais esconderia.

Ela olhou em volta para se certificar de que a filha e a neta estavam fora do campo de visão antes de enfiar a mão boa dentro da mochila e tirar um pote de plástico e entregá-lo para mim com cuidado.

— Certo! — Não tinha manteiga de amendoim no pote, mas algo que pareciam cinzas. — Isto é...?

— Sim. A urna que me venderam era muito pesada — disse Nola. — Eu não ia conseguir carregar aquilo até aqui. Comprei algumas sacolas descartáveis, mas na última hora eu percebi que elas eram muito pequenas. Eu precisava de algo leve e que tivesse uma tampa firme e...

— Por que é um segredo?

— Bridget foi contra a cremação. Desde que era criança, ela... Nós tivemos que levá-la em um psicólogo... Tantos medos e fobias. Superstições. Ela acha que é vidente. Pobrezinha. Eu acho que é minha culpa por mimá-la, mas era um alívio para ela, quando criança, saber que podia prever o futuro. Isso é tão errado assim?

— Não.

— Você nunca sabe se estragou seus filhos ou se eles nasceram desse jeito. — Ela parou. — De qualquer forma, Bridget queria que o corpo de Pip ficasse no cemitério, onde pudesse visitá-lo.

— Então você enterrou um caixão vazio? — perguntei.

— Isso é mais comum do que parece. Ele ficou na urna no armário por *meses*. Isso estava me deixando louca. Eu achava que ficaria louca por causa do ronco dele, mas isso... é como se eu estivesse ouvindo Pip gritando para eu libertá-lo.

— Certo.

— Achei que nosso aniversário seria a hora certa para polvilhar as cinzas dele na montanha. Eu ia fazer isso quando Bridget não estivesse olhando.

O fato de Nola ter escolhido *polvilhar* em vez de *espalhar* fez com que os restos de Pip parecessem decoração de bolo.

— Ele queria ser... polvilhado... em Lago Secreto?

— Essa era a ideia — admitiu ela. — Nós nunca havíamos falado sobre isso. Nós mal havíamos completado sessenta anos. Ainda estávamos cuidando de Vonn meio período. Falávamos de notas e mesadas, da hora de voltar para casa. Às vezes era sobre golfe e cartas e o que íamos fazer para jantar. Nunca conversamos sobre a morte. — Ela parou de novo. — Deveríamos ter pensado nisso. Nossos entes queridos deveriam saber quais são nossos últimos desejos.

— Sim.

— Eu não posso deixá-lo no pote.

— Não.

— Ele odiava manteiga de amendoim — disse ela. — Nós tínhamos no armário por causa de Vonn.

— Ah.

— Eu não imaginava que ele fosse ficar aí dentro por tanto tempo.

— Certo.

— Foi o único recipiente de plástico que consegui achar.

— Claro.

— Eu me sinto péssima de você ter pensado que eu não repartiria se tivesse comida.

— Desculpe.

Percebi que o suor se acumulava em sua testa, e havia uma sombra escura embaixo dos olhos. O braço dela parecia ainda mais inchado, como se isso fosse possível. Ela tentou achar uma posição mais confortável.

— Você já perdeu alguém que ama, Wolf?

Confirmei com a cabeça.

— Você sente a presença deles às vezes?

Não consegui responder.

— Eu sinto Pip como se ele ainda estivesse aqui. Continuo fazendo menção de contar algo para ele, e toda vez é como um tapa na cara. Acontece cem vezes por dia. É difícil perder o hábito de pensar que uma pessoa está viva. — Ela parou. — Quem você pensa que ainda está vivo, Wolf?

— Minha mãe — menti.

— Desde que Pip morreu, não vejo mais muito sentido em continuar vivendo — disse Nola. — Mas agora?

Ela não precisava dizer: eu sabia que ela tinha mudado de ideia.

SOMBRAS COMPRIDAS pairavam sobre a rocha abaixo de mim enquanto eu começava a subir o paredão mais uma vez. Minhas unhas estavam destruídas, e as palmas, em frangalhos, mas o pior era meu péssimo estado de espírito. Seria minha última tentativa antes do pôr do sol.

Na metade do caminho, parei para descansar e ouvi, mesmo daquela distância, o som de Nola cantarolando abaixo. Reconheci a melodia como sendo de uma peça clássica — um concerto para violino de uma versão antiga de *Muito Barulho por Nada*. Era a única coisa que eu conseguia me lembrar do meu curto período como calouro na Santa Sophia High School. A maioria dos outros alunos dormira durante a aula em que tínhamos visto o filme, mas a música me comovera. Korngold era o nome do compositor.

O cantarolar de Nola atijou minha adrenalina e me incentivou, e logo eu estava escalando mais alto e mais rápido do que eu havia conseguido o dia todo, por um caminho que eu não havia considerado, acompanhado pelo lamento do violino. E lá estava eu, a centímetros de distância da acácia. Estiquei a mão e, com esforço, finalmente agarrei o galho da árvore morta. Dei um puxão e senti que suas raízes estavam firmemente presas na rocha. Parei para avaliar o melhor ângulo para me içar sobre a saliência.

O vento morreu completamente. Tudo estava imóvel, e tirei um momento para contemplar a criação.

— Obrigado — falei em voz alta.

Foi quando percebi que Nola não estava cantarolando mais; olhei para baixo e a vi estirada de um jeito esquisito sobre a pedra lisa dos almofarizes onde ela estivera sentada. Mesmo a distância, eu conseguia ver que havia sangue acumulando nos buracos onde ela havia batido a cabeça. Tive quase certeza de que Nola Devine estava morta.

O vento inconstante tinha voltado, vindo do norte como um trem. Eu gritei por Vonn e Bridget, mas elas não podiam me ouvir por causa das rajadas.

— Sra. Devine! — chamei, mas ela estava deitada imóvel.

— MIM! — Mas o vento uivava mais alto e minha voz se perdia nele. — NOLA! — gritei mesmo assim. — BRIDGET! VONN!

Não me lembro de descer e não me lembro de tropeçar na pedra solta para chegar até ela, mas me lembro de segurar a mão boa de Nola, aliviado por achar pulso. O sangue ainda pingava do corte na testa dela, mas eu havia visto mais sangue que aquilo em uma das piruetas de Frankie na pia do banheiro depois de muitas cervejas. Não tinha forças para levantá-la, mesmo assim consegui, e agradei a Deus.

Carreguei Nola até a caverna, temendo, pela primeira vez desde que havíamos nos perdido, que um de nós pudesse morrer ali. Eu a cobri com meu casaco e usei a manga da minha blusa para estancar o sangramento da testa. Bridget e Vonn apareceram com uma expressão de derrota e esgotamento. Bridget não gritou ao ver o ferimento na cabeça da mãe, o que me arrepiou. Vonn e eu nos entreolhamos.

Nola acordou, confusa e sem saber como tinha ido parar lá. Eu podia sentir o cheiro do ferimento dela supurando sob o curativo de tecido.

— Temos que olhar isso — disse Vonn.

Bridget se afastou quando sua filha começou a remover as tiras de tecido marrom cheias de crostas, revelando a camada com sangue fresco da bandana preta.

— Precisamos limpar. E fazer um novo curativo. O que podemos usar? — perguntou Vonn, olhando em volta e segurando o vômito.

— Folhas — sussurrou Byrd, das árvores.

O vento bateu nas árvores e falou para todos nós:

— Folhas.

— Folhas — ecoou Vonn, como se também tivesse ouvido. — Algumas folhas não têm poderes medicinais? Tipo, algumas não são bactericidas?

— Você sabe algo sobre isso, Homem da Montanha? — perguntou Bridget.

— Sterasote — falei, ciente de que se o arbusto não tivesse atrapalhado meu caminho para o Pico do Anjo, eu talvez não tivesse pensado nele naquele momento

— Nunca ouvi falar — respondeu Bridget.

— Dá para reconhecer pelo cheiro. Eu senti o cheiro dela em algum lugar aqui. Depois que caímos. Os nativos americanos a usavam para curar tudo. Podíamos fazer uma pasta. Esmagá-la ou algo assim.

— Um cataplasma — sugeriu Vonn.

— Fique com Mim — ordenou Bridget a Vonn, enquanto pegava minha mão e me arrastava para o mato. — Onde? Onde está esse arbusto? Vamos. Vai escurecer em dois minutos.

Nós procuramos pelo mato, meus olhos percorrendo tudo rapidamente. Não conseguia lembrar onde tinha sentido aquele cheiro de cânfora e comecei a entrar em pânico, achando que estava me lembrando daquele que havia me atrapalhado no caminho para o Pico do Anjo e que não havia nenhum arbusto de sterasote onde estávamos.

Quando chegamos a uma pequena clareira em que os pinheiros de Jeffrey emolduravam um pôr do sol escarlate, Bridget parou:

— Minha mãe vai morrer?

Uma infecção grave podia matar uma pessoa, e nossas condições, como Nola diria, *não eram ideais*. Imaginei que Bridget sabia disso também.

— Não — menti.

Continuei em frente, puxando Bridget pela mão quando ela hesitava.

— Vonn vai me culpar se algo acontecer com Mim — disse ela.

— Não é sua culpa.

— Eu fugi das abelhas. Se eu não tivesse fugido, nós teríamos ido ao lago e estaríamos em casa agora.

— Não é sua culpa ser alérgica a abelhas.

— Não, mas outras coisas *são* minha culpa. E pelo visto parece que na verdade não sou alérgica.

— Talvez você não tenha sido picada.

— Eu *fui* picada!

— Está bem.

— Imagine durante toda sua vida você achar que era alérgica a abelhas e descobrir que não era. Imagine só, achar algo toda sua vida e então descobrir que não era verdade.

— O que você teria feito de diferente? — perguntei a Bridget enquanto procurávamos o arbusto de sterasote. — Se você soubesse que não era alérgica.

— Cheiraria mais flores — disse Bridget, encolhendo os ombros. — Não é engraçado, um clichê besta? Eu teria parado para cheirar as flores, coisa que eu nunca fiz de verdade porque tinha medo de abelhas. Especialmente as rosas. Sério, eu pararia e cheiraria as rosas.

O vento nos perseguia em círculos. Ergui o nariz, rezando para encontrar o cheiro do arbusto de sterasote, mas meus sentidos apurados, dominados pela frustração, haviam me abandonado. O vento gelado açoitava meu nariz e bochechas, e, ao olhar para trás, vi sombras compridas sobre o rosto magro

de Bridget e amaldiçoei a chegada da noite.

Ela andou para ir à frente, mas não achamos nenhum arbusto de sterasote no meio dos pinheiros, perto de um grupo de arbustos-do-deserto, embaixo do espinhudo *chamise* ou entre o comum zimbro.

A noite estava se aproximando, e fiquei irritado quando Bridget escorregou em uma pedra solta e caiu de joelhos, depois frustrado ao descobrir que ela estava chorando. Era evidente que não estava machucada. Tudo o que eu podia pensar é: *não temos tempo para isso*.

Bridget olhou para mim e perguntou de novo:

— Ela vai morrer?

— Não.

— A infecção é grave.

— Ela vai ficar bem.

— Não posso perder minha mãe, Wolf.

— Calma... — Eu não sabia como ampará-la.

Ajoelhei-me ao lado de Bridget, segurei seus ombros e trouxe o corpo dela para perto do meu. O calor dela me trouxe conforto como nunca tinha sentido antes. Nossos olhos se encontraram, e, naquele momento, senti uma brisa vinda do oeste e comecei a espirrar forte.

— Sterasote. — Eu ainda consegui dizer.

Levantei, ajudando Bridget a ficar de pé, e a conduzi sobre as pedras e pelas árvores, procurando pelo arbusto de sterasote, cujo cheiro ficava mais forte conforme chegávamos mais perto. Cobri meu nariz com a jaqueta.

— Tome cuidado. É logo ali, perto da borda.

Achamos o arbusto e começamos a puxar as folhas pequenas e teimosas. Rapidamente pegamos os talos secos e fibrosos, enchendo nossos bolsos com o que esperávamos ser a cura milagrosa de Nola.

Abastecidos com as folhas e talos de sterasote, corremos de volta pelo mato. Conforme chegávamos perto da caverna, ficamos assustados ao ouvir os gritos esganiçados de algum animal machucado — um guincho de dor horrível que não parecia com nenhum pássaro noturno que eu conhecia. Nós examinávamos as árvores enquanto andávamos depressa.

Era Nola, entretanto, que estava fazendo aqueles barulhos terríveis, enquanto Vonn, segurando as lágrimas, limpava o ferimento supurado com a borda de um cartão de crédito. O fato de ela ter estômago para fazer aquilo me impressionou. Vonn olhou para nós:

— Por que demoraram tanto?

Esvaziamos nossos bolsos e colocamos o sterasote nos buracos da pedra próxima à parede. Bridget começou a esmagar os talos e folhas, fazendo uma pasta com uma pedra arredondada que havia achado por ali e piscando muito por causa dos vapores emanados pelos óleos voláteis da planta.

— Isto fede — comentou.

Juntos, moemos o sterasote, transformando-o em uma pasta grossa, enquanto a alguns metros dali Nola suportava a vigorosa limpeza do ferimento.

Quando ousei voltar para checar o progresso de Vonn, me arrependi.

— Como você consegue fazer isso sem vomitar? — pensei em voz alta.

— Você faz o que tem que fazer — disse Vonn. — Estou quase pronta para usar a pasta.

Quando voltei aos almofarizes para pegar o sterasote esmagado com um cartão de crédito limpo da carteira de Nola, eu me impressionei com a habilidade de Vonn em lidar com um ferimento tão repugnante.

— Ela fica enjoada dentro de qualquer coisa que se move, mas não tem problema com mais nada — disse Bridget. — Eu tenho vertigem e ela fica enjoada. Nós não viríamos, mas Mim nos contou sobre o ritual secreto de aniversário com o Pip. Percebemos que ela não queria vir sozinha.

Bridget parou de esmagar o sterasote: algo tinha chamado sua atenção, mexendo-se na pedra ao meu

lado. *Por favor, Deus, que não seja uma cobra.*

Olhei para baixo e descobri, a dois centímetros da minha mão, um esquilo gordo. Eu poderia tê-lo agarrado, naquela hora e naquele lugar. Mas e depois? Eu o mataria com uma pedrada? Rasgaria sua carne com meus dedos e dentes, chuparia seu sangue morno? Senti repulsa pelo pensamento e não teria acreditado que depois teria fantasias vívidas e perturbadoras sobre ter feito essas coisas.

— Xô! — falei.

Bridget se virou para olhar em direção à caverna. Naquela manhã, ela tinha sido a mais otimista de nós, tão certa sobre o helicóptero e sobre nossa sobrevivência. Sendo o tempo na montanha como era, o estado de espírito dela havia mudado rapidamente.

— E se não conseguirmos sobreviver, Wolf? — perguntou ela.

— Bem — falei lentamente, considerando a questão. — Quando era criança eu passei muito tempo na biblioteca. Li muitos livros de aventuras, histórias verdadeiras, e acho que, se tivesse que achar uma semelhança nelas, eu diria que as pessoas que se dão melhor em situações impossíveis são as que têm certeza de que vão sair dessa e que continuam pensando assim, mesmo que morram tentando. Então é isso que vamos fazer.

Ficamos em silêncio. De acordo.

BRIDGET E EU nos aproximamos da caverna e encontramos Nola encostada em uma pedra, pálida e resignada. Vonn olhou para a pasta de sterasote — um montinho de polpa verde no cartão de crédito sobre a minha mão.

Ela se inclinou para cheirá-la, retraindo-se, então sugeriu que aplicássemos a pasta diretamente no ferimento.

— Precisamos de uma atadura limpa para colocar por cima.

— Que tal meu corpete? — ofereceu Nola.

— *Corpete!* — disse Vonn, rindo ao falar a palavra. — Tome, use meu *corpete*.

Com uma série de movimentos hábeis, ela tirou o sutiã e uma camiseta de baixo sem tirar o suéter que Nola havia dado a ela. Depois de passar a pasta de sterasote em um dos bojos do sutiã, Vonn o amarrou com a camiseta de baixo enquanto Nola se encolhia de dor.

Algo chamou minha atenção — um cheiro no ar —, e devia ser um cheiro forte para sobrepujar o sterasote. Comecei a farejar o vento, com um sorriso em meus lábios. Aquela fragrância azul e silenciosa significava *chuva*. No mesmo instante fiquei animado.

— Vai chover esta noite.

— Tem certeza?

— Como você sabe, Wolf?

— Eu posso sentir o cheiro. Precisamos pensar em um jeito de coletar água da chuva.

Nola olhou para mim com as pálpebras meio fechadas.

— Meu poncho — disse ela. — Não tem costura no capuz. O tecido vai armazenar água.

Vonn pegou o poncho e, virando-o do avesso, viu que ele virava um grande recipiente impermeável capaz de coletar chuva suficiente para encher o cantil.

— Boa ideia, Mim — disse Vonn.

— Fiquem atentos para que as alças estejam bem amarradas nos galhos — Nola disse, tremendo de dor.

Enquanto Bridget e Vonn saíam para preparar o poncho, Nola cochichou para mim:

— É grave, não é?

— *Bom* não está, Sra. Devine. A senhora precisa de um médico.

Quando Bridget terminou de amarrar o poncho, ela me puxou para fora da caverna e me deu um soco

forte no braço.

— Por que você tinha que falar isso para ela?

— Eu acho que ela sabe.

— Você não sabe nada! Disse que conhecia o caminho, mas não sabia! Disse que conseguia escalar o paredão, mas não consegue! Disse que os cães farejadores viriam e disse que íamos achar as barrinhas de cereal. Você não sabe nada!

Eu me afastei antes que ela pudesse falar algo mais, tomando meu lugar na caverna com Nola e Vonn.

— O que foi aquilo? — perguntou Vonn.

Encolhi os ombros, aliviado que Bridget tivesse ficado lá fora para se acalmar. Ela estava certa. Eu tinha feito promessas que só Deus podia cumprir. Quando ela se juntou a nós, pouco depois, evitei olhar para ela.

Cheiros apareceram para mim aquela noite, partículas microscópicas que trouxeram odores distantes: gordura frita de lanchonetes de beira de estrada, diesel, madeira podre em um chalé, uma carpa morta em algum lago longínquo. Observávamos as luzes de Palm Springs crescerem na escuridão, e Vonn, roubando meus pensamentos, disse:

— Eu odeio que esteja tão perto. É como passar fome com uma lata de comida na mão e não ter como abri-la.

— Morrer de sede no oceano.

Bridget disse:

— Uma dessas vezes, quando pensarmos que é um helicóptero, não será o vento.

— Nunca virão com um helicóptero para cá — falei, mais rude do que precisava ser. — Nunca.

— Meu sonho.

— O vento nesta parte do desfiladeiro nunca é estável por tempo suficiente para que um helicóptero possa procurar alguma coisa. Mesmo que estejam atrás de nós agora, eles não estão usando helicópteros para nos procurar no Desfiladeiro do Diabo.

— Ah é? — Ela não acreditava em mim. Pude perceber na voz dela. A fé de Bridget em seu sonho era absoluta.

APENAS NOLA dormiu. Bridget e Vonn passaram a noite inquietas, mudando de posição e suspirando. Estava frio.

— Não consigo dormir.

— Também não. Precisamos pensar em algo para fazer o tempo passar mais rápido — falei.

A coruja bateu as asas invisíveis sobre nós ao mesmo tempo em que os coiotes uivavam a distância. Ao nosso lado, Nola dava chutes em seu sono. Eu me virei para olhar para Bridget, seus lábios secos e olhos grandes. Os dedos do pé de Vonn queimavam minha pele. O rosto dela tinha sutilmente se tornado mais triste.

— Precisamos de uma história — falei, pensando em Byrd. — Uma distração.

— Chega de histórias — implorou Bridget. — Eu não consigo tirar Laura Dorrie da cabeça.

— Jogos, então. Jogos vão fazer a noite passar mais rápido.

— Você amava meu pai? — perguntou Vonn, encarando Bridget. Dava para saber pelo tom de voz que ela queria uma resposta afirmativa.

— Eu tinha 18 anos, Vonn — respondeu Bridget, melancólica.

— Você o amava?

— Eu trabalhava no bar de um hotel enquanto fazia algumas aulas na faculdade — começou Bridget. — Eu estava noiva. Imagino que estivesse entediada. Ele costumava aparecer com clientes. Ele me paquerava. Paquerava todas as moças. Era mais velho, bonito e sofisticado. Eu estava indo para o

trabalho pela rodovia uma noite, e o motor do carro começou a soltar fumaça. Você não imagina quem parou. Eu tinha acabado de depilar as pernas. Parecia coisa do destino.

— Ele estava seguindo você?

— Ele estava voltando para o trabalho depois do jogo de beisebol de um dos filhos. Tinha acabado de brigar com a mulher.

— Eles tinham quatro filhos. Você não me contou isso?

— A coisa toda durou só uns poucos meses. Quando descobri que estava grávida, liguei para o trabalho dele, mas, antes de conseguir contar sobre você, Vonn, ele me disse que a mulher havia descoberto nosso caso e estava tudo acabado e ele ligaria para a polícia se eu me aproximasse dele ou da família. Canalha.

— Mas e se ele soubesse de mim? — disse Vonn. — Talvez tivesse vontade de me conhecer.

— A família era tudo para ele.

— Aparentemente, não — observei.

— Talvez ele seja um canalha, mas é meu pai. Eu tenho o direito de conhecê-lo — disse Vonn.

Bridget se virou para mim e explicou:

— Meu primeiro marido era um pai muito melhor.

— Só que ele não era *meu* pai.

— Eu esperava que ele fosse generoso.

— Nenhum sonho premonitório previu isso?

Vonn começou a tossir, então se curvou e afastou o cabelo do rosto para vomitar. Eu fiquei assustado ao ver fluidos estomacais escuros atingindo a pedra. Eu tinha quase certeza de que era sangue. Um sangramento lento. Tudo parecia possível ali, especialmente em relação ao azar. A ideia de perder Vonn me deixou aterrorizado.

— Você está bem? — perguntei, levantando-me para jogar cascalho e terra sobre a sujeira. — Talvez devêssemos mudar de assunto.

— Não — insistiu Vonn, engolindo em seco. — Estou bem. Estou bem. Quero ouvir isso.

— Ouvir o quê?

— A história.

— Eu fiz o meu melhor — disse Bridget. — Não tem história nenhuma.

— Eu vou conhecê-lo. Quando voltarmos. Quando chegarmos em casa. Eu vou me apresentar.

— Está bem — disse Bridget. — Quer que eu combine tudo?

— Não — respondeu Vonn, ríspida.

— Quer que eu vá com você? — perguntou Bridget.

Vonn hesitou.

— Talvez.

Ventava forte no nosso pequeno abrigo, levando embora nossa respiração quente. Meu nariz congelou.

— Droga! — falei. Aquilo doía.

Apertando os dedos do pé de Vonn no meu peito quente por baixo da camiseta, eu ficava imaginando como eu ficaria com o nariz preto por causa do enregelamento. Pensei naquelas fotos de antes e depois, então fiquei horrorizado ao considerar que, junto com a ponta do nariz, eu poderia perder meu olfato aguçado.

Eu ainda podia sentir o cheiro da chuva. Onde estaria ela?

— Filme favorito? — perguntei.

— Não quero brincar — disse Vonn.

— Comédia romântica ou drama? Você tem que escolher os gêneros — disse Bridget.

— Se você tem um filme favorito, não precisa de gêneros. Favorito é favorito — disse Vonn.

— Você disse que não queria brincar.

— Eu não estou brincando.

— Comida? — sugeri.

— Sobremesa ou prato principal? — perguntou Vonn.

— Você disse que ia chover — mencionou Bridget.

Eu lembrei que tinha jurado não fazer mais promessas que não pudesse cumprir.

— Ainda acho que vai.

Elas estavam definhando perante meus olhos, a cada hora, cada minuto. Eu sabia que, se ficássemos muito tempo na montanha, Nola morreria da infecção. A próxima seria Bridget: com pouca reserva de gordura, ela sucumbiria à hipotermia e à desidratação. Vonn iria depois, dedos dos pés necrosados junto com os das mãos e então cegueira, até enfim a despedida fria e sonolenta.

Tive uma sensação profunda de calma em aceitar a realidade da nossa situação. Se não tivesse sido realista, eu poderia ter acreditado no sonho profético de Bridget sobre o resgate de helicóptero, me conformado com as limitações de Nola e aceitado que Vonn não poderia ir a lugar nenhum com aqueles chinelos. Em vez disso, fiz os cálculos e ouvi meus instintos, e ambos me disseram que todos morreríamos se ficássemos ali.

Olhei em direção a Nola na luz tênue da caverna e a encontrei virada na minha direção, sorrindo levemente.

— Eu estava dormindo? — perguntou ela.

— Por um tempo — falei.

— Algo bom aconteceu?

Eu ri e então balancei a cabeça.

— Nada de bom, Sra. Devine. Mas nada de ruim também. — O sorriso dela era levemente visível na escuridão. — Eu estou sentado aqui pensando que talvez possa usar as alças da sua mochila para fazer um laço. Preciso de algo que me ajude a chegar até o toco de acácia embaixo da saliência.

— Isso é muito engenhoso, Wolf.

Ficamos em silêncio por um tempo, observando o céu noturno. Vonn levantou os pés, um de cada lado do meu corpo. Sem falar nada, coloquei os pés dela novamente por baixo da camiseta. Mesmo através das meias grossas de lã, pude sentir os dedos dela se derreterem contra a minha pele.

— Fico pensando se os animais estão com aquelas barrinhas de cereal. Eu lutaria com um texugo por elas! — disse Bridget.

Imaginei corvos bicando o papel alumínio todo rasgado.

— A gente teria encontrado a embalagem, se fosse o caso.

Nola suspirou na escuridão antes de falar:

— Bridget, quero que eles toquem minha música. Sabe aquela? Aquela triste, que eu sempre tocava no piano.

— Por quê?

— Os violinos — falei.

— Como você sabe? — disse Nola, com um sorriso, parecendo meio confusa.

— A do Korngold — insisti.

— Você sabe de que música triste ela está falando?

— Por causa da escola. Nola estava cantarolando essa música enquanto eu escalava.

— Eu não estava cantarolando nada — contestou Nola.

Mesmo na escuridão, vi minha confusão nos olhos dela.

— Você estava cantarolando, Nola. Eu a reconheci de um filme que vimos na escola. Era a música favorita do professor. Eu a ouvi milhares de vezes. Eu não lembro o filme, mas sei qual é a música.

Eu cantarolei um trecho para ela lembrar.

— É essa! — disse ela, se animando. — Você a conhece!

— Eu não ouvi ninguém cantarolando — comentou Bridget.

Vonn encolheu os ombros.

Senti um arrepio, ansioso com minha confusão e com o que aquilo significava. Nola se curvou para apertar meu braço.

— Quero que essa música seja tocada sem parar no meu funeral.

— Ah, mãe — disse Bridget e, então, mordeu a própria língua.

— Sem parar, em *looping* — prosseguiu Nola. — Cinco ou seis vezes. Então deixe o pessoal ir embora. Sem palavras. Apenas deixe a música falar.

— Aqui, Mim, vista o casaco — disse Bridget, colocando a mochila no pé dela.

Houve uma pausa e a atmosfera mudou na caverna quando a mão de Bridget achou o pote de manteiga de amendoim na mochila. Ela tirou o grande recipiente de plástico, segurando-o na luz fraca.

— Que *merda* é essa?

O estado de Nola não permitia que ela protestasse ou explicasse.

— Dê-me o pote, Bridget — pedi calmamente. Ela me entregou sem reclamar.

— Isso é *comida*? — perguntou ela. — Parece proteína em pó. Vocês todos têm..?

Eu me vi na expressão dela: olhos vidrados e paranoicos.

— É... É Pip — falei.

— Pip? — Bridget me encarou.

— Ah, Bridget — disse Nola. — Eu devia ter contado para você. Eu devia ter contado para vocês duas.

— Cinzas — disse Vonn. — Mas como?

Bridget parou por um longo momento, então inclinou a cabeça em direção à mãe.

— Eu achei que você teria escolhido o oitavo buraco no Doral para isso.

— O buraco de uma só tacada dele! Ah, Bridge, isso nem me ocorreu! — disse Nola em voz baixa.

— Eu não sabia sobre Lago Secreto.

— Com o nosso aniversário chegando, pareceu-me a coisa certa a fazer. Então você já sabia sobre as cinzas?

— Quando eu vim para o aniversário da Vonn em setembro, vi o recibo do crematório e achei a urna no armário.

— Eu costurei um bolso de plástico cheio de cinzas em todos aqueles pequenos sachês também — disse Nola.

— Os sachês de lavanda?

— Isso é esquisito — comentei.

— Será que isso não é ilegal? — perguntou Bridget.

— Por que você não me contou? — disse Vonn.

— Eu não sabia como você iria reagir.

— Eu gosto — disse Vonn. — Acho que Pip também ia gostar.

— Rosas para mim, por favor — falou Bridget. — Eu amo o cheiro das rosas.

— Agora todos vão escolher o recheio dos seus sachês de cinzas? Não dá azar isso?

Vonn riu, o que me deixou, por um segundo, extremamente feliz.

— As pessoas realmente guardam as cinzas dos seus entes queridos em sachês por todo o lado e eu só descobri isso agora?

— Fiquei sabendo de pessoas que usam pequenos frascos em correntes no pescoço — disse Bridget.

— Mas acho que Pip é o único que conhece em um sachê.

— Quando Jack Mazlo morreu — disse Nola —, a mãe dele pediu a Janice um pouco das cinzas.

— Para fazer sachês?

— Ela colocou as cinzas em um saco de plástico e o costurou dentro do ursinho de pelúcia favorito do

pequeno Jack, para que o pai pudesse estar sempre com ele.

— Ah!

— Ela era de Malta, talvez isso fosse uma coisa cultural.

— O pequeno Jack sabia das cinzas?

Nola confirmou com a cabeça.

— Ele não ia a lugar nenhum sem o ursinho. Ele o chamava de Papai Ursinho.

— Odeio histórias tristes — disse Vonn.

— Quando você envelhece, pensa em tristeza de uma maneira diferente — disse Nola suavemente.

— Eu vou gostar de ficar triste?

— Não é que vai *gostar* de ficar triste, mas começa a ver o valor da tristeza. Você não considera a tristeza com tanta severidade.

Eu desejei ter um sachê com os restos mortais da minha mãe. Algo com cheiro de limão. Ou talvez hortelã.

— Todos no quarteirão tinham uma opinião sobre o pequeno Jack e seu Papai Ursinho. Na época achei isso terrível. Agora adoro pensar que meus restos poderiam consolar uma criança adorável. Porém, eu não quero ser espalhada. Eu até *gosto* de natureza, mas não tanto assim e não sou muito fã do mar, por isso não quero ser jogada de um barco pesqueiro de lula.

— Barco pesqueiro de *lula*? — Vonn e eu dissemos juntos.

— E não me tragam de volta para cá. — disse Mim enfaticamente. Todos rimos. — Eu estava pensando em uma pequena urna acima da lareira ou até no balcão da cozinha se uma de vocês continuar na casa do condomínio.

— Meu Deus, Mim — Vonn disse.

— Eu não me importo em ser dividida ao meio se vocês assim decidirem. Eu gosto do clima em Golden Hills.

Não revelei meu medo crescente de que nenhum de nós sobrevivêssemos para realizar os últimos desejos de Nola.

— Combinado — falei.

— Também espalhem um pouquinho em volta do pé de buxo perto do banco na minha igreja. — acrescentou ela, depois de parar para pensar. — É um lugar que me traz paz.

— Feche os olhos agora. Você precisa dormir — falei. Eu não queria que Nola percebesse meu medo, mas ela deve tê-lo pressentido mesmo assim.

— Você está fazendo um bom trabalho em nos manter vivos, Wolf — disse ela.

Que mentira, pensei.

O VENTO ENTROU na caverna, enganando-nos com helicópteros de resgate e cachoeiras. A coruja piou acima de nós, mas não mais parecia sábia, apenas irritante.

— Macarrão na manteiga. — disse Bridget, sem motivo em particular.

Vonn riu.

— E pensar que você pode imaginar qualquer coisa.

— Eu sei. Macarrão na manteiga e aquela torta de limão que Mim faz com massa de biscoito. Faz anos que não como.

— Ela fez para você três dias atrás — observou Vonn. — Quando você foi lá.

— Eu não comi. Deve ter um pouco na geladeira agora. — Ela riu de um jeito meio desvairado. — Ai! Cortei meu lábio.

— Temos que tentar dormir um pouco — falei.

— Estou com medo de dormir — disse Bridget. — Não quero sonhar. E se eu tiver mais um sonho com

o futuro, em que um helicóptero *não* vem? Em que nós não somos resgatados?

— Sério, Bridget — disse Vonn. — Você não acha que teria uma visão ou um sonho sobre nós nos perdemos aqui, em primeiro lugar, se você fosse realmente clarividente?

— Não funciona desse jeito.

— Não funciona de jeito nenhum.

— Você não tem fé.

— Você nunca acertou.

— Talvez eu não tenha contado para você de cada um dos meus sonhos que acabou se realizando — disse Bridget. — Talvez tenha mantido alguns para mim mesma.

— Como por exemplo?

— Nada.

— Como por exemplo?

— Eu sonhei que seu pai me chamou de mentirosa quando eu e você fomos lá bater na porta dele. Os filhos dele estavam lá.

— Mas isso não aconteceu — disse Vonn.

— Mas poderia ter acontecido. Ainda pode.

— Nós vivemos em mundos completamente diferentes, não? — perguntou Vonn com honestidade.

— Nós não vamos passar mais uma noite aqui — disse Bridget com segurança. — Guarde minhas palavras.

— A coisa mais importante — falei — é nos manter firmes. Certo? Vamos achar aquela bolsa e eu vou escalar aquele paredão.

Passamos a maior parte do resto da segunda noite em silêncio, cuidando de Nola, envergonhados pelo alívio que a testa quente dela dava para nossas mãos frias, assustados com sua dor espasmódica, invejosos pelo que pareciam ser períodos de sono profundo.

Com frio demais para conversar, observamos as nuvens mudando de forma e nos mantivemos atentos a helicópteros e gritos de resgate. Minhas mãos estavam rígidas, misericordiosamente anestesiadas dos arranhões ardidos nas palmas. Meus dedos não pareciam meus.

Em algum momento à noite, a caverna foi inundada pelo som inconfundível dos roncos em forma de assobio de Bridget. Vonn se esticou e arrumou a posição da mandíbula da mãe para ela parar, como havia feito antes. Funcionou por pouco tempo.

Quando Bridget tornou a roncar, Vonn gentilmente inclinou a cabeça dela mais uma vez. Então, por acaso, olhou para a avó. Ficou boquiaberta.

— Ela não parece estar respirando.

Nós nos inclinamos mais perto e tomamos um susto quando Nola tossiu. Então ela abriu os olhos e encontrou os meus na escuridão. Ela estava com medo. Eu podia ver, mas em vez de me encher de medo, eu estava repleto de determinação. Eu não ia deixar Nola Devine morrer. Eu tinha certeza de que haveria algum caminho de volta. Se havia almofarizes, os indígenas tinham que ter achado alguma saída daquele buraco de pedra. Então, o que eu estava deixando escapar?

— Você já está há dois dias sem dormir — disse Vonn.

— Como você sabe que estou acordado?

— Você está tão desidratado que posso ouvir você piscar.

— Vai chover — lembrei.

— Isso é o que você diz — disse ela, esforçando-se para se sentar.

Coiotes uivaram ao longe, e Nola gritou, não dormindo, mas também não totalmente acordada:

— Deixe o cachorro sair, Pip!

— Ela tem um cachorro? — perguntei, apavorado que pudesse haver um pobre animal em algum lugar sem água ou comida.

— Não — disse Vonn. — Ela estava falando do pug dela, Brutus. Ele morreu uns dois anos atrás.

O tempo passou. Cinco minutos? Uma hora?

— Você acha que alguém já está procurando por nós? — perguntou Vonn.

— Sim — falei, apesar de não ter nenhuma razão para acreditar nisso.

— Wolf, você acredita em... destino?

— Não sei.

— É que... se estar aqui, na montanha, agora, impedisse você de fazer alguma outra coisa, você veria isso como um sinal de que não deveria fazer essa tal coisa? O que quero dizer é: você acredita que o universo... Mim chamaria de Deus... está tentando lhe dizer alguma coisa? Talvez até puni-lo?

— Tentando me dizer o quê? — perguntei, tenso.

Ela suspirou profundamente.

— Bem, se você fosse fazer algo, digamos, mas não pudesse porque se perdeu. Não seria um sinal, ou sei lá o quê, de que você não deveria fazer esse algo?

— Fazer o quê?

— O que você ia fazer.

É difícil descrever meu estado de espírito, pois não há nenhum paralelo para isso na vida comum. Meus sentidos estavam mais lerdos, minha reação, mais lenta, minha noção da realidade meio tênue, mas eu ainda estava ciente da minha derrocada, o que me fez questionar tudo em uma espiral de paranoia.

Estávamos sem dormir, beber e comer por dois dias, sem contar que eu havia começado a jornada mais fraco graças aos maus hábitos causados pela depressão e pelas ideias suicidas (não dormir, não comer, pensamentos negativos), tudo isso para dizer que pensei que Vonn estivesse me provocando sobre meu plano para pular do Pico do Anjo.

— Quem contou para você?

— O quê? — Ela parecia confusa, magoada pelo meu tom de voz.

— Quem contou o que eu ia fazer?

— Wolf?

Algo a estava assustando. Percebi que era eu.

— O que você ia fazer?

Minha cabeça procurava rapidamente uma maneira de esconder meu equívoco.

— Eu ia sair da trilha.

— Sair da trilha?

— Eu ia seguir alguns rastros de carneiro-selvagem.

— É isso?

— É isso que eu ia fazer.

— Seguir um carneiro-selvagem. Sozinho? Esses animais não são perigosos?

— Eles são legais.

— E se atacassem?

— Era um carneiro que nós estávamos procurando — falei. Estava ciente do quanto me esforçava para manter a cabeça funcionando.

— Nós?

— Eu.

— O que você ia fazer quando encontrasse o carneiro?

— Quando encontrasse o carneiro? — pressionei minha barriga com os punhos para parar os espasmos dos músculos. — Eu ia fotografá-lo.

— Mas você esqueceu sua câmera — adivinhou Vonn.

— É. E você? O que você ia fazer?

Eu estava com dificuldade para respirar.

— Por que você não trouxe mochila? — perguntou Vonn.

— Eu não trouxe.

— Eu sei. Perguntei por quê.

— Esqueci em casa.

— Você deve estar se sentindo um idiota. Você pensa nisso? Fica se remoendo? Quantas águas você tinha lá? Comida? Barraca? Tinha uma barraca?

Sim. Sim. Sim.

— Não vejo o sentido disso, Vonn.

— Nós vamos morrer aqui?

— Não — falei. — Talvez.

Eu estava pensando no carneiro.

EU NUNCA TINHA contado a ninguém sobre o carneiro.

Era o fim da primavera, e o prado do lado de fora da Estação da Montanha estava todo colorido por tremoços-de-jardim roxos e orquídeas, explosões de flores locais cor de âmbar e vermelhas estourando mesmo por cima do típico declínio trazido pelo inverno. Byrd e eu havíamos parado no caminho para o pico para falar com um casal de meia-idade que observava pássaros. O marido estava animado para nos contar que tinham avistado um falcão-peregrino, raramente encontrado, no prado do lado de fora da Estação da Montanha. Ele apontou para uma depressão entre dois montes que havia mais além.

— Mas não conseguimos segui-lo, pois era fora da trilha — concluiu, encolhendo os ombros.

Byrd e eu nos entreolhamos. O homem estava apontando na direção de Lago Secreto. Mudamos nossos planos e escolhemos passar o dia procurando o falcão-peregrino. Com Byrd na dianteira, procuramos nos pinheiros por algum sinal da ave rara. Então ele parou e parei também, pois à nossa frente estava a mais magnífica fêmea de carneiro-selvagem e, atrás dela, comicamente derrapando e batendo no traseiro dela de maneira atrapalhada e travessa, seu cabritinho. Ambos animais nos olhavam de lado, os quatro em um dilema sobre qual seria o próximo passo.

Sabíamos que qualquer movimento súbito faria com que eles disparassem e que uma separação poderia ser desastrosa para o filhote. Estávamos tão perto que eu pude ver um carrapato se movendo no nariz da fêmea. Ficamos lá com um sorriso de orelha a orelha, olhando a dupla que nos farejava no vento.

O gralhar dos corvos pousados nos pinheiros acima pareceu irritar a mãe, que olhou acusadoramente para nós. Os chifres não eram tão longos ou curvados como os dos machos da espécie, mas podiam machucar feio se acertassem um cara nas costelas ou em lugar pior. A ovelha baixou a cabeça. Byrd e eu xingamos baixinho.

Então os corvos começaram a importunar com mais insistência dos pinheiros, assustando o cabrito, que disparou para o mato. A mãe se virou, correndo atrás do filhote.

Byrd e eu pudemos ver que o filhote se dirigia a uma fenda na rocha que descia para um prado que levava a uma queda funda. A mãe havia ido por outro caminho, para a densa floresta de pinheiro onde ela havia perdido totalmente o rastro. Vendo isso, nós nos mexemos.

Então aconteceu. O cabrito pulou muito perto da borda, tropeçou, então caiu em uma saliência abaixo. Era uma queda de apenas três metros, mas foi o suficiente. Byrd e eu descemos a pedra que levava até ele. Ainda dói lembrar como ele estava caído lá, as duas pernas da frente quebradas, sangrando, balindo. Eu não consegui entender a expressão de Byrd. Era estranha; ele parecia tão calmo.

— Podemos salvá-lo? Byrd, podemos salvá-lo? — Eu já sabia a resposta. Era injusto que eu o fizesse dizer em voz alta.

Eu mal podia olhar para aquela criatura balindo, mas o maldito cabrito continuava me olhando nos olhos. Estava suplicando para mim. Eu não sabia se era pela vida ou morte. Vi Byrd pegar seu canivete

suíço na meia esquerda. Ele sacou a lâmina.

Os prantos do cordeiro reverberavam pelo granito. Eu tapei os ouvidos e fechei os olhos, despreparado para testemunhar aquilo

— Me ajude! — gritou Byrd, socando minha perna.

Hesitante, eu me abaixei para imobilizar o animal que se contorcia.

— Garganta — disse ele.

Segurei o cabrito e fechei os olhos, esperando pelo som de carne sendo rasgada, preparando-me para o jorro de sangue quente, ansioso pelo silêncio que viria depois. Porém, houve um estranho som sibilante, e quando abri meus olhos, eu fiquei confuso ao ver a faca na pedra ao lado do cordeiro assustado e Byrd desaparecendo no mato. Peguei o canivete suíço e com um corte rápido executei o brutal ato de bondade.

Descendo no teleférico aquela noite, percebemos alguns passageiros inquietos olhando para nós. Byrd apontou a minha jaqueta manchada de sangue.

— Talvez seja melhor você tirá-la.

— É. — Eu tirei a jaqueta.

— Acho que você é mais forte do que pensa — disse ele, olhando para o deserto branco.

Não consigo decidir se Byrd me testou nesse dia ou se ele próprio fracassou.

A RESPIRAÇÃO DE NOLA era chiada. Bridget roncava de maneira estranhamente suave.

— Elas parecem dois gatos — disse Vonn, ecoando meus pensamentos. — Você disse antes que havia leões-da-montanha.

Eu tinha certeza de que não veríamos nem leões-da-montanha nem ursos naquele afloramento.

— Mal tem uma dúzia de esquilos aqui. Muito pouco para um leão-da-montanha.

— Tem a gente.

— Não dê ideias — falei, meio brincando. — Não dê ideias para o universo.

— Você acha que o universo tem ouvidos?

Dei de ombros.

— Meu amigo sempre dizia isso.

Ela hesitou.

— Sabe quando as pessoas se voltam para Deus nos piores momentos?

— Acho que sim.

Pensei no nascer do sol, como tinha ficado maravilhado, levado às lágrimas.

— Será que não seria como aquelas pessoas que só assistem aos jogos importantes? Você acha que... se existe um Deus... Ele não é assim?

Dei de ombros novamente.

— Você acha que Deus pode nos ver agora? Será que Ele sabe que estamos presos neste lugar?

Parei por um longo momento antes de perceber que não queria ficar especulando. Não podia suportar pensar que Deus sabia do nosso sofrimento e não podia entender Sua existência se Ele não soubesse.

— Você acredita? — perguntei.

Eu havia sentido Deus na montanha aquela manhã quando acordei, mas Ele parecia muito distante naquele momento.

— Estou esperando um sinal — disse Vonn.

Bridget se mexeu no sono e soltou um peido de um minuto, um disparo único e demorado com som de tambor. Então começou a roncar de novo, e Vonn e eu quase tivemos um ataque, de tanto rir. Quando paramos, Vonn arrumou a cabeça da mãe.

Depois da pausa, ela disse, com voz trêmula:

— Pode ser que tenha sido eu que perdi as chaves. Não tenho certeza de que as dei para Bridget.

— Tudo bem, Vonn — falei. — Foi apenas um erro.

— Se nós não tivéssemos ido ao salão de beleza porque eu insisti em fazer meu pé, não teríamos perdido as chaves e teríamos chegado aqui mais cedo, quando ainda não tinha neblina. Talvez tivéssemos achado o lago. Não teríamos encontrado você. Você não teria se perdido, Wolf. É minha culpa. E se Deus estiver me punindo?

— Por perder as chaves do carro? — Eu queria deixar claro para Vonn que o que eu havia sentido no nascer do sol não era nenhum sentimento de crítica ou raiva, mas não disse nada. Mesmo naquela hora, eu pensava que as pessoas deviam chegar a suas próprias conclusões no tocante a Deus. — Não faria sentido nenhum.

— Ou por outras coisas — disse ela.

Interpretar as razões de Deus, mesmo tendo motivos, parecia absurdo.

— Estamos aqui porque estamos aqui — falei. — Mesmo assim, algumas orações não fariam mal.

— MEUS DEDOS dos pés estão dormentes de novo — disse Vonn, pressionando o calcanhar dela nas minhas costelas um pouco depois. — Você disse para avisar.

Eu podia sentir os pés dela rígidos e congelados através da meia e fiquei chocado ao pensar na doença mortal que acometia todos nós. Eu peguei o pé esquerdo em minhas mãos geladas, esfregando com força, tentando reativar a circulação.

— Dói — sussurrou ela, apertando os olhos.

— Eu sei — falei. — Queima.

— Queima. Estão necrosando?

Conseguí levar calor de volta para o pé de Vonn, mas os dedos estavam irremediavelmente frios.

— Se está doendo, é porque o sangue está circulando. Isso é uma coisa boa. Deixe-me continuar esfregando — falei.

— Por que está demorando *tanto*? — perguntou Vonn. — Por que eles não *encontram* a gente?

Rezei, pedindo a Deus que eles conseguissem.

— Estou com tanta sede — disse Vonn com a voz rouca.

— Vai chover — falei novamente.

Nola gemia enquanto dormia, e Bridget acompanhava o concerto com seus roncos. Vonn arrumou o rosto da mãe novamente, e o ronco parou.

— Aprendi a fazer isso quando era criança. Dormi junto dela por muito tempo.

Assenti.

— Como os cães do resgate vão farejar a gente se chover? — perguntou Vonn. — Isso não vai lavar nosso cheiro? E nossas pegadas?

— Depende de quanto e quão forte chover — falei. — Precisamos de líquidos. Queremos chuva.

A montanha produzia sua música triste: o uivo do vento, o piado da coruja, as notas graves do granito reverberando com o cânion. Senti cada célula do meu corpo murchando, meus músculos extenuados pela inútil escalada do dia. Quando mudei de posição, tive a sensação de que meu cérebro estava tremendo dentro do crânio. O único cheiro que sentia era o de sterasote. As luzes de Palm Springs zombavam de nós. A Vila de Lata me encarava de volta como os restos metálicos depois de uma explosão.

Peguei no sono? Não tenho certeza. Eu me lembro de ficar surpreso ao pensar que havia passado algum tempo desde que Vonn havia reclamado dos dedos dos pés. Comecei uma massagem forte com minhas mãos desajeitadas.

— Está sentindo? — perguntei.

— Dormente — disse ela.

Belisquei o dedão do pé dela o mais forte que pude.

— Nem parece que acabamos de nos conhecer — disse Vonn, ignorando o beliscão. Lembrei que Byrd dissera a mesma coisa para mim alguns anos antes.

Esfreguei meus dedos rígidos em volta dos dela, e minhas mãos doeram com o esforço.

— Você deve se arrepender por não ter continuado a ir atrás do carneiro-selvagem — disse Vonn.

— Como?

— Você deve se arrepender de ter visto Bridget e Mim.

Hesitei.

— Não.

Ela me encarou no escuro.

— Não importa o que acontecer?

— Não importa o que acontecer — falei.

Então me inclinei no escuro, segurei os braços de Vonn e pressionei meus lábios rachados e frios nos dela. Ficamos assim por um longo tempo, respirando o hálito um do outro. Não foi exatamente um beijo — nós estávamos com frio e com fome, nossas bocas e lábios muito secos. Foi algo mais, maduro, sábio e complexo, mas acho que não há palavra para isso. Tantos detalhes naquele beijo, e algo a mais, algo em particular ao qual eu não daria um nome, não ainda, mas que sabia ter que visitar. Ao nosso lado, Nola gemia de dor.

— Ela está inconsciente ou dormindo? — perguntou Vonn. — Estou com medo.

— Ela ficará bem. É forte com um boi.

— Ela está velha, Wolf. Toma remédio para osteoporose! Você só toma esses remédios quando seus ossos ficam feito açúcar.

— Boi. Ossos. Açúcar. Pare de falar em comida.

Ela riu, mas só um pouco.

— Dias ou horas?

— O quê?

— Você sabe o que eu quero dizer. Dias ou horas?

— Você não pode falar desse jeito. Você não pode pensar desse jeito. Eu cheguei bem perto daquela saliência hoje. Se eu tivesse uma corda para me ajudar a alcançar aquele segundo galho!

— Meu casaco?

— Precisamos dos casacos.

— E aquela ideia de usar as alças da mochila da Mim?

— Pode ser, mas não são longas o bastante para fazer uma boa corda.

— Certo — disse Vonn, tentando se manter otimista. — Vamos usar as alças. E o resto das roupas de baixo?

— O *corpete* de Mim?

— O *corpete* de Mim — disse ela, rindo.

— Parece um bom plano. Fazemos a corda. Eu subo o paredão. Consigo ajuda. Estaremos em casa amanhã ao meio-dia.

— Parece um bom plano — concordou Vonn.

Continuei a massagear o pé dela, aliviado quando ela começou a choramingar.

— Dói — disse.

— Isso é bom. É bom que esteja doendo.

Ela me observou por um bom tempo, então falou:

— Você conhece aquela história dos sobreviventes da queda do avião nos Andes nos anos 1970? Os jogadores de rúgbi?

Eu conhecia.

— Você leu o livro?

Eu tinha lido o livro.

— Você lembra o que eles fizeram? — perguntou ela.

Eles ficaram famosos por recorrer ao canibalismo para sobreviver. Eu não queria ter que dizer aquilo em voz alta.

— Eu não posso comer a Mim. — Ela caiu no choro.

— Nós não vamos comer a Mim. — Eu a abracei. — Nós não vamos comer a Mim.

— Promete?

Nossos olhos se encontraram.

Hesitei um instante.

— Nós vamos comer Bridget.

Houve um momento de silêncio antes de ela rir.

— Seu louco!

— Você também — respondi. Um elogio.

Assistimos da nossa caverna à coruja piar nas trevas e desaparecer com um bater de asas.

— Ótimo! — falei. — Vá embora!

— Você acha que ela estava nos observando?

Eu achava que sim, mas não queria que ela pensasse que eu era esquisito.

O silêncio se estendeu. Quando o vento bateu novamente e interrompeu meus pensamentos, fiquei irritado e volvei meu rosto para ele. Vonn me cutucou novamente nas costelas e disse:

— Meus pés, Wolf.

— Você acredita em Deus? — perguntei.

— Bem, agora... Dã! Não acabamos de ter essa discussão? Eu sou aquela que só acredita em Deus nos momentos mais difíceis. Lembra?

Eu queria perguntar se ela acreditava em fantasmas, pois um segundo antes, quando virei em direção ao vento, eu havia visto algo se mexendo. Eu tinha certeza de que era Byrd de novo, ou talvez minha mãe, o anjo-fantasma. Verifiquei se Nola ainda estava respirando. A floresta estava quieta, com exceção de um pio distante de coruja e o som de galhos balançando.

Checamos para ver se havia algum perigo e decidimos que era apenas o vento.

— Meus pés viraram blocos de gelo.

Era verdade. Enfiando o pé direito dela na minha axila, comecei uma massagem mais forte no esquerdo novamente, por dentro da meia de lã.

— Não está funcionando — disse ela.

Pude sentir o pânico de Vonn aumentando. Tirei a meia do pé e a coloquei como uma luva em volta dos seus dedos congelados e feridos. Eu não conseguia perceber claramente os detalhes no escuro, apenas o contorno, o que foi suficiente para ver que todos os dedos estavam rígidos e inchados. Peguei o pé dela com minhas mãos rígidas, tentando massagear para levar o sangue de volta para a panturrilha, o tornozelo, o peito do pé e o calcanhar. Estava com medo de saber quão frio o dedinho estava.

— Vou perder os dedos?

— Não — respondi.

Vonn não mostrou resistência quando puxei seu pé para perto, apenas fechou os olhos devagar enquanto eu colocava seus dedos em minha boca, bem devagar, e os aquecia com minha língua, chupando de leve para fazer o sangue descer. Eu era incentivado pelos seus gemidos, que não eram de prazer. Eu não podia salvá-la da dor, mas esperava salvá-la da necrose. Ficamos olhando um para o outro no escuro e compartilhamos, naqueles estranhos momentos, uma das maiores e mais estranhas intimidades da minha existência.

Então algo se mexeu nos arbustos a oeste. Mesmo com meus sentidos prejudicados e minha boca distraída, senti o cheiro. Vonn rapidamente puxou os dedos de entre meus dentes e recolocou a meia.

— Coiote — falei, imaginando que ele havia seguido nosso rastro até ali instigado pelo sangue de Nola. Ou talvez nossos corpos decrepitos estivessem soltando um cheiro que incitasse o apetite.

Um movimento nas árvores a norte indicava que havia mais de um. Dois. Eram dois coiotes, cercandonos. Aquilo estava mesmo acontecendo.

Eu tinha arrastado um galho pequeno para a alcova por precaução, para a eventualidade de precisar lidar com animais curiosos — imaginara esquilos, ratos, aranhas. Nunca me passara pela cabeça enfrentar dois coiotes agressivos ali, estando preso em um afloramento perto do Desfiladeiro do Diabo. Teria apanhado um galho maior.

Fiquei de pé na entrada da caverna e agitei o galho, ouvindo os animais nos cercando a partir dos arbustos. Gritei:

— Xô! Xô! Xô!

Tentei me fazer passar por uma presença grande e ameaçadora, mas aqueles caninos deviam estar tão famintos quanto nós, porque não recuaram muito.

Então o primeiro cão voltou, avançando pela esquerda, e o segundo pela direita, traçando caminho pelo arbusto e subindo a pedra que dava para o abrigo. Gritei com todas as forças para os dois. Vonn também.

Bridget despertou, viu os coiotes ameaçadores e começou a berrar. Berrou até quase estourar a cabeça. Os coiotes recuaram para o arbusto e uivaram com ela. Que som aterrorizante o daquele trio, ecoando pelas paredes do desfiladeiro e repetido pelo próprio Diabo.

Esperamos. Eu podia ouvi-los movimentando-se pelos arbustos e quebrando gravetos, mas não os via.

— Xô! — berrei, mas os coiotes devem ter pensado que eu disse “Venham”, porque saíram do arbusto, presunçosos.

— Atira alguma coisa neles, Wolf! — gritou Vonn.

Olhei em torno em busca de uma pedra, mas não vendo nenhuma por perto, peguei o grande pote de plástico de manteiga de amendoim e o atirei com o máximo de força que pude, atingindo o coiote mais próximo bem no meio dos olhos. O outro pegou o pote de plástico e o prendeu entre os incisivos, depois começou a chacoalhá-lo, do jeito como eles fazem para quebrar o pescoço de uma presa. A tampa do pote se abriu, e o animal desapareceu em meio a uma nuvem de cinzas.

O animal faminto espirrou. Não saí do lugar, brandindo o galho e gritando — todos nós estávamos gritando. Bridget apanhou a mochila de Nola e a atirou nos bichos. O cão apanhou de modo impressionante entre os dentes, e seu companheiro juntou-se a ele naquele frenesi assassino — os dois dilaceraram a mochila. Dei um passo para a frente, brandindo o grande pedaço de pau. Os animais, confusos com aquele sacrifício sem sangue, deixaram cair a mochila de lona e saíram correndo.

Fui atrás deles, reivindicando aquele território para que não voltassem mais, mas eu era lento na escuridão: icei o corpo por sobre a pedra e me arrastei pelo arbusto, seguindo os dois pelo som. Percebi que eles estavam seguindo em direção à Divisa das Devine, e então me ocorreu que os ardilosos coiotes poderiam estar me enganando — me conduzindo a uma armadilha. Continuei em frente, contra a voz da razão. Talvez sentisse medo de que, desistindo, eles descobririam o quanto eu na verdade era fraco.

Eles estavam sobre a rocha perto do arbusto de sterasote. Eu os vi seguirem em direção às sombras e em seguida, após breve hesitação, um após o outro, os animais saltaram de modo espetacular o amplo golfo que nos separava da encosta do outro lado.

O primeiro aterrissou graciosamente à luz do luar, mas o segundo tropeçou. Tive certeza de que saiu mancando atrás do companheiro enquanto os dois trotavam encosta acima e sumiam nas trevas.

— Wolf? — chamou Vonn.

Algo se enganchou em meu pé e, quando abaixei a mão para ver o que era, encontrei os restos da mochila de Nola. Os cães a haviam destruído, e ela não parecia valer de muita coisa naquele momento. Olhei para o alto, pensando: “É sério?”

Ao voltar para a caverna, vi a sombra de Vonn montando guarda, segurando um grande galho espinhoso.

— Eles saltaram a fenda — gritei. — Quase cinco metros. Deve ter quase cinco metros.

— Pode ser que eles voltem.

— Não. Não vão se dar ao trabalho. Somos presas difíceis demais. — Eu me perguntei por quanto tempo aquilo continuaria sendo verdade. — Como será que os cahuilla vinham para cá?

— Você está falando com quem? — perguntou Vonn.

— Sozinho. Não sei. Os cahuilla não saltavam para chegar aqui. Não uma distância dessas.

Fiquei assustado quando me virei e descobri que Nola não tinha acordado, apesar de todo o conflito com os coiotes.

— Ela não acordou em nenhum momento?

Vonn e Bridget fizeram que não.

— Quase cinco metros — comentou Bridget. — É muito.

Eu me ajoelhei ao lado de Nola. Sua testa estava quente, e sua respiração, difícil. Meu corpo doía, e meu estado de espírito afundou. Fiz uma prece silenciosa pelas Devine e por chuva.

NO MEU SONHO, os dedos dos pés de Vonn estavam na minha boca, mas então Vonn se transformava em Bridget — você sabe como essas coisas acontecem nos sonhos — e ela apontou para o braço de Nola, onde a bandagem feita de sutiã e camiseta tinha se soltado. Folhas de sterasote caíram no chão, cintilando como minúsculas gemas verdes. Eu quase fiquei louco — no sonho — quando vi a ferida. Estava completamente, milagrosamente, curada. Bridget apontou para que eu olhasse para as árvores à frente e eu peguei o pedaço de pau, preparando-me para enfrentar coiotes. Em vez disso, vi um anjo dançando entre os pinheiros e me chamando para dançar. Era minha mãe, com seu vestido branco de mangas-morcego. Eu a segui, mesmo depois de ela começar a correr, e gritei: — Glory. Glory! GLORY!

Ela me conduziu, pelo arbusto e por sobre as rochas, de volta até o local onde os coiotes famintos haviam saltado a fenda. Ali ela se equilibrou de modo impossível no alto de um pinheiro típico da região, que estava sozinho na área.

— Confie — disse ela.

— Confie em quem? — berrei.

— Construa uma ponte, Wolf! Faça uma ponte com o pinheiro coberto de musgo.

— O quê? Façanha? — gritei.

— Você ainda está aí? — Byrd riu e se sentou ao meu lado na rocha.

— Estou sonhando, Byrd. Está vendo a minha mãe? Cadê você?

— Na matrix, cara. Entre as rochas.

— Que demais.

— Seu aniversário deu merda.

— Eu sei.

— Era para você ser *o guia*.

— Eu sei. O caminho é para lá? — perguntei, apontando para a encosta.

— É. O caminho é esse.

— Quer dizer que seguindo naquela direção vamos voltar para o lugar de onde caímos?

— O caminho é esse — repetiu Byrd.

— O caminho que vai levar ao resgate?

— É o caminho que vocês precisam seguir — respondeu Byrd, dando de ombros. Sacou seu cantil amarelo da mochila e sorveu um longo gole antes de entregá-lo para mim.

A bebida do sonho era gelada e intensa; aliviou minha garganta ressequida e recompôs meu ânimo.

Byrd apontou para a fenda.

— Antigamente existia uma ponte terrestre aqui. Estreita. Como a asa do Pico do Anjo. Mas ela se quebrou. Eles faziam a travessia por uma pontezinha de corda.

— Eles? — Segui o dedo de Byrd para ver as provas de que ali, um dia, existira uma ponte terrestre.

— Imagine o som de uma pedra quando ela caía... — Byrd disse consigo mesmo.

— Você acha que uma pessoa poderia saltar aquilo?

Byrd fez que não.

— É suicídio. Não só por causa do salto, mas pela aterrissagem. Só se a pessoa fosse um cabrito montês.

— Ou um coiote.

A rocha chanfrada do outro lado parecia encontrar-se com o espinhaço no local onde havíamos caído.

— Quer dizer que eu preciso fazer uma ponte? E depois subir ali? Levar as Devine lá para o alto e então esperar?

— Você vai ver um pinheiro solitário.

— Um pinheiro solitário?

— E uma chapada atrás dele. É esse o caminho. Siga em direção ao pinheiro solitário.

Neste sonho, Nola aparecia, erguendo-se do espinhaço do outro lado da encosta, conduzida por dois grandes cães em correntes compridas. Só que não era Nola, era a minha mãe usando o poncho vermelho de Nola em vez do vestido branco, e não eram cães, mas coiotes.

No meu sonho, Nola gritava:

— Escute a sua mãe, Wolf!

É tudo de que eu me lembro.

Vou lhe contar o que aconteceu na manhã seguinte na montanha, no terceiro dia em que estávamos perdidos, mas antes, para que o resto da história faça sentido, você precisa saber o que aconteceu com Byrd.

FOI O RESSURGIMENTO de Lark na minha vida pouco antes de eu fazer 17 anos que desencadeou a cadeia de eventos que me conduziu de volta à montanha e, por fim, às Devine.

Eu pensava em Lark Diaz todas as noites, mas não a via de fato desde o dia em que tinha sofrido aquela insolação, no verão em que nos mudamos do Michigan. Ela estava morando em Nova York, primeiro estudando no internato e depois na faculdade: Byrd estava certo quando disse que sua prima nunca mais voltaria a morar em Santa Sophia nem voltaria para passar as férias. Nas raras ocasiões em que ela ia para casa, quase sempre trazia um namorado, algum mauricinho de óculos interessado pela cultura do cassino ou então um musculoso imbecil que queria escalar a montanha com sandálias de couro (segundo Byrd, que conhecia o pequeno número de pretendentes nos jantares de família dos Diaz aos quais ele era obrigado a comparecer).

Eu tinha assumido o turno de Byrd na sexta-feira no posto de gasolina, porque ele havia sido convocado ao rancho de Harley para planejar seus estudos na faculdade, uma vez que em breve completaria 18 anos. Eu não queria que Byrd fosse embora. Torcia para que ele não fosse aceito em lugar nenhum. Zombava da própria ideia de ele ir. Sem Byrd, eu não estaria simplesmente sozinho: eu, simplesmente, não seria eu mesmo.

O tilintar dos sininhos prateados — que Byrd colocara na porta depois que o badalo de vaca enferrujado quebrara — daquela vez anunciava a entrada dela. Seu rosto estava sem maquiagem; seu cabelo, comprido e solto. Ela usava um short jeans e botinas, mas eu sabia que ela não era dali. Quando me viu, deu um sorriso expansivo e disse:

— Você ainda me deve dois refris.

Senti o cheiro do perfume cítrico.

— Uau. — Foi tudo o que pude dizer, antes de, em voz alta. — Você é... *Lark*.

Ela riu — que som mais lindo! —, e fiquei surpreso ao perceber que ela me achava charmoso.

— Você vai se mudar de novo para cá? — perguntei, com a tonalidade mais grave da minha voz.

— Viemos passar o fim de semana — explicou *Lark*. — Viemos de Nova York só para o “grande evento”. — O evento era a festa de aniversário que *Harley* ofereceria para *Byrd* e eu em seu rancho, no domingo.

Nós? Teria ela trazido um namorado?

— Conhece a *Gisele Michel*? Estudamos juntas em Nova York.

Fiquei aliviado quando ela apontou para o estacionamento e eu vi uma morena magra com seios avantajados sair pela porta do lado do motorista de uma Mercedes prata. Enquanto observávamos os saltos altíssimos da garota fazendo *tlac-tlac* em nossa direção, *Lark* disse:

— O pai dela é um advogado figurão de roteiristas de TV. A mãe é decoradora de interiores das celebridades. Ela tem uma casa em Malibu. Já apareceu na *People*. — *Lark* deu de ombros como se não estivesse impressionada, mas achasse que eu deveria estar.

— Que demais — admiti.

A porta do lado do passageiro da Mercedes prata se abriu e fiquei confuso ao ver *Byrd* sair.

— *Byrd* conhece a sua amiga?

— Eles se conheceram hoje de manhã.

— Certo — falei, sorrindo.

— Preciso de um favor seu — começou *Lark*, mas então não disse mais nada.

Quando *Byrd* e a moça entraram na loja, fiquei de cabelo em pé. Havia um leve cheiro de sangue sob o perfume caro que seguiu no rastro dela pelo corredor. Uma predadora. Foi o que farejei.

Byrd caminhou até nós, dizendo:

— Você não contou para ela, contou, *Wolf*?

— Não — eu disse. — Contou o quê?

Gisele Michel enlaçou a cintura magra de *Lark* por trás e lambeu o lábio inferior, me olhando de cima a baixo.

— Ele é absolutamente uma graça — disse, com uma falsa voz rouca. — Sempre gostei de caubóis e índios. Ambos são simplesmente uma *delicinha*.

— Não conte nada para elas — disse *Byrd*.

Contar o quê? Eu não via *Lark* em carne e osso já fazia três anos... e agora ela estava bem na minha frente, me paquerando? *E além disso* tinha trazido junto uma amiga gostosa celebridade? *Como assim?*

Olhei melhor para *Gisele*. Seus pontos fortes (que explicitamente não eram seus) eram os dois seios profissionalmente construídos, impressionantes de um ponto de vista arquitetônico, com um quê de surreal: eram quase algo saído de um mangá. Sua voz me fazia lembrar pimentão verde.

— Me apresente — ordenou ela. — Preciso conhecer o cara que sabe.

— *Gisele Michel*, *Wolf Truly* — disse *Lark*.

Fiquei lisonjeado por *Lark* saber meu sobrenome.

— O que eu sei?

— Não conte para elas, *Wolf* — repetiu *Byrd*. — Eu disse que você nunca contaria.

— Contar o quê?

Gisele puxou *Byrd* na direção da geladeira de refrigerantes.

— Como eu ia dizendo, tenho uma queda por nativos americanos. *Billy Jack*. Conhece *Billy Jack*? Adoro coisas vintage. Filmes. Roupas. Tudo. Tenho saudade da época em que a vida era, tipo, mais simples.

Percebi que *Lark* desejava ficar a sós comigo. Não me importei de estar sendo usado. Só torci para

que o uso fosse bom.

— Somos amigos, não é? — disse Lark.

— É — falei.

— Quando você veio para cá naquele dia, há muito tempo, ouvi você dizendo a Byrd que tinha encontrado erva vermelha — disse Lark, sorrindo. — Eu ouvi, Wolf.

— Erva vermelha? — Fiquei chocado. Um pouco.

— Eu queria que Gisele viesse comigo para a festa de aniversário e aí falei sobre o lance das visões, de como eles usavam erva vermelha nos antigos rituais, e ela disse que queria experimentar. Então, eu falei que conhecia alguém que poderia conseguir um pouco para a gente — explicou Lark, com olhos imensos. — Foi o único jeito de ela vir.

— A erva da morte? — falei, sem expressão.

— Um monte de coisas pode fazer você morrer, Wolf. Ninguém disse que vamos tomar tanto assim.

— Erva vermelha não — falei, balançando a cabeça.

— Por favor — implorou Lark. — Ela vai me *odiar* se eu não arrumar a erva para ela.

Naquele momento Gisele e Byrd entraram na nossa conversa.

— Então — dizia Gisele —, acho que os nativos seriam massa... todas essas penas, contas, couro, estampas de animais, de totem, sabe... se conseguissem, tipo, parar de martelar essa história da grande injustiça ou sei lá mais o quê.

Byrd riu, mas eu não acho que ela estivesse tentando fazer graça.

— Quando eu vi sua foto — ela fez uma pausa para bater seus cílios prodigiosos para Byrd —, disse que eu só viria para a festa se pudesse tomar erva vermelha com aquele aniversariante super gracinha.

Nunca tendo visto Byrd interagir com uma mulher antes, preciso admitir que invejei sua aparente desenvoltura. Ele fazia parecer que as “celebridades filhas de advogados celebridades e decoradoras celebridades” davam em cima dele todos os dias.

— Quer dizer que você veio até aqui só para comemorar nossos anos significativos — disse Byrd com um sorrisinho.

Gisele fingiu se enojar.

— Eu hein, não quero nem passar perto dos seus ânus! — Virando-se para Lark e eu, ela disse: — E aí, quando vai ser? Na noite antes da festa? Ou seria mais legal tomar durante a festa?

Byrd e eu gritamos ao mesmo tempo, “NÃO!”, depois rimos porque sabíamos que nós dois tínhamos pensado em Harley pegando a gente chapado de erva vermelha.

— O que vocês acham, meninos? — perguntou Lark, parecendo esperançosa.

— Você sabe que essa erva faz o cabelo cair, né? — disse Byrd.

— Não faz nada! — protestou Gisele, agarrando sua juba.

— Sim, tem um composto químico nela chamado *alopeciaticida* — insistiu Byrd.

— Ele vive inventando coisas — disse Lark. — É um cara superbizarro. Wolf também. Eles *leem*.

Livros.

— Você me disse que eles eram hétero. — Gisele fez beicinho.

— E somos! — insistimos eu e Byrd, em uníssono.

Lark lambeu o lábio inferior.

— E a erva vermelha, Wolf?

— Nem sei se aquele arbusto continua lá — falei. Era verdade.

— Vamos tomar só um pouquinho, um tiquinho de nada. Não vai ser o suficiente para ficar louca, só um pouco chapadas — prometeu Gisele.

— Ninguém vai morrer — acrescentou Lark, rindo.

— Sabia que a erva deixa as garotas com um tesão daqueles? Você sabia disso, né, Byrd? — Gisele se inclinou para a frente em seus saltos e começou a beijá-lo de boca aberta e com a língua serpenteante. Eu

não consegui afastar os olhos, até Lark subir no balcão na minha frente e eu ter um relance da parte interna de sua coxa.

— Já li sobre isso também — disse Lark, depois me puxou para perto, para sussurrar em meu ouvido.

— Ouvi dizer que faz as garotas quererem arrancar toda a roupa.

— Não seria demais fazer um ritual? — disse Gisele. — Um rito de passagem para vocês, aniversariantes. Uma Busca da Visão. Como a que o seu povo costumava fazer.

— A gente poderia fazer isso sem erva vermelha — disse Byrd.

— Com 18 anos passa a estar dentro da legalidade, sabe — disse Gisele, brincando com os dedos na fivela do cinto de Byrd. — Assim como um monte de coisas, aliás.

Lark entrelaçou os dedos atrás da minha nuca e sussurrou:

— Eu vou ter uma dívida tão grande com você que a coisa vai ficar feia para o meu lado.

Por um momento eu esqueci como se falava.

— Não sei fazer o chá — admiti, por fim.

— Não olhe para mim! — disse Byrd, levantando a mão. — Sou de Hamtramck.

— Sério. — Gisele suspirou. — Não existe nada escrito sobre essa bosta? Tipo, uma receita ou algo assim?

— Os xamãs que preparavam o chá — disse Byrd, parecendo mais nativo americano do que jamais em sua vida. — É tóxico.

— É um alucinógeno — falei.

— Vai me transformar numa estrela pornô — provocou Gisele.

— Não vamos tomar o suficiente nem para fazer mal a uma mosca — prometeu Lark. — E aí, vai rolar?

Hesitei.

— Não sei.

Gisele então segurou Lark pelo braço, sem se incomodar que a gente pudesse estar escutando, e disse, irritada:

— Eu não teria me arrastado para a Santa *Calientay* para farrear com, tipo, uns garotinhos de escola, se você não tivesse me prometido que arrumaria essa merda para a gente, Lark!

— Eu vou conseguir a erva vermelha — falei, para poupar Lark do constrangimento de desapontar aquela amiga horrorosa. A intenção foi boa, mas a estrada para o inferno...

Lark sussurrou sem som: *Obrigada*.

Para selar o acordo, ela pressionou seus lábios nus contra os meus. Meu primeiro beijo. Gosto de laranja.

O plano era eu e Byrd encontrarmos a erva vermelha e prepararmos uma pequena quantidade de chá com as folhas e caules, que depois nós quatro tomaríamos na noite seguinte, um tiquinho cada um, para comemorar nossos aniversários e a transição para a idade adulta, tendo concordado que o crepúsculo em Lago Secreto seria uma ocasião providencial e o lugar perfeito para a cerimônia. Conhecíamos tão bem o caminho que poderíamos ir até lá contando apenas com a luz do luar, mas prometemos às meninas que levaríamos lanternas e que estaríamos de volta em casa até no máximo as dez da noite.

Na manhã seguinte, eu e Byrd fomos de bicicleta até a trilha situada atrás da escola e depois caminhamos pelos arbustos densos. Nenhum de nós disse nada sobre cascavéis, mas Byrd arrumou um galho pesado para se proteger e ficou atento a qualquer movimento na densa folhagem. Eu me lembrei do caminho pelo meio dos arbustos de sálvia, depois do círculo de cactos. Encontramos a erva vermelha espalhada sobre o carvalho caído.

Byrd inclinou-se para a frente e segurou uma das pequeninas vagens, depois sacou seu canivete suíço de dentro da meia. Eu estava morrendo de medo de que aparecesse uma cobra; só queria dar o fora dali.

— Isso é idiotice — disse ele, brincando com a vagem.

— Está brincando?

— Fala sério, Wolf. Erva da morte? O que a gente está fazendo, hein?

— Não vamos tomar muito.

— Lark está usando você... e você sabe muito bem — disse Byrd.

Eu sabia, mas não ligava; não dava a mínima. Olhei para os meus pés, crente de que a qualquer instante uma cascavel começaria a rastejar pela perna da minha calça.

— Por que a gente simplesmente não fala que não conseguiu encontrar? — disse ele.

— Aí elas não vão querer você-sabe-o-quê, e eu quero — falei. — Você não?

— Não quero morrer. — Byrd disse essas palavras e depois as repetiu. — Não quero morrer, Wolf.

— Duas vagens, Byrd — falei. — A gente não vai ferver por muito tempo nem beber muito. Além do mais, é uma Busca da Visão! Quantas vezes não falamos que um dia deveríamos viajar juntos? Vai ser demais.

— Você acha que vai ser demais?

— Claro. Demais mesmo, mesmo. Nunca pensou em fazer um ritual de Busca da Visão? — perguntei.

— Nunca se perguntou como devia ser para os nossos ancestrais realizar um rito de passagem? Que tipo de índio você é? Até eu já pensei nisso. Já imaginei o que eles deviam ver... como devia ser...

— É, pode ser legal, eu acho — concordou Byrd.

— Você já leu os livros a respeito, não é? Os garotos tinham uma espécie de revelação em que atravessavam uma espécie de cortina e se viam como animais. Sentiam-se na pele do animal.

— Demais.

— É.

— Eu já sei que sou um pássaro — disse Byrd.

— Um passarinho *wrentit* — falei, com uma risada.

— Um passarinho? Que tal uma águia?

— Um abutre.

— Uma coruja — disse Byrd.

— Vamos descobrir.

O que eu escutei foi a voz do meu pai, Frankie, vinda de algum lugar profundo dentro de mim, uma fonte termal genética que irrompeu pela minha garganta. Eu não estava nem aí se meu amigo iria descobrir ou não qual era o pássaro da sua alma: eu queria Lark. A questão era Lark.

Byrd saltou com os dois pés depois disso, seduzido pela possibilidade de fazer uma viagem espiritual em algum reino animal. De volta ao apartamento dele atrás do posto de gasolina, fervemos as sementinhas vermelhas das vagens espinhentas e usamos um funil limpo de óleo de motor para derramar a poção fedorenta pelo bocal do cantil amarelo.

— Demais é pior do que de menos — disse ele.

— Isso cheira a exsudato! — gritei, usando uma palavra de Byrd.

Ele riu, e, estalando os dedos, disse:

— Proteção! Vamos precisar de proteção. — Então caímos na gargalhada como dois garotos da segunda série.

— E se começarmos a viajar com a erva vermelha antes de acontecer qualquer coisa? — Byrd perguntou.

— Antes de a gente precisar de proteção? — Balancei a cabeça. — Não podemos deixar isso acontecer, Byrd.

— É, vamos diluir mais um pouco — disse Byrd, derramando parte da infusão que estava no cantil, substituindo-a depois por água. — Bastante.

— E se elas vomitarem ou algo assim? As garotas geralmente vomitam com coisas desse tipo. O cheiro é horrroso.

— Vou levar chiclete — disse Byrd.

— Que tal papel higiênico? — sugeri. — Para o caso de alguém ter uma diarreia explosiva. — Eu estava preocupado com esse efeito colateral específico.

— Não solte isso aí no mundo, cara — disse Byrd, rindo. — Melhor não soltar coisas desse tipo no universo.

— Certo, mas vamos levar um pouco mesmo assim — falei, e em seguida: — Seria legal mudar de forma. E simplesmente sair voando para longe.

— É — disse Byrd. Ele se enfiou no armário para apanhar os suprimentos e gritou, como se não fosse a maior novidade que ele já tinha me contado na vida: — O tio Harley acha que eu devia sair do estado. Pela experiência. Talvez voltar para o Michigan. Eu penso nisso às vezes.

— Michigan? Voltar para o Michigan? Por que você desejaria sair da Califórnia para estudar no Michigan? Que piada! Por que você iria querer ir para lá? Na vida?

Byrd encolheu os ombros, depois encolheu os ombros de novo.

— O Michigan é frio demais — falei em reprovação. — Você não quer ir para lá.

Desviei o rosto para que ele não me visse engolindo o nó na minha garganta.

NO FIM DA TARDE, reunidos atrás de um arvoredor na Estação do Deserto, brindamos nossa aventura com um trago de rum jamaicano que Gisele roubara do bar de seu anfitrião e trouxera num cantil prateado.

— Se meu pai descobrir que você pegou o jamaicano dele, estamos fritas — disse Lark, e senti um arrepio de medo ao imaginar a cara de Harley se ficasse sabendo da erva vermelha.

Havíamos dito às garotas que se vestissem como se fosse inverno e ficamos felizes ao ver que elas tinham obedecido e ido de botas, casacos quentes, e luvas e chapéus felpudos. Gisele parecia a mais ansiosa do grupo, bebendo o rum e rindo.

— Adoro usar disfarce — disse. — Quem seria capaz de me reconhecer com essas botas horríveis?

Lark riu sem vontade, porque as botas tinham vindo do guarda-roupa dela.

— Sorte elas terem servido, principalmente na panturrilha. Você é bem mais baixa do que eu.

Gisele se empertigou e disse:

— *Que sacanagem* dizer isso, Lark. Basicamente você acabou de falar que sou uma vaca baixinha com pé grande.

— Esqueci o chá! — menti, esperando arrefecer a tensão entre as garotas. Elas giraram o corpo, dirigindo seu veneno para mim, enquanto eu fingia procurar dentro da minha mochila. Suspirei de alívio quando encontrei o cantil e comemoramos a ordem restaurada.

As garotas davam risinhos e berravam nas torres de transição em que o teleférico balançava, e Byrd e eu usamos o terror das duas como pretexto para preliminares, abraçando-as e fazendo-lhes cócegas, atirando nossa juventude na cara dos outros passageiros, que franziam a testa. Porém, o condutor do teleférico avisou que, se não abaixássemos o volume, ele não nos deixaria sair na Estação da Montanha, e Byrd e eu nos lembramos do que estava em jogo. Estávamos prestes a perder nossa virgindade com universitárias, no dia do nosso aniversário compartilhado, em um dos lugares mais legais do mundo. O que estava em risco era algo extraordinário.

Fazia um dia estranhamente quente para aquela época do ano, e suávamos com nossos casacos ao andarmos. Quando chegamos ao Circunsisco Gigantesco, paramos e Byrd descreveu, com grande solenidade, o poder daquela formação rochosa de causar orgasmos múltiplos e espontâneos.

Os famosos cavalos selvagens, cujos ancestrais tinham se perdido na montanha séculos antes, podiam estar galopando na frente do meu rosto idiota que eu nem teria notado, de tão concentrado que estava na conquista de Lark. Mal podia esperar para mostrar Lago Secreto para ela. Finalmente atravessamos o pequeno bosque de árvores, as rochas e os arbustos, para nos depararmos com a água calma e

emoldurada. Eu nem cabia em mim de tanto orgulho.

— Pensei que fosse maior — disse Lark.

Gisele berrou com aquele duplo sentido.

— Pensei que fosse maior!

— É um lago vernal — falei, na defensiva. — O tamanho dele depende da chuva. Fazia anos que ele não ficava tão pequeno. A precipitação local está bem abaixo da média. Bem abaixo.

Gisele gargalhou ainda mais.

— Fazia anos que ele não ficava tão pequeno! Bem abaixo da média!

As duas meninas tomaram outro gole do rum jamaicano. Não estavam nem aí para onde pisavam.

— Cuidado com a flox! — gritei.

Finalmente nos acomodamos juntos, sentados de pernas cruzadas em círculo sobre a Laje de pedra, com o cantil amarelo no meio. Não havia vento. Nunca senti o ar da montanha tão parado e quieto. Até mesmo os pássaros nas árvores estavam silenciosos, audiência cativa para nossa história de advertência.

— Olhem — falei para as garotas, agitando os braços como se estivesse mostrando para elas a república descolada onde eu morava e ficando arrasado quando elas não pareceram impressionadas com o lago brilhante e estreito, com as sombras dos espectros que dançavam no chão da floresta, com o modo como a luz do sol acariciava as rochas afiadas e refletia os pontos metálicos das brechas calcárias.

— O que os garotos indígenas faziam antigamente? — perguntou Gisele, com surpreendente solenidade.

— Quê?

— Eles furavam alguma parte do corpo? Dançavam? Caminhavam sobre o fogo? Ou só tomavam erva vermelha e se enfiavam pelo meio da floresta?

— Bebiam a erva vermelha e partiam — disse Byrd, com autoridade.

— Acho que precisamos criar nosso próprio ritual — falei, com tom sério. — Nada de vagar por aí sozinhos. Concordam? Em não sair por aí sozinhos?

— Concordamos — disseram todos.

Byrd pegou o cantil.

— Espera! — gritou Lark, quando Byrd se levantou.

— Faça um discurso — disse Gisele, sorrindo. — *Sem camisa.*

Lark estremeceu.

— Ele é meu *primo!*

— Então não olhe.

Byrd tirou a tampa do chá tóxico.

— Estou começando a achar que isso é uma má ideia.

Lark franziu a testa, enquanto Gisele farejava o ar.

— Isso cheira a *chulé!* — disse ela.

Byrd teve ânsia de vômito e tampou o cantil.

— Que tal ficarmos só com o rum? — propus.

— E você? — perguntou Gisele para Byrd. — Também quer ficar só com o rum? Ou *você* está preparado para *virar homem*?

A luz minguate banhava Byrd de âmbar quando ele segurou o cantil como um troféu e inclinou-se para um microfone imaginário.

— Eu gostaria de agradecer ao meu agente...

Todos nós rimos.

Ainda segurando o cantil no ar, Byrd falou em tom solene:

— Hoje, somos homens.

Lark e Gisele soltaram urras e berros.

— Hoje, somos homens — repetiu Byrd.

— Homens! — As garotas gargalharam, batendo palmas, e eu me vi fazendo o mesmo. — HOMENS!

Senti o cheiro do inverno próximo, ou talvez fosse uma lembrança dos invernos passados. Talvez o odor da seiva do pinheiro estivesse muito forte. Ou talvez fosse o aroma forte do rum. Byrd olhou para mim por um longo tempo — ele daria um grande ator. Falava muitíssimo sem dizer uma única palavra. Eu sabia que aquilo tudo era um enorme espetáculo, mas mesmo assim engasguei quando ele disse:

— Você sabe, Wolf? Sabe o que significa ser um homem?

Eu me senti um imbecil por ficar emocionado, porque afinal era só Byrd, e ele só estava brincando, mas o negócio é que eu não sabia a resposta para aquela pergunta e achava que deveria pelo menos ter uma ideia. Senti o peso das decepções do meu pai e da ausência da minha mãe e me perguntei quem poderia me ensinar, se um cara poderia aprender isso sozinho — o que significa ser um homem.

Byrd estendeu a mão para mim e me ajudou a me levantar. Berramos:

— HOMENS! — E funguei o catarro do nariz, caindo na gargalhada.

Gisele se levantou e apanhou o cantil amarelo da mão de Byrd.

— HOMENS *lerdos!* — disse, agressiva, enquanto abria a tampa.

As coisas pareceram acontecer muito rápido depois disso. Gisele deixou a tampa cair, que quicou na rocha e caiu no arbusto. Ri com os outros, mas fiquei irritado com aquela displicência.

— É melhor a gente tentar encontrar a tampa antes que escureça — falei.

Lark não estava em seu estado calmo de sempre. Ficou de pé num pulo e disse:

— Acho melhor a gente não fazer isso, Gisele.

Um bando de codornas da montanha passou voando baixo por sobre nossas cabeças, quase roçando o campo de flox mais além.

— A gente disse que ia fazer. Qual é? A gente disse! — Gisele não estava parecendo uma garota universitária, e Lark tampouco.

Byrd esticou o braço para pegar o cantil de volta, mas Gisele o segurou para longe dele.

— Você deveria ter coragem — disse ela. — Esse é o sentido do ritual.

— Não beba — implorou Lark.

Gisele levou o cantil à boca e tomou um gole curto, depois engoliu ruidosamente e estalou os lábios. Esperamos, sem respirar, para ver o que iria acontecer. Rimos sem parar quando a garota fingiu teatralmente que iria vomitar e depois fingiu que limpava a língua. — Isso é nojento, de verdade. — Ela fez uma pausa. — Não estou sentindo nada. Nada.

— *Déjà vu* — disse Byrd, olhando para o cantil amarelo. — Tenho a sensação de que já estive aqui antes.

— Nada? — Lark perguntou, olhando para Gisele.

— Será que devemos tomar um gole maior? — perguntou Byrd.

— Eu com certeza preciso de mais — disse Gisele, e soltou um arrote barulhento.

— Você com certeza precisa disso aqui — disse Byrd, entregando-lhe o chiclete.

— Será que eu não deveria estar sentindo alguma coisa a essa altura? — perguntou-se Gisele. Ela tomou outro gole curto, enquanto aguardávamos, olhando para ela.

— Nada — disse ela —, só ânsia de vômito.

Percebi, com a mesma medida de alívio e desapontamento, que tínhamos diluído demais a mistura.

Byrd apanhou o cantil das mãos de Gisele e cheirou o líquido.

— Será que não é melhor a gente esperar e ver o que acontece?

Justamente nesse momento, Gisele apontou para o oeste e gritou:

— Olhem o pôr do sol! Ai, meu Deus, gente. É a coisa mais linda que eu já vi. E olhem! Aquela nuvem parece o rosto de uma mulher. Ai, meu Deus. É a Mãe Natureza. — Lágrimas de felicidade escorriam pelo seu rosto. — É tão lindo. Ai, meu Deus, gente. É tão, mas tão lindo.

Byrd sorriu.

— Mãe Natureza?

Por mais relutantes que tivéssemos estado antes, agora todos queríamos beber daquele cantil amarelo e ir ao mesmo lugar maravilhoso onde até as coisas que Gisele Michel dizia pareciam lindas.

Porém, ela começou a gritar.

— Estou queimando, gente! Que calor! — Ela arrancou o casaco de inverno, embora o sol estivesse se pondo e o vento soprasse com força, e começou a seguir em direção ao lago. — Vou entrar! — gritou ela.

Byrd e eu não nadávamos em Lago Secreto, que era cheio de insetos e coberto de algas nos meses de verão e frio demais no restante do ano. Não sinto orgulho em admitir que não fiz nada quando Gisele começou a arrancar as próprias roupas. Byrd, por outro lado, enlaçou a garota e a conduziu de volta até onde eu e Lark estávamos acomodados, sobre uma rocha.

— Você não pode entrar no lago, Gisele — avisou Lark, tentando impedir que a amiga se despisse por completo.

— Tudo bem — disse Gisele, tremendo, e passou o braço em torno do pescoço de Byrd. Fiquei feliz quando o vi retribuir os beijos profundos dela, enquanto ela levava a mão dele até a renda do sutiã.

Senti a mão de Lark no meu ombro e achei que ela quisesse me beijar também, mas, quando eu me virei, ela estava apontando para o braço direito de Gisele, que começava a ter espasmos.

— Gisele — disse Lark.

Assustada ao ver seu braço daquele jeito, a garota empurrou Byrd para longe e depois caiu de costas no granito liso, em meio a um ataque de riso. Aquele comportamento bizarro parecia condizente com o que eu havia lido sobre os efeitos psicotrópicos da erva vermelha.

Antes que pudéssemos esboçar qualquer reação, Gisele se sentou. Os espasmos de repente sumiram, e ela parecia ter voltado à lucidez ao reclamar:

— Preciso beber água.

Tínhamos nos lembrado de trazer o chá, sacos de dormir, três camisinhas cada, papel higiênico e chiclete... mas não água.

— Não trouxemos água — falei.

— Sério, gente? — berrou Gisele. — Ai, meu Deus, esse treco dá tanta sede! — Ela não parava de arrotar.

— Tem chiclete — disse Byrd.

Gisele se levantou e começou a caminhar em direção ao lago.

— Preciso dar um gole. Preciso muito beber qualquer coisa.

Lark gritou:

— Você não pode beber a água do lago, Gisele! Vai te fazer mal!

— Melhor a gente voltar — disse Byrd. — Melhor a gente voltar para a estação e comprar água.

Gisele começou a se balançar em círculos como as pessoas fazem quando estão morrendo de calor, olhando em torno à procura de alguma coisa para beber, até que por fim se atirou em cima de Byrd e arrancou o cantil amarelo dele. O chá com aroma de esgoto caiu aos nossos pés, mas, antes que alguém pudesse impedi-la, ela já tinha dado um longo gole.

A toxina do chá estava afetando suas habilidades motoras grossas, de modo que agora ela andava de modo grotesco, como um zumbi.

— Estou com sede — gritou, cambaleando em direção à beira da Laje. Era horrível assistir àquilo.

— Pare — gritou Byrd, correndo atrás dela. — Me dá o cantil!

— Gisele! — berrou Lark.

— Pare, Gisele! — gritou Byrd.

Ela parou, a poucos centímetros da borda do penhasco, e nós três soltamos um suspiro de alívio, até ela levar o cantil aos lábios de novo.

— NÃO! — berrou Lark.

Byrd aproximou-se um passo.

— Dá isso para mim — disse ele, com calma. — Me dá o cantil, Gisele.

— Não estou me sentindo bem — rouquejou ela.

— Saia de perto da beirada — disse Byrd, com calma. — Você precisa sair de perto da beirada.

Gisele não estava mais lá, e em seu lugar havia uma criatura completamente diferente, que grunhia e estapeava o ar. Estaria ela em sua Busca da Visão? O que seria? Ela agarrava-se ao cantil, embora seus músculos tivessem espasmos e seu rosto se contorcesse. Levou-o aos lábios mais uma vez.

— Abaixei isso! — uivou Byrd, esticando o braço para arrancar o cantil das mãos dela. Gisele não o soltou, e deu um chute com força em Byrd com as botas emprestadas. Ele cambaleou para trás.

— Deixa ela, Byrd! — gritei.

— Está tudo bem, Gisele, só me passa esse cantil! — Byrd começou a caminhar na direção dela mais uma vez, com a mão estendida. Ela o chutou, depois perdeu o equilíbrio e cambaleou para mais perto ainda da beirada do precipício.

— Não ande para trás, Gisele — implorou Byrd.

Gisele começou a tossir e, quando olhou em torno, pareceu confusa e zozna.

— Não consigo respirar.

— Não fale nada — disse Byrd.

— Cadê meu motorista?

— Não sei.

— Quem é você?

— Byrd. Sou o Byrd.

— Você sabe voar?

— Não — respondeu Byrd.

— E eu? — perguntou ela, virando-se então como se fosse saltar.

Byrd atirou-se sobre ela. Tropeçou. E então meu amigo desapareceu pela beirada do precipício. Foi tudo muito rápido.

Gisele colocou as mãos nos joelhos, soltando os intestinos, o que salvou a vida dela. Lark soluçou.

Byrd.

EU ME VEJO olhando para ele lá embaixo, para seu corpo destroçado seis metros abaixo, sobre a laje onde ele caíra, mas não é verdade. A visão estava obscurecida pela mata cerrada.

Devo ter levado dez minutos para descer até onde ele estava caído. Não me lembro de ter feito isso, lembro apenas de estar ali, sob aqueles últimos raios do sol poente, achando que ele estivesse morto.

Byrd abriu os olhos quando me ouviu chorando e conseguiu dar um sorriso torto.

— Você vai ficar bem, cara — prometi, mas minha calma era continuamente obliterada pelas meninas no espinhaço acima de nós, que não paravam de berrar como loucas. A Linda Lark. A garota dos meus sonhos, agora coestrelando meu pesadelo.

Os olhos de Byrd encontraram os meus. Ele tentou me dizer alguma coisa, mas em vez de palavras, o que saiu foi sangue.

— Não diga nada — falei. — Sua perna está quebrada. Eu sei. Dá para ver.

— Por favor — sussurrou Byrd, sem som. Foi quando percebi que os dois braços também estavam quebrados.

Havia sangue numa pequena poça no chão, embaixo da nuca dele.

— Por favor.

— Agente firme, Byrd. Agente firme. Vamos dar um jeito em você.

Olhei ao redor, para o trecho de floresta, para as rochas afiadas que se projetavam do solo e as pedras desgastadas pelo vento, rezando para que o bálsamo da natureza curasse meu amigo. Byrd gemeu. Havia uma ferida monstruosa no alto da cabeça dele.

Seus olhos estremeçeram e se fecharam. Tirei o casaco e o cobri com ele. Era para ter sido eu. Foi o que pensei, mais do que qualquer outra coisa. Era para ter sido eu. Um brilho metálico chamou minha atenção: o canivete suíço dele tinha caído da meia. Eu o peguei.

As meninas continuaram seu concerto desesperado no espinhaço enquanto a escuridão caía sobre Lago Secreto. Esperei com meu amigo silencioso enquanto as garotas continuavam a berrar por socorro.

HORAS PASSARAM. As meninas berravam. A respiração de Byrd ficava cada vez mais superficial. Eu já tinha perdido as esperanças quando a equipe de resgate, alertada por alguns trilheiros, chegou poucas horas depois. Olhei para cima e reconheci o homem que descia pela escada de corda, carregando uma maleta de primeiros-socorros. Era o tio de Byrd, Dantay.

— Erva vermelha? — perguntou ele.

— Ele não bebeu, Dantay — falei. — Ele vai ficar bem, não vai?

Dantay abriu a boca, mas parou quando viu o corpo retorcido de Byrd esparramado sobre a rocha. Não me lembro do que Dantay me falou depois disso. O rosto dele já dizia tudo.

Algum tempo depois, ouvi o ruído de um helicóptero. Neste caso era mesmo um helicóptero com um cinturão de resgate pendurado em um cabo de nove metros de extensão. Não gosto de me recordar daquela noite, daquele momento. Byrd não gritou. Quando o helicóptero levou meu melhor amigo, ele não emitiu som algum.

O TERCEIRO DIA

O CALOR DO SOL em meu rosto me confundiu, porque o último momento de que eu me recordava fora frio, escuro e aterrorizante. Um sonho. Abri os olhos e vi Bridget e Vonn me olhando, cheias de expectativa.

— Pensei que você tivesse falado que era do Michigan — disse Bridget.

— E eu sou.

Fiquei surpreso ao ver Nola acordada e alerta.

— A senhora parece muito melhor, Sra. Devine.

Nola assentiu.

— O inchaço melhorou. E a febre também.

— Foi o sterasote — disse Vonn.

— Ou as orações — disse Nola. — Não se esqueça das orações.

Não esqueci.

Vonn colocou a parca sobre meus ombros.

— Você andou esquisito a manhã inteira, Wolf. Está tudo bem?

Fiz que sim, mas estava confuso.

— Eu me lembro de ter lido sobre os adolescentes e a erva vermelha nos jornais quando isso aconteceu — disse Nola. — Toda a minha congregação orou por vocês.

— Erva vermelha? — falei. — Que erva vermelha?

Bridget, Nola e Vonn se entreolharam.

— A erva vermelha de que você acabou de nos falar — disse Vonn. — Você nos contou a história toda.

— Está tudo bem, Wolf? — perguntou Bridget. — Viu? Eu disse que ele parecia *esquisito*.

— Eu contei o que aconteceu em Lago Secreto?

— Você não lembra?

Não.

— Achei que tivesse sido um sonho. Ando tendo uns sonhos muito estranhos. Sonhei com minha mãe.

— Sinto muito por seu amigo Byrd — disse Nola.

— A tal da Gisele Michel parece o fim da picada — bufou Bridget. — Como conseguiram impedir que o nome dela aparecesse nos jornais?

— E a tal da Lark também? — disse Vonn. — Como ela conseguiu sair impune dessa?

Eu duvidava de que Lark tivesse se safado da lembrança daquela noite. Assim como eu.

— Por que você disse que era justamente do Michigan? — quis saber Bridget.

— Porque sou. Eu me mudei para a Califórnia com 13 anos. Para a Vila de Lata.

Vonn estendeu a mão para mim, oferecendo-se para me ajudar a me levantar.

— O caso apareceu em todos os noticiários mais ou menos na época do Dia de Ação de Graças do ano passado — disse Nola.

— Dia de Ação de Graças. Por que eu não vim para cá no Dia de Ação de Graças? — perguntou Vonn, forçando a memória.

— Havia muita coisa acontecendo. Lembra? Você tinha voltado a matar aula. Tive de marcar uma reunião com o diretor — disse Bridget.

— Você escolheu aquele fim de semana para se mudar, Bridget — lembrou Nola.

— Verdade. Foi isso.

— Era Dia de Ação de Graças — disse Nola. — Quem se muda no Dia de Ação de Graças?

— Agora eu me lembro — disse Vonn. — Você tinha acabado de conhecer o Corretor.

— A mulher dele ia viajar para o Maine — lembrou-se Bridget. — Ele ficou para fechar minha casa colonial.

— Que eufemismo interessante — murmurou Vonn.

— Pare com isso — advertiu Bridget.

— Você basicamente comeu o peru que pertencia àquela mulher — disse Vonn.

— Você é nojenta — disse Bridget, irritada, e em seguida virou-se para Nola. — Não sabia que ia ser o último Dia de Ação de Graças de Pip.

— A gente nunca sabe dessas coisas. Essa é a questão, Bridget. *Carpe diem* — disse Nola.

Carpe diem. Meu coração parou, eletrocutado com aquelas palavras. *Carpe diem. Carpe diem. Carpe diem.*

— Wolf?

— Está tudo bem — falei.

— Você ficou com aquela cara de novo — disse Bridget, trocando um olhar com Vonn e Nola.

Escutamos o vento enquanto vasculhávamos o espinhaço em busca de algum sinal de vida.

Vonn fez uma pausa para me olhar nos olhos antes de dizer:

— Nós todas queremos saber, Wolf. O que aconteceu com o seu melhor amigo? Depois que o helicóptero o levou dali, sem ele emitir som algum?

FIQUEI SURPRESO, mas não necessariamente aliviado, ao ver o Gremlin estacionado ao lado do trailer de Kriket quando a polícia me levou até a Vila de Lata na manhã seguinte ao acidente de Byrd. Frankie não aparecia no trailer havia semanas.

Meu pai deve ter visto a viatura pela janela da cozinha, pois saiu para o alpendre em questão de segundos.

— O que foi que você aprontou? — gritou ele.

— Onde você estava? — gritei em resposta. — Ninguém atendeu ao telefone ontem a noite inteira.

Frankie virou-se para os policiais.

— O que ele aprontou?

— Seu filho aqui encontrou erva vermelha — contou o policial para Frankie.

— Ele encontrou erva vermelha.

— Isso mesmo. Ele e uns amigos prepararam um chazinho e subiram a montanha ontem à noite.

— Você fez isso?

— Fiz o chá — falei.

— E bebeu?

— Uma menina bebeu — respondi,

— Erva vermelha não é ilegal — disse Frankie aos policiais. — Vocês não podem prender meu filho por causa disso.

— Ninguém prendeu seu filho. Só fizemos umas perguntas. Estão achando que o outro menino não vai sobreviver.

— Outro menino? Você falou que uma menina bebeu o chá.

— Byrd — falei. — Ele caiu.

— Ele está em coma — disse um dos policiais. — Acabaram de me avisar que vão transportar o garoto de helicóptero para Cedars.

MENOS DE UMA hora depois, eu já tinha preparado uma mochila e estava a caminho da estação rodoviária para pegar um ônibus até Los Angeles, para onde meu melhor amigo tinha sido transferido. Encontrei Frankie sentado diante da mesa da cozinha tomando um gole de uma garrafa engordurada de uísque, tendo a seus pés algumas crianças aleatórias.

— Estou indo — avisei.

— Desligue os aparelhos — disse ele, sombrio.

— O quê?

— Desligue os aparelhos.

— Ele não...

— Você não sabe.

— Ele só está em coma.

— Se isso acontecer um dia comigo — disse Frankie —, desligue os aparelhos.

— Tá.

— Eu faria o mesmo por você. Um pai deveria fazer isso pelo filho.

— Um pai deveria fazer um monte de coisas pelo filho.

Frankie me acompanhou para fora da cozinha, dando mais um longo gole na garrafa em sua mão.

— Quer uma carona?

— Carona? Com você? Para Los Angeles?

— Claro que não — zombou Frankie. — Só até a rodovia, para você pedir carona.

— Estou bem, vou pegar o ônibus.

— Eu te levo até a rodoviária. Vou para aqueles lados mesmo. — Ele tateou os bolsos, procurando as chaves do carro. Avistei as chaves sobre uma mesa atulhada de coisas e fui depressa até lá para pegá-las.

— Wolf? — disse Frank, o que me fez parar.

— Sim. — Torci para que ele não tivesse me visto pegando as chaves.

— Eu estou falando sério. Desligue os meus aparelhos — disse ele, com a fala embolada.

— Vou tentar, Frankie — murmurei, enquanto atirava as chaves do carro ao lado das latas de lixo que ficavam lá fora, ao lado da porta da frente.

— Wolf? — Frankie chamou uma última vez.

— Sim? — Eu me virei, pensando que ele quisesse se despedir direito.

— Será que você podia me emprestar cinquenta mangos?

Balancei a cabeça e saí do trailer, em direção à rodoviária, levando o canivete suíço de Byrd no bolso.

O ÔNIBUS me deixou perto do hospital em Los Angeles. Entrei pelo saguão, obtive informações com a recepcionista e depois encontrei os elevadores. Rezei, enquanto subíamos, para que, por um milagre, Byrd estivesse sentado na cama, à minha espera, pronto para contar alguma piada.

Quando as portas do elevador se abriram, vi Harley se sobressair no meio de uma multidão de outros Diaz dentro de uma sala de espera com paredes de vidro. Dantay era um deles, e também o primo de Byrd, Juan Carlos, além de alguns outros rostos que eu já vira no rancho, mas não Lark. Harley se virou e me viu. Seus olhos faiscaram quando ele fez um gesto para me enxotar.

Recuei, mas ele foi atrás de mim no corredor e disse:

— É melhor você ir embora.

— Ir embora? E Byrd? Como ele está? O que está acontecendo?

Ele balançou a cabeça. Não conseguia me olhar nos olhos.

— Erva vermelha? — disse Harley. — Você podia ter tacado fogo em tudo que daria na mesma.

— Não era para... ele nem bebeu... eu... — gaguejei.

— Você é que levou a erva — disse ele. — É ou não é verdade? Você é que sabia onde tinha erva vermelha, não é?

— É.

Ele balançou a cabeça, enojado.

— No fim das contas, você é igual ao seu pai.

Aquilo me feriu profundamente. Olhei para a sala de espera — uma massa confusa de cabelos escuros e olhos ansiosos — e senti as ondas de dor e medo. Dantay se virou e me viu ali com Harley. Percebi pela expressão de seu rosto que ele também me culpava. Talvez todos eles. Eu, entretanto, tinha certeza de que Lark iria esclarecer toda a história do que havia acontecido; provavelmente ela só estava ainda muito abalada para falar sobre o assunto. Talvez o pai advogado de Gisele Michel a tivesse aconselhado a ficar de bico fechado,

Desci as escadas para o saguão do hospital e encontrei uma poltrona onde esperei durante horas, acariciando os contornos do canivete suíço de Byrd em meu bolso, até ver Dantay, depois os outros, depois finalmente Harley, irem embora.

O andar estava silencioso quando saí do elevador — só se ouvia o barulho dos meus tênis no piso de linóleo. Quando dobrei uma esquina, uma enfermeira virou-se de repente, ultrajada em me ver ali. Parou e me olhou de cima a baixo.

— Você é o *amigo* dele?

Fiz que sim.

— A família não te considera bem-vindo — disse ela, tendo já decidido, por motivos que não entendi, que eu não era uma ameaça. — Você está portando álcool, drogas ou armas?

Fiz que não, sem dizer nada sobre o canivete, e baixei o olhar para o crachá dela. Nancy Heard, Enfermeira-Chefe.

— Como você se chama?

Olhei para ela.

— Wolf.

Ela fez sinal para que eu a seguisse, dizendo:

— Melhor você se esconder quando os parentes estiverem por perto.

A enfermeira Nancy era um anjo de compaixão de cabelos brancos. Ela me conduziu pelo corredor, de onde pude ver pelas janelas um quatinho branco. Byrd — ou pelo menos ela me disse que era ele — estava em uma maca, com uma das pernas e os dois braços engessados. Sua cabeça estava enorme, um bulbo grande enrolado em bandagens brancas. Ele estava intubado, e máquinas piscavam ao lado.

— Não querem que você o veja — disse a enfermeira.

Assenti.

— Você obviamente o ama muito.

Ocorreu-me que a enfermeira Nancy tinha entendido errado a natureza do meu relacionamento com Byrd e o motivo pelo qual os Diaz não queriam me ver nem pintado de ouro. Apesar disso, eu não estava exatamente mentindo quando assenti. Ela arrastou uma cadeira até a vidraça e me deixou ficar ali sentado na frente da janela do quarto dele.

Acordei com a bochecha apoiada no vidro e o som da voz grave de Harley Diaz trovejando no fim do corredor. Uma enfermeira diferente me despertou e me ajudou a sair da cadeira, depois me entregou suco de laranja e torrada amanhecida enquanto me empurrava para fora.

No exterior, caminhei por ruas desconhecidas até meus pés doerem, falando baixinho comigo mesmo, como os sem-teto que eu via espalhados pelos parques e empurrando carrinhos de supermercado pelas ruas. Repassei os eventos que haviam nos levado até o acidente de Byrd. Lark. Onde estava ela depois de tudo isso?

Aquilo durou dias. Eu saía do hospital quando a família chegava, evitando ser detectado com a ajuda

das enfermeiras compreensivas, esperando notar algum sinal de que Lark tivesse esclarecido as coisas para que Harley e os outros pudessem me perdoar, esperando que Byrd acordasse para que pudéssemos voltar para o deserto, para a montanha, para nossa amizade. Eu queria que aquele pesadelo terminasse.

Lark não apareceu. A família não me perdoou. Byrd não despertou. Depois de duas semanas, a família começou a fazer a viagem de Santa Sophia para Los Angeles apenas nos fins de semana, depois a cada quinze dias, e então apenas Harley e Dantay iam. Byrd não esboçava reações. Quem poderia culpá-los?

Eu passava todo o meu tempo livre no hospital. As enfermeiras me alimentavam com os restos de comida dos pacientes, davam-me roupas sobressalentes de seus maridos e filhos, fingiam que não sabiam que eu dormia numa cadeira ao lado da cama de Byrd praticamente todas as noites.

A enfermeira Nancy disse que ninguém sabia ao certo se meu amigo podia me ouvir, mas me encorajava a conversar com ele mesmo assim. Eu lhe dizia coisas... coisas que nunca tinha dito a mais ninguém. Esperava que um dia eu pudesse interrogá-lo sobre meus segredos, certo de que ele me escutava durante o coma. Um experimento bem-elaborado, apenas para provar que a alma não tem limites.

Byrd sempre tivera curiosidade em relação a minha mãe. Nunca contei nem a ele nem a ninguém nada a respeito dela, além do fato de que eu me lembrava do cheiro de limão de seu spray de cabelo e que ela era linda. A história de minha mãe foi a primeira coisa que decidi contar, ali sentado ao lado de seu corpo plugado nas máquinas e enrolado em lençóis brancos.

EM UMA DAS CAIXAS de fotos que foram perdidas ou vendidas por acidente em alguma venda de garagem anos antes, existia uma foto da minha mãe com mais ou menos 5 anos de idade e um ornamentado vestido de renda branca de Primeira Comunhão. (Minha mãe e seus vestidos brancos.) Eu me pergunto se essa imagem da pequenina Glory ainda existe em algum lugar, com as mãos unidas em oração, os olhos erguidos para o alto em louvor. Frankie me disse que, quando pequena, minha mãe queria ser freira.

Glory tornou-se uma santa em vez de freira, e deu sua vida a Frankie em vez de dá-la a Deus — pelo menos na versão do meu pai da história dos dois, em que ela perdoa todas as transgressões dele e nunca lhe diz uma única palavra dura. Nunca acreditei nessa versão. Que pessoa aceitaria a falta de lealdade, e de ambição, para não falar de emprego, do companheiro? E que mulher empregada não reclamaria que a casa vivia uma bagunça ao voltar do trabalho à noite ou perderia a cabeça quando o marido fica se embebedando com Johnnie Walker enquanto o bebê brinca no armário da cozinha?

Além do nome tatuado no braço de Frankie e a repetição de seu DNA em mim, a única coisa indelével de Glory Truly é sua história. Embora todos em Mercury já a conhecessem, Frankie a contava a qualquer um disposto a escutar, várias vezes, variando os fatos a depender do nível de sobriedade. Contava a estranhos no bar. A suas legiões de mulheres, aos marginais da ralé que se sentavam em torno da mesa da cozinha, à bela garota com uma tatuagem de tulipa no lava-rápido de Nevada quando ela perguntou: “Esse menino tem mãe?” Contava de cara limpa. Contava sóbrio. Contava ainda melhor bêbado.

Minha mãe e eu estávamos em casa dormindo em seus travesseiros com cheiro de limão na noite em que Frankie destróçou o Mustang conversível dela. Geralmente era assim que ele começava a história: com a noite em que ele destróçou o carro.

Quando Frankie bateu o conversível no grande carvalho da Old River Road, no banco do passageiro estava a melhor amiga da minha mãe, Pam Govay. Frankie e ela estavam de cinto de segurança, e Frankie não sofreu nem um arranhão, mas Pam quebrou o nariz no painel do carro e ele nunca mais ficou bom. O conversível (presente de aniversário dos pais quando ela fez 16 anos) ficou acabado, mas, quando a ambulância chegou, o rádio, segundo Frankie, ainda estava tocando a toda altura algum clássico do rock de Detroit ou música da Motown cujo título Frankie mudava a cada vez que contava a história — dependendo da audiência e do próprio humor.

Perguntei a ele uma vez, depois de me mudar para Santa Sophia, como podia ser que a tia Kriket

tivesse cem filhos e netos e ele só tivesse um — eu.

Frankie inclinou o queixo e começou a falar como se fosse uma propaganda de saúde pública nacional.

— Camisinha. Camisinhas funcionam. Eu vou lhe contar uma coisa: fiz amor com centenas de mulheres, talvez mil, e só uma delas engravidou. Camisinha. Elas impedem 99,99% dos casos de gravidez indesejada. Use camisinha ou se arrependerá amargamente.

Como se fosse uma deixa, um dos bebês de minha prima adolescente começou a chorar aos berros no outro quarto, e Frankie e eu gargalhamos com o *timing*. Porém, naquela noite e durante muitas noites, fiquei acordado sem dormir, triste em saber que *eu* também tinha sido fruto de uma gravidez indesejada. Quando perguntei a Frankie, ele encolheu os ombros.

— Melhor que a outra opção — disse ele.

— A de ser desejado? — perguntei, confuso.

— A de ser interrompido — disse ele, dando um tapinha na minha cabeça.

DO DIA em que minha mãe me trouxe para casa do hospital em Mercury até o dia em que eu e Frankie saímos rumo ao deserto, moramos na mesma casinha na rua que todos chamavam de Old Dewey Road, para diferenciá-la da New Dewey Road, onde as hipotecas eram mais gordas, as calçadas, mais largas, e as casas tinham garagens para dois carros em vez de barracões pintados nos fundos, cujo acesso se dava por becos.

A família Lister, encabeçada pelo casal Garvin e Rayanne, por sua vez muito mais velhos do que meus pais e com quatro filhos crescidos, moravam a dois quarteirões de nós na New Dewey. Nas fotos, Garvin Lister, careca e de olhos castanhos, diretor da Escola Católica de St. Agnes, tinha o olhar de um homem faminto — não que ele fosse magro, muito pelo contrário. Ele havia contratado minha mãe assim que ela se formara da faculdade, e ele e a esposa, Rayanne, uma mulherzinha minúscula com uma marca de nascença avermelhada na testa, assumiram um interesse paternal por Glory Elizabeth Frost, cujos pais eram então já falecidos.

Quando Glory conheceu Frankie, um fracassado sem rumo dez anos mais velho que ela, Garvin e Rayanne desencorajaram aquele namoro instantaneamente sério. Porém, seja por sua lábia ou pelos seus feromônios supereficientes, Frankie conseguiu superar as objeções do casal — a tal ponto que Garvin pagou pela festa de casamento e andou com a minha mãe na cerimônia até o altar. Rayanne ocupou o lugar da mãe do noivo, a única convidada do lado vazio de Frankie da igreja.

“Eles eram como os pais que nós nunca tivemos”, dizia Frankie sobre os Lister, embora eu duvidasse de que Glory não tivesse ternas lembranças de infância, como ele. Nos velhos tempos, os Lister levavam bolos, biscoitos e caçarolas para os recém-casados e mandavam seus filhos robustos irem ajudar Frankie no jardim. Porém, à medida que os meses foram passando, meus jovens pais passaram cada vez menos a ver Rayanne, e no ano seguinte ela desenvolveu uma depressão sazonal e simplesmente parou de sair de casa, ou pelo menos era isso o que Garvin dizia.

Quando fez 50 anos, Garvin Lister comprou um Corvette Stingray, vermelho metalizado com teto solar customizado. Era um carro (ou, como dizia Frankie — “Aquilo não é um *carro*, é um *automóvel!*”) muito acima do padrão de salário de um diretor de escola e acima, também, da sua capacidade de dirigi-lo com conforto. Meu pai adorava ver Garvin Lister parar na frente de casa com aquele belo carro. Às vezes Garvin deixava Frankie dar uma volta no Stingray enquanto ele conversava na cozinha com minha mãe. Eu me lembro do cheiro de Garvin Lister ficando impregnado por dias em nossa casinha na Old Dewey — cheiro de chiclete Juicy Fruit.

Na noite em que Frankie bateu o Mustang GT Conversível de Glory, fez um telefonema bêbado para Garvin depois do acidente para lhe pedir que desse uma carona para Glory à escola no dia seguinte. Frankie ficou confuso quando Glory lhe disse que preferia ir andando.

— Por que você não quer a carona de Garve?

— Prefiro ir andando, só isso. Além do mais, é Quarta-Feira de Cinzas e precisamos chegar cedo.

— Tudo bem, Garve leva você mais cedo. Ele mora a dois quarteirões daqui.

Minha mãe parecera genuinamente amedrontada.

— O jeito como ele dirige aquele carro! Todo mundo comenta na sala dos professores.

— Por que alguém teria um Corvette e *não o dirigiria*? Qual seria o sentido? — Frankie rira.

— Não é só isso — disse ela.

— Dê ao pobre coitado o prazer da sua companhia. Você é a filha que ele nunca teve.

— Eu sei.

— Você faz ele sorrir.

— Eu sei. É que ultimamente ele parece... não sei... e com o carro novo e tudo o mais...

— Certo, ele anda rápido demais.

— Não é só isso. Estou preocupada com Rayanne.

— Preocupada por quê?

— As pessoas comentam, Frankie.

— Comentam o quê?

— Não quero que ela tenha uma impressão errada.

— De você e Garve? — Meu pai gargalhou com vontade depois de ouvir isso. — Quem acreditaria

que você iria preferir Garvin Lister a mim?

Na manhã seguinte, percebi pela janela do banheiro que flocos suaves de neve estavam caindo lá fora. Imaginei que a neve estivesse caindo em homenagem à Quarta-Feira de Cinzas, do modo como as crianças acreditam que a natureza tenha objetivos e propósitos.

Os funcionários da St. Agnes deveriam comparecer à missa matutina no primeiro dia da Quaresma. Com o polegar, o padre desenharia uma cruz de cinzas na testa dos membros de sua congregação para lembrá-los — ou seria para adverti-los? — de que sois pó e ao pó retornareis. Minha linda mãe me contou tudo a respeito enquanto borrifava seus cachos com o spray com cheiro de limão. Tive a sensação muito forte de não querer que ela saísse de casa.

Um detalhe que Frankie costumava deixar de fora ao contar a história é que, naquele dia, minha mãe estava usando um vestido especial, comprado num brechó em Mount Clemens — eu sei porque estava lá, escondido na arara de blazers de lã ásperos, e vi quando ela encontrou o vestido — longo, branco e com mangas-morcego flutuantes e transparentes. É o vestido da minha lembrança. O que ela usou quando me rodopiou na frente dos espelhos da penteadeira.

Naquela manhã, Garvin — o faminto e atormentado Garvin — encostou seu belo automóvel no meio-fio. Se eu fechar os olhos, posso sentir o cheiro de limão do cabelo da minha mãe e sentir seus lábios rosados sussurrando, “Sempre”, enquanto ela afaga minha bochecha. Chorei quando ela me soltou para ir embora. Antes de Glory entrar no carro esporte, ela sorriu para mim e pousou a mão bonita sobre o coração, como fazia todas as manhãs. Eu sentia vontade de dar um soco no nariz de Frankie sempre que ele fazia aquele mesmo gesto de tocar o coração. Aquela despedida era minha.

Frankie disse que, naquela tarde, ele sentiu algo mudar no ar. Meu pai afirma que comecei a reclamar de dor de barriga e que logo eu estava febril, vomitando, chorando. Frankie não foi capaz de me acudir, e Glory estava atrasada. Glory nunca se atrasava. Meu pai telefonou para a secretaria da escola, mas ninguém atendeu. Ligou para a casa de Garvin Lister, mas ninguém atendeu.

Frankie nunca respondia quando as pessoas perguntavam onde estava o filho de 4 anos durante o que aconteceu depois. Parecia não se lembrar de que a criança febril e com dor de barriga o seguiu, tropeçando alguns passos atrás dele enquanto ele subia a rua à procura do carro de Garvin Lister.

Eu queria encontrar minha mãe também, mas não via o carro esporte brilhante do Sr. Lister nem na rua nem parado na frente de nenhuma das casas, nem da New Dewey nem da Old Dewey. O sol estava se

pondo quando Frankie se virou novamente na direção da nossa casa e provavelmente viu um lampejo de metal vermelho por entre os vãos de uma cerca. Eu o segui pela calçada e tentei espiar, pelo portãozinho dos fundos aberto, o Corvette vermelho que estava parado no beco.

Dois corvos pretos reluzentes que bicavam um saco de lixo começaram a fazer uma algazarra, avisando Frankie para ficar longe de seu esconderijo.

— Vão pro inferno! — rouquejou Frankie em resposta para os pássaros, primeiro rindo, depois parecendo confuso quando Garvin Lister ergueu os olhos, avistou-o e não sorriu.

— Que foi, Garve? — gritou Frankie. — Está tudo bem?

O Sr. Lister estava sentado sozinho no banco da frente do carro, com a testa ainda borrada com as cinzas do sinal da cruz feito pelo padre. Ele tomou um longo gole de um cantil prateado. Meu pai tinha um cantil exatamente igual àquele — presente da minha mãe.

— Garve? — gritou meu pai, aproximando-se. — Esse é meu cantil?

— Pare onde está, Frankie! — avisou Garvin Lister.

Os corvos chamaram nossa atenção por um instante breve ao alçarem voo, como se soubessem o que estava por acontecer.

— Você viu a Glory, Garve? — gritou meu pai.

Então, levantando-se de baixo do painel do carro, vi o rosto da minha mãe; o rímel manchado, os olhos turvos, os lábios sem batom, a sombra do sinal da cruz feito de cinzas em sua testa. Ela me viu onde eu estava escondido perto das latas de lixo e me encarou sem expressão pela janela do carro, depois virou-se para olhar meu pai, e eu fiz o mesmo.

— Mas que merda...? — disse Frankie, quase histérico ao ver o que viu ou o que achava ter visto. — *Mas que merda?*

Minha mãe puxou as mangas do seu vestido branco para cima dos seus ombros e percebi que ela murmurou o nome do meu pai antes de se virar para dizer alguma coisa ao Sr. Lister, que estava sentado no banco da frente. Eu me lembro dos sons azuis e cinzentos que as travas fizeram quando ele apertou o botão de travar as portas. Eu me lembro de ver o cano de uma pequena pistola preta na mão dele.

Minha mãe começou a esforçar-se para sair do carro. Os dedos de uma das mãos do Sr. Lister seguraram os lindos cachos loiros de Glory com força, e com a outra ele segurava a pistola preta reluzente.

— Frankie! Frankie! — berrou minha mãe.

— Está tudo bem, Glory. Tudo bem, amor. Tudo bem. Tudo bem. — Frankie aproximou-se do carro.

Garvin gritou:

— Não!

Minha mãe sustentou meu olhar por um instante e murmurou: “Wolf.”

Não houve tempo para despedidas.

— *Carpe diem!* — berrou o Sr. Lister, e em seguida pressionou o cano da arma preta na cabeça da minha mãe e puxou o gatilho.

Carpe diem. Entoei essas palavras na minha cabeça para abafar os urros do meu pai, enquanto eu corria pelo beco estreito o mais depressa que minhas perninhas já haviam corrido. *Carpe diem. Carpe diem. Carpe diem.* O mantra me transportou até minha casa, que localizei por causa do sinal da paz verde que Frankie pintara na lateral da garagem roxa. Entrei como um foguete pela porta dos fundos e rumei até a segurança da cama de Glory, onde fechei os olhos, sentindo o cheiro de limão em seu travesseiro, imaginando sua voz sussurrante e sua mão me acalmando. *Foi só um sonho, Wolfinho. Não foi meu rosto de verdade. Carpe diem. Carpe diem carpe diem.*

Na manhã seguinte acordei na cama da minha mãe, o que em geral significava que eu tivera um pesadelo. Embaixo das cobertas, procurei a pele quente de Glory e me senti inundar de alívio quando ouvi os passos de minha mãe no corredor.

Quando ela puxou as cobertas para o lado e pisquei por causa da luminosidade, fiquei perturbado ao ver que os olhos da minha mãe estavam machucados e enegrecidos, e que sobre seu nariz quebrado tinha uma tala curva branca.

— Você acordou?

— Mamã? — falei, torcendo para que minha mãe não tivesse de usar aquela tala branca feia por muito tempo. — Mamã? — Eu não estava entendendo por que os olhos da minha mãe estavam diferentes. E o cabelo também.

— Uma coisa terrível aconteceu, Wolf. — A voz pertencia a Pam Govay. — Eu vou lhe contar. Certo?

— Certo.

— Você precisa ser um menino grande agora. Certo?

— Certo.

— Aconteceu uma coisa com sua mamã.

— Mamã?

— Um acidente, certo? — disse Pam Govay por trás da tala branca.

Eu então devo ter me recordado do que aconteceu no beco, porque parei de chamar pela minha mãe.

— Ela se foi — disse Pam Govay. — E Frankie vai precisar de alguém para ajudar ele a passar por isso tudo, e esse alguém vai ser eu. Certo?

— Certo.

Uma troca de identidade — um caso de troca de identidade — essa foi a única explicação que minha mente de criança pôde compor, precariamente. Com aquele vestido branco, minha mãe ficara parecida demais com um anjo.

A HISTÓRIA do que aconteceu no beco foi divulgada no noticiário nacional. Eu jamais encontrei nenhum recorte a respeito na casa azul da Old Dewey, mas duvido que as últimas palavras de Garvin Lister tenham vindo a público. Na quarta série li o arquivo em microfilme da Biblioteca Pública de Mercury e descobri que o Sr. Lister tinha matado sua passageira, Glory Elizabeth Truly, e depois se suicidado, com uma arma de pequeno calibre registrada em nome da esposa. Rayanne. Especulava-se que o estresse causado pela investigação do mau uso de fundos da escola e a descoberta do seu abuso de remédios tivessem contribuído para aquele homicídio seguido de suicídio.

O jornal não mencionava que Frankie fora testemunha. E ninguém parecia saber que o filhinho da vítima, febril e confuso, jamais se esqueceria do olhar da mãe ou das palavras que o homem tinha berrado antes de tudo tornar-se vermelho.

Eu era muito pequeno quando contei a Frankie pela primeira vez que eu me lembrava de Glory no beco e de Garvin Lister berrando “Carpe diem”. Frankie ficou lívido, e eu soube então que a lembrança era verdadeira, porque nunca ninguém tinha me falado que minha mãe estava usando um vestido branco vaporoso na Quarta-Feira de Cinzas em que ela foi assassinada. Um dia perguntei a Frankie o que queria a frase queria dizer.

— Comprador, atenção — respondeu Frankie solenemente. — Comprador, atenção, porra.

Quando eu era pequeno, ficava intrigado: por que Garvin Lister disse *Comprador, atenção* nos segundos anteriores a partir deste planeta? Quem era o comprador? O que ele estaria comprando? Por que ele precisava prestar atenção? Eu tinha aceitado que o que o Sr. Lister havia feito fora o ato desesperado de um homem desesperado, mas queria encontrar um sentido em suas palavras finais. (Existe receita para a loucura.) Mais tarde descobri que “carpe diem” na verdade queria dizer “colha o dia”, no sentido de aproveitá-lo, mas eu tampouco consegui entender o que Garvin Lister quis dizer com isso, uma vez que ele não estava aproveitando o dia, e sim renunciando a ele completamente.

Minha mãe veio até mim ao longo dos anos, uma corrente de ar com cheiro de limão vinda por uma

janela aberta.

— Wolf — sussurra ela.

Glory. Eternamente.

LÁ ESTÁVAMOS NÓS, as Devine e eu, na manhã do terceiro dia em que estávamos perdidos, pouco depois de eu ter contado sem perceber toda a história do que acontecera com meu amigo.

Ficamos em silêncio, observando o sol banhar o terreno pedregoso, os pinheiros serrilhados, as rochas cinzentas e os arbustos quebradiços, rezando pelo nosso resgate, sem saber por que eles ainda não haviam nos encontrado. *Eles* tinham aumentado em nossa imaginação, com certeza.

— Logo, logo *eles* vão aparecer — disse Bridget, pela vigésima vez. — *Eles* devem ter dezenas de pessoas nos procurando a essa altura.

— Eles vão conseguir rastrear nossas pegadas — disse Nola. — Não é, Wolf?

— Certo — falei.

Estava me lembrando de algo do meu sonho: minha mãe me contando que *ninguém* estava à nossa procura. E mais alguma coisa, algo importante. Sobre uma árvore.

— Wolf?

Fiquei ali, paralisado, tentando me lembrar do que era. Algo sobre um pinheiro. Um tronco.

— Você está bem, Wolf? — perguntou Vonn.

— Precisamos voltar até o paredão. — Tentei me levantar, mas meu estômago estava revirado por causa da fome e da desidratação, e talvez, um pouquinho, por causa da minha história sobre Byrd.

— Ontem à noite você disse alguma coisa sobre fazer uma corda de escalada — disse Vonn.

Nola entregou os restos da mochila para a neta.

— Você é habilidosa, Vonn. Talvez consiga trançar o que restou da mochila.

— Posso tentar — disse Vonn. — Mas está bem rasgada.

— Talvez dê para a gente usar mais alguma coisa. Trepadeiras ou algo do tipo? — Nola virou-se para mim. — O que você acha?

— Podemos procurar por plantas ou trepadeiras. É uma boa ideia, Nola — falei.

— Eu vou — ofereceu-se Vonn.

— Certo — falei. — Vocês duas descansem, certo, Nola? Bridget?

— Estou bem — disse Nola.

— Você não está bem, Mim — disse Bridget. — Estou sentindo espasmos terríveis no estômago. Você deve estar sentindo também.

— Um pouco.

— Estou morrendo de fome? Estamos morrendo de fome, Wolf?

— Dá para passar três semanas sem comer. Lembra? — falei. — O que você está sentindo agora são apenas dores de fome.

— Eu costumava sentir isso entre o petisco e a entrada — disse Bridget, e todos nós ensaiamos uma risada.

— Meu estômago também está doendo — confessou Vonn.

— Já estava antes de a gente vir para cá — observou Bridget.

— Você estava enjoada na semana passada também — disse Nola. — Achamos que era o frango da rotisserie.

— Talvez eu tenha pegado uma infecção — disse Vonn.

VONN E EU buscamos em toda parte alguma planta fibrosa com a qual pudéssemos fazer uma corda.

— Aqui está alto demais para encontrar iuca — falei comigo mesmo, e depois, para Vonn: — Onde está aquela bolsa?

— Talvez ela a tenha deixado lá em cima — disse Vonn, apontando para o espinhaço. — Talvez ela tenha colocado a bolsa no chão para empurrar o tronco e toda essa busca tenha sido em vão.

Podia ser que ela estivesse certa.

— É melhor a gente voltar. Não posso gastar tempo procurando por algo com que fazer uma corda.

— Espere, eu preciso... — disse Vonn, envergonhada.

— É?

— Eu preciso de... um pouco de privacidade.

— Vou ficar bem aqui — falei.

Sabia que ela não poderia estar sentindo vontade de urinar e corei ao pensar que a garota poderia estar menstruando.

Vonn foi até um local atrás de alguns arbustos de junípero, perto de um enorme tronco caído, e agachou-se.

Vendo a cabeça dela abaixar-se atrás do tronco caído, gritei:

— Está tudo bem?

— Sim — respondeu Vonn, sem muita certeza.

— Quer ajuda? — gritei.

— Não — gritou ela, enfaticamente.

Depois de um tempinho, ela apareceu de novo, com o rosto inchado de tanto chorar. Não me perguntei se aquelas lágrimas eram por algum outro motivo além do óbvio. Quando fui até ela para abraçá-la, ela afastou meu braço.

— Vamos — disse Vonn. — Melhor dar uma olhada no punho de Nola. Trocar os curativos. É meio milagroso, né? Esse sterasote?

— Você limpou a ferida. Ter se livrado de todo aquele tecido morto ajudou com certeza.

— Nem me lembre — disse Vonn, estremeando. — É pior que qualquer coisa que já fiz no Zoo de Pets, e eles me mandam limpar todas as gaiolas.

— Zoo de Pets?

— É o nome da clínica veterinária/lugar de resgate animal onde eu trabalho.

— Andei pensando em adotar um cachorro — falei. — Eu gosto de cachorros.

— Eu também — disse Vonn —, mas eu sou muito nômade.

Encolhi os ombros.

— Quem sabe não vou até esse lugar de resgate e arrumo um cachorro. Sabe, quando a gente voltar.

— Seria bom. Equilibrar um pouco o universo — disse Vonn. — Eu tive um gato uma vez. Mais ou menos.

— Vira-lata?

— Dois namorados antes de minha mãe trazer para casa o Idiota do Camarillo, havia o Pateta de Golden Hills. Ele tinha um gato, então eu meio que tive um gato. Um gato preto, velho e gordo, com uma orelha mordida. Gato triste. Manco de uma perna. Só tinha um dente. Eu não me lembro do nome do cara, mas o gato se chamava Meia-Noite. Quando Bridget me contou que o Pateta ia se mudar para a nossa casa, comi um monte de besteiras. Estava com pena de mim mesma, e aí esse gato preto, velho e gordo entrou mancando na sala de televisão, acariciou minha perna e tentou subir no meu colo, mas era velho demais e eu mesma tive de erguê-lo.

— Nunca imaginaria que Bridget seria gateira.

— Bridget não sabia que o cara iria levar seu gato. Ela nem sequer sabia que ele tinha um gato, o que é bastante chocante, porque foi isso que definiu tudo. Eles foram viajar um fim de semana e eu alimentei Meia-Noite com petiscos macios feitos para gatos velhos desdentados que pedi para o supermercado

entregar. Deixei que ele ficasse sentado no meu colo comendo durante dois dias seguidos. Eu o levava no colo até sua caixa de areia algumas vezes por dia. Pensei que eu estivesse sendo legal.

— Gato sortudo.

— Fiquei com gases. Toda aquela porcaria que eu estava comendo... — continuou Vonn. — O negócio foi feio.

O queixo dela tremia, por isso eu não ri.

— Eu estava ali sentada na casa de Bridget com Meia-Noite no meu colo quando Bridget e Pateta entraram na sala com outro casal e foram recebidos por um paredão mortal de fedor. Começaram a urrar e sentir ânsia de vômito, e a única coisa que me veio à cabeça para dizer foi: “Hã... acho que o seu gato está doente.”

Ela parou para engolir em seco.

— O cara viu todos os pacotinhos vazios de petiscos para gatos, apanhou Meia-Noite do meu colo e o chutou pela porta dos fundos. Eu fui até a varanda para pedir desculpas, mas ele não quis nem chegar perto de mim. — Vonn fungou, mas não tinha nenhuma lágrima para derramar.

— Quer dizer que você jogou a culpa no gato? Foi só isso?

— Na segunda-feira, quando eu voltei da escola, Meia-Noite não estava lá. Minha mãe disse que o namorado o levava ao veterinário. Eu me senti mal, porque sabia que havia alimentado ele demais e torci para que lhe dessem um remédio ou algo assim. Quando fui colocar água no bebedouro de Meia-Noite, Bridget me olhou como se eu estivesse maluca. Foi quando ela explicou que iriam sacrificar Meia-Noite.

— Ah.

— O Pateta disse que qualquer animal que cheirasse tão mal quanto aquele gato deveria estar apodrecendo por dentro. Disse que seria crueldade deixar que vivesse.

— Ah.

— Saltei no carro e fui direto até o veterinário, mas era tarde demais.

Caminhamos em silêncio por alguns instantes.

— Eu matei Meia-Noite.

— Você não matou Meia-Noite. Só fez parte da história dele em seus últimos dias — falei. — Além disso, Meia-Noite pôde passar todo aquele tempo em seu colo. Paraíso. Quer dizer...

— Quando eu vim para cá para morar com Mim depois que Pip morreu, vi que a clínica veterinária local estava contratando pessoal. Hoje meu trabalho é acariciar os animais quando eles estão partindo.

Perto da gruta ouvimos Nola cantarolando o mesmo concerto que eu a ouvira cantarolar antes. Foi quando Vonn percebeu que deixara a mochila destroçada sobre o tronco caído, onde tinha ido chorar.

Sem perda de tempo, eu me virei e comecei a caminhar novamente por entre os arbustos para recuperar a mochila, gritando para ela:

— Vá ficar com as duas.

Porém, quando me virei, vi Vonn cambaleando atrás de mim com as meias de lã e aqueles chinelos verdes ridículos.

— Deixa que eu vou — disse ela, por entre uma respiração ofegante e outra. — Eu pego!

— Eu pego — insisti, virando-me para o vento.

Sem fôlego, cheguei ao lugar onde Vonn tinha pedido para ficar sozinha. Vi a mochila em frangalhos no mesmo instante e, quando comecei a me abaixar para apanhá-la, vi outra coisa também — um pedacinho prateado, da mesma altura e largura de um palito de dentes, saindo de baixo de uma pedra que estava numa posição estranha. Antes mesmo de levantar a pedra eu soube que estava prestes a encontrar ali um dos invólucros das barrinhas de cereal da bolsa perdida de Bridget.

Eu o segurei com mãos trêmulas: metade de uma barrinha de cereal intacta, dentro da embalagem cuidadosamente dobrada.

Vonn tinha comido a outra metade. Eu não precisava ter testemunhado o crime para saber. Na noite

anterior, quando tinha pressionado meus lábios secos e ressequidos nos dela, sentira um levíssimo cheiro de canela. Isso foi o *algo mais* do beijo de Vonn. O algo que havia percebido, negado e ignorado; o que sabia que teria de enfrentar mais cedo ou mais tarde.

Quando me levantei, Vonn estava ali, de olhos arregalados. Sem palavras. Eu também; só tinha pensamentos, sons e odores: canela, aveia, açúcar mascavo. Os corvos crocitaram dos pinheiros próximos enquanto eu fitava o quadrado pequenino de barrinha de cereal.

Vonn caiu de joelhos e me olhou.

— Eu a encontrei aí, ao lado desse tronco, ontem. Chamei Bridget, mas ela não me ouviu. Procurei por toda parte pela bolsa, pelas outras barrinhas, pela água, mas só havia esta, bem aí, dando sopa.

Juntos procuramos pelos pinheiros densos que assomavam sobre nossas cabeças. Teria a bolsa sido atirada para tão longe quando caímos? Era possível.

— Esperei Bridget voltar, mas não consegui... fiquei olhando para a barrinha de cereal, depois eu a abri e pensei em como era pequena para dividir em quatro... seria só uma provocação, nenhuma nutrição, de tão pequena... mas mesmo assim eu sabia que não deveria comer sozinha. Não podia.

— Mas comeu.

— Pensei em dar só uma mordidinha, mas então dei outra e outra e outra.

— E quando viemos para cá hoje? — perguntei. — Você comeu mais um pouco?

— Estou com tanto medo de morrer — disse ela, sem voz.

Mesmo enquanto garras saíam da ponta de meus dedos, eu a perdoei. Mesmo enquanto rosnava para ela, rasgando a embalagem prateada, eu a perdoei.

Abri a boca e atirei aquele pedacinho minúsculo de barrinha de cereal goela abaixo, depois comecei a ter ânsia de vômito.

— Não deixe sair — implorou Vonn. — Engula, pelo amor de Deus, Wolf.

Engoli o montinho de açúcar e aveia. Então, pela primeira vez na montanha, comecei a chorar, e pela primeira e única vez desde que minha mãe morrera, uma linda mulher me abraçou e me ninou como a uma criança.

QUANDO VOLTAMOS para a gruta, olhei longamente para Bridget, que estava descorada, abatida e exausta. Não havia dúvida de que as garrafas de água e as outras barrinhas de cereal não tinham sido encontradas por Bridget. Nem por Nola: ela estava sempre sob minha vista. Mais provável, pensei, é que as outras barrinhas tivessem sido encontradas pelos esquilos e carregadas para longe. Talvez as garrafas de água tivessem caído em uma das áreas arbustivas mais densas ou ficado presas na copa de um pinheiro, num ponto alto demais para vermos.

Minha vergonha de ter comido aquele pedacinho de comida pesou com força sobre mim, mas também me fortaleceu. A redenção é um motivador poderoso.

Vonn e eu evitamos nos olhar.

O cantil amarelo, que continha apenas uma xícara, mais ou menos, de água, estava entre nós. Eu me senti nauseado ao me lembrar da erva vermelha, e mais ainda por ter compartilhado com as Devine a história do que acontecera a Byrd.

— Estou com tanta fome, Wolf. Podemos comer grama? Mastigar casca de árvore? — perguntou Bridget.

— Não coma grama — avisei. — Só vai fazer você vomitar e perder mais líquidos.

— Sinto tanta sede que parece que encolhi — disse Bridget.

Farejei o ar. Cheirava a chuva por vir. Eu tinha me equivocado antes, porém, e não desejava fazer as Devine sentirem esperança mais uma vez. Tentei me levantar, murmurando:

— Preciso voltar para o paredão.

— Você está tonto, Wolf — disse Vonn.

— Estou bem. — Mas eu não estava.

— Estive pensando que, se eu pegasse seus sapatos emprestados, Bridget, talvez conseguisse escalar o paredão. Poderíamos dar um descanso para o Wolf — disse Vonn.

— Por que, você acha que eu não sou capaz?

— Não, só para dar um descanso a você — disse Vonn.

— Vonn, você é muito mais baixa do que eu. Se eu não tenho a envergadura necessária, você também não. — E meus pés são metade dos seus — disse Bridget.

— E, mesmo que conseguisse escalar, Vonn, como você iria encontrar o caminho até a Estação da Montanha? — perguntou Nola.

— Deixe que eu me preocupo com a parede, Vonn — falei. — Você e Bridget precisam encontrar o que restou da bolsa azul.

— Como assim, o que restou? — quis saber Bridget.

— Encontrem a bolsa e pronto — implorei.

Bridget olhou de mim para Vonn.

— Aconteceu alguma coisa entre vocês dois?

Vonn e eu devíamos estar com cara de culpados.

Bridget cuspiu no chão aos meus pés, mas, considerando nosso grau de desidratação, não foi um gesto maldoso.

— Não! — insisti.

— Bridget — disse Nola, em tom apaziguador. — Você está sendo ridícula. Numa hora dessas? Como você pode pensar que...?

Vonn virou-se na direção do céu da manhã e disse:

— Eu encontrei uma das barrinhas de cereal.

Abaixei a cabeça.

— Graças a Deus! — gritou Bridget.

— Isso é maravilhoso, Vonn! — rouquejou Nola.

A voz de Vonn não era mais a sua.

— Eu a comi.

Nola ficou olhando para ela, piscando, enquanto Bridget dizia:

— Não entendo.

— Eu comi. Eu achei a barrinha e comi.

— Ela não está dizendo a verdade — falei, interrompendo. — Eu comi metade.

O vento rugiu então, e falou por todos nós. Tal revelação, em diferentes circunstâncias, com seres menos frágeis, ou mais frágeis, poderia ter causado uma reação completamente diferente: socos, gritos, empurra-empurra, puxões de cabelo. Na montanha, naquele terceiro dia, a única manifestação de raiva foi a do vento. Uma dádiva questionável aos desesperados: claridade, caridade, perspectiva.

— Tem um pouco de água ainda no cantil — falei, depois de algum tempo, grato pela sua absolvição silenciosa. — Sra. Devine, você e Bridget deveriam tomá-la.

Vonn estremeceu.

— Eu também preciso da água.

Bridget apanhou o cantil, desatarraxou a tampa e a levou aos lábios. Depois de um gole minúsculo, entregou-o à filha, que tomou um gole agradecido antes de entregar o cantil à sua avó, que bebeu uma pequena quantidade antes de passá-lo a mim.

— Agora vocês só têm de perdoar a si mesmos — disse Nola para Vonn e eu.

Tomei um pequeno gole do cantil amarelo e pensei em Byrd.

— Wolf?

— Estou bem.

— Você só disse que Byrd esteve no hospital em coma. Não disse se... — arriscou Bridget.
Senti meu rosto corar.

— O que aconteceu com ele? — perguntou Vonn.

— Precisamos voltar ao paredão — falei. — Eu conto no caminho.

Nola segurou o braço que eu lhe ofereci e fomos caminhando devagar, juntos, sobre a rocha.
Eu não queria contar o resto da história de Byrd, mas contei.

DURANTE TODAS AQUELAS semanas ao pé da cama de Byrd, rezei para que ele voltasse sem saber onde estava de fato. Às vezes, em vez de conversar com o corpo de Byrd sob os brancos lençóis do hospital, eu falava com o ar, e às vezes nem mesmo falava em voz alta, apenas tentava encontrá-lo em algum corredor da minha mente divagante. Outras vezes, eu cantava para ele. De vez em quando ele estremecia.

As palavras de Frankie me assombravam: *Desligue os aparelhos*. Eu nunca tinha pensado em desligar Byrd, mas o jeito como Frankie dissera aquilo... como se desejasse que fosse *ele* que estivesse em coma, como se preferisse entregar o fardo de sua vida a outra pessoa, simplesmente acabar com tudo. Desligue os aparelhos. Senti pena do meu pai porque eu o entendia muito bem. Embora a montanha tivesse me modificado, me fortalecido, me trazido paz, o deserto tinha sido a ruína final de Frankie. Noitadas, mulheres, álcool, drogas, gangues, jogatina — e tudo isso sem sair da Vila de Lata. E o que ele dissera sobre uma vida limpa? Ele passara de sujo a irrecuperável em questão de semanas, vendendo, comprando, roubando, sumindo durante dias em alguma farra ou durante semanas para ficar no lar tranquilo de alguma conquista sexual até ser chutado de lá. Eu vi Yago com mais frequência do que vi Frankie nos anos que passei no trailer de Kriket. Yago guardava seu bagulho ali; eu era filho de Frankie.

No hospital, as enfermeiras me trouxeram um prato com peru no Natal, roupas limpas do marido alto de alguém e me deixaram tomar uma chuveirada quente enquanto os funcionários comemoravam no fim do corredor. Eu estava no quarto de Byrd, ainda molhado do banho e com uma toalha enrolada em minha cintura, esperando que a enfermeira me trouxesse roupas limpas, quando a porta se abriu. Era Lark. Ela não pareceu surpresa em me ver.

— Você não deveria estar aqui — disse ela.

— Você vai contar para seu pai?

Ela deu de ombros e me entregou uma sacola de supermercado, dizendo:

— A enfermeira me pediu para lhe entregar isso. Roupas?

Fazia poucas semanas desde aquela noite em Lago Secreto, mas ela estava diferente, mais velha de certa maneira, usando jeans folgados e tênis.

— Como ele está? — perguntou, mal tirando os olhos do corpo dele sobre a cama de hospital.

— Vão desentubá-lo na semana que vem. — Entrei atrás de uma das cortinas do quarto pequeno para me trocar.

— Para quê?

— Como assim?

— Ele não virou um... você sabe?

Eu sabia o que ela queria dizer.

— Não.

— Meu pai disse que ele nunca mais vai ser o mesmo.

— Ninguém vai.

— Eu não vou — admitiu ela, baixinho.

— Pensei que Harley gostaria de ter você em casa no dia de Natal — falei, quando me juntei a ela ao lado da cama de Byrd.

— Vou para o deserto esta tarde com Gisele. — Ela olhou para o outro lado, fungando.

— Vocês ainda são amigas?

— Por que eu não seria mais amiga dela? — perguntou Lark.

— Não sei.

— A culpa não foi *dela* — disse Lark.

Ficamos em silêncio, escutando o ruído das máquinas.

— Sinto muito — falei. — Lark, eu sinto tanto.

Ela me olhou nos olhos pela primeira vez.

— Eu que arrumei a erva vermelha. Eu que preparei o chá.

— Mas foi por mim. Você fez isso tudo por mim. — Ela olhou para Byrd.

— Ele vai melhorar — prometi.

O jeito como ela me olhou... interpretei tanto a expressão dela naquele dia. Confundi sua culpa com desejo, sua pena com afeição, e vi a promessa de um futuro quando só havia a esperança fervilhante de que ela jamais tivesse de me ver de novo.

— Eu vou escrever para você — falei.

— Certo.

— Você vai me escrever também?

— Vou estar muito ocupada.

— Vou escrever mesmo assim. Mesmo que você não responda minhas cartas.

Se eu tivesse enxergado a verdade naquele momento, jamais teria procurado Lark na igreja, pouco antes do casamento de sua amiga. Jamais teria pronunciado aquelas palavras lamentáveis que seriam transmitidas a todos os convidados — a última gota. Apesar disso, não me agrada pensar no que teria acontecido com as Devine, no que teria acontecido com todos nós, caso eu não estivesse na montanha naquele dia.

NUMA MANHÃ de sexta cedinho no dia de Ano-Novo, peguei o elevador do hospital até o andar de Byrd, grogue e dolorido por ter dormido, ou não dormido, num banco de praça.

Tinham retirado com êxito o ventilador mecânico dele, e Byrd já estava respirando sozinho fazia mais de uma semana. Harley e os outros começaram a fazer visitas mais frequentes, indo inesperadamente ao hospital e ficando ao lado da cama de Byrd até altas horas da noite. Eu era obrigado a sair e vagar pelas ruas, a dormir no parque com os outros sem-teto. As enfermeiras penduravam uma máscara cirúrgica na janela quando a barra estava limpa para eu voltar.

Cada dia que Byrd respirava sem a ajuda de aparelhos parecia pior do que o anterior. Ele gemia quase constantemente, um som grave e gorgolejante que, segundo a enfermeira Nancy, não necessariamente significava que ele estivesse sentindo dor, mas que era horrível de ouvir. Depois de duas semanas ainda não houvera nenhuma melhora. Eu tinha me preparado para enfrentar o pior.

Eu observara Harley de longe, subindo a escadaria da frente do hospital. Sabia como ele estava se sentindo. Eu estava ansioso naquele dia, andando de um lado para o outro no estacionamento, olhando para a janela em busca do sinal de que eu poderia subir. Quando vi a enfermeira Nancy pendurar a máscara somente uma hora depois da chegada de Harley, achei que era um mau sinal e saí correndo até a porta.

As portas do elevador se abriram no andar de Byrd, e fiquei espantado ao ver que Harley ainda estava ali — eu tinha certeza de ter visto a máscara cirúrgica pendurada na janela. Algo estava errado. Havia outros parentes da família Diaz no corredor. Dantay. Juan Carlos. Mas não Lark. Harley se atirou sobre mim e me segurou pelos ombros num abraço caloroso. Depois me olhou nos olhos pela primeira vez desde o acidente.

— Lark me contou que você não teve nenhuma culpa. Ela me disse que foi tudo ideia da amiga dela, que você e Byrd tinham sido contra a erva vermelha desde o início.

Eu tive vontade de perguntar por que ela havia demorado tanto para contar a verdade, mas percebi que alguma coisa estava acontecendo ali.

— Ele abriu os olhos — disse Harley, sorrindo.

— Byrd acordou?

— Ontem de noite. A enfermeira disse que ele chamou por você.

Saí correndo pelo corredor e entrei num rompante no quarto de hospital, onde encontrei Byrd sendo cuidado por diversas enfermeiras da equipe. Algo não estava certo. Eu soube pelos rostos sombrios das enfermeiras. Eu me aproximei da cama, onde Byrd piscava rapidamente.

Quando olhei para ele, ele simplesmente parou de piscar e olhou para o teto com uma expressão estranha. Seu lábio superior se contorceu quando ele abaixou o olhar e depois o levantou de novo, como se ele fosse um lagarto caçando uma mosca.

Eu me inclinei para a cama, na frente da sua linha de visão, e percebi que ele não estava me reconhecendo. Não havia nenhuma vivacidade naquela expressão. Quando eu disse meu nome, ele não piscou. Quando eu disse o dele, não reagiu. Não parecia saber que eu estava no quarto. Não parecia saber que *ele* estava no quarto.

A enfermeira Nancy veio para o meu lado e pousou sua mão quente sobre meu ombro, dizendo-me com um aperto leve que eu deveria ter baixas expectativas. Harley se juntou a nós no quarto e repetiu o que os médicos disseram sobre a natureza imprevisível das lesões cerebrais. A recuperação poderia ser lenta ou rápida, ou poderia não ocorrer recuperação nenhuma. Ou uma recuperação total. A única coisa com a qual os médicos concordavam é que era um milagre Byrd ter sobrevivido.

DE VOLTA à montanha, eu me arrependi de não ter me negado a contar o resto da história de Byrd. As Devine ficaram bastante inquietas com aquele final incerto. A injustiça era algo difícil de suportar.

Levando pedaços de pau para nos proteger — Nola inclusive —, fomos até o paredão. Do meu ângulo de visão, ali embaixo, a face da rocha parecia ter mudado da noite para o dia: ficado mais alta, mais íngreme, mais côncava.

— Que bom que, pelo menos, você não desligou os aparelhos de Byrd — disse Bridget. — Achei que era isso o que você ia nos contar.

Algo passou pelos galhos acima de nossas cabeças.

— Viu isso? — perguntou Nola, apontando com o graveto que segurava na mão boa.

— Acho que foi uma coruja — disse Vonn.

— Precisamos fazer mais pasta de sterasote — falei, notando a piora de Nola.

Bridget exibiu orgulhosa um punhado de folhas que tirou do bolso.

— Peguei mais folhas hoje mais cedo.

Nós nos acomodamos perto do almofariz e pilão onde Nola havia caído e batido a cabeça no dia anterior e começamos a macerar o sterasote. Fiquei espantado com a imagem da pedra manchada de sangue no canto da minha visão, que formava o desenho gritante de um pássaro em voo. Parecia uma mensagem, mas não consegui imaginar o que isso poderia significar. Seria Byrd dizendo que estava ali comigo? Acima, os corvos crocitaram, atacando um falcão-de-cooper que tinha tentado atacar seu ninho. Pensei em ovos, o que me deixou nauseado e esfomeado.

Um galho se quebrou nos arbustos atrás de nós. Paramos e pegamos nossos paus. Coiotes. Esperamos, com o coração acelerado, preparados para fugir. Farejei o vento, mas não identifiquei o cheiro deles. Cenas da noite anterior piscaram na minha frente: os dedos dos pés de Vonn na minha boca, o coiote sacudindo os restos mortais de Pip, os dois animais dando aquele salto magnífico sobre a Divisa das

Devine.

A lembrança do salto dos coiotes atçou mais imagens do meu sonho e me lembrei da parte em que minha mãe me dizia para construir uma ponte.

— Na noite passada — falei —, tive um sonho estranho.

— Um sonho premonitório? — perguntou Bridget, inclinando-se para perto. — O que você sonhou?

Tinha de confirmar com meus próprios olhos se o que eu vira no meu sonho de fato existia, portanto me levantei e me pus a me arrastar pelas pedras e arbustos, na direção da fenda. Eu devia estar parecendo alguém que perdeu a cabeça, murmurando:

— Minha mãe me disse para construir uma ponte.

— Wolf?

— WOLF! — gritou Vonn, correndo atrás de mim. — E o sterasote?

Bridget ajudou Nola a ficar em pé, e elas também me seguiram, as três chamando meu nome.

— Venham! — gritei, eletrizado com a ideia de que meu sonho tivesse sido uma mensagem. Eu desejava acreditar naquilo com todas as minhas forças.

E ali estava, ao lado do arbusto de sterasote: o tronco de pinheiro coberto de musgo sobre o qual minha mãe ficara de pé.

— Certo — falei.

O pinheiro estava parcialmente escondido no arbusto, apoiado em uma rocha gigantesca — coisa nada incomum naquele terreno — e desenraizado, caído do espinhaço lá em cima.

— É ele!

As Devine só ficaram me olhando.

O tronco era comprido o bastante para cobrir o espaço da fenda; também parecia robusto o suficiente. Se conseguíssemos erguê-lo com um bom empurrão a oito mãos (bem, sete, descontando a mão machucada de Nola) conseguiríamos encaixá-lo na divisa e prendê-lo entre as duas grandes rochas que flanqueavam a encosta.

— Seja lá o que você estiver pensando, a resposta é não — disse Bridget.

— Eu vi esse tronco no sonho. Minha mãe me disse para construir uma ponte.

— Acredito em você, Wolf — disse Bridget. — Mas não.

— É nossa única saída — falei.

— O que mais você sonhou?

— Byrd me disse para procurar um pinheiro.

— Para fazer a ponte?

— Não, outro pinheiro. Eu estava sozinho perto de uma chapada sem vegetação.

— Você acha mesmo que é nossa única chance? — perguntou Vonn, como que para esclarecer.

— Ele disse que era o Caminho.

— O caminho até Lago Secreto? — quis saber Nola. Todos nos viramos para ela. Estava trêmula demais. Tirei minha parca e cobri seus ombros.

— A Estação da Montanha fica para lá — falei, apontando. — Está vendo ali em cima, onde os cumes se conectam? Se pudermos atravessar ali e voltar lá para cima, tenho certeza de que conseguiremos encontrar o caminho de volta, pois vou saber me localizar.

As Devine observaram o ponto onde os cumes se conectavam no alto da encosta.

— Parece que seria fácil chegar até lá — disse Vonn.

— Eu é que não vou me arrastar por ponte nenhuma — disse Bridget.

— A chapada do meu sonho... talvez a gente consiga vê-la de lá de onde os espinhaços se juntam.

— E se descer uma neblina de novo?

— Então vamos esperar que ela suba, mas pelo menos estaremos lá em cima, o que é melhor do que ficarmos presos aqui embaixo.

— Mas não vamos conseguir fazer isso rolar! — disse Nola, apontando para o tronco.

— Olhe para a cruz naquelas duas rochas do outro lado. Se conseguirmos empurrar o tronco juntos, ele vai cair bem ali. Veja. E deste lado ele ficará estabilizado por esta árvore e este rochedo.

— E como ele veio parar aqui? — perguntou Vonn.

— Caiu lá de cima — disse Bridget. — Como nós.

— Talvez tenham sido os cahuilla — disse Nola. — Que fizeram os buracos de almofariz. Talvez estivessem tentando construir uma ponte.

— E por que não construíram então? — perguntou Vonn. — Como eles chegavam até aqui se não tinham ponte?

— E como isso vai aguentar nosso peso? — indagou Nola.

— Esse tipo de pinheiro é bem forte — falei.

— Eu vou esperar aqui. Vocês mandam a equipe de resgate para me apanhar — disse Bridget.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, deixando que o vento arrefecesse nosso medo. Uma desconexão fascinante, porque embora nossa situação demandasse urgência, nossos pensamentos tendiam a vagar, fazer longos desvios em busca da resposta certa.

— E se ninguém estiver procurando a gente? — falei, por fim.

Ficamos de pé, juntos, olhando para o tronco coberto de musgo.

— Ainda que conseguíssemos empurrar esse tronco, eu é que não iria caminhar por cima dele — repetiu Bridget.

— Eu também não seria capaz de fazer isso — admitiu Nola.

— Pensei de a gente se sentar no tronco e ir *se arrastando* por ele. — Como eu e Byrd tínhamos feito na tempestade no Pico do Anjo.

Dois corvos se acomodaram perto de um arbusto mais acima, nos degraus rochosos, e, quando me virei para olhá-los, notei a cavidade profunda da rocha à direita do arbusto de sterasote. Poucas horas antes eu tinha ficado em cima daquela mesma rocha ao anoitecer, recolhendo folhas, mas, olhando-a daquele ângulo novo, percebi que a fissura era tão profunda, que, na verdade, parecia atravessar todo o comprimento da rocha.

Tempo. Talvez tenha sido o balanço rítmico dos galhos de pinheiros que me trouxe à mente um relógio. O sol aparecia e sumia por trás das nuvens, lançando sombras e em seguida ocultando-as com tanta rapidez que logo fiquei tonto. Bati palmas, tanto para chamar a minha própria atenção quanto a das Devine.

— Precisamos decidir. Eu voto para tentarmos fazer a ponte.

— Eu voto para a gente ficar aqui — disse Bridget. — Sem querer ofender seu sonho, Wolf, mas isso é arriscado demais.

— E se ninguém estiver procurando por nós? — perguntou Vonn. — Como Wolf disse.

— A essa altura, eles tem que estar procurando — disse Bridget, com a voz vacilando.

— Olhe ali, Bridget! — falei, apontando para a suave encosta do outro lado. — Podemos estar em casa daqui a poucas horas. Poucas *horas*.

— Você acha sinceramente que eu vou me *arrastar* acima de uma fenda de trinta metros de profundidade?

— Se não fizermos isso hoje — falei, em voz baixa — talvez amanhã não tenhamos mais forças para fazer.

— Vamos tentar — disse Nola. — Vamos, Bridge.

— Precisamos da ajuda de todo mundo para empurrar o tronco — disse Vonn.

Bridget parou, depois olhou para Vonn.

— Acho que mal não vai fazer, colocar o tronco aí. Ver se dá certo — disse ela.

— Então vamos empurrar... e ele vai cair exatamente ali e ali, é isso? — perguntou Vonn.

Assenti. E rezei.

Não perdemos nem mais um segundo: agarramos o enorme pedaço de lenha e, na contagem de três, como se tivéssemos ensaiado e feito aquilo mil vezes, erguemos e empurramos o tronco até que ele ficasse na vertical e em seguida o deixamos cair com o lado do limo para cima ao longo da fenda. O tronco caiu exatamente na cruz e ficou preso no meio das rochas dos dois lados, precisamente onde desejávamos.

Comemoramos por um breve instante e logo partimos para a tarefa seguinte. Reunimos depressa o máximo possível de folhas e ramos de sterasote que dava para guardar em nossos bolsos, para os emplastos de Nola. Avisei às mulheres que a rocha grande e solta poderia quebrar a qualquer momento (ou ficar onde estava por mais mil anos, pois rochas são assim).

Por último, veio a questão da ordem.

— Eu vou primeiro — disse Vonn, tremendo. Sem mais delongas, ela montou no tronco, que oscilou quando ela se inclinou para segurá-lo e ameaçou rolar quando ela pendurou uma perna de cada lado. Até vermos primeiro um e depois o outro chinelo verde cair e flutuar até o fundo invisível da fenda escura, não tinha ocorrido a ninguém que ela deveria tê-los tirado antes de tentar a travessia.— Não olhe para baixo! — gritou Nola.

Vonn acabou olhando, e meu estômago se revirou enquanto eu a observava tentando manter o equilíbrio, oscilante. Fechei os olhos, esperando ouvir a qualquer momento o som de seu corpo se espatifando nas rochas abaixo. Quando abri os olhos, fiquei espantado ao ver que ela estava seguindo em frente, entoando:

— Por favor, por favor, por favor.

Juntei-me a ela, sussurrando:

— Por favor.

Nola também fez o mesmo, e também Bridget, até que nossa prece virasse uma canção. Até os corvos lá em cima calaram o bico para escutar.

Quando Vonn alcançou o outro lado, içou o corpo e desabou sobre a encosta como um naufrago ao chegar numa praia. Com o peito arfante, abalada demais para comemorar, ela acenou enquanto de um lado eu apertava a mão boa de Nola e do outro a mão de Bridget. A bravura de Vonn me inspirou tremendamente.

Depois de vê-la agarrar-se ao tronco e se arrastar para a frente, percebi que Nola não conseguiria se equilibrar com apenas um braço. Sem nenhum motivo especial, confiei que o tronco suportaria o peso de nós dois ao mesmo tempo.

— Venha, Nola — chamei por sobre o barulho do vento. — Vamos eu e você.

Ela ajustou o cantil amarelo na tira que levava ao redor do pescoço enquanto eu subia no tronco, e ficou alarmada ao descobrir que o limo era mais escorregadio do que eu esperava ser. Depois que eu me equilibrei, Nola reuniu coragem e montou atrás de mim, segurando minha cintura com a mão boa como se estivéssemos andando de moto, o cantil amarelo fazendo uma pressão dura em minhas costas.

— Certo — falei. — Um, dois, três. — Porém, quando tentamos nos mexer, nossas forças duais foram grandes demais e só conseguimos quase deslocar o tronco de onde ele estava ancorado nas rochas.

— Eu me mexo — falei para Nola. O vento tinha ganhado força e eu precisei gritar para ser ouvido. — Depois você. — E foi o que fizemos, de modo desengonçado, mas eficiente, até eu parar. Não sei que merda eu fiz, mas mais ou menos na metade do caminho sobre aquele tronco, eu parei e olhei para baixo, e vi lá embaixo, sobre um rio negro de rochas, um dos chinelos verdes de Vonn, e, preso ao chinelo, eu tive certeza, o corpo quebrado de Vonn, ou seria de Byrd? O fato de eu saber que estava alucinando não teve importância.

Perdi o equilíbrio e balancei para um lado e para o outro, levando Nola comigo. Ofegando, endireitei nossos corpos unidos. Então veio a paralisia, não literalmente, claro, mas eu não conseguia seguir

adiante, nem quando Nola me cutucou. Nem mesmo quando ela começou a tremer e apertou meu tronco com tanta força que eu pensei que o cantil fosse fraturar uma de minhas costelas.

Vonn gritou do outro lado.

— Anda, Wolf! — Grudei os olhos nos dela e, em pouco tempo, recuperei o controle sobre meus músculos novamente e comecei a mover-me bem devagar, arrastando atrás de mim o peso trêmulo de Nola.

— Continue, Wolf! Isso! — Agora era a voz da minha mãe. *Glory*. Senti o cheiro de limão de seu spray de cabelo. Eu me concentrei no rosto de Vonn e, quando meus pés encontraram o rígido granito do outro lado, gritei por cima da ventania: — Me ajuda a içar Nola.

Eu me virei para dizer a mulher mais velha:

— Aguenta um segundo. Tudo bem? Se equilibre por um segundo até eu e Vonn conseguirmos tirar você do tronco!

Porém Nola quase caiu assim que eu saí e precisei girar rapidamente para agarrá-la pelo membro mais próximo: seu pulso quebrado. Ela berrou como alucinada, mas eu não a soltei. Vonn a segurou pelo outro braço e nós a puxamos até a segurança da encosta.

Nola tentou recuperar o fôlego enquanto Vonn calmamente recolocava seus ossos quebrados no lugar, e em seguida apertava as talas e curativos improvisados.

Apesar de toda a dor que Nola deve ter suportado, ela nem sequer olhou para o pulso. Não conseguia tirar os olhos da sua filha, que estava parada e aterrorizada do outro lado.

Bridget.

Todos nos viramos para olhá-la, sozinha, do outro lado. Acho que nunca senti tanta pena de alguém quanto senti dela, naquele momento.

— Sua vez, Bridget — gritei para o vento.

— Eu sei! — disse ela.

— Senta na beirada! — gritou Vonn.

— Não consigo! — berrou Bridget, recuando.

— Consegue, sim, Bridget! Você é a que está mais em forma aqui!

Eu estava preparado para voltar me arrastando pelo tronco e levar Bridget comigo da mesma maneira como havia feito com Nola, mas devo confessar que me senti aliviado quando ela começou a caminhar corajosamente na direção do tronco.

— Não olhe para baixo! — gritou Nola.

— Você consegue, Bridget! — berrei.

Ela estava tremendo. Todos nós podíamos ver, mesmo a quase cinco metros de distância.

— Coloque uma perna de cada lado! — gritou Vonn.

Bridget se agachou, focando-se nas instruções da filha.

O vento soprou com força e maldade, invadindo os espaços entre as árvores e as rochas, e nós e a coragem.

— Coloque primeiro a perna esquerda! — gritou Vonn. — Depois a direita. Vá alternando o peso.

— Como se estivesse cavalgando um cavalo! — berrei.

— Ela tem medo de cavalo — disseram Vonn e Nola juntas.

— Como se estivesse andando de bicicleta! — gritou Vonn.

Bridget colocou as pernas uma de cada lado do tronco, transferiu o peso do corpo e finalmente conseguiu ficar apoiada. O vento a empurrava e puxava, mas ela se segurava com força.

— Devagar. Comece devagar! — gritou Vonn. — O vento ficou mais forte!

Surpreendendo todos nós, Bridget enfrentou a ventania e começou a seguir aos pouquinhos para a frente, com firmeza e segurança, os olhos grudados nos de Vonn, exatamente como os meus haviam estado.

O vento nos açoitava de todas as direções. Na encosta, Nola pegou um tronco de pinheiro com a mão boa.

Seguramos a respiração observando Bridget lutar contra o vento e manter o equilíbrio naquele tronco coberto de musgo pendurado sobre o abismo. Eu tinha a sensação horrorosa de que ela iria olhar para baixo e ver os chinelos verdes de Vonn como eu tinha visto.

Ela parou.

Vonn e eu nos entreolhamos.

— O que foi, Bridget? — berrou Nola.

— Formigas — gritou ela em resposta, olhando para o tronco.

Então ela voltou a olhar para nós, e vimos uma família de formigas espalhando-se pelo seu pescoço e bochechas e entrando em seu cabelo.

Ela levou uma das mãos ao rosto. A outra deslizou sobre o limo aveludado e ela balançou, e em seguida seu desequilíbrio só aumentou quando ela quase foi arrancada para fora do tronco por um vento desgarrado que atravessou o desfiladeiro. Ela conseguiu recuperar o equilíbrio, mas apenas em parte, e assistimos ao seu pânico quanto ao que fazer em seguida, ciente de que as formigas estavam andando pelas suas costas e ombros.

— Para a frente! — gritamos, mas Bridget começou a arrastar-se para trás, pois isso deve ter lhe parecido mais seguro, e então tirou as pernas do tronco e atirou-se no arbusto do outro lado, longe da beira do precipício, para bater nas formigas até matá-las.

O vento atravessou o desfiladeiro com força, deslizou em torno das árvores e correu em nossa direção com surpreendente força e velocidade. Eu não pude evitar deixar de levar aquilo para o lado pessoal.

Bridget virou-se para o céu cinza-escuro enquanto nós três, parados do outro lado da Divisa das Devine, voltamos a cabeça para olhá-lo também — pois todos nós tínhamos ouvido aquilo, o som inconfundível de um helicóptero.

Eu tinha certeza de ter visto a silhueta das hélices abrindo caminho pelas nuvens. Eu me lembro até de ter apontado. Vonn e Nola correram os olhos pelo céu enquanto o vento nos empurrava por trás, quase nos fazendo cair da laje de pedra. Bridget abriu a boca para os céus e berrou, um som primitivo, diferente de tudo o que eu ouvi antes ou depois, um uivo arrancado das profundezas de seu medo, tristeza, raiva e arrependimento. Foi um dos sons mais tristes que já escutei. Segurei a respiração com medo de um desmoronamento das rochas, que não aconteceu.

Em vez disso, os céus se abriram e a chuva despencou sobre nós. Finalmente. Um dilúvio sem aviso — bem, claro que houvera vários avisos, mas todos nos pareceram alarmes falsos. A chuva pareceu vir em resposta ao grito de Bridget, e foi torrencial, uma bênção e uma maldição. Colocamos as línguas para fora para apanhar as gotas gordas e sugamos o líquido frio que coletávamos com as mãos em concha. Mostrei às mulheres como lamber a água da chuva que rapidamente se reunia nos buracos das rochas.

Do outro lado da divisa, Bridget aplacava sua sede enquanto a tempestade rugia, os trovões estouravam ao redor, relâmpagos entrecortados rasgavam o céu.

— Para baixo! — gritei, mandando Nola e Vonn se agacharem no arbusto longe da beira do precipício. A última coisa de que precisávamos era ser atingidos por um raio.

Todo mundo sabe que não se deve ficar embaixo de uma árvore durante uma tempestade, mas nosso instinto de encontrar abrigo deve ser maior que nosso medo de raios, porque é a primeira coisa que muita gente faz. Quando o céu se incendiou com relâmpagos cortantes, Bridget foi direto buscar a proteção de um pinheiro.

— NÃO! — berrei.

Ofegante, em pânico, ela olhou ao redor, viu o arbusto de sterasote e pensou em se abrigar na rocha sob seus galhos expansivos. A chuva tinha vindo com força e depressa, e nada, com exceção de terremotos e avalanches de pedra, é capaz de deslocar rochas soltas como um temporal. Porém, não foi a

rocha que tinha uma gigantesca fissura que se soltou. Foi a rocha maior acima dela, que rolou pela encosta e bateu numa rocha ao lado daquela que apoiava a rocha que ancorava o tronco disposto sobre a fenda. Contei quatro segundos e ouvi o som da madeira se espatifando lá embaixo, um som que me deixou nauseado de um jeito inacreditável.

Bridget. Ah, Bridget. Ela estava parada do outro lado do imenso buraco, que tinha uns quatro metros e meio de comprimento, mas que podia muito bem ter dois quilômetros.

— A gente vai encontrar outro tronco, Bridget! — gritou Vonn. — Não se preocupe!

O olhar no rosto de Bridget... dói só de lembrar.

Nola estava sem fala. Seus olhos grudaram nos da filha.

— Vamos dar um jeito! — berrei.

Foi aí que eu me lembrei de que, embora Nola estivesse levando o cantil numa correia ao redor do pescoço, tínhamos deixado o poncho vermelho-sangue no arbusto perto da caverna para coletar água da chuva.

— O poncho! — gritei para Bridget. — Está lá na caverna! — Levantei o cantil amarelo para o alto. — Vou atirar isto para você enchê-lo de água.

Um raio capturou instantâneos de Vonn e Nola, encharcadas, tremendo, agarradas uma à outra e à rocha. Eu me agachei e fui me arrastando para a beirada do precipício, preparando-me para atirar o cantil amarelo para o outro lado do abismo.

Talvez eu devesse ter esperado até a tempestade acabar, mas não sabíamos quanto tempo mais ela duraria e precisávamos coletar a água da chuva. Segurei o cantil, esperando que o vento diminuísse um pouco.

— Não tente agarrar o cantil — gritei para Bridget por cima do barulho da chuva.

Bridget assentiu, mas apesar disso ela ficou com as mãos a postos, preparadas.

— Não pegue o cantil, Bridge! — gritou Nola.

Bridget assentiu de novo, mas levantou as mãos mais uma vez quando eu me preparei para atirar o cantil.

— Coloque as mãos nos bolsos, Bridge! — berrou Nola.

Bridget enfiou as mãos nos bolsos.

— Vou atirar o cantil nos arbustos — gritei. — Está bem? Deixe que ele caia lá!

Bridget ficou perto de um galho de árvore para que o vento não a soprasse para longe.

— Recue para longe da beirada, Bridget! — berrei, por cima da tempestade.

— Para trás! — gritou Nola.

— Vocês estão assustando ela! — ralhou Vonn, brava.

Um relâmpago ofuscou nossa visão e foi seguido de um estrondo aterrorizante de trovão. O vento estava soprando a uma velocidade de uns cem quilômetros por hora, fácil. Já vi ventanias como aquela arrancarem lâminas de metal e dobrá-las como se fossem origamis. Já vi ventanias como aquela arrancarem do chão um barracão de alumínio e o atirarem longe. Eu não queria ver o que aquele vento faria com a magreza de Bridget Devine.

Atirei o cantil. Bridget, como instruído, não tentou pegá-lo — nem mesmo quando ele se desviou dos arbustos onde deveria cair, aterrissou perto das mãos dela e, em seguida, foi soprado na direção do espinhaço.

Todos nós prendemos a respiração quando o cantil caiu na fenda e soltamos o ar com alívio quando a correia ficou presa numa pedra em formato de cabeça de flecha que se projetava mais abaixo da borda recortada do buraco.

— Você precisa pegar o cantil, Bridge! — berrou Nola.

— Você vai ter de *esticar o braço*, Bridget! Vai ter de esticar bastante! — gritei, por cima do estrondo do trovão.

A chuva chicoteou o rosto de Bridget quando ela se afastou da laje de pedra balançando a cabeça teatralmente.

— Deite de bruços, Bridge! — berrou Nola. — Não olhe para baixo! É só não olhar para baixo!

— Você consegue, Bridget! — gritou Vonn na chuva congelante.

O vento girava o cantil para um lado e para o outro, soltando aos poucos a correia de onde estava presa ao gancho úmido da rocha.

— Por favor, Bridget! Precisamos do cantil! — berrei.

Eu não precisava imaginar o terror que Bridget sentia. Eu o sentia dentro de mim mesmo ao vê-la se ajoelhar no trechinho enlameado do outro lado da fenda e rastejar sobre as rochas, em direção à borda amedrontadora. Por fim ela esticou o braço, fechou os olhos e tateou às cegas em busca da correia.

— Mais para baixo! — gritei, por sobre a chuva.

— Para a esquerda! — bradou Nola, por sobre o trovão.

— A *sua* esquerda! — berrou Vonn, por sobre a ventania.

Bridget esticou mais o braço para baixo, os dedos fazendo grande esforço, e por fim prendeu a correia de couro do cantil amarelo entre o polegar e o indicador. Porém, assim que agarrou a correia, ela deslizou de novo. Aquilo se repetiu por um longo e doloroso tempo — Bridget quase apanhando o cantil e o perdendo em seguida.

— Você vai ter de abrir os olhos, Bridget! — gritei. — Vai ter de olhar para baixo!

Bridget se aproximou alguns centímetros mais do buraco, tanto que do ângulo onde estávamos, parecia que ela iria tombar para dentro das profundezas. Seguramos a respiração enquanto os dedos de Bridget se esticavam lentamente em direção à correia de couro. Até que, finalmente, ela conseguiu segurá-la com força.

Quando Nola, Vonn e eu vimos que Bridget tinha recuperado o cantil amarelo, soltamos vivas e pulamos de felicidade sob a chuva torrencial, e não acreditamos quando um segundo mais tarde, ao olhar para o outro lado da fenda, vimos Bridget deixar o cantil cair.

A correia estava escorregadia. A mão de Bridget, molhada. Ela pensou que a correia estivesse segura, mas não estava — um simples erro de cálculo. Com consequências fatais. A correia deslizou de sua mão, o cantil amarelo caiu, e a única coisa que pudemos fazer foi assistir impotentes, sem ação, o vento guloso subir do chão do desfiladeiro e atirar o cantil contra a rocha e depois para longe de nossa vista para todo o sempre.

Bridget recuou da beirada e se levantou, e todos nos entreolhamos durante um minuto em câmera lenta, chocados, talvez um pouco amedrontados, com a calma dela. Então a chuva parou. O dilúvio não foi diminuindo de intensidade: simplesmente parou.

As nuvens de aço ainda eram ameaçadoras, mas estávamos agradecidos pela chuva forte ter dado trégua.

— Bridget! — gritei. — Você precisa pegar o poncho antes que o vento o leve embora! Beba o que estiver no capuz!

Paramos um instante, eu e Bridget, para nos olharmos àquela distância antes de ela se virar e sumir por entre os arbustos. Um acordo fora selado ali; eu só não sabia o que era.

Vonn estava encharcada, tiritando de frio.

— Eu ainda estou com muita sede.

— Procure nas pedras, aqui e ali. — Apontei para a água nos sulcos do granito. Nola precisava de ajuda para se levantar, além do apoio, meu e de Vonn, para se inclinar e beber. — Beba o máximo que puder. Não sabemos quando teremos água de novo.

Assim fizemos durante algum tempo, lambendo a água das rochas como animais, e, eu me lembro de ter pensado, como um rebanho de Devines — ou uma *alcateia* de Devines. Uma *bênção* de Devines? Minha barriga começou a se contrair por ter bebido tanto daquela água suja e parei de beber, implorando a Deus

que me deixasse manter o líquido dentro de mim, embora eu já o sentisse subindo pela garganta.

Nola tremia vigorosamente, por isso eu a ajudei a se acomodar sobre uma pedra e depois tirei minha parca e a usei para cobrir os ombros dela. Próxima parada: hipotermia.

Vonn ainda estava focada no outro lado da fenda.

— Onde ela está?

— Bridget! — gritei. — BRIDGET!

Nenhuma resposta.

Fiz sinal para que Vonn me encontrasse num ponto onde Nola não pudesse nos ouvir.

— Não temos muito tempo, Vonn — sussurrei. — Precisamos levar Nola a um médico.

— Eu sei — disse Vonn.

— Ela precisa vir com a gente — afirmei, esfregando os braços para me aquecer.

— Não podemos deixar Bridget aqui sozinha!

— Ela vai ficar bem. A equipe de resgate da montanha virá buscá-la. — Eu de fato acreditava naquilo.

— Quanto tempo isso vai demorar?

— Algumas horas. Depende de onde os montes se conectam. Dali parecia fácil. Duas horas e estamos na Estação da Montanha, acho, mas vamos topiar com algum montanhista bem antes disso.

Comecei a subir a encosta.

— Você está indo embora?

— Só vou subir para dar uma olhada e ver onde os cumes se conectam. Volto daqui a pouco.

— Ela odeia ficar sozinha — disse Vonn, virando-se para esperar a volta de Bridget. — Não posso deixá-la aqui.

— Preciso que você ajude a Nola — falei. — E se ela desmaiar? Vonn, não vou conseguir fazer isso sozinho.

Nuvens escuras passavam depressa acima de nós enquanto eu olhava rapidamente em torno, preocupado por não haver nenhum abrigo da chuva caso ela voltasse a cair.

— Vou até lá em cima para averiguar. Só isso. Volto num instante. — Minha língua estava enrolada, o que me fez lembrar meu pai. — Você precisa pedir para Nola ficar preparada para irmos. E diga a Bridget para reunir umas pedras.

— Por quê?

Não respondi.

Vonn foi para o lado de Nola esperar e deixou que a avó a abraçasse, tomando cuidado com o pulso quebrado.

— Bridget! — gritou Vonn, pela divisa.

— Bridget! — gritou Nola. — Bridge!

Deixei as duas e subi a encosta, sentindo uma onda de endorfina. Estávamos a apenas uns quatro quilômetros da Estação da Montanha, logo aquela provação chegaria ao fim. Em minutos eu teria uma visão mais clara do caminho por sobre o cume que nos levaria até o ponto de onde tínhamos deslizado. Talvez fosse uma caminhada fácil; talvez encontrássemos até uma trilha marcada.

Não subi a chapada; voei. O ar cheirava a vegetação e cítricos por causa da chuva. Eu me sentia repleto de gratidão.

Ofegante, cheguei ao topo e desejei ter uma bandeira para colocar ali, além de alguém ao meu lado. A vista não era de Palm Springs. Não era da Vila de Lata. Nem do Lago Salton. Não: havia pinheiros pontudos até onde o olho alcançava erguendo-se das pedras de granito, que, quanto mais eu olhava, mais começavam a se transformar em rostos cinzentos irritados.

E foi o que fiz. Por um longo tempo. Fiquei olhando para aquelas sinistras florestas e rochas brancas deslizantes. Olhando para os galhos gesticuladores do exército de pinheiros. Com o que eles estavam irritados? Quem tinha sido enganado era eu. Depois de todo o esforço e risco tentando atravessar a

Divisa das Devine, eu não conseguia aceitar o que estava vendo com os meus dois olhos. Os cumes não se conectavam.

O pico rochoso onde estava a encosta era separado do outro onde estava a caverna. A junção entre eles não passava de ilusão de ótica. Não havia jeito de voltarmos ao lugar onde estivéramos antes do deslizamento rochoso, nenhum caminho de volta até a Estação da Montanha, simplesmente nenhum caminho de volta — apenas adiante, para a colmeia do Desfiladeiro do Diabo, para cima, para baixo e ao redor até chegar... aonde?

Bridget estava presa, e, mesmo que continuássemos em frente sem ela, Nola e Vonn e eu, o único caminho para diante parecia levar à ruína. Tínhamos arriscado a vida para atravessar a fenda, e agora parecia que estávamos em situação pior ainda que antes; muito pior. Precisei rir, e ouvi Byrd rindo comigo. Porque era ridículo, e sempre achamos as coisas ridículas hilárias.

Quando terminei de rir, eu me agachei e olhei para o horizonte, e foi então que vi o pinheiro solitário — a árvore que Byrd me mostrara no sonho. E, mais além, a chapada expansiva que ele descrevera. O som de algo chapinhando me confundiu. Eu me virei, vi Vonn subindo a encosta com suas meias de lã ensopadas e me apressei a oferecer-lhe a mão e ajudá-la a subir até o alto da chapada. *Déjà vu*.

— Meus pés estão me matando — disse ela, parando então para apreciar a vista.

Quando lágrimas apareceram em seus olhos, eu não soube de início se era por causa de Bridget, da dor nos pés, da emoção ante a beleza da montanha ou por ter visto o mesmo que eu vi.

— Eles não se juntam — disse ela. — Os cumes não se conectam.

— Não. Mas olhe — falei, apontando cheio de esperança para o pinheiro solitário distante. — Exatamente como no meu sonho. O pinheiro solitário. Byrd disse que o caminho era aquele.

Vonn estreitou os olhos para mim.

— Deve existir uns cem pinheiros solitários nessa floresta.

— É o único caminho que temos, Vonn — falei, apontando as trágicas circunstâncias das rotas alternativas. — Portanto é o caminho. Entende?

— E Bridget?

Eu não tinha resposta.

— Não posso deixar Bridget aqui.

— Não podemos ficar. Precisamos levar Nola ao hospital. Não podemos apostar que ela vai continuar a se recuperar.

— Então continue sem a gente.

Não era uma opção.

— Vá e traga ajuda — incitou Vonn, enquanto observamos o vento afagar o topo das árvores.

— Não há tempo — falei. — Pode levar horas até eu encontrar ajuda e depois voltar. Ela precisa de um médico. Agora.

— Bridget está presa do outro lado. Mim está... com aquele braço... Não posso, Wolf. De que jeito? Veja só meus pés. Agora eu não tenho mais nem aqueles chinelos idiotas!

Então eu me sentei sobre uma pedra e puxei Vonn, para que se sentasse ao meu lado.

— Odeio esse vento — disse ela.

Eu me ajoelhei na frente dela e desenrolei as meias de lã ensopadas. Não queria que Vonn olhasse para seus próprios pés, portanto fiquei olhando nos olhos dela e cantarolando a canção “Against the Wind”, de Bob Seger, para distraí-la.

— Odeio essa música.

Frankie costumava cantar essa música a plenos pulmões na cozinha. Errei a letra de propósito para divertir Vonn.

— Pare — disse ela, sorrindo. — É sério, eu odeio mesmo essa música.

Tentei, eu também, não olhar para os pés de Vonn, mas olhei, e me arrependi de ter olhado, e continuei

cantando para esconder minha preocupação. Tirei depressa minhas botas quentes e enfiei os pés dela no acolchoamento interno de *fleece*, e com dificuldade amarrei os cadarços com meus dedos desajeitados e frios.

— E você? — Ela olhou para os meus pés enquanto eu torcia as meias de lã.

— Estou morrendo de calor — respondi, e ela riu. — Tudo bem. Estou acostumado com o frio. Quando as meias secarem, eu vou calçá-las.

— Só um pouquinho, está bom? — disse ela, tiritando. — Vou usar suas botas só um pouquinho.

Caminhar descalço naquele terreno teria sido um desafio mesmo nas melhores circunstâncias. As pedras eram duras, afiadas e frias, e meus pés já estavam machucados e doloridos. A única coisa que eu podia fazer era rezar para que eles continuassem congelados e eu não tivesse de suportar a dor excruciante do degelo.

Andando atrás de mim com minhas botas de trilha, Vonn mais parecia uma criança com os sapatos do pai. Senti pena, enquanto descíamos de novo a encosta, das crianças solitárias, dos dedos congelados, de Nola e de Bridget, sozinha e com medo do outro lado da divisa.

Vonn ficou aliviada ao ver que Bridget tinha reaparecido. Ela estava usando o poncho vermelho-sangue de Nola e tinha se empoleirado numa rocha a alguns centímetros da beirada da fenda.

— Está tudo bem? — gritei.

Bridget acenou.

— Ela perdeu a voz — disse Nola.

— Você bebeu bastante água? — gritei.

Ela assentiu, depois apontou para a encosta atrás de mim, parecendo vagamente esperançosa.

— Não se juntam — gritei. — Essa encosta não se junta com o outro pico. Não é o caminho de volta.

Bridget fez que não, em protesto.

Gritei:

— Parece que se juntam, mas não! Vamos ter de dar outro jeito!

Ela me olhou nos olhos, do outro lado da fenda.

— Vamos levar você para casa! — berrei. — Eu prometo, Bridget!

— Não vou deixar ela sozinha — disse Nola. — Vamos pegar outro tronco. Fazer outra ponte.

— Não há tempo.

Senti um leve odor de carne apodrecida quando Nola me olhou fundo nos olhos. Havíamos tido certeza de que o emplastro de sterasote salvaria sua vida, mas fôramos tolos de esperar por um milagre.

— Vá com Vonn — disse ela. — Eu fico aqui com a Bridget.

Segurei suas faces frias com as duas mãos.

— Vamos ficar bem, Sra. Devine. Vamos conseguir sair dessa.

Ensopada, tremendo, Nola disse, resoluta:

— Não vou deixar a minha filha.

— A senhora precisa fazer isso.

Bridget, do outro lado da divisa, balançou os braços. Finalmente, quando chamou nossa atenção, ela bateu os pés com raiva. *Vá!*, sussurrou sem som, apontando para a encosta. *Vá com eles!*

Nola gritou para ela, com voz rouca.

— Eu não vou embora!

— Eu também não! — gritou Vonn.

Bridget, encolhida e tremendo, apontou calmamente para a encosta. *Vá!*, sussurrou sem som, de novo. *Por favor.*

Tive um fortíssimo *déjà vu* quando vi Nola, ao meu lado, levar a mão ao coração. Vonn pegou a deixa e também levou a mão ao peito. Do outro lado da fenda, Bridget fez o mesmo. Eu não tinha ideia de que outras pessoas faziam aquele mesmo gesto. Levantei a mão ao peito e pousei a palma sobre o lugar onde

a coruja tatuada guardava Byrd, Glory, Frankie e, agora, Nola, Bridget e Vonn Devine.

O rosto de Nola se iluminou quando ela apontou para o horizonte com a mão trêmula.

— Um arco-íris.

Vonn soltou um suspiro feliz: mesmo *naquele momento*, mesmo *ali*.

Bridget não se virou para olhar.

— É um sinal! — gritou Nola por sobre o vento, quando o arco-íris desapareceu.

— Não estou nem aí para o arco-íris! — guinchou Bridget, com voz rouca, mas a palavra “sinal” pareceu intrigá-la. Ela estava prestes a virar-se para ver o arco-íris quando Vonn levantou a mão trêmula para apontar outra coisa.

O coioote estava agachado perto do arbusto de sterasote, a mais ou menos cinco metros de Bridget. Não sei quanto tempo fazia que ele estava ali, na direção do vento, de modo que eu não havia podido sentir o cheiro.

— Bridget — falei, calmamente. — Atrás de você.

Então eu me levantei de um pulo, brandindo o punho para o espaço entre o coioote e eu.

— XÔ! — berrei.

Do outro lado da fenda, Bridget encarou o coioote.

— Não. Corra. Bridget! — gritei sem entonação. — Não. Corra. Só se for para correr *na direção* dele.

Bridget só conseguia olhar o animal agachado, que balançava os quadris. Percebi que ela queria sair correndo.

— Não, Bridget!

— Não corra! — gritou Nola.

— Não corra! — berrou Vonn.

Bridget correu. Correu o mais rápido que pôde, berrando silenciosamente, e o coioote a perseguiu pelo arbusto denso da formação rochosa. Ouvi o som de galhos e gravetos se quebrando.

O coioote uivava. Bridget não conseguia berrar, mas soltava guinchos com a voz falha. Era um dueto assombrador.

Então o animal ficou em silêncio. Nenhum de nós respirava. Até mesmo o vento parou para descobrir que diabo tinha acontecido entre a mulher perdida e o coioote faminto. Imaginei o animal com o pescoço de Bridget entre as mandíbulas, chacoalhando seu corpo de boneca de trapo, e contive a ânsia de vômito. Não sabia o que Vonn e Nola estavam pensando ou fazendo; não conseguia olhar para elas também. Simplesmente fiquei ali, imóvel, xingando.

Nola pigarreou, tentando encontrar a voz.

— Bridget? — gritou ela, por fim, com autoridade. — Bridget Devine, responda! — Seu tom dizia: “Eu não vou ficar aqui parada vendo você ser morta e devorada por um coioote, mocinha!” — Bridget!

Esperamos. Um relâmpago iluminou o céu a leste. Outro sinal. Observei as formações rochosas, rezando para Bridget aparecer, mas sempre que eu fechava os olhos, era assaltado pela imagem do coioote estraçalhando as tripas dela e emergindo com tiras retorcidas de intestinos quentes entre as presas. Já podia até sentir o cheiro do sangue.

Não consigo descrever direito o que aconteceu em seguida porque eu tinha me dobrado ao meio para vomitar água suja de chuva. Com o canto do olho, vi um enorme pássaro vermelho eclipsar o sol. Ouvi o barulho de rochas se chocando atrás de mim e, quando me virei, fui obrigado a piscar várias vezes, porque Bridget, impossivelmente, estava *ali*, equilibrada de um jeito desajeitado na encosta, com o poncho vermelho-sangue de Nola. Ela tentou falar, mas continuava sem voz.

Nós três ficamos ali parados olhando para Bridget, que estava corada e confusa, e tão espantada quanto nós de estar viva. É difícil imaginar que ela fez o que fez sem a ajuda de uma intervenção divina.

Vonn abraçou Bridget primeiro e quase a derrubou, depois Nola, depois eu. Nós três nos abraçamos ferozmente, mesclando nosso suor, imundície e carne, mas apenas por um instante. O coioote ainda era uma

ameaça.

— Não tenho nenhuma lembrança. Dali para aqui — rouquejou Bridget, olhando para o outro lado do abismo.

Todos nos viramos bem a tempo de ver o coioote saltar com um arco gracioso. Dei um passo para a frente quando o animal aterrisou na encosta, poucos metros acima de nós, mas ele desapareceu antes mesmo que eu tivesse a chance de protestar.

NAQUELE DIA, o terceiro dia em que estávamos perdidos, não relembramos o inacreditável salto de Bridget sobre a fenda de cinco metros. Sequer mencionamos como tinha sido milagroso. Tão logo ela se juntou a nós, passamos para a tarefa seguinte, subir a encosta para alcançar o alto da chapada, de onde poderíamos encontrar um caminho que levasse até o distante pinheiro solitário.

Também não falamos sobre a perda do cantil amarelo enquanto nos arrastávamos encosta acima, Vonn desajeitada com as minhas botas e eu carregando Nola, quase um peso morto.

— Está indo bem, Sra. Devine — falei.

— Nola — disse ela, rindo, com a voz rouca.

— Está indo bem, Nola.

— Estou com um bom pressentimento — disse Bridget.

— Eu também — menti.

Quando chegamos ao platô, apontei para o pinheiro solitário.

— Olhem! Vejam o pinheiro! — gritei por sobre o vento.

— E a chapada! — gritou Bridget.

— Estou vendo! Lá tem espaço suficiente para um helicóptero pousar — disse Vonn, virando-se e sorrindo para a mãe.

Bridget, ainda empolgada com seu salto sobre a fenda, sorriu de volta e começou a procurar pelos desfiladeiros esburacados o melhor caminho para chegar ao nosso destino.

— Não é a coisa mais milagrosa, isso? — disse Nola, baixinho, com a esperança enchendo-a de vida novamente.

Alguma coisa me incomodava — a verdade, supus, já que o pinheiro solitário era uma árvore qualquer, e a chapada, igualmente outra ilusão, além de o ar ainda não estar estável o bastante para um resgate por helicóptero.

— O que você acha, Wolf? — perguntou Nola.

Comecei a conduzir as Devine em direção ao pinheiro solitário, um lugar profetizado para mim por uma aparição em um sonho.

Pouco depois, Nola parou e se encostou em uma pedra achatada e comprida.

— Estou congelando. Podemos descansar um pouco?

Todos paramos.

— Estou congelando — repetia ela, enquanto nós quatro nos abraçávamos novamente para compartilhar o calor de nossos corpos.

Foi um sinal para o sol. Eu sei que parece estranho, mas foi o que aconteceu. O sol irrompeu, levando embora a cortina de nuvens, esquentando nossos corpos congelados e salvando nossa alma.

Nola virou o rosto na direção do sol.

— Podemos ficar aqui mais um pouquinho?

— Precisamos — respondi. — Não haverá sol assim que chegarmos lá embaixo. Será um frio do diabo. Temos que nos secar agora, enquanto podemos.

Sentamos na pedra quente, encostando-nos um nos outros para nos apoiar.

— É tão bom. — Vonn abriu o zíper do casaco e o estendeu em uma pedra para secar. Nola, Bridget e

eu fizemos o mesmo.

Vonn. Eu me lembro de olhar para ela naquele momento, Vonn Devine com seu rosto sujo de terra, o cabelo desgrenhado e os olhos cheios de crostas. Nossos dias perdidos nas montanhas não tinham diminuído sua beleza, e a traição dela, a *nossa* traição, com a barrinha de cereal havia nos conectado inextricavelmente.

O som que então ela começou a fazer mais parecia um murmúrio que um cantarolar, mas reconheci a música de Bob Seger que eu tinha cantado para ela. Ela olhou para mim e viu que eu a estava encarando.

— O que foi?

— Achei que você odiasse essa música.

— Pip nunca gostou de Bob Seger — disse Nola.

— Ele estaria orgulhoso de você — falei, surpreendendo a mim mesmo.

— Pip? É?

— A senhora é durona, Sra. Devine.

— Nola — disse ela. — Por favor.

— Nola — falei.

— É bom isso, um homem me chamando pelo primeiro nome — disse ela. — Pip me chamava de Noli.

— Eu não conseguiria fazer o mesmo — falei.

— Eu não polvilhei as cinzas dele no lago.

— Tudo bem, Mim — disse Bridget.

— Pip teria achado aquilo bem legal. O lance dos coiotes e tudo mais — disse Vonn.

— Também acho — disse Nola.

— Melhor que o lago.

— Acho que sim. Só que não tivemos um momento a sós com ele. Nós devíamos ter tido esse momento.

Ficamos quietos por algum tempo, ouvindo o vento, e então Vonn começou a cantar a música de Seger com uma voz rouca e sussurrante. Eu me juntei a ela com minha voz desafinada, e, por último, Nola cantou também, ofegante, mas perfeitamente no tom. O som devia ser terrível, mas, para nós, éramos um coral de igreja cantando para Patrick Devine.

Estava muito divertido, cantar aquela música juntos, e fiquei irritado, acho que todos ficamos, quando Bridget interrompeu para pedir silêncio, apontando para o céu. Porém, dessa vez, ela não tinha ouvido um helicóptero. Parecia mais um avião. Nós ouvimos também. Parecia exatamente o som de um avião a hélice.

— Parece um avião — falei. Eu sabia que a equipe de resgate da montanha tinha aviões a hélice. *Obrigado, Deus.*

— Talvez eu tenha errado a parte do helicóptero — Bridget se esticou para sussurrar.

Aviões não podiam voar tão baixo quanto helicópteros, mas poderiam nos avistar se estivessem à procura. Começamos a gritar todos juntos:

— Socorro! Aqui! Aqui embaixo!

Então, tive uma ideia.

— O poncho! Estenda-o como um alvo.

Bridget tirou o poncho e o estendemos no meio de uma rocha para que ele fosse o centro do alvo.

O zumbido constante do motor foi se aproximando, e começamos a gritar de novo:

— Aqui! Aqui! Aqui!

Fizemos isso por mais tempo do que seria de se imaginar, dada a quantidade de vezes que já tínhamos sido enganados pelo vento. Até que, por fim, nossas gargantas se cansaram.

Nola então se deitou na pedra aquecida pelo sol e olhou para o céu. Um a um, nós nos deitamos ao lado dela, um ao lado do outro, para que pudéssemos descansar enquanto esperávamos avistar o avião de

resgate que, ainda estávamos convencidos, apareceria, de trás do pico mais próximo.

O tempo — descarado, insuficiente, incoerente — passou. O som do avião morreu, ou mudou de tom. Eu não saberia dizer quanto tempo se passou entre nossa alegria e nossa rendição.

— Era o vento — concluí, estupidamente.

— O vento — disse Bridget em concordância.

— Precisamos ir — falei, vendo meus pés se firmarem no chão antes de desmoronar de novo em cima da pedra quente, ao lado das Devine.

Como eu iria caminhar sem sapatos, botas ou até mesmo chinelos para proteger os pés? Como iria sair daquele lugar? Estava tão quentinho. Estávamos tão cansados.

Eu sabia que seria loucura ficar lá. Eu estava exausto, desidratado, faminto, mas tínhamos que continuar, ou Nola morreria.

— Ainda não — disse Nola.

— Já estamos secos. — Reuni bravamente forças o bastante para me sentar de novo. — Quanto mais cedo formos, mais rápido acharemos algo comestível ou talvez um córrego.

— Eu vou ficar aqui — disse Nola. — Não sei onde vou achar forças para continuar.

— Não diga isso.

— Talvez tenha chegado a minha hora, Wolf.

— Ainda não.

— Não vou sem você, Mim — disse Vonn.

Bridget assentiu em concordância.

— Nós vamos achar comida, Sra. Devine — incentivei.

— Podíamos ter comido aquela barrinha de cereal — disse Bridget com um sussurro forçado.

— Bridget! — esbravejou Nola.

Bridget avançou em minha direção com raiva. Eu a segurei.

— A culpa é sua! — disse ela, irritada.

— Bridget! — gritou Nola.

— A culpa é toda sua!

Eu me afastei. Talvez Bridget estivesse certa.

— A gente se perdeu por sua causa. Você obrigou ela a comer a barrinha!

— Não! — Vonn levantou-se da pedra. — Ele não me obrigou a nada.

Vonn ficou em pé entre nós dois, com minhas enormes botas de trilha e, enfiando a mão no bolso fundo da sua calça, retirou um retângulo embrulhado em papel alumínio. Uma das barrinhas de cereal. Era outra das barrinhas de cereal. Aquilo foi como um soco no estômago.

Esperei um momento até Vonn conseguir falar.

— Esta é a única que sobrou. Eu comi a outra barra inteira no primeiro dia. E também bebi a água. Toda.

Olhávamos fixamente a embalagem prateada na mão imunda de Vonn. Uma sombra escureceu a prova do crime: olhamos para o alto e vimos três enormes pássaros pretos sobrevoando bem acima de nós: três, onde antes houvera apenas dois. Não sei se as outras acharam isso estranho.

Se gritamos com a Vonn? Se a repreendemos? Se a estrangulamos? Não. Ficamos lá sentados, em choque. Vonn soltou um suspiro profundo, então murmurou algo que achamos ser um pedido de desculpa. *O que ela havia dito?*

— Eu estou grávida — repetiu Vonn. Então disse mais uma vez, caso ainda houvesse alguma confusão. — Vou ter um bebê.

Emudecidos pela primeira confissão, aturdidos pela segunda, nós vimos Vonn abrir a embalagem prateada. Eu pude sentir o cheiro; canela e aveia, açúcar mascavo. Ela dividiu a barrinha em três pedaços iguais e entregou um para Nola, um para Bridget e, por fim, um para mim.

— Desculpem — disse Vonn, sem conseguir nos olhar nos olhos. — Eu estava vomitando tanto e estava tão preocupada com o...

Nós, todos nós, devolvemos nosso naco para Vonn. Seria de imaginar que Vonn os recusaria, mas ela pegou os pedaços de volta, um a um, e os engoliu todos.

— O pai sabe? — disse Bridget com voz meio rouca, depois de um longo tempo.

Yago veio à minha cabeça novamente. Ele já tinha tido seis filhos até aquele momento. Não seria isso supercondizente com a minha sorte?

Vonn balançou a cabeça.

— Eu não quero falar sobre isso agora.

— Você sabe quem é o pai? — disse Bridget, esticando-se para falar.

— Você está mesmo me perguntando isso?

Eu tinha pensado a mesma coisa.

— Eu sei quem ele é. Só não lembro o nome dele — disse Vonn. — Não tenho certeza se eu cheguei à perguntar o nome dele.

Nola fez *tsc, tsc*.

— Eu mal me lembro da aparência dele — continuou Vonn

— Você não ligou para a aparência dele? — Bridget estava chocada.

— Eu estava me sentindo péssima naquela época. Obviamente.

— Em geral nesses casos eu recorro a palavras cruzadas — disse Nola, sem emoção. — Você podia tentar também crochê. Eu poderia ensinar você a fazer luvas.

— Você está bem? — perguntei. Vonn apenas olhou para mim. — Quer dizer... tudo parece normal?

— Acho que sim — disse ela. — Estou com fome.

Nola sorriu, apesar da dor.

— Espero que seja uma menina, Vonn. Ou um menino.

— Você vai dar uma ótima bisavó, Mim — disse Bridget. Ela parecia não ter se dado conta de que seria avó.

Exausta, Vonn sentou-se em uma pedra ao meu lado. Eu me virei e olhei para seu corpo. Ela não parecia grávida.

De repente comecei a achar que ela pudesse estar mentindo. Ela já havia mentido sobre a comida e a bebida.

— Quão grávida? — perguntei.

— Primeiro trimestre — disse Vonn.

Eu não sabia o que isso queria dizer e tive vergonha de perguntar.

— Podemos descansar só mais um pouco? — pediu Nola.

Nós nos deitamos na pedra novamente, observando os pássaros dando voltas acima de nós.

Vonn se virou para mim e falou baixinho.

— E se não conseguirmos?

— Vamos conseguir — falei.

— Mas e se não conseguirmos?

Eu não tinha nenhuma resposta.

— *Três corvos* — disse Nola, distraidamente. — Antes tinha dois. Não eram dois corvos antes?

Eu não disse a Nola que aqueles pássaros pretos não eram corvos.

DEITADOS SOB o sol quente, devemos ter caído no sono, pois um barulho me acordou — um som cortante e estridente, metal contra metal, um zumbido de motor de quando alguém tenta dar a partida, mas o motor não pega. Minha cabeça se encheu de imagens de Yago tentando dar a partida na moto. Quando abri os

olhos, ainda podia ouvir o som da moto, que obviamente não estava ali perdida na floresta, mas que, mesmo assim, eu ouvia com clareza.

Independentemente de que direção eu olhasse, não havia nada além de árvores, arbustos e pedras. Mesmo assim, o barulho continuava. Eu precisava ver do que tudo aquilo se tratava, então me levantei, procurando por coiotes no entorno.

Também encontrei uma dúzia de pedras maiores aqui e ali e as coloquei perto de Vonn, que julguei ser a mais forte para arremessá-las nos coiotes em minha ausência, e deixei as Devine dormindo para ir atrás do som.

Vaguei pela floresta inclinada, passando por áreas salpicadas de sombras e luzes e então me afastando ainda mais, perseguindo aquele som estridente que ao mesmo tempo me atraía e me repelia. Segui aquele ruído sombrio até mais além da mata situada ao lado de uma dramática escultura de granito — um filão de rocha com falhas verticais paralelas, que aos meus olhos famintos pareceu pão fresco. Minhas entranhas ardiavam de fome, e eu me lembro de ter precisado me segurar para não morder a pedra.

O vento então deve ter mudado de direção. Por não ter sentido aquele cheiro de sangue antes, quase vomitei quando ele invadiu minhas narinas e atingiu o fundo da garganta. Prendi a respiração, mas eu tivera alucinações antes e não podia confiar nos meus próprios olhos. Até que por fim me arrisquei a olhar — querendo não estar sozinho, para poder perguntar à minha companhia se eu de fato estava diante da estripação do meu primo Yago por dois dos maiores urubus-de-cabeça-vermelha que eu já tinha visto na vida.

Os urubus eram reais, como também era real o som horrível e estridente de motor rangendo que eles faziam (talvez por isso há quem chame os urubus de “apitã”) enquanto bicavam a carcaça fumegante de um coioote morto.

Seria o coioote da pata machucada? Aquele que eu tinha acertado com o pote cheio de cinzas de Pip? Aquele que eu havia visto saltar a fenda e tropeçar ao aterrissar? Era possível. Tive pena do animal. E lamentei se de alguma maneira mesmo ínfima eu tinha sido o responsável por sua morte.

Pensei, por um momento, em tomar de algum jeito aquela carne, mas não tinha certeza se eu teria forças para espantar os pássaros, muito menos a coragem de engolir pedaços do almoço de um urubu.

Afastei-me daquelas criaturas ao mesmo tempo primorosas e horríveis, lembrando que eram três. Onde estaria a terceira?

Voltando para a floresta, corri sob a luz do sol e sobre o cume antes de chegar até as Devine, que continuavam dormindo na cama quente de granito. Eu me *lembro* de ter corrido, mas deve ter sido mentira. Eu não tinha forças para correr. Apesar disso, por mais fraco que eu estivesse, tenho certeza de que teria apanhado e estrangulado o urubu que vi rodeando Vonn se ele não tivesse voado para longe por conta própria.

Água. Eu precisava desesperadamente de água. Tentei pensar em qualquer outra coisa menos isso e me virei para olhar as Devine adormecidas.

Com aquele cheiro e tudo o mais, não dava para culpar o pássaro por pensar que ao menos uma delas já estivesse morta. Era hora de seguirmos em frente. Meu senso de dever estava forte. Eu precisava proteger aquelas mulheres. Tinha que levá-las para casa em segurança.

— Vonn — chamei — Bridget. Nola. Temos que continuar.

Vonn acordou primeiro.

— Um pesadelo — disse ela, mas sua boca estava tão seca que ela mal podia pronunciar as palavras.

Bridget foi a próxima. Ela tentou falar, mas sua voz ainda estava fraca. Todos nos viramos para Nola.

— Sra. Devine — falei, inclinando-me em sua direção. — Nola.

Ela abriu os olhos e deu um leve sorriso, mas era evidente que a situação estava piorando. Seus olhos estavam opacos por conta da febre.

— Mais um dia — disse ela. Não saberia dizer se ela estava aliviada ou não.

O sol havia se escondido atrás de nuvens acinzentadas, e, sem ele, eu não poderia calcular a hora.

Depois de ajudar as Devine a vestirem de novo os casacos secos, eu ajudei-as, uma a uma, a ficarem de pé e as conduzi em direção ao nosso destino: o pinheiro solitário do meu sonho, onde o helicóptero do sonho de Bridget nos acharia.

Minhas meias não ofereciam a menor proteção contra as rochas afiadas e os espinhos dos arbustos. Era como se eu estivesse descalço.

— Não deve levar mais do que umas duas horas — falei, com entusiasmo.

Pouco tempo depois, parei de pensar em nosso destino, concentrando-me, em vez disso, em achar um caminho no mato que fosse o mais favorável para meus pés descalços. Nosso destino parecia menos importante do que o fato de estarmos caminhando. Enquanto estivéssemos andando, havia a chance de achar comida ou água. Enquanto estivéssemos andando, havia esperança.

Longe dos urubus, pegamos um caminho que descia por uma floresta de jovens abetos brancos. Lembro-me de estar ficando tonto de tanto olhar para baixo, precisando a todo momento concentrar a visão de novo no horizonte e nos pinheiros oscilantes, nos arranha-céus de quartzos de veios dourados, nos caminhos de artemísia e nas corajosas Devine.

Marchamos para cima por uma pequena subida e depois para baixo, apenas para subir de novo e descer de novo. Em seguida, passamos por caminhos que ziguezagueavam até perdemos a noção se estávamos indo para um lado ou outro ou se simplesmente estávamos dando voltas.

Lembrei-as de procurar comida conforme andávamos, rezando para encontrarmos uns insignificantes pinhões esquecidos por algum roedor superalimentado. Eu estava mais otimista de que passaríamos por um córrego, um laguinho, ou até uma poça ou duas da chuva de antes.

Subimos e descemos pelo meio da floresta de carvalhos negros e depois passamos por uma chapada com arbustos *manzanita* e outros arbustos espinhosos. Depois de algum tempo, topamos com rochas sombreadas, onde afastei um pouco a terra e as cascas de bolotas de carvalho para que Nola, Bridget e Vonn pudessem descansar. Nós nos aconchegamos juntos à medida que o vento foi ficando mais forte e a temperatura caiu.

Meus dedos latejavam. Meus pés estavam dormentes, com os dedinhos dos pés duros como pequenas pedras. Não demonstrei dor ou medo. Nola havia estabelecido um nível de resistência absurdamente alto em relação a esses dois sentimentos. Ficamos quietos, observando as nuvens e imaginando o paraíso — pelo menos era o que eu estava fazendo, enquanto calculava minhas chances.

Não havia água, nem sacola azul que pudéssemos encontrar. Nenhuma grande revelação sentimental. Nenhuma lembrança para manter ou compartilhar. Nossas bocas estavam secas, e eu tinha a sensação de que meus pensamentos estavam ficando desidratados também.

Nola apontou o local onde o céu cinzento encontrava a irregular cadeia de montanhas verdes.

— Parece uma espiguiha — disse, seguindo a linha com seu dedo. — Sua tia Louise tinha um vestido com essas cores. Louise. É um nome bonito, Vonn. Louise?

— É? — disse Vonn.

— Sam — Bridget disse, com a voz fraca.

— Nada de nomes de menino para meninas — disse Nola. — Nomes de santos sempre funcionam. Teresa, Augusta, Sofia.

Eu achei perturbador que as Devine estivessem pensando em nomes para uma criança que não nasceria.

— Season — falou Bridget em voz baixa e áspera. — Você não tinha falado esse antes, Mim?

Nola riu.

— Season? Não foi você? E Winter?

— Winter é nome de menino — disse Bridget.

Aquilo era mórbido; eu precisava interrompê-las.

— Temos que ir — falei, tentando me levantar.

Porém, não podíamos. A noite havia caído. Talvez tivesse chegado pesada e rápida, talvez como uma lufada lenta e gentil com um pôr do sol rosa... Eu não sei. Estava tomado pela dor, fome, sede e pelo medo, já lamentando a perda do bebê sem nome de Vonn.

— É noite — disse Nola.

As Devine pareciam tão chocadas quanto eu. Não tínhamos gruta. Não tínhamos abrigo. Eu me virei para o céu, implorando por misericórdia, sem perceber que estava falando em voz alta:

— Está vendo a gente? Está vendo a gente aqui? Estamos completamente perdidos. Estamos implorando aqui no meio do nada!

— Amém.

Nola apertou minha mão, e ficamos assim, de mãos dadas, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Bridget estendeu a mão para tocar o rosto da filha, mas, antes de conseguir, um som assustou todos nós — um ruído estrondoso de metal cuja reverberação sentimos na pedra, vimos nos galhos tremulantes e ouvimos nas árvores e no ar.

Prendemos a respiração, trocando olhares, e então voltamos a atenção para a terra. As placas haviam se deslocado. Não sabíamos o que aquilo significava.

Nossos dentes batiam dentro da boca enquanto nos abraçávamos para nos proteger do vento frio e uivante. Uivante, sim, como um coiole, um lobo, um homem morrendo, como um efeito sonoro feito para um show de horrores. Considerando tudo, aquilo nos pareceu um golpe baixo. O vento honestamente não achava que já havia assustado o bastante?

Ao meu lado, Vonn começou a sentir náuseas e colocou a mão na boca como se fosse vomitar. Após um momento, parou.

— Alarme falso?

Sem que ninguém dissesse nenhuma palavra, demos as mãos outra vez.

TALVEZ TENHAMOS dormido, entrando e saindo do tempo e do espaço. Eu me lembro de ter ouvido uma coruja piando em meu ouvido e de ter me alçado de volta à consciência.

Em certo momento, Byrd voou para dentro de meus pensamentos e eu observei as estrelas, perguntando-me onde ele poderia estar. O Byrd que observava a montanha do rancho de Harley era uma sombra escura e comprida do Byrd que conheci.

Fechei os olhos, chamando meu amigo como eu havia feito centenas de vezes antes. Eu o vi com os olhos da imaginação, sentado em uma das poltronas marrons diante da grande janela de vidro fitando a montanha, os olhos acompanhando o teleférico em seu sistema duplo indo e voltando da face íngreme de rocha, o dia inteiro e metade da noite. Eu me vi ali, dizendo meu nome, *Wolf*, desejando que ele entendesse.

Então foi como se eu sentisse minha própria presença invadindo aquele quarto no rancho de Harley e, apesar de eu não ter nenhuma forma, me sentei na outra poltrona de couro marrom em frente a Byrd e disse:

— Cara. Estou perdido. Eu me perdi com três mulheres e acho que todo mundo aqui vai morrer.

— Você me assusta quando fala sozinho — disse Vonn.

Eu me virei, confuso ao me encontrar rodeado de pedras, e a vi de olhos arregalados ao meu lado.

— Só estou imaginando um plano — falei. — Precisamos acreditar que vamos sair dessa.

As mulheres, uma a uma, viraram-se para me olhar.

Eu me lembro dessa cena de modo tão vívido quanto qualquer outra lembrança que tenho daqueles dias na montanha.

Com medo dos urubus que aguardavam na escuridão, rezei para que as Devine morressem antes de mim, pois me cortava o coração imaginar qualquer uma delas sozinha em meio a cadáveres.

Nossas bocas estavam tão secas que o fato de tentarmos falar me surpreendia. Os dedos de meus pés latejavam nas meias úmidas. O vento ficou mais forte atrás de mim e sussurrou no meu ouvido, provocando, acusando.

Eu me levantei cambaleante e comecei a bater o ar. Na minha cabeça, eu estava brigando com Yago. Devo ter parecido maluco.

As mulheres sabiam que eu tinha perdido a cabeça, mas também sabiam que não estavam em posição de julgar. O vento acabou diminuindo e se transformou na mais doce e suave canção de ninar, tocando dentro da floresta escura como breu. Eu tive a sensação de que havia vencido.

— Sshh! — disse Nola, em tom irritado, embora ninguém estivesse falando.

Eu não tinha estômago para mais uma conversa sobre helicópteros de resgate.

— Escutem — disse ela.

Ficamos em silêncio, tentando escutar seja lá o que Nola tinha ouvido. Urubus, pensei. Talvez o coioote sobrevivente? Ele seguiria nosso rastro. Ou outros? Havia leões-da-montanha por ali também. Gatos-selvagens eram comuns e certamente seriam capazes de matar alguém com aqueles dentes pontudos e garras afiadas.

Nola se sentou, o rosto iluminado pelo luar.

— Tem alguma coisa aí.

Então eu ouvi: gravetos se quebrando, folhas farfalhando. Parecia um animal, um animal grande, caminhando pelos arbustos como Frankie numa bebedeira. Leão-da-montanha? Talvez, se estivéssemos ameaçando seus filhotes. Podia ser um carneiro-selvagem. Eles eram capazes de chifrar até a morte alguém que invadisse o território deles na temporada de acasalamento. Mas como saber qual era o território?

O som parou do outro lado da escuridão. O animal — um leão-da-montanha, decidi — tinha sido seduzido por alguma outra presa, uma menor.

— Foi embora — falei.

Caímos em silêncio. As mulheres renderam-se à exaustão. Fiquei acordado, tranquilizado pelos roncoss flauteados de Bridget.

Os galhos se partiam ao meu redor. Folhas farfalhavam à brisa. Estávamos sendo perseguidos de novo, ou era apenas o vento, ou um rato. Peguei meu pedaço de pau e reuni várias outras pedras aos meus pés. O ar gelado fazia meus pulmões doerem.

Para me manter acordado, pensei em Frankie.

MEU PAI era um desses caras que as pessoas amam até odiarem. O cara mais legal, o mais engraçado, o mais generoso — até ele trair você, roubar você ou arrancar você da sua casa no Michigan e abandoná-lo num trailer no deserto. Não sei se a presença dele em minha vida teria sido mais ou menos dolorosa do que sua ausência. Tudo em Frankie era imprevisível.

De tempos em tempos, Frankie entrava de supetão no trailer de Kriket à noite. Eu ouvia suas risadas, latas de cerveja sendo amassadas na mesa da cozinha, o cinzeiro caindo no chão. Às vezes ele ia embora sem nem me dar um oi. Duas vezes me acordou no meu saco de dormir no chão, uma para me pedir emprestado sessenta dólares e a outra para me dar dez. Eu nunca me decidia se ficava feliz ou triste por ele ter aparecido.

Eu parei de ir às aulas na SSHS bem depois da metade do meu primeiro ano do ensino médio. Como Byrd, tive dificuldades para me adaptar. Então me matriculei em um curso por correspondência e forjava a assinatura do meu pai nos documentos necessários — não porque ele teria se recusado a assinar, mas

porque ele simplesmente nunca estava por perto quando eu precisava da assinatura. Concluí o curso de quatro anos em menos de três e me enviaram meu diploma pelo correio no outono antes do meu aniversário de 17 anos. Frankie não soube de nada disso. Ele nunca me perguntava sobre a escola.

Certa noite ele apareceu do nada, algumas semanas depois de meu aniversário de 15 anos, do qual ele tinha se esquecido.

— Por onde você andou, Frankie?

— Por aí.

— Você nunca está aqui.

— Conheci uma mulher — disse ele, com um sorriso. — Ela mora longe para caramba daqui, em Índio. Divorciada. Piscina.

— Mesmo assim..

— Você queria o quê? Que eu trouxesse ela para cá?

Entendi o que ele queria dizer.

— Ouvi falar que você está trabalhando no posto de gasolina.

— No turno da manhã. Faz tempo.

Frankie não era uma pessoa matinal.

— Tenta arrumar um turno que comece mais tarde.

— Byrd trabalha no outro turno.

— Eles são cuidadosos com o inventário?

Frankie estava sempre à procura de uma brecha. Talvez fosse mesmo algo genético. Eu só o vi novamente no dia de Natal. Ele apareceu no trailer como o Papai Noel, cheio de presentes para todo mundo. Para mim, trouxe um sistema ultramoderno de som para carro embrulhado em uma jaqueta de criança e enfiado num balde de plástico. Eu o tenho até hoje.

Passei a ver Frankie com muito mais frequência quando voltei ao deserto após a estadia de Byrd no hospital, porque me mudei para o apartamento do meu amigo atrás do posto de gasolina e comecei a trabalhar também no turno da noite, além de no turno da manhã. Frankie aparecia pelo menos uma vez por semana para filar cigarros e gasolina, mas tanto eu quanto ele fingíamos que ele ia porque se importava comigo.

Harley levou Byrd ao seu rancho para a recuperação, e, dia a dia, com a ajuda de uma enfermeira particular e dos melhores fisioterapeutas, ele apresentava melhoras no desempenho de funções básicas como andar, comer e ir a banheiro. Ainda não tinha nenhuma linguagem, porém. Ninguém sabia o que ele estava pensando nem o quanto entendia do que era dito.

Ele era o Byrd, mas ao mesmo tempo não era — era alguém trazido do reino dos mortos como Lázaro ou como os animais de estimação tenebrosos daquele livro do Stephen King.

No começo eu ia visitá-lo todos os dias no quarto que Harley construíra para ele, com a vista magnífica para a montanha. Byrd ficava ali sentado horas a fio, naquela poltrona de couro marrom.. Lembrando? Tentando esquecer? Eu tinha certeza de que, se conseguisse fazer com que ele dissesse meu nome, Wolf ou mesmo Wilfred, seu cérebro voltaria a funcionar.

Um dia, do nada, Byrd agarrou minha mão. Ele me olhou nos olhos, inexpressivamente, enquanto erguia a mão e batia o *meu* dedo contra a testa *dele*. Eu poderia jurar que estava querendo me dizer alguma coisa. Aquilo, entretanto, jamais voltou a acontecer, e dia após dia ele voava para cada vez mais longe.

Eu diria que vi Frankie com mais frequência naqueles três meses depois que voltamos ao deserto do que no punhado de anos em que morei no trailer de Kriket. Nossas conversas eram breves e desajeitadas. Frankie passou no posto na noite de Halloween poucas horas antes de matar o jovem casal na estrada do deserto.

Ninguém conhece essa parte da história, exceto ele e a mulher com quem ele estava.

Frankie entrou mancando na loja usando um chapéu de pirata pequeno demais para ele e com o olho esquerdo coberto por um tapa-olho de feltro barato cujo elástico parecia prestes a arrebentar.

— Ei, ei, marujo! — berrou ele.

Aquilo me irritou. Não parecia justo que um cara como Byrd estivesse perdido no espaço enquanto um como Frankie andasse por aí com um chapéu de pirata de criança e um tapa-olho.

— O que você quer, Frankie?

Ele tinha ido ao posto direto do cassino onde acabara de perder toda a grana que ganhara na noite anterior. Para piorar, caíra do banco de um bar e machucara a perna. Fedia a bebida e charuto.

— Preciso de um pouquinho de sorte — disse.

Apanhei um maço de cigarro da marca que ele fumava na prateleira acima do caixa e o atirei para ele. Frankie achava que eram de graça, mas eu pagava por todos depois.

— Tudo bem com você? — perguntou ele, os olhos pregados na prateleira alta às minhas costas.

— Tudo ótimo — falei secamente, notando que ele estava de olho na tequila premium.

— Beleza. — Ele olhou de relance para o estacionamento. Estaria sendo seguido? Ou achava que estava sendo?

— Não consigo dormir.

— Certo.

— Nem comer.

— Nem eu. — Ele não parava de olhar para o estacionamento.

— Tenho pesadelos sobre Byrd — falei. Era verdade.

Frankie não havia ouvido uma palavra do que eu disse. Estava distraído com as buzinas no estacionamento. Olhamos e vimos a mulher no Gremlin.

— Ela não é a pessoa mais paciente desse mundo. — Ele começou a mancar pelo corredor, gemendo de dor.

— O que você quer? Deixe que eu pego.

— Uma caixa de cerveja, lenços de papel, protetor labial. Ela quer um pouco daquela carne seca apimentada que tem lá na prateleira dos fundos.

Fui até os fundos da loja e descobri que a carne-seca apimentada tinha acabado. Eu me virei para perguntar a Frankie o que ele gostaria de levar em vez disso, e foi quando eu vi meu pai, pelo espelho de segurança do caixa, esforçando-se para pegar a tequila na prateleira alta que ficava atrás do balcão. Quando ele não conseguiu apanhar a tequila, pegou uma garrafa de vinho e a escondeu embaixo do paletó. Então abriu o caixa e pegou metade da pilha das notas de vinte dólares.

— Valeu, Wolf — disse Frankie quando eu me aproximei do balcão com as outras coisas dele.

Coloquei os itens numa sacola enquanto ele fingia tatear os bolsos. Era um péssimo ator.

— Quer dizer que você está bem por aqui? — quis saber ele.

— Você voltou lá para o trailer?

Frankie balançou a cabeça.

— Estou devendo uma graninha para o Yago.

Passei a sacola para ele.

— É por minha conta, Frankie.

— Valeu, Wolf.

— Boa sorte com o Yago.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada.

Frankie apanhou a sacola e foi até a porta, mas então voltou. Antes ele não tivesse feito isso.

— Eu sei o que você está pensando.

— Eu não estou pensando nada, Frankie.

— Estou vendo pelo jeito como você está me olhando. Você acha que eu sou um fracassado.

Eu não tinha como negar. Ele fez uma pausa.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Byrd.

— É.

— Aquilo foi só azar, Wolf. Não pense que eu não entendo.

— Certo, Frankie.

— Mas você não devia olhar para mim desse jeito. — Ele estava ridículo com aquele chapéu e o tapa-olho. — Não fui eu que empurrei o Byrd daquele precipício, Wolf. Aquilo foi culpa sua não, foi? Foi você quem levou a erva vermelha.

Surpreendi nós dois com o que fiz em seguida. Eu me virei, subi a escada e alcancei a prateleira de cima, depois peguei a tequila premium em que Frankie ficara de olho antes.

— Essa é da boa — falei, colocando a garrafa no balcão.

— Justamente quando eu fico achando que você é um babaca... — disse ele, genuinamente emocionado.

— A gente devia parar de subestimar um ao outro — falei.

— Isso significa muito para mim, Wolf — disse Frankie. — Estou passando por um período muito ruim. Esse lance com o Yago, você sabe como ele é. A gente precisa se ajudar.

Não sei se ele percebeu que minhas mãos estavam tremendo quando apanhei a segunda garrafa de tequila e a entreguei para ele.

Se pensei que Frankie iria se embriagar e dirigir para comprar hambúrgueres naquela noite de Halloween? Não, mas eu torci, sim, para que ele se engasgasse com aquela tequila.

O QUARTO DIA

ACORDEI TREMENDO, ENGOLINDO meu terror goela abaixo, e descobri que a noite negra ainda estava ao nosso redor. Eu havia tido a sensação de que já era manhã e por um segundo achei que tivesse ficado cego. As rochas tremiam sob mim, mas desta vez não eram as placas se movimentando. Eu me lembro de ter sentido medo de que, se fechasse os olhos e me permitisse retornar ao sonho que estava tendo, seja lá qual ele fosse, nunca mais veria as Devine nem a montanha novamente.

A hipotermia era a saída do covarde, e tive medo de escolhê-la, caso tivesse a chance. *Não durma, babaca*, falei a mim mesmo.

Verifiquei se as mulheres ainda estavam dormindo e entrei em pânico quando senti a rigidez de Nola ao meu lado. Olhei para o rosto dela à luz fraca.

— Nola — falei.

Minha boca parecia congelada. Ela não se mexeu. Eu me desgrudei de Vonn, que dormia do meu outro lado, e busquei o pulso de Nola no pescoço. Não encontrando nenhum, coloquei o dedo sob seu nariz. Eu estava preparado para encarar a sua morte.

Não estava preparado para ser mordido. Acho que ninguém nunca está *preparado* para ser mordido. Meu grito deve ter sido ouvido até em Palm Springs. Nola acordou gritando também, o que desencadeou uma reação em cadeia quando Vonn acordou e começou a berrar. Bridget, se pudesse gritar, teria feito isso, mas seu rosto dizia muitíssimo. Quando a gritaria acabou, tive certeza de que nenhum animal em um raio de seis quilômetros se arriscaria a enfrentar o demônio que acabáramos de soltar. E, se houvesse alguma equipe de resgate em um raio de quatro quilômetros, ela teria nos ouvido.

— Que foi isso, Nola? — perguntei com voz rouca, segurando meu dedo machucado.

— Me desculpa.

Nós nos abraçamos, buscando calor.

— Está tudo bem. Volte a dormir. Volte a dormir.

— Meu coração está disparado — disse Vonn.

— O meu também — disse Bridget.

Meus olhos haviam se acostumado surpreendentemente rápido com o escuro e, quando olhei em torno, identifiquei a silhueta da tríade de rochas imensas coladas ao pico elevado, desafiando a gravidade. Eu conseguia distinguir o álamo da bétula e a casca de um pinheiro flexível da de um pinheiro Coulter, e, quando a tristeza verborrágica da Mãe Natureza chegou agitando as árvores, tive de admitir que dava para ver, sob aquela luz, sob qualquer luz, que estávamos perdendo Nola.

— Estou com tanta fome — disse Bridget.

— Nem me fale — disse Nola.

Achei que Bridget fosse começar a falar das barrinhas de cereal, mas ela não fez isso.

— Devem estar procurando por nós — disse Vonn.

— Amanhã — disse Bridget. — Estou com um pressentimento.

— Você voltaria para cá um dia se...? — perguntou Vonn depois de um tempo.

Eu sabia que ela estava falando comigo, sabia que estava se referindo à montanha e sabia o que tinha ficado sem ser dito. *Se a gente sobreviver*.

— Não — falei de modo definitivo. Acaricieei a rocha para suavizar o que eu disse e no mesmo

instante mudei de ideia. — Sim. — Eu não sabia naquele momento se um dia veria a montanha de novo.

As mãos de Vonn foram até a barriga como que por reflexo.

— Vonn?

— Está doendo — disse ela.

— Você está com fome — falei.

— A minha também dói — disse Bridget.

Minha fome tinha criado asas negras e um bico afiado e curvo, que ia me comendo a partir da barriga. Tentamos deixar que o som da natureza nos acalentasse para dormirmos. Teríamos feito isso, se Bridget não tivesse se mexido e tocado algo úmido.

— Isso aí é sangue? — perguntou ela, apontando.

Sangue. Senti o cheiro, mesmo no escuro. Para ter certeza, mergulhei o dedo na umidade do tamanho de uma maçã e o levei ao nariz. A ferida da testa de Nola tinha formado uma casquinha seca. Meu dedo não estava sangrando da mordida (não muito, pelo menos). E o sangue tampouco vinha do punho arroxeadado e inchado de Nola.

— Quem está sangrando? — perguntou Bridget.

Quando Vonn segurou seu ventre com cólicas, eu não quis acreditar que o sangue viesse dela.

— Certo — falei. — Está tudo bem, Vonn.

Não era uma pergunta.

A natureza maligna nos ensina lições sombrias, e a experiência me ensinou a ficar sempre preparado para tudo, principalmente o pior.

Vonn segurou meu braço.

— Está doendo.

Estremeci.

— Eu também tive cólicas quando estava grávida de você — disse Bridget.

— Foi?

— E sangramentos também.

— Foi?

— Foi, e olhe só para você agora. Você saiu perfeita, Vonn — disse Nola.

— Difícil, hein — disse Vonn.

— Eu tive alguns abortos espontâneos — disse Bridget.

— Você nunca me contou isso.

— Não é o tipo de coisa de que a gente deseja falar — disse Bridget.

— Antes ou depois de eu nascer?

— Quatro vezes. Todas depois.

— Quatro?

— É. Enfim, engravidei cinco vezes e só tive sangramentos com você.

Fiquei com medo de Bridget estar dando falsas esperanças à filha.

— O que o médico disse? — quis saber Vonn.

— Que eu precisava pegar leve.

— E você fez isso?

— Eu tinha que trabalhar. Estava sozinha — disse Bridget, tentando controlar a emoção. — E não tinha carro.

— Por que não se mudou para cá para a Mim ajudar você?

— Eu não queria topar com ele.

— Com meu pai?

— Mim e Pip iam bastante para Golden Hills me visitar — disse Bridget. — E depois eu conheci o Carl.

— A casa dele era um palácio — disse Vonn, assentindo.

— Era mesmo.

— E você sempre quis ser uma rainha — acrescentou Vonn.

Bridget fez que não:

— Eu queria que você fosse uma princesa.

Vonn acariciou o ventre por cima do casaco.

Então veio o esvoaçar das grandes asas negras. Meu estômago se agitou ante a lembrança dos urubus negros arrancando os restos fumegantes do coiote. Achei que estivesse sozinho com meus pensamentos e estremeci quando Vonn disse:

— Urubus.

— Foi a coruja.

— Não foi a coruja — disse ela.

— Acho que foi sim.

— Foram os urubus, Wolf.

Buscamos o conforto de nossas mãos. Levei os dedos congelados de Vonn aos meus lábios, mas não consegui aquecê-los.

— Wolf?

— Vonn.

— Os urubus...? — Ela fez uma pausa.

— Os urubus.

— Se alguma coisa acontecer...

Eu não queria que ela visse meu rosto.

— Entende o que estou dizendo, Wolf?

Eu entendi.

— Eles só estão com fome também.

AQUELE QUARTO dia teve um quê de onírico. Eu despertei novamente com o cheiro metálico da rocha e o farfalhar dos pinheiros, então o peso de nossos corpos entrelaçados, e, surpreendentemente, com agulhadas frias caindo em minha bochecha.

Meu primeiro pensamento foi que aquela umidade fosse saliva e me senti grato quando abri os olhos e não encontrei nenhuma fera carnívora diante do meu rosto, apenas a trama caótica de galhos e agulhas das árvores altíssimas acima.

Um floco branco atingiu meu rosto. Outro caiu na minha testa; outro, na pálpebra. Quando me dei conta de que os flocos não estavam derretendo contra a minha pele, eu me perguntei se não estaria morto.

Somente uns poucos flocos tinham conseguido abrir caminho pelos pinheiros densos acima de nossa cabeça, mas quando eu me sentei, descobri que as rochas em torno estavam cobertas por uma fina camada branca. Tínhamos de ir para um lugar mais elevado, eu sabia, senão eu perderia mais que os dedos mindinhos do pé graças ao enregelamento.

— Neve. — Vonn se sentou empertigada, abrindo a boca para recolher os flocos. Sacudiu a mãe, dizendo: — Bridget. Neve.

Bridget acordou, confusa. Ao ver meus olhos, deve ter percebido o quanto era grave o risco de ficarmos ali na neve. Virou-se para acordar a mãe, afagando sua face gelada.

— Mim? Mim?

Fiquei aliviado quando Nola piscou, despertando, e me senti encorajado quando ela conseguiu se sentar.

Vonn abaixou os dedos brancos para apanhar com a mão em concha os flocos de neve reunidos nas

dobras de seu casaco, depois levou o montinho até a boca de Nola. Todos a imitamos, apanhando punhados de neve e deixando que derretessem entre nossa língua e o palato mole seco e congelado de nossa boca.

— Precisamos ir. Precisamos sair da neve — falei, ajudando Vonn e depois Bridget a se colocarem de pé.

Desci da rocha e estremei com a dor cortante no calcanhar. Eu me lembro de ter dito a mim mesmo que a dor era minha amiga. Que as partes do meu pé que doíam seriam aquelas que eu conservaria, caso escapássemos daquela vivos.

A distância, ouvimos os gritos agudos de um falcão.

Descemos uma longa encosta rochosa por quase meia hora até sairmos do local onde a neve estava caindo. Cada passo foi excruciante. Estávamos gelados até a espinha.

Chegamos a uma encruzilhada nos arbustos e me senti grato por poder descansar enquanto parávamos para avaliar as lascas de granito e os arbustos espinhosos na direção do pinheiro solitário. O outro caminho tinha uma inclinação suave e o que parecia ser um longo prado de grama que seria muito mais gentil com meus pés torturados. Toda a história do “pinheiro solitário” agora me parecia tolice, arbitrariedade, um objetivo mal projetado. Escolhi o caminho mais simples e disse:

— Por aqui.

— Mas este não é o caminho até o pinheiro solitário — disse Bridget.

— É o melhor caminho para chegar ali.

— Longe da árvore?

— É um atalho.

Nola estava completamente tonta, e eu quase não consegui segurá-la quando ela começou a cair.

— Será que eles vão sentir nosso cheiro daqui de longe? — perguntou-se Vonn.

— Os coiotes?

— Não, os cães farejadores.

— Será que eles vão saber que conseguimos atravessar a fenda? — Bridget estava intrigada. — Como saberiam?

Eu não disse a elas que mesmo que a equipe de resgate da montanha estivesse de fato à nossa procura e contasse com a ajuda de cachorros, e mesmo que os cães tivessem nos farejado desde o pico de onde caímos até a área de formação rochosa e a gruta e a fenda, eles jamais acreditariam que tínhamos conseguido chegar sãos e salvos do outro lado. Abandonariam a busca e a reclassificariam como “recuperação de corpos”.

Será que não ficariam surpresos ao encontrar os chinelos verde-limão de Vonn no fundo da fenda, mas nenhum cadáver?

Cambaleamos para a frente, para qualquer lugar onde o caminho fosse menos pedregoso e as gramíneas com pequenas flores, menos densas, atravessando a passos lentos as florestas e as grandes rochas caídas, desfrutando dos trechos de grama, caminhando exaustos por campos congelados de repolho-gambá, Nola sendo continuamente apoiada por Bridget e Vonn.

Estávamos caminhando já fazia algum tempo — não havia sol para nos dizer as horas — quando Vonn avistou algo estranho à frente.

— O que é aquilo? — perguntou, apontando. — Aquela coisa turquesa.

— Uma flor? — supôs Nola.

— É um passarinho — falei, estreitando os olhos para tentar ver melhor.

— Não está se mexendo — contestou Vonn.

Caminhamos devagar pela floresta na direção da coisa turquesa, e somente quando estávamos todos ali é que percebemos o que estávamos vendo.

Vonn apanhou o quadrado de tecido do galho e o segurou na palma da mão.

— É um bolso. Arrancado de uma camisa.

Um bolso de camisa? Ali?

Vonn entregou o quadrado para mim. Não dava para saber quanto tempo fazia que estava ali.

— Olá! — gritamos, correndo os olhos pelas árvores. — Olá! Olá!

Ouvimos o som de galhos se partindo e nos viramos, cada um para uma direção, mas não vimos nada além de pedras, árvores e solo desfigurado pelas raízes. O vento rugia através do desfiladeiro.

— Oi — chamei, hesitante. — Olá?

— Será que é um dos caras do resgate? — disse Nola, cheia de esperança.

Apressamos o passo, calculando que aquilo significava que não estávamos sozinhos. Não sabíamos se precisávamos nos apressar para chegar a algo ou para fugir de algo.

— Olá? — chamou Vonn, mais uma vez.

Paramos para ouvir o eco da voz dela.

— Por favor, que ele tenha água e comida — murmurou Bridget.

— Por favor — disse Nola.

— E se ele tiver, mas não quiser dividir? — perguntou Vonn.

— Esse retalho pode estar aí há anos — falei.

— Acha que ele veio da mesma direção que a gente? — perguntou Vonn, tropeçando numa rocha.

Então o cheiro de gato me fez parar onde estava. Gatos-selvagens marcam o território com sua urina acre igual aos gatos domésticos. Eu não me perguntei naquele momento se a camisa xadrez poderia estar de alguma maneira relacionada àquele odor pungente.

— Tem cheiro de gato — disse Vonn.

— Olá? — gritamos, inspecionando as rochas e árvores em busca do dono da camisa xadrez.

Ouvimos um farfalhar no arbusto à nossa esquerda, acima de uma breve escarpa de granito coberta de manganês enferrujado.

— Olá! — berrei.

— É o vento — disse Vonn.

Agitei o retalho quadrado de tecido azul, gritando:

— Oi! Tem alguém aí?

Continuamos andando pela floresta, tontos com o ataque violento das árvores. Os calcanhares, dedos e ossos da planta dos meus pés imploravam para que eu parasse. Foi o que todos fizemos, quando mais uma vez ouvimos algo se mexer nos arbustos.

Bridget ouviu desta vez e se agachou, gritando:

— Ei! Olá?!

Ouvimos algo se quebrando do outro lado de um denso arbusto de manzanita. Paramos, prendendo a respiração, esperando, mas nenhum animal investiu na nossa direção, e no instante seguinte tudo ficou quieto novamente.

— O que foi isso? — quis saber Vonn.

— O vento — falei, por reflexo, mas não fazia sentido, a menos que o vento tivesse pernas e pesasse o bastante para quebrar um galho.

— O que é isso? — perguntou Vonn, apontando adiante.

— É só Byrd — falei ao avistar o vulto do meu amigo caminhando por entre as árvores.

— “Bird”? Não é nenhum pássaro — disse ela.

— Está tudo bem com você, Wolf? — perguntou Bridget.

Ouvi a risada de Byrd; parecia tão real que eu comecei a rir também, até me enxergar nos olhos vítreos de Nola.

— Olhem — disse Vonn, apontando para outro fragmento azul semienterrado na terra entre duas grandes rochas.

Era de jeans. Eu me inclinei para baixo e segurei o pedaço de pano entre os dedos, depois o puxei da terra. Foi como um truque mágico, quase cômico, eu puxando e puxando o pano até finalmente arrancar uma calça inteira de seu túmulo na terra.

— Olá! Olá! Oláá! — chamamos todos na direção da floresta, tremendo, ainda mais porque o jeans pertencia a um homem bem grande.

— O casaco dele — disse Vonn, apontando para um casaco impermeável com estampa de camuflagem pendurado no galho de uma árvore, castigado pelo tempo.

— Fiquem aqui — falei para as mulheres. Não queria assustá-las, mas tinha visto através dos arbustos um chapéu vermelho de caça sujo no que parecia ser a cabeça caída de um homem sem camisa. Fazia um frio de lascar e o homem estava sem casaco, portanto ou ele estava morto ou louco.

— Ai, meu Deus — disse Vonn, agarrada à mãe e à avó enquanto eu seguia mancando na direção dele.

Meu estado mental era tal que eu sabia que deveria temer o dele. Será que o sujeito tinha uma arma?

— Oi — chamei.

A cada passo doloroso que eu dava na direção dele, eu ia rezando para que estivesse morto, de modo que eu pudesse roubar-lhe as botas.

Estava morto. E sem botas. Sem pernas, aliás. E também sem um dos braços. Os urubus tinham comido as entranhas, transformado os ossos dos quadris em tigelas, lambido tudo até não restar mais nada. Pobre filho da mãe. Pobre filho da mãe.

Um esquilo me assustou tremendamente ao sair correndo de debaixo de uma laje de granito ali perto, onde vi que estavam os restos de uma das pernas do homem — a direita, a julgar pelo formato do pé metido na meia marrom. Olhei em torno procurando a outra, mas a perna esquerda não estava em nenhuma parte à vista. Nem a bota que o homem, em algum momento, devia ter calçado.

Tive uma ideia e fui até a perna. Olhei em volta em busca da machete que eu esperava que o estranho guardasse ali, apalpando o músculo seco e a pele ressequida por cima da meia marrom em decomposição. Nada de machete.

Depois de hesitar um segundo, apanhei o osso enegrecido da perna e voltei ao local onde estava o tronco do homem, embora eu não tivesse nenhuma força em *meus* próprios ossos para cavar uma sepultura para os *dele*.

— Por que ele tirou a roupa? — gritou Vonn para mim, observando de longe enquanto eu voltava com a perna do homem até a o restante da carcaça.

— Isso acontece às vezes quando as pessoas estão morrendo congeladas. O cérebro entra em curto-circuito. Talvez pensem que estão queimando de calor. Todas tiram a roupa.

Vonn se virou e saiu correndo até o arbusto mais próximo. Fiquei com medo de que ela vomitasse, mas isso não aconteceu. Depois de um instante, ela retornou triunfante, trazendo uma mochila cor-de-rosa grande que avistara em um gramado. Não me lembro se voltou correndo até onde estávamos ou se fomos nós que corremos até ela, mas me recordo de nós quatro ajoelhados em volta da mochila.

— Será que é da esposa dele? — perguntou Vonn, intrigada. — E se ela estiver viva? E se estiver por perto? — Ela despejou o conteúdo da mochila sobre a terra: uma camiseta úmida e mofada da Universidade Florida State e um cantil amarelo, exatamente igual ao de Nola e ao que eu dei de presente para Byrd. O cantil estava vazio, soube assim que o segurei.

— Não pode ter só isso! — gritou Vonn, agarrada à mochila vazia. — Não pode ser!

Ela sacudiu a mochila de novo. Quase ri quando uma moeda de um centavo caiu com um tinido metálico sobre a pedra. A expressão dela então mudou ao sentir, na costura da mochila, um compartimento comprido fechado por um zíper. Vonn o abriu e tirou de lá uma faca de caça numa bainha de couro.

Peguei a faca da mão trêmula dela e a desembainhei para examiná-la, depois tornei a colocá-la na bainha e a guardei no bolso. Vonn, tenaz, continuou procurando, e encontrou outros dois tesouros no

mesmo compartimento: um vidrinho de molho Tabasco, uns saquinhos de sal e de pimenta molhados e uma pequenina lata de balas de menta. Eu naturalmente interpretei as balinhas de menta como um sinal da minha mãe: eram da mesma marca que ela levava na bolsa.

Enquanto via Vonn abrir a lata, salivei de expectativa. Ali dentro havia vinte balinhas minúsculas — cinco para cada, duas das quais rapidamente concordamos em chupar ali mesmo, depois uma para o pôr-do-sol e a outra para o nascer do dia seguinte. Observamos cada um de nós colocando os minúsculos tesouros sobre a língua, o sabor mais sublime que qualquer um de nós já sentira na vida.

— E isso? — perguntou Vonn, abrindo o vidrinho de Tabasco. — Será que dá para beber? Uma gotinha? Por favor?

— Não! — falei, arrancando o vidro da mão dela e guardando-o dentro do bolso do meu casaco. — Isso só pioraria as coisas.

— As coisas não podem piorar ainda mais — disse Bridget.

— Só um pouquinho — implorou Vonn.

Balancei a cabeça e comecei a caminhar, enojado ao perceber que eu estava salivando só de pensar em sacudir o molho de pimenta sobre a carne de um esquilo recém-abatido.

Vonn deslizou as alças da flácida mochila cor-de-rosa.

— Isso deve ser pior — disse ela. — Estar aqui sozinho.

— Será que não é melhor fazer uma prece ao cadáver desse pobre coitado? — perguntou Nola, e todos nós paramos para olhar para trás.

— Eu já fiz — falei, mas era mentira. Eu tinha feito uma prece por Nola.

(Mais tarde descobri que o homem se chamava Pedro Rodriguez. Enquanto realizava o seu sonho de percorrer a Pacific Crest Trail sozinho, ele se perdeu e ficou preso no Desfiladeiro do Diabo. O homem deixou esposa, quatro filhas e sete netos. A mochila cor-de-rosa pertencia à sua neta mais velha e ele a levava para dar sorte. Quando o encontramos, fazia três meses que ele estava desaparecido.)

As árvores abriram caminho a um longo trecho de granito corrugado. Eu sentia minha força vital ser drenada pelos veios das rochas enquanto eu traçava as faixas brancas de feldspato, que tinham o formato de setinhas brancas como se fosse para segui-las.

Vonn gritou de trás de mim, apontando para algo no mato a oeste:

— Wolf, veja só isso aqui.

Nós quatro mudamos o curso da rota para investigar uma rocha próxima e o que parecia ser um grande lagarto, mas que na verdade revelou ser a perna esquerda do cadáver. A alguns centímetros dela, surpreendentemente, vimos uma única bota desgastada feita de couro.

A copa dos pinheiros acima de mim estremeceu quando eu me sentei para calçar a bota no meu rígido pé esquerdo. Era vários números maior que o meu — ou seja, eu poderia trocá-la de pé com facilidade e dar um descanso do chão pedregoso às solas dos meus pés. Olhei em torno, procurando a outra, mas não consegui achar a do pé direito em parte alguma.

— Isso é mau sinal — murmurou Bridget.

— Precisamos ir de novo para um terreno mais alto — falei. — Parece que a neve parou de cair, mas logo não vai mais haver luz do dia.

Às minhas costas, Vonn abriu o curativo de Nola, e um pot-pourri infeccioso saiu de baixo do sterasote enegrecido de sangue. Bridget teve ânsia de vômito. Eu me virei a favor do vento.

— Sinto muito — disse Nola, segurando a respiração.

— Preciso limpar o braço de Mim. E vou precisar de curativos novos — disse Vonn, tirando o casaco.

— Não — disse Bridget. — Use a minha camiseta.

— Agora não. Precisamos continuar caminhando — falei.

— Por que vamos subir de novo? — Vonn quis saber. — Lá em cima é frio.

— Eu sei, mas precisamos ficar à vista. Caso algum avião esteja nos buscando.

— Ou helicóptero — acrescentou Bridget. — A essa altura eles já devem estar nos procurando.

O comitê de urubus tinha voltado a nos rodear, e temi que interpretassem errado nosso estado caso ficássemos parados por tempo demais.

— Vamos.

Vonn se recusou, apontando para o braço roxo e cheio de pus de Nola. Comecei a caminhar na direção delas, mas meus músculos estavam no limite, minha visão se borrou, meus intestinos se contraíram num espasmo — todo o meu organismo estava começando a se desligar. Tive que me sentar para descansar antes de alcançá-las sobre a rocha.

— Descanse — disse Vonn. — Deixe isso comigo. — Ela cobriu a ferida com folhas novas de sterasote, fingindo que aquilo estava servindo para alguma coisa.

Um dos urubus que nos rodeavam se afastou dos outros e desceu até nós. Acomodou-se em uma árvore que irrompia de uma falha numa rocha próxima. O ceifador ansioso com sua cabeça vermelha pelada e garras poderosas analisou Nola para reportar aos amigos. Odeio espiões.

— Fora! — berrei, e ele se foi, mas eu sabia que não demoraria a voltar. — Venham — falei para as Devine. — Precisamos seguir em frente.

Vonn rapidamente cobriu de novo a ferida de Nola e subimos para um terreno mais alto, manobrando pelas grandes rochas, galhos e raízes. Nosso caminho se apresentava como uma múltipla escolha de rotas impossíveis ou que beiravam o impossível.

Eu mancava na frente do grupo com minha bota excelente e solitária, meu pé dolorido coberto pela meia e o único pedaço de pau que me restara. Virei-me para ver como iam as Devine e tive de piscar os olhos para afastar as visões de coiotes, leões-da-montanha e Yago nos atacando por trás.

— Tudo bem aí?

Bridget, atrás de mim, de poncho vermelho, apoiava Nola de um lado, enquanto Vonn apoiava do outro, andando pesadamente com minhas botas de trilha. Ninguém respondeu.

As pessoas que se dão melhor em situações impossíveis são as que têm certeza de que vão sair dessa e que continuam pensando assim, mesmo que morram tentando.

— Tudo bem? — gritei de novo.

Vonn me olhou, grata.

— Tudo — disse ela.

Seguimos em frente pela floresta gelada e vazia, tencionando atingir um terreno mais alto, mas vendonos à mercê do desfiladeiro.

ORA FICÁVAMOS congelados nos longos trechos entre as rochas, ora assados sobre os cumes nus. Parávamos para descansar a cada quinze minutos, mais ou menos, mas apenas por um instante, pois instintivamente sabíamos que a próxima parada poderia ser também nosso túmulo. Nosso ritmo era letárgico. Nossos estômagos estavam vazios. Nossa sede, deplorável. Nossos espíritos, fracos.

— Tive um sonho ontem à noite — disse Nola.

— Você me mordeu — falei.

— É, mordi. Eu me lembro por quê. Eu estava comendo um bolo de aniversário de casamento. No meu sonho, Pip me dava bolo na boca. Sempre fazíamos cobertura de manteiga.

— Precisamos seguir em frente — falei.

— Os urubus voltaram. — Vonn apontou para a ave negra que estava sentada curvada num galho próximo.

Bridget estremeceu.

— Sonhei que Pip estava muito feliz em me ver — sussurrou Nola.

— Vamos descansar um pouco. Certo? — ofereci, atirando uma pedra para assustar a ave negra.

O urubu saiu voando do galho, mas pousou em outro.

— Fique com a gente, Nola — falei.

— Vamos, Mim.

— Estou pronta — disse Nola, lutando para manter os olhos abertos. — Tudo bem.

Bridget ergueu a mão em seguida para pedir silêncio.

— Escutem.

Eu tive vontade de estrangulá-la, tive mesmo. Principalmente porque o ar estava parado, e a montanha, silenciosa, estranhamente silenciosa. Não havia nenhum som parecido com um helicóptero, cachoeira, avião de resgate ou cachorro latindo.

O único som, e era de enlouquecer, era o de água batendo ritmicamente na pedra.

Era o que Bridget estava escutando também, e foi então que senti o cheiro da água. Caminhei por entre as árvores tentando farejar de onde ela vinha até que, por fim, avistei um fiozinho tímido gotejando, umedecendo as fraturas do granito sobre as nossa cabeça e depois caindo, uma gota por vez, sobre um montinho cintilante de seixos abaixo.

Não gritamos. Não comemoramos. Ajudamos Nola a se acomodar com dificuldade numa posição em que sua cabeça jazia apoiada na pedra, e ela ficou ali esperando de boca aberta, como um pássaro bebê, a água gotejante e arenosa se acumular em sua língua. Depois de engolir alguns bocados, ela murmurou uma prece e cedeu o lugar para Bridget. Bridget demorou o mesmo que Nola para beber um pouco de água, depois cedeu o lugar para Vonn, que bebeu algumas gotas e cedeu lugar novamente para Nola, que insistiu que Vonn bebesse mais um pouco.

Depois que as mulheres já tinham bebido vários goles, foi a minha vez. A água tinha um gosto azedo, mas a umidade em meus lábios, língua e garganta era inspiradora. Nós nos revezamos apoiando a cabeça na pedra para receber as gotas de água — todo o processo era interminavelmente lento.

O que me motivou eu não sei, mas fui acometido pela necessidade de escrever meu nome no cantil de esmalte amarelo que encontramos. Não encontrando uma pedra afiada o bastante para arranhar a superfície do cantil, pedi emprestado a aliança de diamante de Nola, que Bridget estivera usando no dedo indicador. Quando terminei, Nola me pediu que escrevesse o nome dela também, depois Vonn escreveu o dela, e por fim Bridget. Nós estivemos ali. Droga.

— Precisamos encher o cantil — falei.

— Vai demorar o dia inteiro — avisou Vonn.

Colocamos o cantil no chão, apoiado por algumas pedras, para que ele colhesse as gotas de água. Cada gota era um segundo, uma batida de coração, outro grão de areia.

Olhei em torno para minha tripulação heterogênea e esperei por um sinal do que fazer em seguida. Ping, ping, ping. Ficamos em silêncio, imóveis, por um longo tempo.

Vonn foi a primeira a se dobrar ao meio, vomitando, e logo em seguida todos nós começamos a nos purgar em rompantes tragicamente constrangedores. A água que pensamos que iria nos salvar poderia, em vez disso, nos desidratar ainda mais.

— Ah, Wolf — disse Nola. Eu a abracei.

Precisávamos de água mais limpa. Rasguei um pedaço de náilon do bolso da minha parca e o usei como filtro, prendendo-o na boca do cantil. Observamos a água. Ping, ping, ping.

Então caímos no sono, ou talvez tenhamos ficado inconscientes. Naquele quarto dia, alternávamo-nos todos entre perder e recuperar a consciência. A maior parte do tempo, perdê-la.

Quando abri os olhos, fiquei espantado com a nossa realidade. Estaria eu mesmo na montanha? Perdido com as três Devine? Estaríamos mesmo a apenas horas da desidratação, da hipotermia? Eu me demorei um instante para olhar em torno, reacostumando-me com as pedras, emocionado com o céu. Torci para que, naquele momento, a alucinação que eu estava tendo — de três urubus famintos esperando pelo fim de nossa vida — desaparecesse.

Porém, não desapareceu. Uma das aves estava balançando a cabeça sobre um pinheiro de Coulter. Outra, pavoneando-se numa rocha. A terceira agitava as asas a uns sete centímetros de Nola. Aquilo não era ilusão nenhuma.

— Nola — falei, sacudindo-a para acordá-la.

Ela viu os urubus e soltou um grito agudo de terror. Bridget e Vonn despertaram, berrando também ao ver as aves. No meio da confusão, derrubei o cantil amarelo e derramei uma trágica quantidade da água que havíamos coletado com tanto cuidado. Olhei para a água derramada com ar assassino.

Vonn recolocou o cantil sob o filete.

Saí pisando duro com minha única bota na direção do maior urubu e berrei:

— Sai fora!

O urubu ergueu suas asas curvas e começou a batê-las com agressividade.

— Xô! — gritou Nola.

Investi sobre a ave, a dor de cada passo era um tiro em meu crânio.

— SAI!

Por fim, o urubu saiu voando e se pôs a planar, presunçoso.

Bridget atirou uma pedra no ramo de pinheiro onde outro urubu estava empoleirado. Não atingiu o alvo, e quando a pedra caiu no chão, os três urubus se reuniram em torno dela para provar o nosso gosto.

— Eles parecem gaivotas — disse Bridget. — Será que pensam que vamos alimentá-los?

Nola os afugentou.

— Não somos uma praça de alimentação!

Os pássaros estavam perto demais para nos sentirmos tranquilos. Eu os ataquei novamente, gritado: — Sai! Sai! SAI!

Os urubus inclinaram a cabeça. Urubus riem?

Peguei uma pedra grande e a atirei no meio das aves, mas aquilo não os afugentou. Eles bicaram a pedra como se esperassem que fosse um sacrifício humano.

Vonn atirou punhados de terra nos urubus e, depois, apenas insultos.

Bridget dobrou a si mesma em ângulos agudos, como se fosse um origami.

— Faça eles irem embora, Wolf! — gritou ela, cobrindo seu rosto imundo com dedos imundos.

— XÔ! — berrei, atacando novamente os urubus. Caí contra uma pedra e alguma coisa dura bateu no osso de meu quadril. O vidrinho de Tabasco da mochila do trilheiro morto.

Meu primeiro pensamento foi beber aquele treco em um único gole e me matar — não como um suicídio, mas como um sacrifício aos urubus. Meu segundo pensamento foi que as Devine poderiam tentar me salvar, e imaginei que a coisa toda terminaria bem mal. Não que, naquela altura, parecesse que terminaria bem.

— Vonn — falei —, preciso das bandagens de Nola. Me dê as bandagens.

— Elas estão nojentas.

— Não para urubus — falei.

Então ela viu que eu estava segurando o vidrinho de Tabasco e percebeu minha intenção.

— Certo.

Ela retirou as bandagens cobertas de pus do braço de Nola e entregou aquela maçaroca nojenta para mim. Encharquei o tecido sanguinolento e fedido de molho apimentado, coloquei uma pedra grande no meio para que o embrulho ficasse pesado e então o atirei para as aves.

Foi ao mesmo tempo nojento e gratificante assisti-los enxamearem-se em torno do tecido sangrento embebido de Tabasco. Eles bicaram e rasgaram as bandagens — ah, o som que fizeram, aquele som horroroso, que só ficou pior por causa do Tabasco! Depois dava para notar sua confusão quando saíram voando para longe.

— Deu certo — disse Vonn, com um fiapo de voz.

Nola e Bridget sorriram ante a vitória. Até mesmo as árvores elogiaram nossa engenhosidade repulsiva, estalando e batendo palmas no vento, soprando as nuvens para longe e trazendo de volta o sol para nos esturricar. A temperatura devia estar uns seis graus mais alta no sol do que na sombra. Tive medo de suar e perder ainda mais líquidos.

A ferida de Nola estava infeccionando ainda mais; sabíamos que precisávamos cobri-la de novo o mais rápido possível.

— Precisamos cuidar do seu machucado — falei.

— Por favor, não perca tempo com isso. Precisamos seguir em frente — disse Nola.

— Vonn vai limpá-la, mãe. — Bridget fez um grande esforço para falar. — Ela sabe o que está fazendo, deixe ela ajudar.

— Não que eu seja médica. — Dava para perceber que Vonn estava toda orgulhosa com a confiança da mãe.

— Vamos, Mim. Não podemos deixar a ferida aberta assim — disse Bridget com voz firme, virando-se para tirar sua própria camiseta. — Use isso para cobrir o machucado de novo.

— Essa é a única camada por baixo do seu casaco, Bridget — disse Vonn, cuidando do braço pútrido de Nola. — Você vai morrer congelada.

— Não sinto mais nada, estou dormente — disse Bridget, mais em tom de declaração do que de queixa.

Vonn encontrou alguns gravetos para usar como tala e, sem ter tempo nem lugar para amassar as folhas de sterasote, simplesmente cobriu a ferida com as folhas inteiras e enrolou a camiseta de Bridget no pulso machucado de Nola.

— Você deve ter uma tolerância absurda para a dor, Nola — falei.

— É um dos benefícios da velhice — respondeu ela, tentando sorrir. Apontou para a água gotejante.

— Precisamos ter paciência — falei, confirmando em seguida com Bridget e Vonn: — Certo? Vamos nos sentir melhor depois de bebermos mais um pouco de água. E teremos mais energia para voltar ao trabalho. Não é?

Ping, ping, ping.

— Que calor — disse Vonn, quando percebeu que eu a estava observando. Ela não tinha percebido que seu lábio rachado estava sangrando.

— Que calor — concordei, notando que um galho ao lado dela estava se mexendo com o vento.

— Isso vai demorar uma eternidade — comentou Nola.

Ping, ping, ping. Nola tinha razão. Levaríamos o dia inteiro para encher o cantil, e depois o quê? A temperatura naquela região do Desfiladeiro do Diabo cairia até chegar perto de zero quando o sol se pusesse. Sem falar que não seríamos avistados ali, no caso pouco provável de que houvesse um avião procurando por nós.

Analisei o septo estreito da rocha desgastada de onde a água estava gotejando, mas não encontrei nenhuma maneira de subirmos para encontrar a fonte.

— Não podemos ficar aqui — falei, por fim.

— Três dias sem água, Wolf — devolveu Vonn.

— Precisamos da água — disse Bridget. — Acho que devemos ficar.

— Eu vou ficar com a minha filha — disse Nola.

Eu me virei para Vonn em busca de desempate.

— Vonn?

— Estou com Bridget e Mim — declarou Vonn. As nuvens estavam refletidas em seus olhos bonitos. Sua boca aparentava desafio. — O que foi?

Pisquei quando o galho ao lado dela se mexeu, e continuei piscando até entender que eu não estava olhando para um galho, e sim para uma serpente, que deslizava ao longo da fratura na rocha marmoreada

onde Vonn tinha se encostado. Era uma cascavel-do-pacífico, verde-oliva e castanha, além de jovem, a julgar pela sua cauda amarelada.

Levantando devagar, falei:

— Hora de a gente ir embora.

— Você acabou de dizer para sermos pacientes — observou Bridget.

Senti vontade de arrastar Vonn para longe da cobra sem que as outras mulheres bancassem as sabichonas. Ofereci a mão para ela, fazendo uma reverência brega.

— Por que você está agindo desse jeito estranho? — Vonn quis saber.

— Vamos — falei.

— Eu vou ficar bem aqui — disse ela, olhando para a minha mão estendida.

A cobra jovem deslizava para dentro e para fora das rachaduras da rocha ao lado da cabeça de Vonn.

— Precisamos ir agora, Vonn — falei, com a mão ainda no ar.

— Eu não vou a lugar nenhum.

— Confie em mim, Vonn.

— O que há com você?

— Confie em mim — repeti, dizendo a mim mesmo para não olhar para a cobra.

— Eu confio em você, Wolf. — Ela me encarou. — Mas vou ficar aqui.

— Por favor.

Bridget virou-se então para Vonn e prontamente avistou a cobra a um fio de cabelo de distância do pescoço da filha. Berrou com seu fio de voz:

— Cobra!

Nola deu um grito agudo.

Vonn se virou e assustou a serpente.

— Não se mexa — sussurrei quando a cobra recuou, presa entre a rocha e um local macio, agitando a cauda.

Bridget deu um passo para a frente.

— Saia de perto dela! — berrou, sua voz surgindo naquele momento.

— Bridget! — gritei.

Eu vi a coisa acontecer antes mesmo que acontecesse, mas não tive como impedir que acontecesse.

Bridget golpeou a cobra com as mãos nuas.

— Não!

A cobra rastejante tentou atacar a agressora, mas, em vez disso, acabou atingindo o braço de Vonn.

Dizem que picadas de cobra são incrivelmente doloridas, mas Vonn não gritou nem berrou.

— Ela me picou — disse ela, segurando a respiração.

— Certo — falei. — Fique parada. O mais importante é manter a calma. E ficar parada.

— Desculpe, desculpe, desculpe — chorou Bridget.

Vonn sorriu para consolar a mãe e estendeu a mão para ela.

— Mamãe — disse, então desmaiou antes que algum de nós pudesse ampará-la. Caiu e bateu a cabeça na borda da pedra antes de desabar sobre o chão, inconsciente. Do nada.

— Vonn! — Eu me ajoelhei ao seu lado, segurando-lhe o rosto com as duas mãos.

Bridget murmurou:

— Ai, meu Deus.

— Cadê a cobra? — Virei a cabeça para todos os lados, mas não conseguia ver onde ela estava.

— Vonn! Vonn! — gritou Nola, apertando a perna da neta.

Tomado por adrenalina, eu me inclinei para erguer Vonn até o meu ombro. Não sentia mais medo de cobras. Não sentia mais medo de nada, exceto talvez do tempo. Tive a impressão de que segui por seis quilômetros, mas provavelmente foram apenas seis metros até encontrar um local com terra macia onde

pudesse deitar Vonn.

— Talvez ela não tenha sido picada — arriscou Nola, desesperadamente. — Talvez só tenha pensado que foi picada, como aconteceu com Bridget e a abelha.

Abri a jaqueta de Vonn e vimos de cara onde as presas afiadas da jovem cascavel haviam rasgado as camadas de lã e perfurado o braço. Eu me lembrei de Byrd dizendo que as picadas de cascavéis bebês eram as piores. Minha mente começou a pensar alucinadamente em tudo o que não devia ser feito ao ser picado por uma cobra.

— Será que não é melhor chupar o veneno? — perguntou Bridget.

— Não.

— Será que é melhor apertar o lugar da picada?

— Não.

— Será que é melhor tentar acordá-la?

— Não. Ainda não.

— Não podemos fazer *nada*? — disse Nola.

Lembrei-me de alguma coisa sobre urina. Errado. Frankie que tinha dito isso. *Fique parado. Retire todas as joias e bijuterias. Não faça pressão. Não faça torniquete. Não coloque gelo. Mantenha o local da picada numa altura mais baixa do que a do coração.*

— Precisamos deixá-la parada — falei — para que o coração dela não bombeie depressa e faça o veneno se espalhar mais rápido. E manter o local da picada mais baixo do que a altura do coração. Não podemos chupar o veneno porque senão também poderemos ficar envenenados. E isso não ajudaria ninguém.

— A cobra queria *me* picar — disse Bridget.

— Algumas picadas são secas. Talvez tenha sido uma picada seca — falei, sem muita convicção.

— Sem veneno? Isso acontece?

— E como vamos saber se foi? — perguntou Nola.

Pensei no que Byrd havia dito: *Se ela não morrer.*

— E agora? — perguntou Bridget.

— Precisamos seguir em frente — falei.

Nola teve a presença de espírito, mesmo em meio ao caos com a cobra, de levar o cantil do trilheiro com sua mínima quantidade de água. Lembrou-se até mesmo de levar a mochila cor-de-rosa. Bridget fechou bem a tampa do cantil enquanto eu me abaixava para cuidar de Vonn. Eu não tinha mais forças para levantá-la de novo, por isso rezei.

Byrd sussurrou em meu ouvido: “Pegue as suas botas de volta. Vai ser mais fácil levantá-la assim. ela vai ficar mais leve.”

Foi o que fiz. De fato ela ficou mais leve, e meus pés ficaram agradecidos. Deixei a bota do trilheiro morto para trás.

Depois disso o ar pareceu ter mudado. O tempo voltou a andar depressa, e eu estava fora do meu corpo, pairando acima, observando o rapaz carregando a bonita garota moribunda pelas encostas de florestas, por sobre as rochas caídas e subindo um morro tão íngreme que em alguns momentos ele foi obrigado a praticamente arrastar-se de joelhos, com a garota em suas costas. Observei o garoto batendo as canelas nas pedras, seus dedos sangrarem, suas bochechas serem arranhadas pelos espinhos. “Aposto que isso deve doer”, pensei, antes de voltar ao meu corpo e descobrir que doía mesmo.

Eu poderia ter me parabenizado pela minha força caso não tivesse me virado para trás e visto Bridget, cujos ombros eram significativamente menores e cujas pernas eram finas como gravetos, carregando a mãe e seguindo meus passos.

Foi algo incrível de testemunhar. E bota heroísmo nisso.

Depois de um tempo, alcançamos uma chapada florestada onde pensamos que conseguiríamos ter

alguma ideia de para onde estávamos indo. Encontrei uma rocha desgastada e ali repousei Vonn. Ela continuava inconsciente, e o galo em sua cabeça me preocupava tanto quanto o inchaço da picada de cobra. Sua respiração era superficial, e o batimento cardíaco, fraco.

Olhei em torno e fiquei decepcionado ao descobrir que daquele ponto não tínhamos nenhuma perspectiva mais clara, nenhum senso de direção: só dava para ver mais rochas e árvores. Bridget subiu, cambaleante, e eu a ajudei a acomodar Nola ao lado da neta. Nola, gravemente ferida. Vonn, picada por uma cobra. Bridget, à beira de um colapso.

Eu havia contado com a morte de Nola a cada hora dos últimos três dias, mas ela continuava resistindo. Agora já não era mais a que estava em pior situação. Vamos, Vonn. Resiliência, seu nome é Devine. Fique com a gente, Vonn.

— Como ela está? — perguntou Nola, segurando a mão inerte da garota.

— Ainda respirando — respondi.

— É tudo minha culpa — disse Bridget, baixinho. — Tudo isso.

— A culpa é da cobra — disse Nola.

Das abelhas. Das cobras. Da maldita natureza.

Passamos o cantil amarelo em círculo e todos tomamos um único e minúsculo gole, depois Bridget e eu nos afastamos a pouca distância para inspecionar as ondulações de rochas e árvores.

— Nada ideal — disse ela, baixinho, olhando em torno, sem consciência de que estava falando igual à mãe.

— Não — disse.

— Precisamos levar as duas para um hospital.

— Vamos fazer isso.

— Perdemos o pinheiro solitário de vista.

— O quê?

— O pinheiro.

— Certo. Eu tinha me esquecido desse sinal.

Então ouvimos um barulho. Distante, de início. Bridget e eu nos entreolhamos. O pio da coruja de novo.

— Onde? — perguntei.

Bridget a avistou em uma árvore, num morro pedregoso.

— Talvez seja um sinal — disse Nola, num fio de voz.

— Talvez — falei.

— Será que o sterasote ajudaria na picada de Vonn? — perguntou Nola.

— Podemos tentar — falei.

Com a faca de caça do morto, cortei um retalho do capuz de meu moletom e depois o dividi ao meio. Então Bridget e eu retiramos as folhas de nossos bolsos e dividimos o que restava do nosso estoque, colocando metade na caçarola pútrida que era a ferida de Nola e espalhando o restante na área em torno da picada de cobra de Vonn.

Nola me observou guardar a faca na bainha.

— É mais afiada do que parece — disse ela.

Bebemos mais um pouco da água turva do cantil e nos sentimos mais fortes, preparados para seguir em frente. Nola conseguiu de algum jeito caminhar sozinha, o que me impressionou tremendamente. Vonn continuava sem sentidos.

A coruja piou de novo, e Bridget apontou para o ponto onde ela estava subindo, voando, o morro.

— A gente devia ir atrás dela — disse eu. Não sei por quê.

Coloquei Vonn novamente sobre os meus ombros. Nola se apoiou em Bridget, e cruzamos as pedras, subimos as rochas e arrastamos nossos pés por um pequeno campo gramado, então subimos outro pico,

seguindo a coruja que piava.

A escolha de seguir a ave fazia tanto sentido quanto qualquer outra escolha que eu já fizera na vida, qualquer outra direção que eu já tomara. Seguimos a ave durante o que pareceram horas, subindo e descendo, perdidos em nossos próprios finais, deixando que a montanha, e a coruja, mostrassem o caminho.

— Não estamos indo a parte nenhuma — disse Bridget a certa altura.

— Vamos sair dessa — falei. Porém eu não tinha mais certeza e acho que devo ter parecido um tolo.

Continuamos em frente, arrastando-nos sobre o chão pedregoso, Vonn ficando cada vez mais pesada sobre meus ombros cansados. Não adiantava amaldiçoar Deus. Além disso, era preciso admitir que as táticas de guerrilha Dele eram ótimas.

A beleza do sol poente naquela noite, a última, não me passou despercebida, mesmo com Vonn inconsciente e Bridget bufando atrás de mim, com Nola apoiada em seu ombro. Queria estar com a minha câmera.

— Faz um tempo que não escuto mais a coruja — disse Bridget.

E ela tinha razão.

Mais uma noite na montanha. A última, mas não sabíamos disso. Com ou sem coruja, precisávamos parar em breve e precisaríamos de um abrigo para passar a noite. Estava frio.

— Por que estamos subindo? — perguntou Bridget. — Só está ficando mais frio. Não há nada para ver daqui de cima a não ser mais rochas e mais árvores.

Bem nesse momento a coruja piou de novo, e quando nos viramos para ver onde ela estava, avistamos uma formação rochosa mais acima do morro — lajes de granito branco que haviam caído e formado uma espécie de casa, com direito até a um telhado pontudo.

Caminhamos em direção àquele abrigo, otimistas, mas cada passo terrível nos levava mais para dentro de um túnel de vento ensurdecador. Se a coruja ainda estava piando, nem no inferno eu seria capaz de escutar.

Quando chegamos ao local, Bridget me ajudou a deitar Vonn em uma cama de granito ali dentro. Nola sentou-se ao seu lado.

— Quatro dias é muito tempo para ficar perdido — disse ela.

Corri os olhos em busca de pedras soltas, que atirei para que ficassem perto de Nola e Bridget. Eu queria estar bem armado, em caso de ataque.

— Por favor, Wolf — disse Nola. — Venha cá.

— Certo — falei, devagar.

Ela fez um gesto para que eu me inclinasse para baixo. Obedeci. Então, ela sussurrou em meu ouvido alguma coisa que não entendi. Pedi para que ela repetisse.

— Conhece os sobreviventes dos Andes?

— Sim — respondi.

— Me coma — sussurrou Nola.

Digamos que se seguiu uma longa pausa depois disso.

— Você sabe o que eles fizeram, Wolf?

— Eu sei o que eles fizeram, sim.

— No filme, eles secam a carne como se fosse *carne seca*.

Eu só podia agradecer a Deus pelo vento uivante, que impedia que Bridget escutasse o que a sua mãe estava me pedindo para fazer.

— O que você está falando, Mim? — perguntou Bridget.

— Eu estava agradecendo o Wolf — disse Nola, depois se virou para mim, sincera. — Não estaríamos aqui se não fosse você.

Olhei para as três Devine. Vonn estava com um aspecto cinzento. Nola parecia esgotada. Bridget, ainda

com um fio de esperança, sorriu ao perceber minha preocupação.

— Ela está respirando — disse, pousando a palma da mão sobre o peito da filha. — Ela vai ficar bem.

O vento era ensurdecedor. Mais alto do que em qualquer outro momento, em qualquer outro dia ou qualquer outro lugar da montanha. Era difícil até pensar com aquele barulho.

— Por que precisa ser tão alto? — disse Bridget, tampando os ouvidos.

O vento rugiu a noite inteira, e, de tempos em tempos, irrompia dentro de nosso abrigo para nos lembrar de quem mandava ali. Acho que eu devo ter caído no sono. Lembro que depois de um longo período acordado, me espantei ao ver Nola esforçando-se para se levantar de onde estivera dormindo ao lado de Vonn, como se estivesse sendo convocada pelo vento e chamada para fora do abrigo como num feitiço. É o que parecia.

— Nola — falei.

O vento parecia guiá-la, com a mão pousada em suas costas, enquanto ela caminhava para encontrar um lugar sob as estrelas cintilantes.

— Nola — chamei, mas ela não respondeu.

Eu a observei ali, com o vento açoitando seu cabelo. Vi sua postura mudar e ela tornar-se jovem novamente, linda à luz do luar, cintilando sob a noite.

Fui devagarinho atrás dela.

— Nola — falei novamente, um pouco mais alto, mas nem assim ela se virou.

Eu me sentei em uma rocha. Nola murmurou algo para os céus, virou-se e então — olhando-me sem me ver — acomodou-se sobre uma pedra e levantou o braço. Sua cabeça começou a balançar de um jeito estranho, e seu queixo caiu sobre seu peito.

Ela começou a agitar os braços no que mais parecia uma convulsão. Fiquei paralisado, sem saber o que fazer, observando-a golpear as trevas com velocidade e vigor, apesar do punho machucado, com uma expressão feliz e serena. Se era uma convulsão, decidi por fim, eu a deixaria tê-la.

Depois de assistir por algum tempo, comecei a perceber que os gestos dela não eram aleatórios nem epiléticos, e sim precisos, seus movimentos ritmados. Ela estava segurando um instrumento invisível, tocando as cordas com seu pulso quebrado e infectado. Spiccato. Legato. Pizzicato. Détaché. Não estava tocando *air violin*: Nola estava tocando o próprio vento.

Eu escutei, enlevado com a música, com cada nota pungente.

Quando ela terminou, seus braços penderam, flácidos, ao lado do seu corpo. A floresta implorou por um bis, mas ela já tinha dado tudo de si no palco. Sem perceber minha presença, ela voltou até seu lugar ao lado de Bridget e Vonn, acomodou-se de novo sobre a rocha e fechou os olhos.

O QUINTO DIA

O VENTO NA MANHÃ do quinto dia chegava tão gélido e forte que tive de abrir minhas pálpebras congeladas com meus dedos congelados. Eu não teria conseguido falar, mesmo que quisesse. Meus dentes pareciam soltos. Minha boca era uma sepultura.

Vonn? Não consegui reunir forças para me virar na direção dela. Claro que eu estava com medo de olhar. Enquanto o sol subia acima do pico, eu só conseguia continuar deitado, imóvel, com os olhos fechados, imaginando a congregação de espíritos que despertavam na Vila de Lata. Kriket, Yago e as legiões de Truly naquele trailer. E os Diaz. Lark. Harley. Dantay. Meu amigo Byrd. Meu pai na cadeia.

Arrependimentos. Claro que pensamos em arrependimentos, mas não é o arrependimento das coisas que você fez que ocupa sua cabeça, é a melancolia pelas coisas que você jamais terá a chance de fazer.

Eu tive a sensação estranha de estar sendo observado e olhei ao redor: vi Nola, pálida e imóvel, os olhos arregalados fixos em mim. Estremeci.

— Nola?

Eu me assustei quando ela piscou.

— A faca — disse Nola.

— O quê?

— Por favor — disse Nola.

Eu não consegui conectar os pontos.

— Por favor — repetiu Nola.

Faca. Estaria ela sugerindo que eu a matasse? Que cortasse sua garganta como se fosse um carneiro em sacrifício?

— Vamos sair dessa.

Ela fez que não.

— Fé — falei. — Três segundos, lembra?

Consegui então reunir a coragem de me virar e encontrei Vonn imóvel, rígida, ao meu lado. Toquei seu rosto.

— Vonn? — sussurrei. — Acorde.

Mas ela não acordava. Chequei seu pulso e fiquei aliviado ao senti-lo. Sussurrei ao seu ouvido:

— Você não vai me abandonar.

Ela gemeu fracamente, o que interpretei como uma confirmação.

Então Bridget acordou e esticou o braço para tocar a testa de Vonn.

— O inchaço ao redor da picada parece mais ou menos o mesmo de ontem — concluiu. — Mim?

— Estou aqui — disse Nola, com fraqueza.

Localizei o cantil do morto.

— As balinhas! — soltou Bridget.

Ela encontrou a mochila cor-de-rosa flácida na pedra e a lata de balinhas guardada ali dentro, mas não conseguiu abri-la.

— Cuidado — falei, observando a frustração dela aumentando.

Bridget bateu a latinha na pedra.

— Isso não vai adiantar.

— Acho que consegui.

Ela bateu a latinha na pedra mais uma vez e conseguiu tirar a tampa, mas as balinhas se esparramaram: a única coisa que pudemos fazer foi olhar as balas minúsculas saltarem pela pedra e rolarem para dentro da densa vegetação dos dois lados.

Consegui salvar apenas três das balinhas restantes.

Nola tentou consolar Bridget.

— Duas balinhas não vão fazer diferença.

— Tome — falei, entregando uma para Bridget.

— Guarde a minha para Vonn — disse ela.

— A minha também — juntou-se Nola.

Guardei as balas no meu bolso e não falamos mais nem delas nem da fome.

O cantil mal continha água suficiente para umedecer nossos lábios. Eu o passei para Nola, que fingiu dar um gole antes de passá-lo para Bridget, que o devolveu prontamente para mim. Eu me lembro de ter pensado no morto a quem aquele cantil pertencia, desejando saber seu nome para que pudesse tê-lo escrito ao lado do nosso.

— Precisamos beber — falei, pressionando o cantil na mão boa de Nola. — Só um pouco.

Tivemos cuidado de guardar algumas gotas para Vonn.

— A gente devia sair e dar uma olhada ao redor — falei, levantando e oferecendo a mão para Bridget.

— O ar está diferente — comentou Nola.

— A altitude é mais baixa — falei.

— Quem sabe a gente encontre frutinhas silvestres? — disse Bridget.

— Escutem esse vento! — gritei, quando saímos do chalé de pedra. Como se tivesse me ouvido, o vento me empurrou por trás. Bridget cobriu os ouvidos para protegê-los dos uivos.

Alguma coisa se mexeu no pico à minha esquerda — um lampejo de pelo amarelado. Eu me virei devagar, preparado para topar com o leão-da-montanha que eu tanto temia que estivesse nos tocaiando, mas não era um leão-da-montanha, era um carneiro-selvagem enorme. Tinha quase dois metros de altura, imagino, e quase o mesmo de comprimento, com flancos brancos malhados e enormes chifres curvos.

Não ousei alertar Bridget, que estava de costas para mim. Ela tinha um péssimo histórico em situações que exigiam calma.

Quando o carneiro bufou na minha direção, não senti nenhuma ameaça. Na verdade, digo a você, interpretei sua presença como um bom sinal. Eu me senti perdoado por haver matado aquele cabritinho. Ato misericordioso ou não, aquela morte me assombrava.

Depois que se cansou de me olhar — eu jamais teria me cansado de olhar para ele —, o animal deu um pulo, os cascos fazendo barulho ao saltar de rocha em rocha, e então sumiu mais além de um penhasco.

— Tão alto! — Bridget fez um esforço para gritar, virando-se em tempo de não avistar o carneiro.

Assenti e olhei na direção do abrigo, onde vi Nola sentada olhando, admirada, para o lugar na rocha onde estivera o carneiro. Era raro avistar um carneiro-selvagem e, quando nossos olhos se encontraram, reconhecemos nosso privilégio e a oportunidade de compartilhá-lo. Bridget se virou e puxou minhas mãos congeladas.

— Vamos lá ver.

Assaltados pelos ventos fortes, começamos a subir a encosta, mas Bridget mal tinha forças para colocar um pé na frente do outro, portanto eu a arrastei a maior parte do caminho, segurando sua cintura e suportando o peso no meu quadril. A cada intervalo de alguns passos, olhávamos para trás para ver como estava Nola. Nenhum de nós comentou que o vento parecia um helicóptero ou uma cachoeira. Já estávamos fartos de sermos enganados pelo vento.

Farejei o ar e senti cheiro de água novamente. Uma miragem olfativa.

— Cheiro de água — disse Bridget.

O vento mudou de direção e o doce odor desapareceu.

— Eu não paro de pensar no bebezinho. O bebê de Vonn — disse Bridget.

— Eu também. — Era verdade. Eu já estava lamentando pelo filho dela.

— O pai nunca irá saber — disse ela.

— Quem?

— O pai do bebê... de Vonn.

— Talvez ele não estivesse nem aí. Talvez já tenha um monte de filhos e não dê a mínima para eles. —

Eu estremei, pensando em Yago.

— Pode ser — disse Bridget.

— Enfim, ela disse que não o conhecia.

— Ouvi ela conversando com ele ao telefone. — Os olhos de Bridget se iluminaram de esperança. —

Talvez tenha sido mais do que um caso de uma noite.

— Talvez.

— Talvez ele esteja procurando por ela neste momento. — Cada palavra era um esforço para Bridget.

— Talvez.

Nós dois sabíamos que ela estava se agarrando a uma esperança vã, mas eu admirei sua força de espírito.

— Não vamos desistir ainda.

Neste momento chegamos ao alto do pico. E eu caí de joelhos. Foi o que fiz, caí de joelhos ao ver o que eu vi. Quando me virei percebi pelo rosto de Bridget que ela estava vendo o mesmo que eu, em toda a sua majestade — rugindo, trovejando, cascadeando. Não era nenhuma miragem cruel: era a Queda do Coração.

Poucos olhos já tinham visto aquela queda. Suas águas são remotas, e os desfiladeiros, uma armadilha mortal mesmo para o mais experiente trilheiro. Além disso, os ventos em geral são fortes e imprevisíveis.

Do abrigo, Nola percebeu que algo havia feito eu e Bridget pararmos. Gritei para ela.

— A cachoeira, Nola! Encontramos a Queda do Coração!

Ela não conseguiu me escutar, claro. Eu me virei para Bridget, que estava de pé afastada da borda do penhasco, enfeitiçada.

O cheiro da água era inebriante. Tão perto e tão longe. Inspiramos as nuvens de umidade enquanto analisávamos a paisagem. As rochas eram afiadas, grandes como carros, e desciam na direção das corredeiras rasas até a cachoeira. As margens do rio eram estreitas e rochosas.

Não vi jeito de descer.

— Precisamos descer. Onde tem água, tem gente. Certo?

— E por ali? Por aquelas árvores?

Fiz que não. O caminho era impossível de tão íngreme.

— E ali?

— Pode ser — falei, aproximando-me da beirada.

Bridget fechou os olhos.

— Sinto o borrifo da água.

Vasculhei as pedras em busca de um caminho.

— Talvez aqui — falei, apontando para um conjunto de rochas caídas à direita da cachoeira. Mas, assim que eu disse isso, uma das rochas menores se deslocou. Nós a observamos descer rolando em direção às águas e se espatifar ao atingir a margem do rio. Fui tomado de vertigem e precisei fechar os olhos e ficar deitado de costas até que passasse.

— Você está bem?

— Vertigem — falei, sério.

— Tem que haver um jeito.

— Veja com seus próprios olhos.

Bridget lutou contra a sua própria vertigem. Ficou de joelhos e se arrastou pelas pedras como um lagarto, fazendo o poncho de plástico guinchar, até encontrar um local ao meu lado, perto dos arbustos da beirada do penhasco.

— E ali? — disse, aproximando-se mais um pouquinho e apontando com o dedo trêmulo.

— Cuidado — falei, sentindo um tremor no pequeno morro de granito abaixo de nós. — Pode ser.

Bridget afastou os galhos de um perfumado arbusto de sálvia para olhar melhor.

— E ali?

— Mesmo que a gente conseguisse descer até lá embaixo, como pularíamos daquela rocha para aquela? — perguntei.

Impossível. Ela também percebeu. Ficamos em silêncio, observando a cachoeira, dando nossos últimos suspiros, pensando nossos últimos pensamentos, chegando a conclusões inevitáveis.

Movida pela beleza da cachoeira, e das nuvens espalhadas e do céu azul-claro contra a rocha cor de âmbar, Bridget suspirou.

Concordei. As águas rápidas. O céu claro. Um ótimo lugar para morrer.

Olhamos em torno, assentindo: pela expressão satisfeita que devíamos ter no rosto, parecíamos estar considerando a compra de uma propriedade de veraneio.

Olhei de volta para Nola no abrigo e acenei, sentindo-me confortado quando ela acenou de volta. Fiquei com medo de que ela estivesse perdendo a consciência ou pior. Eu não queria que tirassem a chance de me despedir.

— Nola precisa ver isso — falei. — E Vonn também. Quando ela acordar.

LEVEI ALGUM tempo para voltar ao abrigo e carregar Nola até lá em cima, reunindo-a com Bridget. Meus joelhos ardiavam e meus ombros doíam quando desci uma segunda vez para buscar Vonn. Ela era um peso morto. Tive de carregá-la como um bebê, cada passo uma tortura. Por fim alcancei o cume. Nós quatro estávamos reunidos novamente, diante das quedas trovejantes. Deitei Vonn ao lado de Nola, a alguns passos da beira do penhasco.

O sol brilhou sobre nós e nos aqueceu. No ruído difuso das águas, escutamos helicópteros, aviões e os sussurros dos mortos. Comecei a ter a ideia fixa de que os urubus poderiam ficar doentes ao devorar o cadáver envenenado de Vonn. Não tínhamos conseguido encontrar o caminho de volta, mas não era pouco o orgulho que eu sentia daquela benção das Devine. Ficamos quietos ali, sob o sol, durante um longo tempo.

As palavras de Bridget romperam meu devaneio.

— Não consigo aceitar isso.

Eu me esforcei para apresentar compostura, porém estava muito confuso e fraco.

— No meu sonho éramos salvos, Wolf. Eu me lembro da *sensação*. Era a melhor sensação do mundo — disse ela.

— Eu acredito em você, Bridget.

— Acredita?

— Acredito. — Era verdade. Eu acreditava que ela acreditava.

Fui engatinhando até Nola, que estava ao lado de Vonn sob a sombra de um arbusto.

— Venha, venha ficar aqui com a gente. A vista é sensacional — falei.

Seguimos engatinhando, Nola usando os cotovelos, de volta até a beira do penhasco, para ficar ao lado de Bridget. Ela estava exausta demais para se maravilhar. Lágrimas rolaram pelo rosto.

Observamos a água, hipnotizados, preparando-nos para nossos últimos suspiros — era o que eu estava

fazendo, pelo menos. Acho que já havia aceitado. Rezei para que Vonn acordasse e ficasse desperta o bastante para absorver aquela vista rara.

Não me lembro de ter me sentido agitado, e sim bastante calmo. Isto é, até Bridget segurar meu braço e berrar:

— O que é aquilo?

Pisquei para ver melhor, tentando enxergar o que ela estava vendo.

Ela apontou com a mão trêmula:

— Ali! Lá embaixo! Na margem do rio!

— Onde?

— ALI!

Então vi. Um colete laranja. Era um colete laranja. E não apenas um colete laranja, mas um colete laranja em um homem, que seguia na frente de outros dois, também trajando coletes laranja e de mochilas, que atravessavam os arbustos e a margem pedregosa do rio e seguiam na direção da cachoeira.

— Trilheiros — disse Nola com voz rouca, apontando. Ela não tinha forças para gritar.

Não eram trilheiros. Era a equipe de resgate da montanha.

— Olá! OLÁ! — berrei, mas não podia ser ouvido por causa da água tumultuosa.

Observamos, sem ar, o trilheiro-guia usar os binóculos para vasculhar a área. Mesmo daquela distância vimos que eles levavam walkie-talkies e cordas. O resgate da montanha. Eram *eles*. Eram os *eles* por quem tanto tínhamos rezado.

— Socorro! — gritei fracamente.

Nola só observava, paralisada, enquanto Bridget se esforçava para se levantar.

A vegetação arbustiva do cume era tão densa que havia poucos lugares de onde poderíamos ser avistados. Bridget começou a pular, agitando os braços por cima dos arbustos.

Eu comecei a pular também e, quando isso não funcionou, atirei pedras e galhos, mas os homens de colete laranja estavam muito distantes e pareciam estar concentrando os esforços de busca no nível do chão.

Finalmente um dos homens mirou os binóculos para o cume onde estávamos.

— Agite os braços! — berrei para Bridget, e foi o que fizemos, enlouquecidos, sem parar. Nola agitou o seu braço bom, até que o homem abaixou os binóculos e virou-se para vasculhar em outra área. Não tinha nos visto. Estávamos longe, e bastava ele atravessar um cume acidentado que nos perderia de vista.

— Tem pedras grandes lá no abrigo! — gritei.

— Vou lá pegá-las — disse Nola, tentando levantar-se sem conseguir.

Lá embaixo, o homem de colete laranja mais uma vez mirou os binóculos no cume onde estávamos. Parecia Dantay, mesmo daquela grande distância. Fiquei com muito medo de estar alucinando.

Bridget se virou para olhar sua mãe e percebeu que Vonn estava tremendo.

— Ela está tendo convulsões — disse Nola.

Vonn ficou imóvel, depois mole. Nós nos agachamos ao seu lado. Durou apenas um instante. Eu não sabia se ela ainda estava respirando.

Quando voltei a me levantar de um pulo, vi que o homem de colete laranja tinha abaixado os binóculos. Não nos tinha visto. Mais uma vez.

— Eles estão indo embora! — Pulei para baixo e para cima, berrando. Bridget se juntou a mim e começou a agitar os braços.

Virei-me para olhar para Vonn, caída e pálida no chão atrás de nós, e tremi de medo. Estávamos perdendo tanto ela quanto o bebê. Com um último impulso de energia gritei a plenos pulmões:

— SOCORRO!

Então o último homem parou, como se tivesse me escutado, e virou-se para vasculhar o rio pedregoso e suas margens rasas.

Berrei:

— AQUI EM CIMA! OLHA PRA CIMA! — Agitamos nossos braços como loucos.

O homem de colete laranja olhou para todos os lados, menos para cima.

— POR FAVOR! — gritei.

O colete laranja estava prestes a tornar a caminhar, mas pareceu mudar de ideia.

— Aqui! — gritei.

Ele se aproximou do rio e parou. Ajoelhou-se sobre um dos joelhos para lavar o rosto. Depois tirou um cantil do bolso interno do casaco e o mergulhou na água fria e agitada.

— A mochila cor-de-rosa! — disse Bridget, de repente. — Vamos colocar pedras dentro dela! Para ficar pesada o bastante e fazer barulho ao cair na água!

Na margem, os outros dois homens da equipe também lavaram o rosto e encheram os cantis ao lado do primeiro homem.

Desci o morro correndo para pegar a mochila.

— Depressa! — gritou Nola.

O curto trajeto durou uma eternidade, meus dedos berravam a cada passo do caminho, até que eu por fim apanhei a mochila e me inclinei para enchê-la de pedras pesadas e grandes.

Enquanto eu subia o morro cambaleando carregando a mochila, Bridget gritou com sua voz estrangulada:

— Eles estão indo embora! Depressa!

— Pegue! — urrei, estendendo a mochila para ela enquanto me esforçava para subir os últimos centímetros que me separavam de onde Bridget estava, perto da beira do penhasco.

Ela pegou a mochila rosa das minhas mãos e em seguida, em pânico, girou-a ao redor do ombro e a atirou para longe. Antes mesmo que a mochila saísse das suas mãos, eu já sabia que ela não tinha nem o peso nem os músculos necessários para atirar aquele treco com a força necessária para ultrapassar o morro e cair na água com impacto o suficiente para despertar a atenção do homem do resgate.

— Não! — gritou Bridget, quando a mochila ficou presa em um arbusto de manzanita situado numa leve projeção sob a laje.

Lá embaixo, os homens se levantaram, preparando-se para ir embora. Nola se sentou pesadamente sobre uma rocha próxima. Todas as esperanças estavam perdidas.

Bridget se virou para olhar para Vonn, que estava deitada inconsciente no chão. Depois olhou para Nola. E então para mim.

— Tudo bem, Bridget — falei. — A mochila não estava pesada o bastante.

Bridget se virou e começou a correr.

Nola gritou:

— Agora não, Bridge! Por favor!

Eu também fiquei irritado com ela, pensando na energia preciosa que teríamos que gastar para encontrá-la quando ela se perdesse na floresta.

— Bridget! — berrei com todas as forças, mas creio que não podia culpá-la por desejar morrer sozinha.

— Bridget Devine! — gritou Nola, com rispidez.

Bridget parou.

— Precisamos ficar juntos! — gritou Nola.

— Fique com a gente, Bridget! — berrei.

Bridget se virou de novo para nós e levou a mão ao coração.

— Bridge? — gritou Nola. — Volte para cá!

Então Bridget se pôs novamente a correr. Só que, dessa vez, não estava mais correndo para longe de nós, mas na nossa direção. Nenhuma abelha a estava perseguindo. Nenhum coite rosnava. E não havia

nenhum outro lugar para ir a não ser a beira do precipício.

— Bridget! — gritei, quando percebi o que ela estava prestes a fazer.

O olhar no rosto de Bridget não era de medo. Não era de horror. Bridget sabia antes mesmo de saltar, erguendo os braços dentro daquele grande poncho de plástico vermelho, antes de atirar-se daquele penhasco e cair nas rochas lá embaixo, Bridget Devine soube que aquele era o momento mais grandioso de sua vida.

Clarividente, afinal.

NOLA FICOU OLHANDO fixamente para o lugar vazio onde sua filha estivera.

Tudo acontecera muito depressa.

Bridget deve ter parecido um pássaro vermelho gigante — é como eu a imagino — planando para baixo até cair na rocha úmida e afiada. Ela surpreendeu a todos nós.

Fui engatinhando até a beira do penhasco e espiei o rio lá embaixo. Vi o corpo flácido de Bridget caído numa pedra perto da margem, a vários metros de onde os homens de colete laranja haviam parado para encher seus cantis. Foi um salto excelente, se é que se pode dizer tal coisa.

Mesmo daquela distância, dava para ver seu sangue espalhado sobre as rochas brancas na margem do rio. Parecia um petróglifo fresco. Imaginei que ali estava escrito, em alguma língua não inventada: *Bridget Devine esteve aqui.*

Os três homens de colete laranja da equipe de resgate estavam olhando para aquilo estupefatos — o montinho vermelho-sangue que se atirara do alto do penhasco e aterrissara com forte impacto.

Até que, finalmente, olharam para cima.

Agitei os braços.

Eu sabia que os homens estavam acenando de volta, mas não consegui tirar os olhos de Bridget e das manchas vermelhas de sangue.

O VENTO diminuiu e o ar ficou sedoso, mais estável do que jamais alguém vira na Queda do Coração. Eu me lembro de ter ficado deitado em silêncio sobre as rochas, observando o helicóptero pairar e descer. O sol estava a pino.

Acho que o fato de que Bridget teria adorado saber que estivera certa o tempo todo deve ter dado um pouco de conforto a Nola.

Eu mal consegui murmurar um sussurro de agradecimento quando os homens apareceram com água e chocolate. Eu não parava de erguer a cabeça para ver como estavam Nola e Vonn.

O resgate foi um borrão. Imagens em ângulos estranhos quando fomos carregados em macas. Primeiro Nola, depois Vonn, por fim eu. Nola estava ao meu lado no helicóptero. Ouvi quando ela rouquejou um pedido de desculpas para o piloto, mesmo à beira da morte como estava:

— Devemos estar *fedendo!*

Nola Devine pedindo desculpas. Eu me virei para procurar Bridget. Então me lembrei.

Olhei para baixo, de dentro do helicóptero, e vi a mancha vermelha sobre a margem do rio ir diminuindo cada vez mais, até estarmos tão longe que mais pareceu a bolinha de um alfinete sobre um mapa topográfico. Foi a última vez que vi a montanha.

DEPOIS

ACORDEI NO HOSPITAL quatro dias depois, tendo perdido três dedos do pé, seis quilos e o pouco que me restava de minha meninice.

Minha primeira palavra ao recuperar totalmente a consciência depois do resgate? “Vonn.”

Uma enfermeira apareceu ao meu lado, ergueu a cama e checkou meus sinais vitais. A água no copo que ela levou aos meus lábios tinha gosto de água sanitária. Pensei em Nola. Farejei o ar em busca de algo familiar — pedra, terra, pinheiro, neve —, mas só pude detectar os cheiros de amônia e sangue, duelando entre si.

Voltei a dormir e acordei algum tempo depois. Sorri quando Nola Devine apareceu à minha porta numa cadeira de rodas empurrada por um funcionário do hospital. Seu braço estava numa tpoia, significativamente menos inchado.

— E Vonn? — perguntei.

Nola se aproximou da minha cama.

— Ela está bem. Está confusa. Está perdendo e ganhando a consciência desde que chegamos.

— E o bebê?

— É um guerreiro. Todos dizem isso.

Bridget, lembrei. Nola pareceu ler meus pensamentos.

— Ela não perguntou da mãe ainda. Está dormindo bastante. Não se lembra de muita coisa.

— Ela perguntou de mim? — Eu não tinha voz.

Nola fez que não.

— Ela não se lembra do deslizamento, de ter atravessado a fenda nem de ter sido picada por uma cobra. Nada disso. Ainda não descobri como contar.

— Posso vê-la?

— A enfermeira disse que poderíamos subir para vê-la daqui a algumas horas. Estão fazendo alguns exames, mas os caras do resgate estão aqui de visita — disse Nola.

Tentei me sentar.

— Eles têm vindo todos os dias desde que fomos trazidos. Foi Harley Diaz, Wolf. Ele que começou toda a busca. Não havia ninguém à nossa procura.

— Harley — falei, quando ele entrou.

Harley não fazia parte da equipe de resgate; fiquei meio confuso.

— Você esqueceu sua mochila — disse ele.

— É.

Harley se inclinou sobre mim e me abraçou com carinho.

— Você nos salvou — consegui dizer. — Obrigado.

— Agradeça a esse cara aqui — disse Harley, quando outro homem entrou no quarto. Eu sabia que seria Dantay, que pensei ter reconhecido ao vê-lo erguer os binóculos para vasculhar o espinhaço, mesmo daquela grande distância.

Dantay me abraçou.

— Não tente falar.

O terceiro homem também era nativo americano. Eu o reconheci, mas não me lembrava de seu nome.

Ele segurava um capacete de moto.

— Sou primo de Byrd — disse ele. — Juan Carlos. Já nos vimos no rancho de Harley.

— Obrigado — falei.

— Tem mais gente na nossa equipe — disse Dantay.

Meu olho parou sobre a pessoa que entrou em seguida. Sua postura estava curvada; sua expressão, solene. Quando percebi quem era, não consegui falar nada por um longo tempo.

— Byrd — falei, por fim.

Ele se aproximou da minha cama de hospital com seu sorriso torto e pálpebra esquerda caída.

— *Sê* — falei, sorrindo.

— *Eh gox to zah papô rah* — disse Byrd, sem pestanejar.

Harley nos disse que um dia acordou com um barulho de madrugada. Foi ver como estava Byrd e o encontrou na poltrona de couro ao lado da janela, observando o sol nascer sobre a montanha. Estava prestes a levá-lo de novo para a cama quando Byrd disse: “Wolf.” Era a primeira palavra que Byrd dizia em um ano e quatro dias que tinham passado desde o acidente. Harley não podia simplesmente ignorar aquilo.

Byrd seguiu o tio até o carro e eles foram direto até o posto de gasolina, onde Byrd apontou para o acúmulo de jornais em frente à porta do apartamento.

A preocupação de Harley aumentou quando eles entraram no apartamento e viram minha mochila pendurada no gancho ao lado da porta. Em uma hora, uma equipe de resgate já tinha sido despachada para a montanha.

— Bridget — falei, lembrando-me do momento fatídico. — Vonn não sabe.

— Entendo — disse Harley.

Nola fez um gesto para que Harley, Dantay e Juan Carlos me deixassem sozinho com Byrd, e eles obedeceram.

— Wilfred — disse meu amigo, sorrindo. Havia ali um lampejo do velho Byrd.

Algo em seu rosto mudou então, e senti que meu amigo se fora, que seu corpo voltara a surfar em algum universo paralelo.

— Byrd?

Ele piscou com força.

— Wolf — disse, sentando-se ao lado da janela. Foi a última palavra que Byrd disse em quase um mês.

Ele tem sido como um irmão para mim, mas às vezes parece meu filho e às vezes, do mais irritante dos jeitos, parece um pai. Essa é a beleza de Byrd: você não sabe quem ou o quê ele será a cada momento.

Quando ele inclina a cabeça de determinada maneira, desconfio que esteja na montanha, olhando a vista do topo. Quando fala sozinho, quando é incoerente, como acontece às vezes, imagino que esteja no local onde as fraturas se encontram, recebendo respostas para perguntas que ele nem sabia que fazia.

NO DIA EM QUE acordei no hospital, depois de Byrd ter ido embora, uma das enfermeiras finalmente entrou e disse que Vonn estava preparada para nos receber. Porém, quando tentei entrar de cadeira de rodas atrás de Nola, outra enfermeira disse:

— Apenas família.

Nola interveio por mim e disse à mulher:

— Ele é o pai do bebê.

Foi como se tivéssemos estado separados por dez anos, e não só poucos dias, como se nos conhecêssemos desde sempre, não menos de uma semana — pelo menos para mim. O monitor fetal ao lado da cabeceira de Vonn fazia barulhos estáveis. Banquei o papel de pai preocupado, mas não era só

fingimento — nem mesmo naquele primeiro momento.

— Vonn — falei, quando percebi que os olhos dela estavam abertos.

Ela me acompanhou com um olhar neutro quando me aproximei da cama na cadeira de rodas. Finalmente um sorriso começou a surgir nos cantos de sua boca.

Estranhos íntimos que éramos, eu não tinha certeza se deveria abraçá-la ou não e fiquei aliviado quando ela segurou minha mão, além de também por Nola estar ao meu lado. Finalmente ela se virou na direção da porta.

— Cadê a minha mãe? — perguntou ela.

Nola e eu nos entreolhamos. Nenhum de nós conseguia dizer nada.

— Ela está vindo?

— Você se lembra um pouco do que aconteceu na montanha, Vonn? — perguntei.

— Não muito.

— O deslizamento de pedras? Lembra que Nola machucou o punho?

— Lembro que a gente se perdeu, que estava frio e que meus dedos doíam demais.

— Você se lembra da fenda?

Vonn fez que não.

— O médico disse que uma cobra me picou. Não me lembro disso. Eu cheguei a vê-la?

Eu e Nola mais uma vez nos entreolhamos.

— Talvez seja melhor a gente conversar sobre essas coisas mais tarde.

— Você me deixou colocar os pés embaixo da sua camiseta — Vonn se lembrou.

— Sim.

— E me deixou usar suas botas.

— Sim.

— Cadê minha mãe? — perguntou ela.

Fiz uma pausa.

— Bridget morreu na montanha.

Vonn se virou para olhar a avó, que só conseguiu acenar com a cabeça.

— Nós conseguimos chegar até a Queda do Coração — falei.

— Não — interrompeu ela.

— Bridget nos salvou, Vonn — disse Nola.

— Não — disse de novo.

— Ela foi incrível — falei.

— Não quero saber — disse Vonn.

— Eu fiquei tão orgulhosa — disse Nola.

— Por favor.

— Foi igualzinho ao sonho dela — disse Nola.

Uma enfermeira entrou no quarto, em resposta a uma mudança nos sinais vitais de seus dois pacientes.

— Ela precisa ficar tranquila — alertou.

— Quer que a gente vá embora?

— Não — disse Vonn.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Nola estendeu a mão boa e apertou a perna de Vonn.

— O médico disse que você vai acabar recuperando a maior parte da memória.

— E se eu não quiser me lembrar? — Vonn pousou a mão no leve inchaço em seu ventre.

— Podemos ajudar você a preencher as lacunas — falei.

— Não quero mais falar da montanha, está bem? Não quero me lembrar. Não quero saber.

— Tudo bem — falei.

— O que você precisar, Vonn — disse Nola.

Ficamos em silêncio novamente, ouvindo um homem assobiar alguma coisa no corredor lá fora.

— Vamos fazer sachês de rosa — disse Vonn.

EU ESTAVA me saindo bem com as muletas, e o braço de Nola melhorara significativamente. Tivemos alta do hospital com poucos dias de diferença, mais ou menos uma semana depois. Vonn, por sua vez, sofreu complicações por causa de nossas provações. O bebê estava em risco. Cada dia trazia uma nova preocupação, uma nova ameaça ao feto. Graças à generosidade de Harley, ela recebeu a melhor assistência médica e passou o restante da gravidez no hospital.

Eu assumi o turno da manhã ao lado da cama dela. Vonn se mostrava inquieta e irritável, mas eu conseguia facilmente distraí-la com alguma história, que eu lia, lembrava ou havia vivido. Vonn contava tantas histórias quanto eu, mas a maioria das dela eram lembranças — não da montanha, nunca da montanha. Falava sobre momentos felizes em família — e chamava Bridget de “minha mãe” ou “mamãe”. Ela havia reescrito completamente a história do passado difícil das duas.

Gostaria de ter podido fazer o mesmo com Frankie.

EU SÓ O VI UMA VEZ depois que ele foi preso, e isso foi há quase vinte anos. Foi pouco antes da Páscoa. Ele ficou sabendo o que havia acontecido comigo e com as Devine na montanha em novembro, mas só me procurou no final de março, quando tentou entrar em contato comigo no posto de gasolina. Ele não tinha como saber que eu estava morando no quarto de hóspedes da casa de Nola, num condomínio convenientemente localizado perto do hospital onde Vonn e o bebê estavam sendo monitorados 24 horas por dia.

Frankie acabou deixando recado com a recepcionista do departamento de fisioterapia, pedindo que eu fosse visitá-lo o mais rápido possível na prisão. Ele passou da completa ausência de contato — nenhuma palavra sequer por quatro meses — à insistência de que eu fosse visitá-lo imediatamente.

Comprei uma camisa nova.

Na longa viagem de ônibus até os portões do presídio, eu só pensava em Vonn. Eu passara toda a minha vida desejando a atenção total de Frankie e, agora que eu estava prestes a tê-la, só desejava ficar ao lado de Vonn. Tinha medo de que ela precisasse de mim. Fazia poucos meses desde a última vez que eu vira meu pai, mas para mim era como uma eternidade. Meu coração batia loucamente quando entrei na sala de visitas mofada do presídio. Encontrei Frankie esperando atrás do vidro numa das pontas de uma longa fileira de cadeiras. Ele estremeceu ao me ver, ao se deparar com sua mortalidade, com a minha. Eu tinha me transformado em um homem ao longo daqueles cinco dias intermináveis em que ficara perdido. Ele percebeu.

Quando eu me sentei, deixei as muletas de lado. Nem eu nem ele sorrimos. Não era hora para falsidade.

Frankie havia envelhecido naqueles poucos meses também. O cabelo dele continuava cheio, mas agora estava repleto de fios grisalhos. Seus olhos pareciam ter assumido um tom mais claro de azul. Ele apanhou o interfone e gesticulou para que eu fizesse o mesmo.

Notei que seu pescoço e seus peitorais estavam mais fortes, e a ponta de um trapezoide quando ele coçou a cabeça.

— Você está puxando ferro — falei, fazendo uma mímica de levantar um peso.

— Obrigado — disse ele. — Precisava experimentar para ver qual era.

— Em carne e osso. — Sorri. — Seu cabelo está grisalho.

— Faz uns quinze anos — zombou ele.

Então ele pintava o cabelo? Eu não fazia ideia.

— Um dia o seu também vai ficar — disse ele.

Eu o observei engolir alguma outra coisa que estava prestes a dizer e não pude imaginar o que seria.

Eu te amo, filho? Desculpe?

Saltei ante a brecha.

— Eu teria vindo ver você toda semana se você quisesse.

— Assim? — Ele bateu no vidro espesso que nos separava e depois ficou em silêncio por um instante.

— O que foi, hein, Wolf? — disse ele. — O que aconteceu?

— Entre a gente? — perguntei, como um idiota.

— Na montanha. — Ele gargalhou de um jeito que deveria ter me alertado logo de cara.

— Eu me perdi — falei.

— Mas o que *aconteceu*? As pessoas têm muitas perguntas.

Eu também tinha. Queria saber que merda tinha acontecido na noite em que saímos de Mercury. Queria saber se Frankie estivera ali, nas sombras, assistindo a seu corpo moribundo no quarto imundo de Warren. Queria saber se Frankie tinha me visto chutá-lo, se lamentava que eu o afastara da luz. Se ele tinha visões da minha mãe em que ela parecia um anjo. Eu queria saber se ele lamentava ter praticamente me abandonado quando nos mudamos para o deserto. Se ele acreditava no paraíso. Em vez disso, só falei:

— Certo.

Os olhos dele se detiveram em minhas mãos.

— Sua foto apareceu no jornal todos os dias por algum tempo.

— Eu sei.

— Como é ser famoso?

— O que está acontecendo, Frankie?

— Nada. Eu só precisava ver com meus próprios olhos se você estava bem.

Fiquei emocionado, arrependido de tê-lo julgado mal.

— Estou bem.

— Meu filho, um herói.

— Não é bem assim.

— Eu guardei todos os artigos de jornal. Preguei todos na parede do meu quarto.

— A maioria do que escreveram é mentira — falei.

— Por que não corrigi-los, então?

Eu me recusara a dar entrevistas. Não queria comentar nada para a imprensa. Parecia uma afronta ao universo, falar sobre nossa provação.

— Ouvi dizer que todos os programas de TV querem que você vá para contar sua história — disse Frankie.

— É.

— Por que você não quer ir?

— E por que eu iria?

— A oportunidade está batendo à sua porta, Wolf!

— Por que estou aqui, Frankie? — perguntei, já sabendo a resposta. — Por que você queria que eu viesse?

Frankie se inclinou para perto.

— Estou em contato com um agente que acredita que pode vender sua história. Mais do qualquer coisa, o que me preocupa é sua reputação.

— Você está preocupado com a minha reputação?

— Só estou dizendo que você está deixando as pessoas cheias de perguntas.

— Preciso ir — falei.

— Pense nisso — disse Frankie, acariciando a tatuagem de *Glory Eternamente* no braço.

— Não preciso pensar em nada, Frankie.

— Nem um pouquinho? — perguntou ele. — Que tal falar só um pouquinho, para manter o cara interessado, até você se decidir?

Fiz uma pausa. Não sabia o que eu estava esperando.

— Não tenho nada a dizer, Frankie.

— Lamento — disse ele.

Olhou em meus olhos por um longo instante antes de fazer um gesto ao guarda para indicar que a conversa tinha acabado.

Quando ele se levantou para ir embora, notei que teve dificuldades para se equilibrar. Suas costas ainda não haviam se recuperado do acidente, e tampouco seus joelhos. Ele saiu mancando enquanto se afastava. Levantou o braço para se despedir — o braço com a tatuagem de arco-íris, do *Glory Eternamente* —, mas não se virou para olhar para mim.

NOS MESES SEGUINTEs ao resgate, Nola e eu nos víamos no estacionamento do hospital, que tinha uma vista desobstruída da montanha, várias vezes ao dia. Nola sempre se virava para olhar o magnífico batólito. Eu nunca. Não conversávamos sobre nossa provação. Estávamos ocupados demais tentando lidar com as consequências, e preocupados demais com Vonn e o bebê em seu útero. A neta devorava livros sobre maternidade enquanto a avó fazia sapatinhos de crochê. Eu caminhava de um lado para o outro em minhas muletas, inquieto.

Acho que Nola, tal como eu, sentia saudade de alguns aspectos da montanha. O espelho da natureza é altamente reflexivo, e eu sentia falta da clareza que a montanha me trazia, inclusive da maneira como nossos apuros definiam nosso propósito. Sentia falta da beleza hipnótica das rochas úmidas, do ar gelado perfumado e de Bridget. Sentia falta de Bridget.

Fui ao hospital para uma sessão de fisioterapia, três andares abaixo de Vonn, quando um funcionário veio me avisar que ela estava solicitando a minha presença imediata. Naquela época eu já tinha trocado as muletas por uma bengala e me movimentava devagar. A dor fantasma dos meus dedos do pé me deixava irritável. Esperei um longo tempo pelo elevador, seguido por uma longa e desajeitada caminhada até o quarto de Vonn.

Eu a encontrei sozinha, numa cadeira de rodas, desligada do monitor.

— Daniel — falei, caindo de joelhos e espalmando as mãos sobre o inchaço embaixo da roupa hospitalar.

— Eles vão me levar para outro andar para fazer a cirurgia. — Vonn estava ofegante de emoção.

Fiquei confuso. Achei que o fato de ela não estar plugada ao monitor significava que...

— Cesariana. — Vonn segurou meu queixo entre as mãos. — Como você o chamou? O bebê?— Daniel?

— Como você sabia que é um menino? Só descobri isso hoje.

Eu não sabia, o nome me ocorrera como uma lembrança quando pus as mãos sobre a barriga de Vonn. *Daniel.*

— O nome do meio de Bridget era Danielle — disse Vonn.

Então eu beijei Vonn. E ela retribuiu o beijo. E quando nos separamos, olhamos para o lado e vimos Nola e duas enfermeiras encostadas na porta, enlevadas pelo nosso romance.

NO DIA em que você nasceu, pequenino que era, me deixaram segurá-lo enquanto sua mãe dormia. Olhei para seu rosto de anjo, o rosto que eu já amava tão profundamente, e disse, pois não pude evitar:

— Ele parece o Yago.

A semelhança era assustadora: o cabelo preto, a mandíbula quadrada, os olhos grandes.

Nola, sentada ao meu lado, disse:

— Você precisa parar com isso.

— Eu sei.

— Será que não podemos simplesmente desfrutar o dia de hoje? O nosso menino lindo e saudável?

Paramos para sorrir ante seu rostinho adormecido.

— Já pensou em se mudar para o Michigan, Nola?

— O Michigan? Quem é que se muda da Califórnia para o Michigan?

— Surgiu uma oportunidade. Uma grande oportunidade, que Harley me ofereceu. Para mim e para Vonn.

— De se mudar para o Michigan?

— Os avós de Byrd tinham um restaurante. Ficou fechado durante anos, mas agora a área está se revitalizando. Poderíamos todos ir para lá: Byrd, você, Vonn, Danny, eu. Abrir um negócio familiar.

— O Michigan? — disse Nola. — Todos nós nos mudaríamos para o Michigan?

— Pode ser bom para a recuperação de Byrd. Pode ser bom para todos nós.

— Do que isso realmente se trata, Wolf?

Olhei para ver se Vonn continuava mesmo dormindo.

— Trata-se de uma oportunidade.

— No Michigan.

— É.

— É por causa do pai do bebê, não é? — disse Nola.

— É.

— Pergunte a ela e pronto, Wolf.

— Ela não se lembra. Não quer se lembrar.

— É loucura você achar que o pai é seu primo. Não é seu primo.

— Certo, pode ser que não seja Yago. E se for alguém *parecido* com Yago?

— Como assim?

— Você não conhece os caras da Vila de Lata, Nola.

— Não podemos ter certeza de que ele morava mesmo na Vila de Lata.

— E se o cara descobrir sobre o Danny? E se quiser raptá-lo?

— Eu não tinha pensado nisso.

— E se ele o levar para fora do país?

— E para onde ele o levaria?

— Sei lá. Para a Europa. México. América do Sul.

Nola negou com a cabeça.

— O pai não era europeu — disse ela.

— Do que você está falando?

— Não sei. Será que eu sonhei isso?

— Será?

— Quando Bridget me disse que escutou uma conversa de Vonn ao telefone, não dei muita atenção, mas agora, pensando nisso... ele não era europeu, ela disse. Nem mexicano. Era outra coisa.

— Outra coisa?

— Ele era outra coisa. O que foi mesmo que ela disse?

Minha mente começou a pensar nas possibilidades.

Nola estalou os dedos.

— Franco-canadense!

Congelei.

— É isso! Ele era franco-canadense! — disse Nola. — Viu. Não era seu primo.

— Franco-canadense?

— Franco-canadense. — Ela sorriu. — Você não se sente melhor?

Eu não conseguia respirar.

— Ele era franco-canadense e estava usando uma camiseta de arco-íris ou algo do tipo. São as duas coisas que me lembro. Tanta preocupação para nada!

— Arco-íris? — falei.

— Na verdade, tinha também algo sobre ele ser religioso — disse Nola. — Não parece fazer sentido, mas acho que foi algo que ele disse ou fez. Glória eterna. Glória alguma coisa.

Glory Eternamente.

Nola puxou um fio solto de seu tricô.

— Para o Michigan, hã?

Senti as batidas de seu minúsculo coração contra o meu.

— Agente firme, Daniel Truly — falei. — Haverá oscilações.

NÃO POSSO IMAGINAR o que você está sentindo. Sinto muito por ser a causa disso, ou o mensageiro, ou qualquer que seja o rótulo, por pior que seja, que você queira me dar. Senti a mesma confusão quando juntei as peças no dia em que você nasceu.

Agora você entende por que foi tão difícil contar-lhe tudo e por que mantive essa história em segredo, tanto de você quanto de sua mãe, durante todos esses anos. É um instinto de pai proteger seu filho — e você é meu filho, cada célula sua. Além disso, Frankie me ensinou que as pessoas misteriosas sobrevivem melhor às intempéries.

Deixamos o deserto aos seus 3 meses de idade: você, Nola e Byrd no banco de trás do furgão Dodge que Harley nos emprestou para a viagem. Vonn ia ao meu lado na frente e assumia o volante quando eu me cansava. Quando não estava dirigindo, eu me sentava ao seu lado no banco de trás. Observava você durante horas — sem nunca me cansar.

Seguimos na direção nordeste para o Michigan. Eu me apropriei da casa vitoriana antiga onde Byrd morara quando criança e que estava toda fechada por tábuas. Então, reabrimos a Brodski's Polish Deli, compramos patins de gelo para você e o criamos para adorar o inverno. Kriket, Yago, a Vila de Lata, o deserto, a montanha e, mais importante, Frankie estavam a mundos de distância.

Ninguém jamais questionou sua paternidade, nem mesmo você, eu sei. De tempos em tempos, sua mãe e eu conversávamos sobre qual seria o melhor momento para falar a verdade, mas a cada vez que o assunto vinha à tona eu tinha certeza de que você ainda não estava pronto. Sua mãe também não estava muito ansiosa para explicar as circunstâncias da sua concepção e se perguntava se não seria crueldade demais descobrir que seu pai biológico tinha um nome que você jamais conheceria.

Acho que esperei todo esse tempo porque não queria que Frankie arruinasse nosso paraíso em Hamtramck. Eu tentava lhe contar, queria contar e quase contava, mas então imaginava as visitas no presídio, o olhar em seu rosto ao correr até a caixa de correio para ver se tinha chegado alguma carta da prisão. Imaginava você chorando à noite porque Frankie o desapontara de novo. Pior, eu sabia que um dia ele sairia de lá. E se ele descobrisse, de alguma maneira, a verdade? E se quisesse tirar você de mim? Sempre achei mais fácil não dizer nada. Agora eu fico na dúvida de se o verdadeiro fardo não foi, o tempo inteiro, meu silêncio.

Fico aliviado por você agora saber sobre Bridget. Já estava na hora de sua mãe conhecer a verdade também — toda a verdade. A mãe dela foi uma heroína. Você devia sentir orgulho de ter o sangue dela em suas veias. Deviam colocar uma placa em homenagem a Bridget na estação de teleférico, um monumento

para ela em Wide Valley. As pessoas deviam saber o que Bridget Devine fez por amor.

EU ME LEMBRO DE UM DIA, Danny, quando você tinha 6 anos e estava prestes a começar a primeira série. Você desceu ao porão para me ajudar a escolher algumas de suas coisas da época em que era bebê para nossa venda de garagem e, enquanto eu desenterrava seu cadeirão da pilha de objetos, você encontrou algumas caixas velhas.

— Olha aqui — disse.

Meus joelhos quase desabaram quando me virei e vi você segurando o cantil amarelo. Eu não via aquele cantil desde meus 18 anos. Eu havia ficado com ele depois da provação na montanha e o abandonara guardado, acho.

— Faz tempo que não vejo isso aí — sussurrei. Não queria que sua mãe ouvisse.

— É um cantil — você disse.

Então virou o cantil em suas mãos curiosas, limpou pedacinhos de lama seca do esmalte amassado e deixou à mostra as letras riscadas no metal.

Você formou as palavras:

— No-la. Brid-get. Vonn. *Wolf*.

— Muito bem — falei.

— Você não lavou.

— Eu só queria deixar guardado.

— Você queria só guardar, mas não queria limpar.

— É isso aí.

— É de quando você se perdeu na montanha.

— É.

— A letra não está bonita.

— A gente estava cansado.

— E com fome. — Você fingiu que comia seu próprio braço, e eu ri.

— É, Danny. Com fome, com sede e tudo o mais.

— Como você se perdeu na montanha?

— Eu me perdi do jeito como todo mundo se perde — falei.

— Você foi pro lado errado?

— Fui.

— Você ficou com medo?

— Às vezes. Às vezes eu fiquei com medo.

— Do quê?

— Ah, de várias coisas.

— Você falou que ia me contar.

— Hoje não.

— De noite?

— De noite não.

— Amanhã?

— Quando você for maior. E tiver vivido um pouquinho mais.

— Quantos anos?

— Quando você estiver preparado.

— Dez?

— Doze.

— Você vai me levar para a montanha um dia?

— Não. — Fui enfático.

— Você se arrepende de ter se perdido?

Se meu caminho não tivesse se cruzado com o das Devine naquele dia de novembro, eu nem sequer *existiria* mais. Se não tivéssemos ficado perdidos na natureza selvagem, eu não me tornaria seu orgulhoso pai. Não teria conhecido Nola, que até hoje luto para me acostumar que não está mais viva. Não teria me apaixonado por sua linda mãe e não teria testemunhado o ato de bravura de Bridget.

Eu disse que jamais voltaria para a montanha, mas ao longo das últimas semanas decidi que *preciso* voltar, pegar aquele teleférico novamente, sentir o cheiro dos pinheiros de Wide Valley, acariciar o granito frio e sarapintado, ouvir os pássaros, sentir o movimento das placas tectônicas.

Quem sabe você não vem comigo, Danny. Poderíamos fazer a caminhada até o topo e olhar para o deserto branco e seco, ver os campos de turbinas eólicas e a Vila de Lata cintilando a distância.

Frankie tinha razão quando disse que um pai deveria ver isso com o filho. É uma vista e tanto.

Eternamente,
Papai

Agradecimentos

Entendo como as pessoas se apaixonam pela internet. Eu me apaixonei pela minha editora da Knopf, Anne Collins, ao longo dos “rabiscos” dos numerosos manuscritos que passávamos de uma para a outra. Adorava cada pergunta, saboreava cada comentário, concordava com todos os parágrafos riscados, adorava as setas. Anne nunca se cansava de fazer a escalada — jamais parecia perder o fôlego, trazendo em vez disso clareza e pontos de vista novos a cada página, a cada passo do caminho. Ela foi um presente para mim e para este livro.

Agradeço a Alison Callahan, minha editora na Simon & Schuster, que chegou depois com uma perspectiva nova que foi fundamental para a versão final da história. Suas observações pertinentes e comentários oportunos melhoraram o livro, e o entusiasmo dela me inspirou. Sou grata também a Alison, e à Simon & Schuster, pela sua recepção calorosa e seus esforços estelares em todos os departamentos. Agradeço a Lisa Litwack pela linda capa.

E agradeço, como sempre, à Knopf Canada, que publicou meu primeiro romance e seus sucessores. Aprecio de coração sua fé em mim e seus esforços. Gratidão a Louise Dennys, Brad Martin, Marion Garner, Sharon Klein, Deirdre Molina, Michelle Roper e todas as outras pessoas talentosas e dedicadas dessa editora. Obrigada, Diane Martin, por orientar meus três primeiros romances e por me trazer uma luz brilhante e generosa.

Também agradeço muito a Arve Juritzen, meu editor na Noruega, por seus esforços extraordinários em nome de meus livros. Jamais esquecerei minha viagem a Oslo, todas as pessoas maravilhosas que eu e meu marido conhecemos em Juritzen Forlag, os livreiros, jornalistas e leitores noruegueses. Foi um dos pontos altos da minha carreira e, de muitas maneiras, me trouxe a ousadia necessária para escrever este romance.

Obrigada a Jo Dickinson e Suzanne Baboneau da Simon & Schuster UK. Eu me sinto honrada de fazer parte de sua tribo e é com ansiedade que espero um longo relacionamento entre nós.

Denise Bukowski é minha agente literária e amiga desde que virei escritora. Ela é uma guerreira, e eu a admiro demais. Devo a Denise a sua fé em meu primeiro romance, *Rush Home Road*, e por sempre estar na primeira fila do grupo numeroso de mulheres e homens dinâmicos que ajudam a melhorar meus livros. Denise foi a primeira a ler *A montanha* e fez anotações que me ajudaram a dar forma à narrativa, assim como fez com todos os meus outros livros. Aprecio nossas longas conversas telefônicas, seus conselhos sábios, sua franqueza e seu senso de humor.

Bill Hamilton, meu agente no Reino Unido, trabalha fielmente em meu benefício há anos e agradeço demais por tudo. Bill também foi um dos primeiros leitores deste livro, e gostei muito de sua perspectiva.

Claire Cameron, autora do belo e tenso romance *O urso*, que arrumou tempo para ler aquela primeira longa versão e me mandou um e-mail adorável — exatamente do tipo que um autor adoraria receber de outro. Seus comentários, de uma pessoa que está acostumada ao ar livre, além de escritora talentosa, foram valiosos, e agradeço demais.

Os preparadores de texto dos dois lados da fronteira contribuíram com seus olhares atentos e talentos narrativos para este romance. Obrigada, Doris Cowan, no Canadá, e principalmente a Erica Ferguson, que fez várias mudanças ótimas e não deixou nenhum detalhe passar despercebido.

Com simpatia e respeito, obrigada, Michael, Judy e Lennie.

Antes de escrever a primeira frase deste romance, passei algum tempo em monte San Jacinto com meu marido e meus filhos, depois fui até lá sozinha para acabar de escrever o livro. Wolf Truly e os outros estavam aguardando na fila de personagens havia algum tempo, mas a narrativa me veio em capítulos, mais vívida a cada trajeto de teleférico. Depois que eu já tinha a linha narrativa maior, precisei consultar alguém familiarizado com a montanha e as regiões adjacentes de Palm Springs e Coachella Valley. Conheci Matt Jordon.

Membro da unidade de resgate de Riverside Mountain, ele foi meu guia em várias trilhas pela montanha e teve grande paciência com minhas perguntas: “Seria possível dizer que...?” “Seria correto dizer que...?” “Daria para acreditar se...?” Agradeço a Matt por ter compartilhado seu conhecimento e cuidar de minha segurança na montanha — mesmo na escuridão e sob a neve densa. Também agradeço a Matt e a sua esposa entusiasta da vida ao ar livre, Kim, por lerem e fazerem comentários importantes na última versão do romance. A aprovação dos dois significou muito para mim.

Equipes de resgate e salvamento em todo o mundo: essas pessoas extraordinárias, muitas das quais são voluntárias, arriscam a vida para salvarem desconhecidos perdidos e em perigo e são heróis em todos os sentidos. Visitem rmru.org para ler histórias reais de resgate no monte San Jacinto e aprender mais sobre práticas de aventuras seguras na natureza.

Monte San Jacinto. A montanha sem nome deste romance é uma projeção fantasiosa da verdadeira montanha que assoma sobre Palm Springs. Mudei ligeiramente a geografia da montanha e criei Santa Sophia e a Vila de Lata.

Sinto grande afeição pela natureza, pela montanha, por Palm Springs e pelo deserto em torno. Durante as pesquisas para este livro, eu me interessei pelos cahuillas, que habitavam o deserto e o sopé da montanha. Adorei ler *Mukat's People*, de Lowell John Bean, e *Not for Innocent Ears*, de Ruby Modesto e Guy Mount, e aprender com *Temalpakh*, de Katherine Siva Saubel e Lowell John Bean, entre muitos outros livros, sobre a história e a cultura dos cahuillas. Eu me sinto grata aos cahuilla pelo que aprendi sobre seu povo. De maneira misteriosa eles influenciaram minha voz narrativa em *A montanha*.

Agradeço a meus pais, dois dos seres humanos de que mais gosto no planeta, cujo humor e compaixão continuam a me inspirar, e aos meus irmãos, Todd e Curt, minhas cunhadas, Kelly e Erin, e meus parentes estendida de Loyers e Rowlands, e Stielers e Gecelovskys, pelo amor e apoio.

Não deve ser fácil ser amiga de um escritor. Sumimos durante meses e não atendemos ao telefone. Obrigada, queridas amigas; vocês, com quem escalo os montes e dou risadas, com quem danço nas festas de aniversário, que continuam a me fazer convites embora eu nunca possa ir a nada, que me ligam e mandam e-mails de lugares distantes. Sou abençoada por ter tantas mulheres generosas em minha vida e muito grata por saber que elas sempre estarão lá quando eu emergir de volta do submundo.

Levei três anos para escrever *A montanha*. Nosso filho, Max, estava começando o Ensino Médio quando comecei, e nossa filha, Tashi, tinha 8 anos. Escrevi o livro. Eles cresceram. Max acabou de se formar na escola, e Tashi fará 12 anos. Entre uma coisa e outra, houve oscilações. Minha família está contida nas páginas deste livro. Seu amor me sustenta, e sua tenacidade me inspira.

Milan. Meu companheiro de vida. Você.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

A montanha

Site da autora

<http://lorilansens.com/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/lorilansens>

Goodreads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/26413.Lori_Lansens

Google+ da autora

<https://plus.google.com/+Lorilansens2015>

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/315-lori-lansens>

Table of Contents

[Rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Sumário](#)
[Prefácio](#)
[Antes](#)
[O primeiro dia](#)
[O segundo dia](#)
[O terceiro dia](#)
[O quarto dia](#)
[O quinto dia](#)
[Depois](#)
[Agradecimentos](#)
[Colofon](#)
[A montanha](#)